

Arthur Koestler



OS
KHAZARES

a 13ª tribo e as origens
do judaísmo moderno



Helena Dumara

Arthur Koestler

A Décima Terceira Tribo

O IMPÉRIO CAZAR E SUA HERANÇA

Este livro traça a história do antigo Império Cazar, um poder importante, mas quase esquecido, na Europa Oriental, que na Idade das Trevas se converteu ao judaísmo. Khazaria foi finalmente dizimada pelas forças de Genghis Khan, mas evidências indicam que os próprios Khazars migraram para a Polônia e formaram o berço da judiaria ocidental...

A oscilação dos cazares se estendeu do Mar Negro ao Cáspio, do Cáucaso ao Volga, e eles foram fundamentais para parar o ataque muçulmano contra Bizâncio, a mandíbula oriental do gigantesco movimento de pinça que no Ocidente varreu o norte da África e para a Espanha.

Na segunda parte deste livro, "A Herança", o Sr. Koestler especula sobre a fé suprema dos cazares e seu impacto na composição racial e no patrimônio social dos judeus modernos. Ele produz um grande corpo de pesquisas meticulosamente detalhadas em apoio a uma teoria que soa ainda mais convincente para a restrição com a qual é avançada. No entanto, se essa teoria fosse confirmada, o termo "anti-semitismo" se tornaria vazio de significado, uma vez que, como o Sr. Koestler escreve, é baseado "em um mal-entendido compartilhado pelos assassinos e suas vítimas. A história do Império Cazar, à medida que lentamente emerge do passado, começa a parecer a farsa mais cruel que a história já perpetrou."



ISBN 0-394-40284-7

PARTE 1

Ascensão e Queda dos Cazares

“Em Cazária, ovelhas, mel e judeus existem em grandes quantidades.”

Muqaddasi, *Descriptio Imperii Moslemici* (século X).

Eu

ELEVAR

NA época em que Carlos Magno foi coroado Imperador do Ocidente, os confins orientais da Europa entre o Cáucaso e o Volga eram governados por um Estado judeu, conhecido como Império Cazar. No auge de seu poder, do século VII ao X d.C., desempenhou um papel significativo na formação dos destinos da Europa medieval e, conseqüentemente, da moderna. O imperador bizantino e historiador, Constantino Porfirogênito (913-959), deve ter sido bem ciente disso quando ele registrou em seu tratado sobre o protocolo da corte¹ que as cartas dirigidas ao Papa em Roma, e da mesma forma aqueles para o imperador do Ocidente, tinha um selo de ouro no valor de dois solidi anexado a eles, enquanto as mensagens para o rei dos cazares exibiu um selo no valor de três solidi. Isso não foi lisonja, mas *Realpolitik*. "No período com o qual estamos preocupados", escreveu Bury, "é provável que o Khan dos Cazares tenha tido um pouco menos de importância em vista da política externa imperial do que Carlos, o Grande e seus sucessores."² O país de Khazars, um povo de estoque turkish, ocupou uma posição chave estratégica na passagem vital entre o mar preto e o cáspio, onde as potências orientais grandes do período se confrontaram. Atuou como um amortecedor protegendo Bizâncio contra invasões por parte das luxuriosas tribos bárbaras das estepes do norte — búlgaros, magiares, pechenegues, etc. — e, mais tarde, dos vikings e dos russos. Mas igualmente, ou ainda mais importante do ponto de vista da diplomacia bizantina e da história europeia, é o fato de que os exércitos cazares efetivamente bloquearam a avalanche árabe em seus estágios iniciais mais devastadores e, assim, impediram a conquista muçulmana da Europa Oriental. O professor Dunlop da Universidade de Columbia, uma autoridade líder na história dos cazares, deu um resumo conciso deste episódio decisivo, mas virtualmente desconhecido:

O país cazar... estava do outro lado da linha natural de avanço dos árabes. Dentro de alguns anos da morte de Maomé (AD 632) os exércitos do Califado, varrendo para o norte através dos destroços de dois impérios e carregando todos diante deles, chegou a grande barreira da montanha do Cáucaso. Esta barreira, uma vez passada, a estrada estava aberta para as terras da Europa Oriental. Como era, na linha do Cáucaso os árabes encontraram as forças de um poder militar organizado que efetivamente os impediu de estender suas conquistas nesta direção. As guerras dos árabes e dos cazares, que duraram mais de cem anos, embora pouco conhecidas, têm, portanto, considerável importância histórica. Os francos de Charles Martel no campo de Tours viraram a maré da invasão árabe. Na mesma época, a ameaça para a Europa no leste não era menos aguda. ... Os muçulmanos vitoriosos foram recebidos e mantidos pelas forças do reino cazar. ... Dificilmente se pode duvidar que, a não ser pela existência dos cazares na região ao norte do Cáucaso, Bizâncio, o baluarte da civilização europeia no leste, teria se encontrado flanqueado pelos árabes, e a história da cristandade e do Islã poderia muito bem ter sido muito diferente do que conhecemos.³

Talvez não seja surpreendente, dadas estas circunstâncias, que em 732 — depois de uma retumbante vitória cazar sobre os árabes — o futuro imperador Constantino V tenha casado com uma princesa cazar. No devido tempo, seu filho tornou-se o imperador Leão IV, conhecido como Leão, o Cazar. Ironicamente, a última batalha na guerra, AD 737, terminou em uma derrota cazar. Mas naquele momento o ímpeto da Guerra Santa Muçulmana foi gasto, o Califado foi abalado por dissensões internas, e os invasores árabes refizeram seus passos através do Cáucaso sem ter ganhado uma posição permanente no norte, enquanto os cazares se tornaram mais poderosos do que antes. Alguns anos depois, provavelmente em 740 d.C., o rei, sua corte e a classe dominante militar abraçaram a fé judaica, e o judaísmo tornou-se a religião estatal dos cazares. Sem dúvida, seus contemporâneos ficaram tão surpresos com essa decisão quanto os estudiosos modernos quando se depararam com as evidências nas fontes árabe, bizantina, russa e hebraica. Um dos comentários mais recentes encontra-se numa obra do historiador marxista húngaro Dr. Antal Bartha. Seu livro sobre *a Sociedade Magiar nos séculos VIII e IX*⁴ tem vários capítulos sobre os cazares, já que durante a maior parte desse período os húngaros eram governados por eles. No entanto, sua conversão ao judaísmo é discutida em um único parágrafo, com evidente embaraço. Lê-se:

Nossas investigações não podem entrar em problemas relativos à história das idéias, mas devemos chamar a atenção do leitor para a questão da religião de Estado do Reino Cazar. Foi a fé judaica que se tornou a religião oficial das camadas dominantes da sociedade. Escusado será dizer que a aceitação da fé judaica como a religião do Estado de um povo etnicamente não-judeu poderia ser objeto de especulações interessantes. Devemos, no entanto, limitar-nos à observação de que essa conversão oficial — desafiando a proselitismo cristão por parte do Bizâncio, a influência muçulmana do Oriente, e apesar da pressão política dessas duas potências — a uma religião que não tinha apoio de qualquer poder político, mas foi perseguida por quase todos — veio como uma surpresa para todos os historiadores preocupados com os cazares, e não pode ser considerada acidental, mas deve ser considerada como um sinal da política independente perseguida por esse reino.

O que nos deixa um pouco mais perplexos do que antes. No entanto, enquanto as fontes diferem em pequenos detalhes, os principais fatos estão fora de disputa. O que está em disputa é o destino dos judeus cazares após a destruição de seu império, no século XII ou XIII. Sobre este problema, as fontes são escassas, mas vários assentamentos cazares medievais tardios são mencionados na Crimeia, na Ucrânia, na Hungria, na Polônia e na Lituânia. O quadro geral que emerge dessas informações fragmentárias é o de uma migração de tribos e comunidades cazares para as regiões da Europa Oriental — principalmente Rússia e Polônia — onde, no alvorecer da Era Moderna, as maiores concentrações de judeus foram encontradas. Isso levou vários historiadores a conjecturar que uma parte substancial, e talvez a maioria dos judeus do leste — e, portanto, do mundo judeu — pode ser de Khazar, e não de origem semita. As implicações de longo alcance dessa hipótese podem explicar a grande cautela exercida pelos historiadores em abordar esse assunto — se eles não o evitam completamente. Assim, na edição de 1973 da *Enciclopédia Judaica*, o artigo “Khazars” é assinado por Dunlop, mas há uma seção separada que lida com “Judeus Khazar após a Queda do Reino”, assinado pelos editores, e escrito com a intenção óbvia de evitar perturbar os crentes no dogma da Raça Escolhida:

Os karaítas de língua turca [uma seita judaica fundamentalista] da Crimeia, da Polônia e de outros lugares afirmaram uma conexão com os cazares, o que talvez seja confirmado por evidências do folclore e da antropologia, bem como da linguagem. Parece haver uma quantidade considerável de evidências atestando a presença contínua na Europa de descendentes dos cazares.

Quão importante, em termos quantitativos, é essa “presença” dos filhos caucasianos de Jafete nas tendas de Sem? Um dos propounders os mais radicais da hipótese a respeito das origens de Khazar do *jewry* é o professor do *history jewish medieval* na universidade de Tel Aviv, A. N. Poliak. Seu livro *Khazaria* (em hebraico) foi publicado em 1944 em Tel Aviv, e uma segunda edição em 1951.⁵ Em sua introdução, ele escreve que os fatos exigem —

uma nova abordagem, tanto para o problema das relações entre o judaísmo cazar e outras comunidades judaicas, quanto para a questão de até onde podemos ir considerando esse judaísmo [cazar] como o núcleo do grande assentamento judaico na Europa Oriental.... Os descendentes deste assentamento — aqueles que ficaram onde estavam, aqueles que emigraram para os Estados Unidos e para outros países, e aqueles que foram para Israel — constituem agora a grande maioria dos judeus do mundo.

Isso foi escrito antes que toda a extensão do holocausto fosse conhecida, mas isso não altera o fato de que a grande maioria dos judeus sobreviventes no mundo é de origem da Europa Oriental — e, portanto, talvez principalmente de Khazar. Se assim for, isso significaria que seus antepassados não vieram do Jordão, mas do Volga, não de Canaã, mas do Cáucaso, uma vez que se acredita ser o berço da raça ariana, e que geneticamente eles estão mais intimamente relacionados com o Hun, Uigur e Magyar tribos do que com a semente de Abraão, Isaac e Jacob. Se este for o caso, então o termo “anti-semitismo” se tornaria vazio de significado, com base em um mal-entendido compartilhado pelos assassinos e suas vítimas. A história do Império Cazar, à medida que emerge lentamente do passado, começa a parecer a farsa mais cruel que a história já perpetrrou.

“Átila era, afinal, apenas o rei de um reino de tendas. Seu estado faleceu — enquanto a cidade desprezada de Constantinopla permaneceu um poder. As tendas desapareceram, as cidades permaneceram. O estado húngaro foi um redemoinho....” Assim, Cassel,⁶ um orientalista do século XIX, implicando que os cazares compartilhavam, por razões semelhantes, um destino semelhante. No entanto, a presença húngara na cena europeia durou apenas oitenta anos,¹ enquanto o reino dos cazares se manteve por si só durante a melhor parte de quatro séculos. Eles também viviam principalmente em tendas, mas também tinham grandes assentamentos urbanos e estavam em processo de transformação de uma tribo de guerreiros nômades em uma nação de agricultores, criadores de gado, pescadores, viticultores, comerciantes e artesãos qualificados. Arqueólogos soviéticos desenterraram evidências para uma civilização relativamente avançada que era totalmente diferente do “turbilhão húngaro”. Eles encontraram vestígios de aldeias que se estendiam por vários quilômetros,⁷ com casas conectadas por galerias a enormes currais, currais e estábulos (estes mediam 3-3½ x 10-14 metros e eram suportados por colunas.⁸ Alguns arados de bois restantes

¹De cerca de 372, quando os hunos começaram a se mover para o oeste a partir das estepes ao norte do Cáspio, para a morte de Átila em 453.

mostravam artesanato notável; assim como os artefatos preservados — fivelas, fechos, placas de sela ornamentais. De particular interesse foram as fundações, afundadas no chão, de casas construídas em forma circular.⁹ De acordo com os arqueólogos soviéticos, eles foram encontrados em todos os territórios habitados pelos cazares e eram de uma data anterior aos seus edifícios retangulares “normais”. Obviamente, as casas redondas simbolizam a transição de tendas portáteis em forma de cúpula para habitações permanentes, da existência nômade para uma existência estabelecida, ou melhor, semi-assentada. Pois as fontes árabes contemporâneas nos dizem que os cazares só ficaram em suas cidades — incluindo até mesmo sua capital, Itil — durante o inverno; na primavera, eles embalaram suas tendas, deixaram suas casas e saíram com suas ovelhas ou gado para as estepes, ou acamparam em seus campos de milho ou vinhas. As escavações também mostraram que o reino estava, durante seu período posterior, cercado por uma elaborada cadeia de fortificações, datadas dos séculos VIII e IX, que protegiam suas fronteiras norte voltadas para as estepes abertas. Estas fortalezas formaram um arco semi-circular áspero da Crimeia (que os cazares governaram por um tempo) através dos alcances mais baixos do Donetz e do Don ao Volga; quando para o sul foram protegidos pelo Cáucaso, ao oeste pelo mar preto, e ao leste pelo “mar Khazar”, o cáspio.¹ No entanto, a cadeia norte de fortificações marcou apenas um anel interno, protegendo o núcleo estável do país cazar; os limites reais de seu domínio sobre as tribos do norte flutuaram de acordo com as fortunas da guerra. No auge de seu poder, eles controlavam ou exigiam tributos de cerca de trinta nações e tribos diferentes que habitavam os vastos territórios entre o Cáucaso, o Mar de Aral, as Montanhas Urais, a cidade de Kiev e as estepes ucranianas. O povo sob suserania cazar incluía os búlgaros, burtas, ghuzz, magiares (húngaros), as colônias góticas e gregas da Crimeia, e as tribos eslavas nas florestas do noroeste. Além desses domínios estendidos, os exércitos cazares também invadiram a Geórgia e a Armênia e penetraram no Califado Árabe até Mosul. Nas palavras do arqueólogo soviético M. I. Artamonov:¹⁰

Até o século IX, os cazares não tinham rivais com sua supremacia nas regiões ao norte do Mar Negro e nas regiões adjacentes da estepe e floresta do Dnieper. Os cazares foram os mestres supremos da metade sul da Europa Oriental por um século e um salão, e apresentaram um poderoso baluarte, bloqueando o portal Ural-Caspiano da Ásia para a Europa. Durante todo esse período, eles impediram o ataque das tribos nômades do Oriente.

Tomando uma visão panorâmica da história dos grandes impérios nômades do Oriente, o reino cazar ocupa uma posição intermediária em tempo, tamanho e grau de civilização entre os impérios húngaro e ávaro que precederam e o Império Mongol que o sucedeu.

Mas quem eram essas pessoas notáveis — notáveis tanto por seu poder e realizações quanto por sua conversão a uma religião de párias? As descrições que chegaram até nós têm origem em fontes hostis e não podem ser tomadas pelo seu valor nominal. “Quanto aos cazares”,¹¹ escreve um cronista árabe, “eles estão ao norte da terra habitada em direção ao 7º clima, tendo sobre suas cabeças a constelação do Arado. A terra deles é fria e úmida. Consequentemente, suas peles são brancas, seus olhos azuis, seus cabelos fluído e predominantemente avermelhados, seus corpos grandes e suas naturezas frias. Seu aspecto geral é selvagem.” Depois de um século de guerra, o escritor árabe obviamente não tinha grande simpatia pelos cazares. Nem os escribas georgianos ou armênios, cujos países, de uma cultura muito mais antiga, haviam sido repetidamente devastados por cavaleiros cazares. Uma crônica georgiana, ecoando uma tradição antiga, os identifica com as hostes de Gog e Magog — “homens selvagens com rostos horríveis e maneiras de animais selvagens, comedores de sangue”.¹² Um escritor armênio se refere à “terrível multidão de cazares com rostos insolentes, largos, sem pestanas e longos cabelos caídos, como as mulheres”.¹³ Por fim, o geógrafo árabe Istakhri, uma das principais fontes árabes, diz o seguinte:¹⁴ “Os cazares não se assemelham aos turcos. Eles são de cabelos negros e são de dois tipos, um chamado Kara-Khazars, [Khazars negros] que são morenos à beira do preto profundo como se fossem uma espécie de índio e um tipo branco [Ak-Khazars], que são incrivelmente bonitos.” Isso é mais lisonjeiro, mas só aumenta a confusão. Pois era costume entre os povos turcos se referir às classes dominantes ou clãs como “brancas”, às camadas inferiores como “negras”. Assim, não há razão para acreditar que os “Búlgaros Brancos” eram mais brancos do que os “Búlgaros Negros”, ou que os “Hunos Brancos” (os eptalitas) que invadiram a Índia e a Pérsia nos séculos V e VI eram de pele mais clara do que as outras tribos húngaras que invadiram a Europa. Os cazares de pele negra de Istakhri — tanto quanto nos escritos dele e de seus colegas — eram baseados em boatos e lendas; e não somos mais sábios em relação à aparência física dos cazares, ou suas origens étnicas. A última pergunta só pode ser respondida de forma vaga e geral. Mas é igualmente frustrante investigar as origens dos hunos, alanos, ávaros, búlgaros, magiares, baskirs, burtas, sabires, uigures, saragurs, onogurs, utigurs, kutrigurs, tarniaks, kotragars, khabars, zabenders, pechenegs, ghuzz, kumans, kipchaks e dezenas de outras tribos ou pessoas que, uma vez ou outra, durante a vida do reino cazar passou pelas catracas desses playgrounds migratórios. Mesmo os hunos, dos quais sabemos muito mais, são de origem incerta; seu nome é aparentemente derivado do Hiung-nu chinês, que designa nômades guerreiros em geral, enquanto outras nações aplicaram o nome Hun de uma maneira igualmente indiscriminada a hordas nômades de todos os tipos, incluindo os “Hunos Brancos” mencionados acima, os Sabires, Magiares e Cazares.² No primeiro século d.C., os

¹“Até hoje, os muçulmanos, lembrando o terror árabe das incursões cazares, ainda chamam o Cáspio, um mar que se move como os nômades, e que lava suas partes de estepe, *Bahr-ul-Khazar* — “o Mar Cazar”.” w E Allen, *A History of the Georgian People*, Londres 1952).

²É divertido notar que, enquanto os britânicos na Guerra Mundial eu usei o termo “Hun” no mesmo sentido pejorativo, na minha

chineses levaram esses desagradáveis vizinhos hunos para o oeste, e assim começaram uma daquelas avaliações periódicas que varreram por muitos séculos da Ásia para o Ocidente. A partir do século V, muitas dessas tribos a oeste foram chamadas pelo nome genérico de "turcos". O termo também é suposto ser de origem chinesa (aparentemente derivado do nome de uma colina) e foi posteriormente usado para se referir a todas as tribos que falavam línguas com certas características comuns — o grupo de línguas "turcas". Assim, o termo turco, no sentido em que foi usado por escritores medievais — e muitas vezes também por etnólogos modernos — refere-se principalmente à linguagem e não à raça. Nesse sentido, os hunos e os cazares eram pessoas "turcas".¹ A língua cazar foi supostamente um dialeto Chuvash do turco, que ainda sobrevive na República Soviética Autônoma Chuvash, entre o Volga e a Sura. Acredita-se que o povo Chuvash seja descendente dos búlgaros, que falavam um dialeto semelhante ao dos cazares. Mas todas essas conexões são bastante tênues, com base nas deduções mais ou menos especulativas dos filólogos orientais. Tudo o que podemos dizer com segurança é que os cazares eram uma tribo "turca", que irrompeu das estepes asiáticas, provavelmente no século V de nossa era. A origem do nome Khazar, e as derivações modernas a que deu origem, também tem sido objeto de muita especulação engenhosa. Muito provavelmente a palavra é derivada do *gás* raiz turco, "vagar", e simplesmente significa "nômade". De maior interesse para o não-especialista são algumas supostas derivações modernas dele: entre eles o cossaco russo e o Huszar húngaro — ambos significando cavaleiros marciais;² e também o *Ketzer* alemão — herege, ou seja, judeu. Se essas derivações estiverem corretas, elas mostrariam que os cazares tiveram um impacto considerável na imaginação de uma variedade de povos na Idade Média.

Algumas crônicas persas e árabes fornecem uma combinação atraente de lendas e colunas de fofocas. Eles podem começar com a Criação e terminar com titbits stop-press. Assim Yakubi, um historiador árabe do século IX, traça a origem dos cazares de volta para Japheth, terceiro filho de Noé. O motivo de Jafete se repete com frequência na literatura, enquanto outras lendas os conectam com Abraão ou Alexandre, o Grande. Uma das primeiras referências factuais aos cazares ocorre em uma crônica siríaca de "Zacharia Rhetor",³ datada de meados do século vi. Ele menciona os Cazares em uma lista de pessoas que habitam a região do Cáucaso. Outras fontes indicam que eles já estavam muito em evidência um século antes, e intimamente ligados com os hunos. Em 448, o imperador bizantino Teodósio II enviou uma embaixada a Átila, que incluía um famoso retórico chamado Prisco. Ele manteve um relato minucioso não apenas das negociações diplomáticas, mas também das intrigas do tribunal e dos acontecimentos no suntuoso salão de banquetes de Átila — ele era de fato o colunista de fofocas perfeito e ainda é uma das principais fontes de informações sobre os costumes e hábitos húngaros. Mas Prisco também tem anedotas a contar sobre um povo sujeito aos hunos a quem ele chama Akatzirs — ou seja, muito provavelmente, os Ak-Khazars, ou Khazars "brancos" (como distinto dos Kara-Khazars "negros").⁴ O imperador bizantino, Prisco nos diz, tentou ganhar esta raça guerreira ao seu lado, mas o ganancioso chefe cazar, chamado Karidach, considerou o suborno oferecido a ele inadequado, e ficou do lado dos hunos. Átila derrotou os chefes rivais de Karidach, instalou-o como o único governante dos Akatzirs e convidou-o a visitar sua corte. Karidach agradeceu-lhe profusamente pelo convite e continuou dizendo que "seria muito difícil para um homem mortal olhar para o rosto de um deus. Pois, como não se pode olhar para o disco do sol, ainda menos poderia olhar para o rosto do maior deus sem sofrer ferimentos." Átila deve ter ficado satisfeito, pois ele confirmou Karidach em seu governo. A crônica de Prisco confirma que os cazares apareceram na cena europeia em meados do século V como um povo sob soberania húngara, e podem ser considerados, juntamente com os magiares e outras tribos, como uma prole posterior da horda de Átila.

O colapso do Império Huno após a morte de Átila deixou um vácuo de poder na Europa Oriental, através do qual mais uma vez, onda após onda de hordas nômade varridas de leste para oeste, proeminente entre eles os Uigurs e ávaros. Os cazares durante a maior parte deste período pareciam estar felizes ocupados em invadir as ricas regiões transcaucasianas da Geórgia e da Armênia, e coletar pilhagens preciosas. Durante a segunda metade do século VI, eles se tornaram a força dominante entre as tribos ao norte do Cáucaso. Várias dessas tribos — os Sabires, Saragurs, Samandars, Balanjars, etc — são a partir desta data não mais mencionados pelo nome nas fontes: eles tinham sido subjugados ou absorvidos pelos cazares. A resistência mais dura, aparentemente, foi oferecida pelos poderosos búlgaros. Mas eles também foram esmagadoramente derrotados (*cerca* de 641), e como resultado a nação se dividiu em dois: alguns deles migraram para o oeste para o Danúbio, para a região da Bulgária moderna, outros a nordeste para o médio Volga, este último permanecendo sob suserania cazar. No decurso desta narrativa, encontraremos frequentemente búlgaros do Danúbio e búlgaros do Volga. Mas antes de se tornarem um estado soberano, os cazares ainda tinham que servir seu

Hungria nativa crianças em idade escolar foram ensinadas a olhar para "nossos gloriosos antepassados Hun" com orgulho patriótico Um clube de remo exclusivo em Budapeste foi chamado de "Hunnia", e Átila ainda é um primeiro nome popular.

¹Mas não os magiares, cuja língua pertence ao grupo linguístico fino-ugriano.

²Huszar é provavelmente derivado através do servo-croata de referências gregas a Cazares.

³Na verdade, foi escrito por um compilador anônimo e nomeado em homenagem a um historiador grego anterior cujo trabalho está resumido na compilação.

⁴Os "Akatzirs" também são mencionados como uma nação de guerreiros por Jordanes, o grande historiador gótico, um século depois, e o chamado "Geógrafo de Ravena" os identifica expressamente com os cazares. Isso é aceito pela maioria das autoridades modernas. (Uma exceção notável foi Marquart, mas veja a refutação de Dunlop de seus pontos de vista, op. cit., pp. 7f.) Cassel, por exemplo, aponta que a pronúncia e a ortografia de Prisco seguem o armênio e o georgiano: Khazir.

aprendizado sob outro poder de curta duração, o chamado Império Turco Ocidental, ou reino Turkut. Era uma confederação de tribos, mantida unida por um governante: o Kagan ou Khagan¹ — um título que os governantes cazares também deveriam adotar posteriormente. Este primeiro estado turco — se é que se pode chamar assim — durou um século (cerca de 550-650) e depois desmoronou, deixando quase nenhum vestígio. No entanto, foi somente após o estabelecimento desse reino que o nome "turco" foi usado para se aplicar a uma nação específica, distinta de outros povos de língua turca, como os cazares e os búlgaros.² Os cazares estavam sob tutela húngara, depois sob tutela turca. Após o eclipse dos turks no meio do sétimo século era sua vez de governar o “reino do norte”, como os persas e os bizantines vieram chamá-lo. De acordo com uma tradição,¹⁵ o grande rei persa Khusraw (Chosroes) Anushirwan (o Abençoado) tinha três tronos convidados dourados em seu palácio, reservados para os imperadores de Bizâncio, China e dos cazares. Nenhuma visita de estado desses potentados se materializou, e os tronos de ouro — se eles existiam — devem ter servido a um propósito puramente simbólico. Mas, seja fato ou lenda, a história se encaixa bem com o relato oficial do imperador Constantino sobre o triplo selo de ouro atribuído pela Chancelaria Imperial ao governante dos cazares.

Assim, durante as primeiras décadas do século VII, pouco antes do furacão muçulmano ser lançado da Arábia, o Oriente Médio foi dominado por um triângulo de poderes: Bizâncio, Pérsia e o Império Turco Ocidental. Os dois primeiros estavam travando uma guerra intermitente um contra o outro por um século, e ambos pareciam à beira do colapso; na sequência, Bizâncio se recuperou, mas o reino persa estava prestes a encontrar sua desgraça, e os cazares estavam realmente na matança. Eles ainda estavam nominalmente sob a suserania do reino turco ocidental, dentro do qual eles representavam a força mais forte e eficaz, e para o qual eles estavam prestes a ter sucesso; conseqüentemente, em 627, o imperador romano Heráclio concluiu uma aliança militar com os cazares — o primeiro de vários a seguir — na preparação de sua campanha decisiva contra a Pérsia. Existem várias versões do papel desempenhado pelos cazares naquela campanha que parece ter sido um pouco inglória — mas os principais fatos estão bem estabelecidos. Os cazares forneceram a Heráclio 40000 cavaleiros sob um chefe chamado Ziebel, que participou do avanço para a Pérsia, mas então — presumivelmente farto da estratégia cautelosa dos gregos — voltaram para sitiá-lo em Tiflis; isso não foi bem sucedido, mas no ano seguinte eles novamente uniram forças com Heráclio, tomaram a capital georgiana e retornaram com rica pilhagem. Gibbon deu uma descrição colorida (baseada em Teófanos) do primeiro encontro entre o imperador romano e o chefe cazar.¹⁶

...À liga hostil de Chosroes com os ávaros, o imperador romano opôs o alliance útil e honorable dos turks.³ A seu convite liberal, a horda de Chozars transportou suas tendas das planícies do Volga às montanhas de Geórgia; Heraclius recebeu-os na vizinhança de Tiflis, e o khan com seus nobres desmontados de seus cavalos, se nós pudermos creditar os gregos, e caiu prostrado no chão, adore o roxo do Caesar. Essa homenagem voluntária e ajuda importante tinham direito aos reconhecimentos mais calorosos; e o imperador, tirando seu próprio diadema, colocou-o na cabeça do príncipe turco, a quem ele saudou com um abraço terno e a denominação de filho. Depois de um banquete suntuoso, ele presenteou Ziebel com o prato e os ornamentos, o ouro, as pedras preciosas e a seda, que haviam sido usados na mesa imperial, e, com sua própria mão, distribuiu ricas jóias e brincos para seus novos aliados. Em uma entrevista secreta, ele produziu o retrato de sua filha Eudócia, condescendeu em lisonjear o bárbaro com a promessa de uma noiva justa e augusta, e obteve um socorro imediato de quarenta mil cavalos...

Eudócia (ou Epifânia) foi a única filha de Heráclio por sua primeira esposa. A promessa de dá-la em casamento ao “turco” indica mais uma vez o alto valor estabelecido pela Corte Bizantina sobre a aliança cazar. No entanto, o casamento não deu em nada porque Ziebel morreu enquanto Eudocia e sua suíte estavam a caminho dele. Há também uma referência ambivalente em Teófanos no sentido de que Ziebel “apresentou seu filho, um menino sem barba” ao Imperador — como um *quid pro quo*? Há outra passagem pitoresca em uma crônica armênia, citando o texto do que poderia ser chamado de Ordem de Mobilização emitida pelo governante cazar para a segunda campanha contra a Pérsia: foi dirigida a “todas as tribos e povos [sob a autoridade cazar], habitantes das montanhas e das planícies, vivendo sob telhados ou céu aberto, tendo a cabeça rapada ou usando os cabelos compridos”.¹⁷ Isso nos dá uma primeira insinuação do mosaico étnico heterogêneo que deveria compor o Império Cazar. Os “verdadeiros cazares” que a governaram eram provavelmente sempre uma minoria — como os austríacos estavam na monarquia austro-húngara.

O estado persa nunca se recuperou da derrota esmagadora infligida a ele pelo imperador Heráclio em 627. Houve uma revolução; o rei foi morto por seu próprio filho que, por sua vez, morreu alguns meses depois; uma criança foi elevada ao trono, e depois de dez anos de anarquia e caos, os primeiros exércitos árabes a entrar em erupção na cena entregaram o *golpe de misericórdia* ao Império Sassanida. Na mesma época, a confederação turca ocidental dissolveu-se em seus

¹Ou Kaqan ou Khaqan ou Chagan, etc. Os orientistas têm fortes idiossincrasias sobre ortografia (ver Apêndice I). Ficarei com Kagan como a menos ofensiva aos olhos ocidentais. O h em Khazar, no entanto, é de uso geral.

²Isso, no entanto, não impediu que o nome "turco" ainda fosse aplicado indiscriminadamente a qualquer tribo nômade das estepes como um eufemismo para o bárbaro, ou um sinônimo de "huno". Isso levou a muita confusão na interpretação de fontes antigas.

³Por “turcos”, como mostra a sequência, ele quer dizer os cazares.

componentes tribais. Um novo triângulo de poderes substituiu o anterior: o Califado Islâmico — Christian Byzantium e o recém-emergido Reino Cazar do Norte. Cabia a este último suportar o peso do ataque árabe em seus estágios iniciais e proteger as planícies da Europa Oriental dos invasores. Nos primeiros vinte anos da Hegira — o voo de Maomé para Medina em 622, com o qual o calendário árabe começa — os muçulmanos haviam conquistado a Pérsia, a Síria, a Mesopotâmia, o Egito e cercado o coração bizantino (a atual Turquia) em um semicírculo mortal, que se estendia do Mediterrâneo ao Cáucaso e às margens sul do Cáspio. O Cáucaso era um obstáculo natural formidável, mas não mais proibitivo do que os Pireneus; e poderia ser negociado pela passagem de Dariel¹ ou contornado pelo império de Darband, ao longo da costa cáspia. Esta profanação fortificada, chamada pelos árabes *Bab al Abwab*, o Portão de Portas, era uma espécie de torniquete histórico através do qual os cazares e outras tribos saqueadoras tinham desde tempos imemoriais atacado os países do sul e recuado novamente. Agora era a vez dos árabes. Entre 642 e 652, eles quebraram repetidamente o Portão Darband e avançaram profundamente para a Cazária, tentando capturar Balanjar, a cidade mais próxima, e assim garantir uma posição no lado europeu do Cáucaso. Eles foram derrotados em todas as ocasiões nesta primeira fase da guerra árabe-cazar; a última vez em 652, em uma grande batalha em que ambos os lados usaram artilharia (catapultas e balistas). Quatro mil árabes foram mortos, incluindo seu comandante, Abdal-Rahman ibn-Rabiah; o resto fugiu em desordem através das montanhas. Durante os próximos trinta ou quarenta anos, os árabes não tentaram mais incursões na fortaleza cazar. Seus principais ataques agora visavam Bizâncio. Em várias ocasiões,² eles cercaram Constantinopla por terra e por mar; se tivessem sido capazes de flanquear a capital através do Cáucaso e ao redor do Mar Negro, o destino do Império Romano provavelmente teria sido selado. Os cazares, entretanto, tendo subjogado os búlgaros e magiares, completaram a sua expansão ocidental na Ucrânia e na Crimeia. Mas estes não eram mais incursões aleatórias para acumular espólio e prisioneiros; eram guerras de conquista, incorporando o povo conquistado em um império com uma administração estável, governada pelo poderoso Kagan, que nomeou seus governadores provinciais para administrar e cobrar impostos nos territórios conquistados. No início do século VIII, seu estado estava suficientemente consolidado para que os cazares tomassem a ofensiva contra os árabes. De uma distância de mais de mil anos, o período de guerra intermitente que se seguiu (a chamada "segunda guerra árabe", 722-37) parece uma série de episódios tediosos em escala local, seguindo o mesmo padrão repetitivo: a cavalaria cazar em sua pesada armadura rompendo a passagem de Dariel ou o Portão de Darband para os domínios do califa ao sul; seguida por contra-empurramentos árabes através da mesma passagem ou o desfiladeiro, em direção ao Volga e de volta. Olhando assim para o lado errado do telescópio, lembra-se do velho jingle sobre o nobre Duque de York, que tinha dez mil homens; "ele os levou até o topo da colina. E ele os derrubou novamente." Na verdade, as fontes árabes (embora muitas vezes exagerem) falam de exércitos de 100.000, mesmo de 300.000, homens engajados de ambos os lados — provavelmente em maior número do que os exércitos que decidiram o destino do mundo ocidental na batalha de Tours ao mesmo tempo. O fanatismo mortal que caracterizou estas guerras é ilustrado por episódios como o suicídio pelo fogo de toda uma cidade cazar como alternativa à rendição; o envenenamento do abastecimento de água de Bab al Abwab por um general árabe; ou pela tradicional exortação que impediria a derrota de um exército árabe derrotado e o faria lutar até o último homem: "Ao Jardim, muçulmanos, não ao Fogo" — as alegrias do Paraíso sendo asseguradas a todos os soldados muçulmanos mortos na Guerra Santa. Em um estágio durante esses quinze anos de luta, os cazares invadiram a Geórgia e a Armênia, infligiram uma derrota total ao exército árabe na batalha de Ardabil (730 d.C.) e avançaram até Mosul e Dyrbakir, mais da metade do caminho para Damasco, capital do Califado. Mas um exército muçulmano recém-criado estancou a maré, e os cazares recuaram para casa através das montanhas. No ano seguinte, Maslamah ibn-Abd-al-Malik, o general árabe mais famoso de seu tempo, que anteriormente havia comandado o cerco de Constantinopla, tomou Balanjar e chegou até Samandar, outra grande cidade cazar mais ao norte. Mas mais uma vez os invasores foram incapazes de estabelecer uma guarnição permanente, e mais uma vez eles foram forçados a recuar através do Cáucaso. O suspiro de alívio experimentado no Império Romano assumiu uma forma tangível através de outra aliança dinástica, quando o herdeiro do trono foi casado com uma princesa cazar, cujo filho deveria governar Bizâncio como Leão, o Cazar. A última campanha árabe foi liderada pelo futuro califa Marwan II, e terminou em uma vitória pírrica. Marwan fez uma oferta de aliança com o Cazar Kagan, depois atacou de surpresa através de ambos os passes. O exército cazar, incapaz de se recuperar do choque inicial, recuou até o Volga. O Kagan foi forçado a pedir termos; Marwan, de acordo com a rotina seguida em outros países conquistados, solicitou a conversão do Kagan à Verdadeira Fé. O Kagan cumpriu, mas sua conversão ao Islã deve ter sido um ato de serviço labial, pois não se ouve mais falar do episódio nas fontes árabes ou bizantinas — em contraste com os efeitos duradouros do estabelecimento do judaísmo como a religião estatal que ocorreu alguns anos depois.³ Contento com os resultados alcançados, Marwan despediu-se de Khazaria e marchou com seu exército de volta para a Transcaucásia — sem deixar nenhuma guarnição, governador ou aparato administrativo para trás. Pelo contrário, pouco tempo depois, ele solicitou termos para outra aliança com os cazares contra as tribos rebeldes do sul. Tinha sido uma fuga estreita. As razões que levaram a aparente magnanimidade de Marwan são uma questão de conjectura — como muito mais neste capítulo bizarro da história. Talvez os árabes tenham percebido que, ao contrário dos persas, armênios ou georgianos relativamente civilizados, esses bárbaros ferozes do norte não poderiam ser governados por um príncipe fantoche muçulmano e uma pequena

¹Agora chamado de passe Kasbek.

²AD 669, 673-8, 717-18.

³A data provável para a conversão é em torno de AD 740 — veja abaixo.

guarnição. No entanto, Marwan precisava de todos os homens de seu exército para reprimir grandes rebeliões na Síria e em outras partes do Califado Omayyad, que estava em processo de ruptura. O próprio Marwan foi o comandante-chefe nas guerras civis que se seguiram, e tornou-se em 744 o último dos Califas Omayyad (apenas para ser assassinado seis anos depois, quando o Califado passou para a dinastia Abássida). Dado esse histórico, Marwan simplesmente não estava em posição de esgotar seus recursos por guerras posteriores com os cazares. Ele teve que se contentar em ensinar-lhes uma lição que os detivesse de novas incursões pelo Cáucaso. Assim, o gigantesco movimento de pinça muçulmana através dos Pirenéus no oeste e através do Cáucaso para a Europa Oriental foi interrompido em ambas as extremidades quase ao mesmo tempo. Como os francos de Charles Martel salvaram a Gália e a Europa Ocidental, os cazares salvaram as abordagens orientais do Volga, do Danúbio e do próprio Império Romano do Oriente. Neste ponto, pelo menos, o arqueólogo e historiador soviético, Artamonov, e o historiador americano, Dunlop, estão de pleno acordo. Já citei este último no sentido de que, a não ser para os cazares, “Bizâncio, o baluarte da civilização europeia para o Oriente, teria se encontrado flanqueado pelos árabes”, e que a história poderia ter tomado um rumo diferente. Artamonov é da mesma opinião:¹⁸

Khazaria foi o primeiro estado feudal na Europa Oriental, que classificou com o Império Bizantino e o Califado Árabe.... Foi apenas devido aos poderosos ataques cazares, desviando a maré dos exércitos árabes para o Cáucaso, que Bizâncio os resistiu....

Por fim, o Professor de História Russa na Universidade de Oxford, Dimitry Obolensky:¹⁹ “A principal contribuição dos cazares para a história mundial foi o seu sucesso em manter a linha do Cáucaso contra a investida dos árabes para o norte.” Marwan não foi apenas o último general árabe a atacar os cazares, ele também foi o último califa a seguir uma política expansionista dedicada, pelo menos em teoria, ao ideal de fazer o Islã triunfar em todo o mundo. Com os califas abássidas, as guerras de conquista cessaram, a influência revivida da antiga cultura persa criou um clima mais meloso e, eventualmente, deu origem aos esplendores de Bagdá sob Harun al Rashid.

Durante a longa pausa entre a primeira e a segunda guerras árabes, os cazares se envolveram em um dos episódios mais sombrios da história bizantina, característicos da época, e do papel que os cazares desempenhavam nela. Em 685, Justiniano II, Rhinotmetus, tornou-se imperador romano do Oriente com a idade de dezesseis anos. Gibbon, à sua maneira inimitável, desenhou o retrato da juventude:²⁰

Suas paixões eram fortes; seu entendimento era fraco; e ele estava embriagado com um orgulho tolo.... Seus ministros favoritos eram dois seres menos suscetíveis de simpatia humana, um eunuco e um monge; o primeiro corrigiu a mãe do imperador com um flagelo, o último suspendeu os tributários insolventes, com a cabeça para baixo, sobre um fogo lento e esfumaçado.

Depois de dez anos de intolerável desgoverno, houve uma revolução, e o novo imperador, Leôncio, ordenou a mutilação e o banimento de Justiniano:²¹

A amputação de seu nariz, talvez de sua língua, foi realizada imperfeitamente; a feliz flexibilidade da língua grega poderia impor o nome de Rhinotmetus ("Nariz Cortado"); e o tirano mutilado foi banido para Querona em Crim-Tartary, um assentamento solitário onde milho, vinho e óleo foram importados como luxos estrangeiros.¹ Durante seu exílio em Cherson, Justiniano continuou conspirando para recuperar seu trono. Depois de três anos, ele viu suas chances melhorarem quando, de volta a Bizâncio, Leôncio foi destronado e também teve seu nariz cortado. Justiniano escapou de Cherson para a cidade de Doros na Crimeia e teve uma reunião com o Kagan dos Cazares, o rei Busir ou Bazir. O Kagan deve ter acolhido a oportunidade de colocar os dedos na rica torta de políticas dinásticas bizantinas, pois ele formou uma aliança com Justiniano e deu-lhe sua irmã em casamento. Esta irmã, que foi batizada pelo nome de Teodora, e mais tarde devidamente coroada, parece ter sido a única pessoa decente nesta série de intrigas sórdidas, e para suportar o amor genuíno por seu marido sem nariz (que ainda estava apenas em seus trinta e poucos anos). O casal e seu grupo de seguidores foram agora transferidos para a cidade de Fanagoria (o atual Taman) na costa oriental do estreito de Kerch, que tinha um governador cazar. Lá eles fizeram preparativos para a invasão de Bizâncio com a ajuda dos exércitos cazares que o rei Busir aparentemente havia prometido. Mas os enviados do novo imperador, Tiberíades III, persuadiram Busir a mudar de ideia, oferecendo-lhe uma rica recompensa em ouro se ele entregasse Justiniano, vivo ou morto, aos bizantinos. Assim, o rei Busir deu ordens a dois de seus capangas, chamados Papatzes e Balgitres, para assassinar seu cunhado. Mas a fiel Teodora soube da conspiração e avisou o marido. Justiniano convidou Papatzes e Balgitres separadamente para seus aposentos, e estrangulou cada um por sua vez com uma corda. Então ele tomou o navio, navegou através do Mar Negro para o estuário do Danúbio, e fez uma nova aliança com uma

¹O tratamento dispensado a Justiniano era, na verdade, considerado um ato de clemência: a tendência geral do período era humanizar o direito penal substituindo a mutilação pela pena capital — sendo a amputação da mão (por furtos) ou do nariz (fornicação, etc.) a forma mais frequente. Os governantes bizantinos também foram dados à prática de cegar rivais perigosos, enquanto magnanimamente poupavam suas vidas.

poderosa tribo búlgara. Seu rei, Terbolis, provou para o momento ser mais confiável do que o Khazar Kagan, para em 704 ele forneceu Justiniano com 15000 cavaleiros para atacar Constantinopla. Os bizantinos tinham, depois de dez anos, ou esquecido os lados mais sombrios do antigo governo de Justiniano, ou então acharam seu atual governante ainda mais intolerável, pois prontamente se levantaram contra Tiberíades e reintegraram Justiniano no trono. O rei búlgaro foi recompensado com "um monte de moedas de ouro que ele mediu com seu chicote cita" e foi para casa (apenas para se envolver em uma nova guerra contra Bizâncio alguns anos depois). O segundo reinado de Justiniano (704-711) provou ser ainda pior do que o primeiro; "ele considerava o machado, o cordão e a prateleira como os únicos instrumentos da realeza".²² Ele ficou mentalmente desequilibrado, obcecado com o ódio contra os habitantes de Cherson, onde passou a maior parte dos anos amargos de seu exílio, e enviou uma expedição contra a cidade. Alguns dos principais cidadãos de Cherson foram queimados vivos, outros se afogaram e muitos prisioneiros foram levados, mas isso não foi suficiente para acalmar o desejo de vingança de Justiniano, pois ele enviou uma segunda expedição com ordens para arrasara a cidade. No entanto, desta vez suas tropas foram interrompidas por um poderoso exército cazar; após o que o representante de Justiniano na Crimeia, um certo Bardanes, mudou de lado e se juntou aos cazares. A desmoralizada força expedicionária bizantina abjurou sua lealdade a Justiniano e elegeu Bardanes como imperador, sob o nome de Filipos. Mas como Philippicus estava nas mãos de Cazar, os insurgentes tiveram que pagar um resgate pesado ao Kagan para recuperar seu novo imperador. Quando a força expedicionária retornou a Constantinopla, Justiniano e seu filho foram assassinados e Filipe, saudado como um libertador, foi instalado no trono apenas para ser deposto e cegado alguns anos depois. O objetivo deste conto sangrento é mostrar a influência que os cazares nesta fase exerceram sobre os destinos do Império Romano do Oriente — além de seu papel como defensores do baluarte caucasiano contra os muçulmanos. Bardanes-Philippicus era um emperor da criação dos khazars, e o fim do reino do terror de Justiniano foi trazido sobre por seu cunhado, o Kagan. Citando Dunlop: "Não parece um exagero dizer que nesta conjuntura o Khaquan foi capaz de praticamente dar um novo governante ao império grego."²³

Do ponto de vista cronológico, o próximo evento a ser discutido deve ser a conversão dos cazares ao judaísmo, por volta de 740 dC. Mas para ver esse evento notável em sua perspectiva adequada, deve-se ter pelo menos alguma ideia esboçada dos hábitos, costumes e vida cotidiana entre os cazares antes da conversão. Infelizmente, não temos relatos de testemunhas oculares, como a descrição de Priscus da corte de Átila. O que temos são principalmente relatos em segunda mão e compilações de cronistas bizantinos e árabes, que são bastante esquemáticos e fragmentários — com duas exceções. Uma é uma carta, supostamente de um rei cazar, a ser discutida no Capítulo 2; a outra é um diário de viagem de um observador viajante árabe, Ibn Fadlan, que — como Prisco — era membro de uma missão diplomática de uma corte civilizada para os bárbaros do Norte. A corte era a do califa al Muktadir, e a missão diplomática viajou de Bagdá através da Pérsia e Bukhara para a terra dos búlgaros do Volga. O pretexto oficial para esta grandiosa expedição foi uma carta de convite do rei búlgaro, que pediu ao califa (a) instrutores religiosos para converter seu povo ao Islã, e (b) para construir-lhe uma fortaleza que lhe permitiria desafiar seu senhor, o Rei dos Cazares. O convite — que foi, sem dúvida, pré-arranjado por contatos diplomáticos anteriores — também proporcionou uma oportunidade para criar boa vontade entre as várias tribos turcas que habitam territórios através dos quais a missão teve que passar, pregando a mensagem do Alcorão e distribuindo enormes quantidades de ouro bakhshish. Nos parágrafos iniciais da conta do nosso viajante lê-se:¹

Este é o livro de Ahmad ibn-Fadlan ibn-al-Abbas, ibn-Rasid, ibn-Hammad, um oficial a serviço de [Geral] Muhammed ibn-Sulayman, o embaixador de [Califa] al Muktadir para o Rei dos Búlgaros, em que ele relaciona o que viu na terra dos turcos, os cazares, a Rus, os búlgaros, os basquiros e outros, seus variados tipos de religião, as histórias de seus reis, e sua conduta em muitas esferas da vida. A carta do rei dos búlgaros chegou ao comandante dos fiéis, al Muktadir; ele pediu-lhe para enviar-lhe alguém para dar-lhe instrução religiosa e familiarizá-lo com as leis do Islã, para construir-lhe uma mesquita e um púlpito para que ele possa realizar a sua missão de converter o povo em todo o seu país; ele também pediu ao califa para construir-lhe uma fortaleza para se defender contra reis hostis.² Tudo o que o rei pediu foi concedido pelo califa. Fui escolhido para ler a mensagem do Califa ao Rei, para entregar os dons que o Califa lhe enviou e para supervisionar o trabalho dos professores e intérpretes da Lei...[Seguem alguns detalhes sobre o financiamento da missão e nomes dos participantes.] E assim começamos na quinta-feira o 11º Safar do ano 309 [21 de junho de 921] da Cidade da Paz [Bagdá, capital do Califado].

A data da expedição, ele observará, é muito mais tardia do que os eventos descritos na seção anterior. Mas, no que diz

¹As citações a seguir são baseadas na tradução alemã de Zeki Validi Togan do texto árabe e na tradução em inglês de extratos de Blake e Frye, ambos ligeiramente parafraseados no interesse da legibilidade.

²ou seja, como mostram as passagens posteriores, o Rei dos Cazares.

respeito aos costumes e instituições dos vizinhos pagãos dos cazares, isso provavelmente não faz muita diferença; e os vislumbres que temos da vida dessas tribos nômades transmitem pelo menos alguma ideia do que a vida entre os cazares pode ter sido durante esse período anterior — antes da conversão — quando aderiram a uma forma de xamanismo semelhante àquela ainda praticada por seus vizinhos no tempo de Ibn Fadlan. O progresso da missão foi lento e aparentemente tranquilo até chegarem a Khwarizm, a província fronteiriça do Califado ao sul do Mar de Aral. Aqui, o governador encarregado da província tentou impedi-los de prosseguir argumentando que entre seu país e o reino dos búlgaros havia "mil tribos de descrentes" que tinham certeza de matá-los. De fato, suas tentativas de ignorar as instruções do califa para deixar a missão passar podem ter sido devido a outros motivos: ele percebeu que a missão era indiretamente dirigida contra os cazares, com quem mantinha um comércio florescente e relações amigáveis. No final, no entanto, ele teve que ceder, e a missão foi autorizada a prosseguir para Gurganj no estuário do Amu-Darya. Aqui eles hibernaram por três meses, por causa do frio intenso — um fator que paira grande em muitos contos de viajantes árabes:

O rio ficou congelado por três meses, olhamos para a paisagem e pensamos que os portões do inferno frio haviam sido abertos para nós. Em verdade, vi que o mercado e as ruas estavam totalmente vazios por causa do frio.... Uma vez, quando saí do banho e cheguei em casa, vi que minha barba tinha congelado em um pedaço de gelo, e tive que descongelá-lo na frente do fogo. Eu fiquei por alguns dias em uma casa que estava dentro de outra casa [composto?] e em que havia uma tenda de feltro turca, e eu me deitei dentro da tenda envolta em roupas e peles, mas, no entanto, minhas bochechas muitas vezes congelaram até a almofada....

Por volta de meados de fevereiro, o degelo começou. A missão arranjou para se juntar a uma poderosa caravana de 5000 homens e 3000 animais de carga para atravessar as estepes do norte, e comprou os suprimentos necessários: camelos, barcos de pele feitos de peles de camelo para atravessar rios, pão, painço e carne temperada por três meses. Os nativos os alertaram sobre o frio ainda mais assustador no norte, e os aconselharam que roupas vestir:

Então, cada um de nós colocar em um Kurtak, [camisola] sobre que um Kaftan de lã, sobre que um buslin, [casaco de pele-forrado] sobre que uma burka [casaco de pele]; e um chapéu de pele, sob o qual apenas os olhos poderiam ser vistos; um simples par de cuecas, e um par forrado, e sobre eles as calças; sapatos de casa de kaymuht [couro shagreen] e sobre estes também outro par de botas; e quando um de nós montou um camelo, ele foi incapaz de se mover por causa de suas roupas.

Ibn Fadlan, o árabe meticuloso, não gostava do clima nem do povo de Khwarizm:

Eles são, no que diz respeito à sua língua e constituição, o mais repulsivo dos homens. Sua linguagem é como a tagarelice dos estorninhos. Em uma jornada de um dia há uma vila chamada Ardkwa cujos os habitantes são chamados Kardals; sua língua soa inteiramente como o croaking dos sapos.

Eles partiram no dia 3 de março e pararam para a noite em um caravanserai chamado Zamgan — a porta de entrada para o território dos turcos de Ghuzz. Daqui em diante a missão foi em terra estrangeira, “confiando o nosso destino ao Deus todo-poderoso e exaltado”. Durante uma das frequentes tempestades de neve, Ibn Fadlan cavalgou ao lado de um turco, que reclamou: “O que o Governante quer de nós? Ele está nos matando com frio. Se soubéssemos o que ele quer, daríamos a ele.” Ibn Fadlan: “Tudo o que ele quer é que vocês digam: “Não há Deus além de Deus”.” O turco riu: "Se soubéssemos que é assim, deveríamos dizer isso." Há muitos desses incidentes, que Ibn Fadlan relata sem apreciar a independência da mente que eles refletem. Nem o enviado da corte de Bagdá apreciou o desprezo fundamental dos homens da tribo nômade pela autoridade. O episódio seguinte também ocorreu no país dos poderosos Ghuzz Turks, que prestaram homenagem aos Khazars e, de acordo com algumas fontes, estavam intimamente relacionados a eles:²⁴

Na manhã seguinte, um dos turcos nos encontrou. Ele era feio em forma, sujo em aparência, desprezível em maneiras, base na natureza; e estávamos nos movendo através de uma chuva pesada. Então ele disse: "Alto". Então toda a caravana de 3000 animais e 5000 homens parou. Então ele disse: "Nenhum de vocês tem permissão para continuar." Paramos então, obedecendo suas ordens.¹ Depois dissemos-lhe: “Somos amigos dos Kudarkin [Vice-rei]”. Ele começou a rir e disse: “Quem é o Kudarkin? Eu cago na barba dele.” Então ele disse: "Pão". Dei a ele alguns pães. Ele os pegou e disse: "Continue sua jornada; Eu tive pena de você."

Os métodos democráticos do Ghuzz, praticados quando uma decisão tinha que ser tomada, eram ainda mais desconcertantes para o representante de uma teocracia autoritária:

Eles são nômades e têm casas de feltro. Eles ficam por um tempo em um lugar e depois seguem em frente. Pode-se ver suas tendas dispersas aqui e ali em todo o lugar de acordo com o costume nômade. Embora levem uma vida difícil, eles se comportam como burros que se perderam. Eles não têm religião que os ligue a Deus, nem são guiados pela razão; eles não adoram nada. Em vez disso, eles chamam seus chefes de senhores; quando um deles consulta seu chefe, ele pergunta: "Ó

¹Obviamente, os líderes da grande caravana tiveram que evitar a todo custo um conflito com os homens da tribo Ghuzz.

senhor, o que devo fazer neste ou naquele assunto?" O curso de ação que eles adotam é decidido tomando conselho entre si; mas quando eles decidem sobre uma medida e estão prontos para realizá-la, até mesmo os mais humildes e humildes entre eles podem vir e perturbar essa decisão.

Os costumes sexuais do Ghuzz — e de outras tribos — eram uma mistura notável de liberalismo e selvageria:

Suas mulheres não usam véus na presença de seus homens ou estranhos. Nem as mulheres cobrem qualquer parte de seus corpos na presença de pessoas. Um dia ficamos no lugar de um Ghuzz e estávamos sentados ao redor; sua esposa também estava presente. Enquanto conversávamos, a mulher descobriu suas partes íntimas e as arranhou, e todos nós vimos. Então, cobrimos nossos rostos e dissemos: "Que Deus me perdoe". O marido riu e disse ao intérprete: "Diga-lhes que o descobrimos em sua presença para que vocês possam ver e conter-se; mas isso não pode ser alcançado. Isso é melhor do que quando está coberto e, no entanto, alcançável." O adultério é estranho para eles; no entanto, quando descobrem que alguém é um adúltero, eles o dividem em duas metades. Fazem isto reunindo os ramos de duas árvores, amarram-no aos ramos e depois deixam ir ambas as árvores, de modo que o homem a elas atado é despedaçado em dois.

Ele não diz se a mesma punição foi dada à mulher culpada. Mais tarde, ao falar sobre os búlgaros do Volga, ele descreve um método igualmente selvagem de dividir adúlteros em dois, aplicado a homens e mulheres. No entanto, ele observa com espanto, búlgaros de ambos os sexos nadam nus em seus rios, e têm pouca vergonha corporal como o Ghuzz. Quanto à homossexualidade — que em países árabes foi tomada como uma questão de curso — Ibn Fadlan diz que é "considerado pelos turcos como um pecado terrível". Mas no único episódio que ele relata para provar seu ponto, o sedutor de uma "juventude sem barba" escapa com uma multa de 400 ovelhas. Acostumado aos esplêndidos banhos de Bagdá, nosso viajante não conseguia superar a sujeira dos turcos. "Os Ghuzz não se lavam depois de desfigurar ou urinar, nem se banham depois da poluição seminal ou em outras ocasiões. Eles se recusam a ter qualquer coisa a ver com a água, particularmente no inverno..." Quando o comandante-em-chefe do Ghuzz tirou seu luxuoso casaco de brocado para vestir um novo casaco que a missão lhe trouxera, eles viram que suas roupas íntimas estavam "se desfazendo da sujeira, pois é costume deles nunca tirar a roupa que usam perto de seus corpos até que ela se desintegre". Outra tribo turca, os Bashkirs, raspam a barba e comem os piolhos. Eles revistam as dobras de suas roupas íntimas e quebram os piolhos com os dentes." Quando Ibn Fadlan viu um Bashkir fazer isso, o último comentou com ele: "Eles são deliciosos." Em suma, não é uma imagem envolvente. O desprezo do nosso viajante meticuloso pelos bárbaros era profundo. Mas só foi despertado por sua impureza e o que ele considerava como exposição indecente do corpo; a selvageria de suas punições e ritos de sacrifício deixá-lo bastante indiferente. Assim, ele descreve a punição dos búlgaros por homicídio culposo com interesse destacado, sem suas expressões freqüentes de indignação: "Eles fazem para ele [o delinquente] uma caixa de madeira de bétula, colocam-no dentro, pregam a tampa na caixa, colocam três pães e uma lata de água ao lado dele, e suspendem a caixa entre dois postes altos, dizendo: "Nós o colocamos entre o céu e a terra, para que ele possa ser exposto ao sol e à chuva, e para que a divindade possa talvez perdoá-lo." E assim ele permanece suspenso até que o tempo o deixe decair e os ventos o levem." Ele também descreve, com distanciamento semelhante, o sacrifício fúnebre de centenas de cavalos e rebanhos de outros animais, e o assassinato ritual horrível de uma¹ escrava Rus no caixão de seu mestre. Sobre as religiões pagãs, ele tem pouco a dizer. Mas o culto do falo dos baskirs desperta seu interesse, pois ele pergunta através de seu intérprete um dos nativos a razão de adorar um pênis de madeira, e anota sua resposta: "Porque eu saí de algo semelhante e não sei de nenhum outro criador que me fez." Ele então acrescenta que "alguns deles [os baskirs] acreditam em doze divindades, um deus para o inverno, outro para o verão, um para a chuva, um para o vento, um para as árvores, um para os homens, um para o cavalo, um para a água, um para a noite, um para o dia, um deus da morte e um para a terra; enquanto que aquele deus que habita no céu é o maior entre eles, mas toma conselho com os outros e, portanto, todos estão satisfeitos com as ações uns dos outros.... Temos visto um grupo entre eles que adora cobras, e um grupo que adora peixes, e um grupo que adora guindastes...." Entre os búlgaros do Volga, Ibn Fadlan encontrou um estranho costume:

Quando observam um homem que se sobressai com a perspicácia e a sabedoria, dizem: Este é mais digno de servir ao nosso Senhor. Eles o agarram, colocam uma corda em volta do pescoço dele e o penduram em uma árvore onde ele é deixado até apodrecer.

Comentando esta passagem, o orientalista turco Zeki Validi Togan, autoridade indiscutível sobre Ibn Fadlan e seus tempos, diz o seguinte:²⁵ "Não há nada de misterioso no tratamento cruel dado pelos búlgaros a pessoas que eram excessivamente inteligentes. Era baseado no raciocínio simples e sóbrio dos cidadãos comuns que queriam apenas levar o que consideravam ser uma vida normal e evitar qualquer risco ou aventura em que o "gênio" pudesse levá-los." Ele então cita um provérbio tártaro: "Se você souber demais, eles o enforçarão, e se você for muito modesto, eles o pisarão". Ele conclui que a vítima "não deve ser considerada simplesmente como uma pessoa erudita, mas como um gênio indisciplinado, que é muito inteligente pela metade". Isso leva a crer que o costume deve ser considerado como uma medida de defesa social contra a mudança, uma punição de não conformistas e potenciais inovadores.² Mas

¹Rus: os fundadores vikings dos primeiros assentamentos russos — veja abaixo, Capítulo III.

²Em apoio ao seu argumento, o autor aduz citações turcas e árabes no original, sem tradução — um hábito desagradável comum entre

algumas linhas mais abaixo ele dá uma interpretação diferente:

Ibn Fadlan descreve não o simples assassinato de pessoas muito inteligentes, mas um de seus costumes pagãos: o sacrifício humano, pelo qual os mais excelentes entre os homens foram oferecidos como sacrifício a Deus. Essa cerimônia provavelmente não foi realizada por búlgaros comuns, mas por seus Tabibs, ou curandeiros, ou seja, seus xamãs, cujos equivalentes entre os búlgaros e os rus também exerciam o poder da vida e da morte sobre o povo, em nome de seu culto. De acordo com Ibn Rusta, os curandeiros dos Rus podiam colocar uma corda no pescoço de qualquer um e pendurá-lo em uma árvore para invocar a misericórdia de Deus. Quando isso foi feito, eles disseram: "Isto é uma oferta a Deus."

Talvez ambos os tipos de motivação tenham sido misturados: "já que o sacrifício é uma necessidade, vamos sacrificar os problemáticos". Veremos que o sacrifício humano também foi praticado pelos cazares — incluindo a matança ritual do rei no final do seu reinado. Podemos supor que muitas outras semelhanças existiam entre os costumes das tribos descritas por Ibn Fadlan e os dos cazares. Infelizmente, ele foi impedido de visitar a capital cazar e teve que confiar em informações coletadas em territórios sob o domínio cazar, e particularmente na corte búlgara.

A missão do califa levou quase um ano (de 21 de junho de 921 a 12 de maio de 922) para chegar ao seu destino, a terra dos búlgaros do Volga. A rota direta de Bagdá para o Volga atravessa o Cáucaso e a Cazária — para evitar o último, eles tiveram que fazer o enorme desvio ao redor da costa leste do "Mar Cazar", o Cáspio. Mesmo assim, eles eram constantemente lembrados da proximidade dos cazares e seus perigos potenciais. Um episódio característico ocorreu durante sua estada com o chefe do exército do Ghuzz (aquele com a roupa íntima de má reputação). A princípio, eles foram bem recebidos e receberam um banquete. Mas, mais tarde, os líderes do Ghuzz tiveram dúvidas por causa de suas relações com os cazares. O chefe reuniu os líderes para decidir o que fazer:

O mais distinto e influente entre eles era o Tarkhan; ele era coxo e cego e tinha uma mão aleijada. O chefe lhes disse: "Estes são os mensageiros do Rei dos Árabes, e eu não me sinto autorizado a deixá-los proceder sem consultá-lo." Então o Tarkhan falou: "Esta é uma questão como nunca vimos ou ouvimos antes; nunca um embaixador do Sultão viajou por nosso país desde que nós e nossos ancestrais estivemos aqui. Sem dúvida, o Sultão está nos enganando; essas pessoas que ele está realmente enviando aos Cazares, para incitá-los contra nós. O melhor será dividir cada um desses mensageiros em dois e confiscar todos os seus pertences." Outro disse: "Não, devemos pegar seus pertences e deixá-los correr de volta nus de onde vieram." Outro disse: "Não, o rei Cazar tem reféns de nós, vamos enviar essas pessoas para resgatá-los."

Eles discutiram entre si por sete dias, enquanto Ibn Fadlan e seu povo temiam o pior. No final, o Ghuzz os deixou ir; não nos dizem por quê. Provavelmente Ibn Fadlan conseguiu persuadi-los de que sua missão era de fato dirigida *contra* os cazares. Os Ghuzz haviam lutado anteriormente com os cazares contra outra tribo turca, os pechenegues, mas mais recentemente mostraram uma atitude hostil; daí os reféns que os cazares tomaram. A ameaça cazar pairava grande no horizonte ao longo da jornada. Ao norte do Cáspio, eles fizeram outro grande desvio antes de chegar ao acampamento búlgaro em algum lugar perto da confluência do Volga e do Kama. Lá o rei e os líderes dos búlgaros estavam esperando por eles em um estado de ansiedade aguda. Assim que as cerimônias e festividades terminaram, o rei chamou Ibn Fadlan para discutir negócios. Ele lembrou a Ibn Fadlan em linguagem vigorosa ("sua voz soava como se ele estivesse falando do fundo de um barril") do principal propósito da missão a saber, o dinheiro a ser pago a ele "para que eu possa construir uma fortaleza para me proteger dos judeus que me subjugaram". Infelizmente, esse dinheiro — uma soma de quatro mil dinares — não tinha sido entregue à missão, devido a uma questão complicada de burocracia; deveria ser enviado mais tarde. Ao saber disso, o Rei — "uma personalidade de aparência impressionante, ampla e corpulenta" — parecia estar perto do desespero. Ele suspeitava da missão de ter fraudado o dinheiro: "O que você acha de um grupo de homens que recebem uma quantia de dinheiro destinada a um povo fraco, sitiado e oprimido, mas esses homens fraudam o dinheiro?" Eu respondi: "Isso é proibido, aqueles homens seriam maus." Ele perguntou: "Isso é uma questão de opinião ou de consentimento geral?" Eu respondi: "Uma questão de consentimento geral." Gradualmente, Ibn Fadlan conseguiu convencer o rei de que o dinheiro só estava atrasado,¹ mas não para acalmar suas ansiedades. O rei repetia que a finalidade do convite era a construção da fortaleza "porque tinha medo do rei dos cazares". E aparentemente ele tinha todos os motivos para ter medo, como relata Ibn Fadlan:

O filho do rei búlgaro foi mantido como refém pelo rei dos cazares. Foi relatado ao Rei dos Cazares que o Rei Búlgaro tinha uma linda filha. Ele enviou um mensageiro para processá-la. O rei búlgaro usou pretextos para recusar seu consentimento. O cazar enviou outro mensageiro e a levou à força, embora ele fosse judeu e ela muçulmana; mas ela morreu em sua corte. O cazar enviou outro mensageiro e pediu a outra filha do rei búlgaro. Mas na mesma hora em que o mensageiro o alcançou, o rei búlgaro a casou apressadamente com o príncipe de Askil, que era seu

os especialistas modernos na área.

¹Aparentemente chegou em algum momento, pois não há mais menção ao assunto.

súdito, com medo de que o caz a levasse também à força, como havia feito com sua irmã. Esta foi a única razão que fez o rei búlgaro entrar em correspondência com o califa e pedir-lhe para ter uma fortaleza construída porque ele temia o rei dos cazares.

Parece um refrão. Ibn Fadlan também especifica o tributo anual que o rei búlgaro teve que pagar aos cazares: uma zibelina de cada família em seu reino. Como o número de famílias búlgaras (ou seja, tendas) é estimado em cerca de 50000, e como a pele de zibelina búlgara era altamente valorizada em todo o mundo, o tributo era bonito.

O que Ibn Fadlan tem para nos dizer sobre os Cazares baseia-se — como já foi mencionado — em informações recolhidas no decurso da sua viagem, mas principalmente na corte búlgara. Ao contrário do resto de sua narrativa, derivada de observações pessoais vívidas, as páginas sobre os cazares contêm informações em segunda mão, em vasos, e caem bastante planas. Além disso, as fontes de sua informação são tendenciosas, tendo em vista a compreensível antipatia do rei búlgaro por seu senhor caz — enquanto o ressentimento do califado de um reino que abraça uma religião rival dificilmente precisa ser enfatizado. A narrativa muda abruptamente de uma descrição da corte russa para a corte cazar:

Em relação ao Rei dos Cazares, cujo título é Kagan, ele aparece em público apenas uma vez a cada quatro meses. Eles o chamam de Grande Kagan. Seu vice é chamado Kagan Bek; ele é aquele que comanda e fornece os exércitos, administra os assuntos de Estado, aparece em público e lidera a guerra. Os reis vizinhos obedecem suas ordens. Ele entra todos os dias na presença do Grande Kagan, com deferência e modéstia, descalço, carregando um pau de madeira na mão. Ele faz reverência, acende a vara, e quando ela tem queimado, ele se senta no trono à direita do rei. Ao lado dele está um homem chamado K-nd-r Kagan, e ao lado daquele, o Jawshyghr Kagan. É costume do Grande Kagan não ter relações sociais com as pessoas, e não falar com elas, e não admitir ninguém em sua presença, exceto aqueles que mencionamos. O poder de amarrar ou libertar, de aplicar a punição e de governar o país pertence ao seu substituto, o Kagan Bek. É um costume mais adicional do Kagan grande que quando morre um edifício grande é construído para ele, contendo vinte câmaras, e em cada câmara uma sepultura é cavada para ele. As pedras são quebradas até se tornarem como pó, que é espalhado sobre o chão e coberto com piche. Sob o edifício flui um rio, e este rio é grande e rápido. Eles desviam a água do rio sobre o túmulo e dizem que isso é feito para que nenhum diabo, nenhum homem, nenhum verme e nenhuma criatura rastejante possa chegar até ele. Depois que ele foi sepultado, aqueles que o enterraram são decapitados, para que ninguém possa saber em qual das câmaras está sua sepultura. A sepultura é chamada “Paraíso” e eles têm um ditado: “Ele entrou no Paraíso”. Todas as câmaras estão espalhadas com brocado de seda entrelaçado com fios de ouro. É costume do Rei dos Cazares ter vinte e cinco esposas; cada uma das esposas é filha de um rei que lhe deve lealdade. Ele as toma por consentimento ou pela força. Ele tem sessenta meninas para concubinas, cada uma delas de beleza requintada.

Ibn Fadlan então passa a dar uma descrição bastante fantasiosa do harém de Kagan, onde cada uma das oitenta e cinco esposas e concubinas tem um "palácio próprio", e um atendente ou eunuco que, sob o comando do Rei, a traz para sua alcova "mais rápido do que um piscar de olhos. Depois de mais algumas observações duvidosas sobre os "costumes" do Cazar Kagan (voltaremos a eles mais tarde), Ibn Fadlan finalmente fornece algumas informações factuais sobre o país:

O rei tem uma grande cidade no rio Itil [Volga] em ambas as margens. Em um banco vivem os muçulmanos, no outro o rei e sua corte. Os muçulmanos são governados por um dos funcionários do rei que é ele próprio um muçulmano. Os processos judiciais dos muçulmanos que vivem na capital cazar e dos comerciantes visitantes do estrangeiro são tratados por esse funcionário. Ninguém mais se intromete em seus assuntos ou se senta em julgamento sobre eles.

O relatório de viagem de Ibn Fadlan, na medida em que é preservado, termina com as palavras:

Os Cazares e seu Rei são todos judeus.¹ Os búlgaros e todos os seus vizinhos estão sujeitos a ele. Eles o tratam com obediência adoradora. Alguns são da opinião de que Gog e Magog são os Khazars.

Eu citei a odisseia de Ibn Fadlan de alguma forma, não tanto por causa da escassa informação que ele fornece sobre os próprios Khazars, mas por causa da luz que ela lança sobre o mundo que os cercava, a barbaridade gritante do povo em meio a quem eles viviam, refletindo seu próprio passado, antes da conversão. Pois, na época da visita de Ibn Fadlan aos búlgaros, Khazaria era um país surpreendentemente moderno em comparação com seus vizinhos. O contraste é evidenciado pelos relatos de outros historiadores árabes,² e está presente em todos os níveis, da habitação à

¹Isso parece um exagero, tendo em vista a existência de uma comunidade muçulmana na capital. Por conseguinte, Zeki Validi suprimiu a palavra “todos”. Devemos supor que “os cazares” aqui se referem à nação ou tribo dominante, dentro do mosaico étnico de Cazária, e que os muçulmanos gozavam de autonomia legal e religiosa, mas não eram considerados “verdadeiros cazares”.

²As páginas seguintes são baseadas nos trabalhos de Istakhri, al-Masudi, Ibn Rusta e Ibn Hawkal (ver Apêndice II).

administração da justiça. Os búlgaros ainda vivem exclusivamente em tendas, incluindo o rei, embora a tenda real seja “muito grande, com capacidade para mil pessoas ou mais”.²⁶ Por outro lado, o Khazar Kagan habita um castelo construído de tijolos queimados, diz-se que suas damas habitam “palácios com telhados de teca”²⁷ e os muçulmanos têm várias mesquitas, entre elas “cujo minarete se ergue acima do castelo real”.²⁸ Nas regiões férteis, suas fazendas e áreas cultivadas se estendiam continuamente por mais de sessenta ou setenta milhas. Eles também tinham extensos vinhedos. Assim, Ibn Hawkal: “Em Kozr [Khazaria] há uma certa cidade chamada Asmid [Samandar] que tem tantos pomares e jardins que, de Darband a Serir, todo o país está coberto de jardins e plantações pertencentes a esta cidade. Dizem que há cerca de quarenta mil deles. Muitos deles produzem uvas.”²⁹ A região ao norte do Cáucaso era extremamente fértil. Em 968, Ibn Hawkal encontrou um homem que o havia visitado depois de uma incursão russa: “Ele disse que não há uma ninharia para os pobres em nenhum vinhedo ou jardim, nem uma folha no galho.... [Mas] devido à excelência de sua terra e à abundância de seus produtos, não levará três anos até que se torne novamente o que era.” O vinho caucasiano ainda é um deleite, consumido em grandes quantidades na União Soviética. No entanto, a principal fonte de renda dos tesouros reais era o comércio exterior. O volume das caravanas comerciais que se deslocam entre a Ásia Central e a região Volga-Ural é indicado por Ibn Fadlan: lembramos que a caravana em que sua missão se juntou em Gurganj consistia em “5000 homens e 3000 animais de carga”. Tomando em devida consideração o exagero, ainda deve ter sido uma poderosa caravana, e não sabemos quantos deles estavam em qualquer momento em movimento. Nem que mercadorias transportavam — embora os têxteis, as frutas secas, o mel, a cera e as especiarias pareçam ter desempenhado um papel importante. Uma segunda grande rota comercial conduziu através do Cáucaso para a Armênia, Geórgia, Pérsia e Bizâncio. Um terceiro consistia no aumento do tráfego de frotas mercantes russas pelo Volga até as margens orientais do Mar Cazar, carregando principalmente peles preciosas muito procuradas entre a aristocracia muçulmana e escravos do norte, vendidos no mercado de escravos de Itil. Sobre todas essas mercadorias de trânsito, incluindo os escravos, o governante cazar cobrou um imposto de dez por cento. Somando a isso o tributo pago por búlgaros, magiares, burtas e assim por diante, percebe-se que Khazaria era um país próspero — mas também que sua prosperidade dependia em grande parte de seu poder militar e do prestígio que ele transmitia em seus cobradores de impostos e funcionários aduaneiros. Além das regiões férteis do sul, com suas vinhas e pomares, o país era pobre em recursos naturais. Um historiador árabe (Istakhri) diz que o único produto nativo que eles exportaram foi a luneta. Isso certamente é um exagero, mas o fato é que sua principal atividade comercial parece ter consistido na reexportação de mercadorias trazidas do exterior. Entre esses bens, mel e cera de vela particularmente pegou a imaginação dos cronistas árabes. Assim Muqaddasi: “Em Khazaria, ovelhas, mel e judeus existem em grandes quantidades.”³⁰ É verdade que uma fonte — a Darband *Namah* — menciona minas de ouro ou prata no território cazar, mas sua localização não foi determinada. Por outro lado, várias das fontes mencionam mercadorias cazares vistas em Bagdá, e a presença de comerciantes cazares em Constantinopla, Alexandria e tão longe quanto Samara e Fergana. Assim, Khazaria não estava de forma alguma isolado do mundo civilizado; em comparação com seus vizinhos tribais no norte, era um país cosmopolita, aberto a todos os tipos de influências culturais e religiosas, mas defendendo com ciúmes sua independência contra as duas potências mundiais eclesiásticas. Veremos que essa atitude preparou o terreno para o *golpe de Estado* - ou *golpe de Estado* - que estabeleceu o judaísmo como religião de Estado. As artes e ofícios parecem ter florescido, incluindo *alta costura*. Quando o futuro imperador Constantino V se casou com a filha do cazar Kagan (veja acima, seção 1), ela trouxe com seu dote um esplêndido vestido que impressionou tanto a corte bizantina que foi adotado como um manto cerimonial *masculino*; eles o chamaram de *tzitzakion*, derivado do nome de estimação cazar-turco da princesa, que era Chichak ou “flor” (até que ela foi batizada Eirene). “Aqui”, comenta Toynbee, “temos um fragmento iluminador da história cultural.”³¹ Quando outra princesa cazar se casou com o governador muçulmano da Armênia, sua cavalgada continha, além de criados e escravos, dez tendas montadas sobre rodas, “feitas da melhor seda, com portas banhadas a ouro e prata, os pisos cobertos com peles de zibelina. Vinte outros carregavam os vasos de ouro e prata e outros tesouros que eram seu dote”.³² O próprio Kagan viajou em uma tenda móvel ainda mais luxuosamente equipada, carregando em seu topo uma romã de ouro.

A arte cazar, como a dos búlgaros e magiares, era principalmente imitativa, modelada em padrões persa-sassânidas. O arqueólogo soviético Bader³³ enfatizou o papel dos cazares na disseminação de prataria de estilo persa para o norte. Algumas dessas descobertas podem ter sido reexportadas pelos cazares, fiéis ao seu papel de intermediários; outras foram imitações feitas em oficinas cazares — cujas ruínas foram traçadas perto da antiga fortaleza cazar de Sarkel.¹ As jóias desenterradas dentro dos limites da fortaleza eram de fabricação local.³⁴ O arqueólogo sueco T. J. Arne menciona placas ornamentais, fechos e fivelas encontrados até a Suécia, de inspiração sassanida e bizantina, fabricados na Cazária ou territórios sob sua influência.³⁵ Assim, os cazares foram os principais intermediários na propagação da arte persa e bizantina entre as tribos semi-bárbaras da Europa Oriental. Após seu exaustivo levantamento das evidências arqueológicas e documentais (principalmente de fontes soviéticas), Bartha conclui:

O saque de Tíflis pelos cazares, presumivelmente na primavera de 629 dC, é relevante para o nosso assunto.... [Durante o período de ocupação] o Kagan enviou inspetores para supervisionar a fabricação de ouro, prata, ferro e produtos de cobre. Da mesma forma, os bazares, o comércio em

¹Infelizmente, Sarkel, o sítio arqueológico mais importante de Cazar foi inundado pelo reservatório de uma nova central hidroelétrica.

geral, até mesmo as pescas, estavam sob seu controle.... [Assim] no curso de suas incessantes campanhas caucasianas durante o século VII, os cazares entraram em contato com uma cultura que havia crescido a partir da tradição sassânida persa. Assim, os produtos desta cultura se espalharam para o povo das estepes não só pelo comércio, mas por meio de pilhagem e até mesmo pela tributação.... Todas as trilhas que seguimos assiduamente na esperança de descobrir as origens da arte magiar no século X nos levaram de volta ao território cazar.³⁶

A última observação do estudioso húngaro refere-se aos espetaculares achados arqueológicos conhecidos como o "Tesouro de Nagyszentmiklos" (ver frontispício). O tesouro, composto por vinte e três vasos de ouro, datados do século X, foi encontrado em 1791 nas proximidades da aldeia com esse nome.¹ Bartha ressalta que a figura do "príncipe vitorioso" arrastando um prisioneiro pelos cabelos, e a cena mitológica na parte de trás da jarra dourada, bem como o desenho de outros objetos ornamentais, mostram estreitas afinidades com os achados em Novi Pazar, na Bulgária, e em Khazar Sarkel. Como tanto os magiares quanto os búlgaros estiveram sob suserania cazar por períodos prolongados, isso não é muito surpreendente, e o guerreiro, juntamente com o resto do tesouro, nos dá pelo menos alguma ideia das artes praticadas dentro do Império Cazar (a influência persa e bizantina é predominante, como seria de se esperar).² Uma escola de arqueólogos húngaros sustenta que os ourives do século X que trabalhavam na Hungria eram na verdade cazares.³⁷ Como veremos mais tarde (ver III, 7, 8), quando os magiares migraram para a Hungria, em 896, eles foram liderados por uma tribo dissidente Khazar, conhecida como os Cabares, que se estabeleceram com eles em sua nova casa. Os Kabar-Khazars eram conhecidos como ouro habilidoso e ourives; os magiares (originalmente mais primitivos) só adquiriram essas habilidades em seu novo país. Assim, a teoria da origem cazar de pelo menos alguns dos achados arqueológicos na Hungria não é implausível — como se tornará mais claro à luz do nexos cazar-magiar discutido mais tarde.

Quer o guerreiro na jarra dourada seja de origem magiar ou cazar, ele nos ajuda a visualizar a aparência de um cavaleiro daquele período, talvez pertencente a um regimento de elite. Masudi diz que no exército cazar "sete mil deles"³ montam com o rei, arqueiros com placas de peito, capacetes e casacos de correio. Alguns são lanceiros, equipados e armados como os muçulmanos.... Nenhum dos reis nesta parte do mundo tem um exército permanente regular, exceto o Rei dos Cazares." E Ibn Hawkal: "Este rei tem doze mil soldados a seu serviço, dos quais, quando um morre, outro é imediatamente escolhido em seu lugar." Temos aqui outra pista importante para o domínio cazar: um exército profissional permanente, com uma Guarda Pretoriana que, em tempos de paz, controlava efectivamente os retalhos étnicos, e em tempos de guerra serviu de núcleo duro para a horda armada, que, como vimos, pode ter inchado por vezes até cem mil ou mais.⁴

A capital deste império motley era no início provavelmente o fortress de Balanjar no foothills do norte do Cáucaso; após os raids árabes no oitavo século foi transferido a Samandar, na costa ocidental do Caspian; e finalmente a Itil no estuário do Volga. Temos várias descrições de Itil, que são bastante consistentes entre si. Era uma cidade gêmea, construída em ambos os lados do rio. A metade oriental foi chamada Khazaran, a metade ocidental Itil;⁵ os dois foram conectados por uma ponte de pontão. A metade ocidental era cercada por uma parede fortificada, construída de tijolos; continha os palácios e cortes do Kagan e do Bek, as habitações de seus atendentes⁶ e dos "Khazars de raça pura". O muro tinha quatro portões, um deles voltado para o rio. Do outro lado do rio, na margem leste, viviam "os muçulmanos e adoradores de ídolos";³⁸ esta parte também abrigava mesquitas, mercados, banhos e outras comodidades públicas. Vários escritores árabes ficaram impressionados com o número de mesquitas no bairro muçulmano e a altura do minarete principal. Eles também continuaram enfatizando a autonomia de que gozavam os tribunais e o clero muçulmanos. Aqui está o que al-Masudi, conhecido como "o Heródoto entre os árabes", tem a dizer sobre este assunto em sua obra frequentemente citada *Meadows of Gold Mines and Precious Stones*:

¹Agora pertence à Romênia e é chamado de Sinnicolaul Mare.

²O leitor interessado encontrará uma excelente coleção de fotografias em *A Arte do Período Migratório*, de Gyula László (embora seus comentários históricos devam ser tratados com cautela).

³Istakhri tem 12.000.

⁴De acordo com Masudi, o "Exército Real" consistia de muçulmanos que "imigraram do bairro de Kwarizm. Há muito tempo, após o aparecimento do Islã, houve guerra e pestilência em seu território, e eles repararam o rei Cazar.... Quando o rei dos cazares está em guerra com os muçulmanos, eles têm um lugar separado em seu exército e não lutam contra o povo de sua própria fé" [Citado por Dunlop (1954), p. 206] Que o exército "consistia" de muçulmanos é, naturalmente, um exagero, contradito pelo próprio Masudi algumas linhas mais tarde, onde ele fala do contingente muçulmano ter um "lugar separado" no exército cazar. Além disso, Ibn Hawkal diz que "o rei tem em seu trem 4000 muçulmanos e este rei tem 2000 soldados a seu serviço". Os kwarizmianos provavelmente formaram uma espécie de Guarda Suíça dentro do exército, e seus compatriotas" falam de "refêns" (veja acima, seção 10) podem se referir a eles. Vice-versa, o imperador bizantino Constantino Porfirogênito tinha uma *elite* de guardas cazares estacionados nos portões de seu palácio. Este foi um privilégio comprado caro: "Esses guardas foram tão bem remunerados que tiveram que comprar seus postos por somas consideráveis, em que seus salários representavam uma anuidade variando de cerca de 2,25 a 4%." (Constantine, *De Ceremoniis*, pp. 692-3). Por exemplo, "um Cazar que recebeu £ 7,4. pagou pela inscrição £ 302,8s". (Bury, p. 228n).

⁵A cidade também foi mencionada em diferentes períodos sob diferentes nomes, por exemplo, al-Bayada, "A Cidade Branca".

⁶Masudi coloca esses edifícios em uma ilha, perto da margem oeste, ou uma península.

O costume na capital cazar é ter sete juízes. Destes dois são para os muçulmanos, dois são para os cazares, julgando de acordo com a Torá (lei mosaica), dois para os cristãos, julgando de acordo com o Evangelho e um para a Saqualibá, Rus e outros pagãos, julgando de acordo com a lei pagã... Em sua cidade [do rei cazar] há muitos muçulmanos, comerciantes e artesãos, que vieram para o seu país por causa de sua justiça e da segurança que ele oferece. Eles têm uma mesquita principal e um minarete que se eleva acima do castelo real, e outras mesquitas lá além, com escolas onde as crianças aprendem o Alcorão.

Ao ler essas linhas do historiador árabe mais importante, escritas na primeira metade do século X,¹ é tentado a ter uma visão talvez muito idílica da vida no reino cazar. Assim, lemos no artigo “Khazars” na *Enciclopédia Judaica*: “Em um momento em que o fanatismo, a ignorância e a anarquia reinavam na Europa Ocidental, o Reino dos Khazars poderia se orgulhar de sua administração justa e de mente aberta.”² Isso, como vimos, é parcialmente verdade; mas apenas parcialmente. Não há evidências de que os cazares se envolvam em perseguição religiosa, antes ou depois da conversão ao judaísmo. A este respeito, eles podem ser chamados mais tolerantes e iluminados do que o Império Romano do Oriente, ou o Islã em seus estágios iniciais. Por outro lado, eles parecem ter preservado alguns rituais bárbaros de seu passado tribal. Ouvimos Ibn Fadlan sobre os assassinatos dos coveiros reais. Ele também tem algo a dizer sobre outro regicídio arcaico: “O período do governo do rei é de quarenta anos. Se ele exceder esse tempo em um único dia, seus súditos e atendentes o matam, dizendo: “Seu raciocínio já está esmaecido e sua percepção confusa”. Istakhri tem uma versão diferente dele:

Quando eles desejam entronizar este Kagan, eles colocam um cordão de seda em volta de seu pescoço e apertá-lo até que ele comece a sufocar. Então eles perguntam a ele: “Quanto tempo você pretende governar?” Se ele não morrer antes desse ano, ele é morto quando ele alcança.

Enterro³⁹ é duvidoso se a acreditar este tipo de árabe viajante da sabedoria, e um seria de fato inclinado a rejeitá-lo, se ritual regicídio não tinha sido um fenômeno tão difundido entre primitivo (e não tão primitivo) pessoas. Frazer deu grande ênfase à conexão entre o conceito da divindade do Rei e a sagrada obrigação de matá-lo após um período fixo, ou quando sua vitalidade está em declínio, para que o poder divino possa encontrar uma encarnação mais jovem e vigorosa.³ Fala a favor de Istakhri que a bizarra cerimônia de “sufocar” o futuro Rei foi relatada em existência, aparentemente, não há muito tempo entre outro povo, os Kok-Turks. Zeki Validi cita um antropólogo francês, St Julien, escrevendo em 1864:

Quando o novo Chefe for eleito, seus oficiais e assistentes ... o farão montar seu cavalo. Eles apertam uma fita de seda ao redor de seu pescoço, sem estrangulá-lo completamente; então eles soltam a fita e perguntam a ele com grande insistência: “Por quantos anos você pode ser nosso Khan?” O rei, em sua mente perturbada, sendo incapaz de nomear uma figura, seus súditos decidem, com base na força das palavras que lhe escaparam, se seu governo será longo ou breve.⁴⁰

Não sabemos se o rito cazar de matar o rei (se alguma vez existiu) caiu em suspensão quando adotaram o judaísmo, caso em que os escritores árabes estavam confundindo o passado com as práticas atuais como faziam o tempo todo, compilando relatórios de viajantes anteriores e atribuindo-os aos contemporâneos. No entanto, isso pode ser, o ponto a ser mantido, e que parece estar fora de disputa, é o papel divino atribuído ao Kagan, independentemente de implicar ou não seu sacrifício final. Ouvimos antes que ele foi venerado, mas virtualmente mantido em reclusão, isolado do povo, até que ele foi enterrado com enorme cerimônia. Os assuntos de Estado, incluindo a liderança do exército, eram administrados pelo Bek (às vezes também chamado de Kagan Bek), que exercia todo o poder efetivo. Neste ponto, fontes árabes e historiadores modernos estão de acordo, e estes últimos geralmente descrevem o sistema de governo cazar como uma “dupla realeza”, o Kagan representando o poder divino, o secular Bek. A dupla realeza cazar foi comparada — muito equivocadamente, parece — com a diarquia espartana e com a dupla liderança superficialmente semelhante entre várias tribos turcas. No entanto, os dois reis de Esparta, descendentes de duas famílias líderes, exerciam o mesmo poder; e quanto à dupla liderança entre as tribos nômades, não⁴ há evidência de uma divisão básica de funções como entre os cazares. Uma comparação mais válida é o sistema de governo no Japão, desde a Idade Média até 1867, onde o poder secular estava concentrado nas mãos do xogum, enquanto o Mikado era adorado de longe como uma figura divina. Cassel⁴¹ sugeriu uma atraente analogia entre o sistema de governo cazar e o jogo de xadrez. A dupla realeza é representada no tabuleiro de xadrez pelo Rei (o Kagan) e pela Rainha (o Bek). O rei é mantido em reclusão, protegido por seus assistentes, tem pouco poder e só pode se mover um passo de cada vez. A Rainha, por outro lado, é a presença mais poderosa no tabuleiro, que ela domina. No entanto, a Rainha pode estar perdida e o jogo ainda continuou, enquanto a queda do Rei é o desastre final que instantaneamente encerra a competição. A dupla realeza, portanto, parece indicar uma distinção categórica entre o sagrado eo profano na mentalidade dos cazares. Os atributos divinos do

¹Supostamente entre 943 e 947 d.C.

²*Enciclopédia Judaica*, publicada em 1901-6. Na *Enciclopédia Judaica*, 1971, o artigo sobre os cazares de Dunlop é de objetividade exemplar.

³Frazer escreveu um tratado especial sobre essas linhas em “The Killing of the Khazar Kings” (*Folclore*, XXVIII, 1917).

⁴Alföldi sugeriu que os dois líderes eram os comandantes das duas asas da horda (citado por Dunlop, p. 159, n. 123).

Kagan estão muito em evidência na seguinte passagem de Ibn Hawkal:¹

O Khacan deve ser sempre da raça Imperial [Istakhri: "...de uma família de notáveis"]. Ninguém pode se aproximar dele, senão em negócios importantes; então eles se prostram diante dele e esfregam os rostos no chão, até que ele dê ordens para que se aproximem dele e falem. Quando um Khacan ... morre, quem passa perto de seu túmulo deve ir a pé e prestar homenagem ao túmulo; e quando ele está partindo, não deve montar a cavalo, desde que o túmulo esteja à vista. Tão absoluta é a autoridade deste soberano, e tão implicitamente são seus mandamentos obedecidos, que se lhe parecesse conveniente que um de seus nobres morresse, e se ele lhe dissesse: "Vá e mate-se", o homem iria imediatamente para sua casa, e se mataria de acordo. A sucessão ao Khacanship sendo assim estabelecida na mesma família [Istakhri: "numa família de notáveis que não possuem nem poder nem riqueza"]; quando a vez da herança chega a qualquer indivíduo dela, ele é confirmado na dignidade, embora ele não possua um único dirhem [moeda]. E ouvi de pessoas dignas de crença que um certo jovem costumava sentar-se em uma pequena loja no mercado público, vendendo artigos insignificantes [Istakhri: "vendendo pão"]; e que o povo costumava dizer: "Quando o atual Khacan tiver partido, este homem terá sucesso no trono" [Istakhri: "Não há homem mais digno do Khaganate do que ele"]. Mas o jovem era um Mussulman, e eles dão o Khacanship apenas aos judeus. O Khacan tem um trono e um pavilhão de ouro: estes não são permitidos a nenhuma outra pessoa. O palácio do Khacan é mais alto do que os outros edifícios.⁴²

A passagem sobre o jovem virtuoso vendendo pão, ou o que quer que seja, no bazar soa como uma história sobre Harun al Rashid. Se ele era herdeiro do trono de ouro reservado aos judeus, por que então ele foi criado como um pobre muçulmano? Se quisermos fazer algum sentido em toda a história, devemos assumir que o Kagan foi escolhido com a força de suas nobres virtudes, mas escolhido entre os membros da "Raça Imperial" ou "família de notáveis". Esta é, de fato, a visão de Artamonov e Zeki Validi. Artamonov sustenta que os cazares e outro povo turco eram governados por descendentes da dinastia turca, os antigos soberanos do extinto Império Turco (cf. acima, seção 3). Zeki Validi sugere que a "Raça Imperial" ou "família de notáveis", à qual os Kagan devem pertencer, se refere à antiga dinastia dos Asena, mencionada em fontes chinesas, uma espécie de aristocracia do deserto, da qual os governantes turcos e mongóis tradicionalmente alegavam descendência. Isso parece bastante plausível e vai de algum modo para conciliar os valores contraditórios implícitos na narrativa citada: a juventude nobre sem um dirhem ao seu nome — e a pompa e circunstância em torno do trono de ouro. Estamos testemunhando a sobreposição de duas tradições, como a interferência óptica de dois padrões de onda em uma tela: o ascetismo de uma tribo de nômades do deserto que vivem duramente, e o brilho de uma corte real prosperando em seu comércio e artesanato, e se esforçando para ofuscar seus rivais em Bagdá e Constantinopla. Afinal, os credos professados por essas cortes suntuosas também foram inspirados por profetas ascetas do deserto no passado. Tudo isso não explica a surpreendente divisão do poder divino e secular, aparentemente único naquele período e região. Como escreveu Bury:⁴³ "Não temos nenhuma informação em que momento a autoridade ativa do Chagan foi trocada por sua nulidade divina, ou por que ele foi exaltado a uma posição semelhante à do Imperador do Japão, em que sua existência, e não seu governo, foi considerado essencial para a prosperidade do Estado." Uma resposta especulativa a esta pergunta foi recentemente proposta por Artamonov. Ele sugere que a aceitação do judaísmo como religião de Estado foi o resultado de um *golpe de Estado*, que ao mesmo tempo reduziu o Kagan, descendente de uma dinastia pagã cuja fidelidade à lei mosaica não podia ser realmente confiável, a uma mera figura de proa. Esta é uma hipótese tão boa quanto qualquer outra — e com tão pouca evidência para apoiá-la. No entanto, parece provável que os dois eventos — a adoção do judaísmo e o estabelecimento da dupla realza — estavam de alguma forma conectados.²

¹Ibn Hawkal, outro geógrafo e historiador árabe muito viajado, escreveu sua *geografia oriental* por volta de 977. A passagem aqui citada é virtualmente uma cópia do que Istakhri escreveu quarenta anos antes, mas contém menos obscuridades, então segui a tradução de Ouseley (1800) de Ibn Hawkal.

²Antes da conversão, o Kagan ainda desempenhava um papel ativo — como, por exemplo, em suas relações com Justiniano. Para complicar ainda mais as coisas, as fontes árabes às vezes se referem ao "Kagan" quando claramente significam o "Bek" (como "kagan" era o termo genérico para "governante" entre muitas tribos), e também usam nomes diferentes para o Bek, como mostra a lista a seguir (depois de Minorsky, *Hudud al Alam*, p. 451):

Const. Porphy.	<i>Khaqan</i>	<i>Bek</i>
Ibn Rusta	<i>Khazar Khaqan</i>	<i>Aysha</i>
Masudi	<i>Khaqan</i>	<i>Malik</i>
Istakhri	<i>Malik Khazar</i>	<i>Khaqan Khazar</i>
Ibn Hawkal	<i>Khaqan Khazar</i>	<i>Malik Khazar</i> ou <i>Bek</i>
Gardezi	<i>Khazar Khaqan</i>	<i>Abshad</i>

A ordem dos governantes parece ter sido trocada.

CONVERSÃO

"A religião dos hebreus", escreve Bury, "exerceu uma profunda influência sobre o credo do Islã, e foi uma base para o cristianismo; ganhou prosélitos dispersos; mas a conversão dos cazares à religião não diluída de Jeová é única na história."⁴⁴ Qual foi a motivação deste evento único? Não é fácil ficar sob a pele de um príncipe cazar — coberto, por assim dizer, por uma camada de correio. Mas se raciocinarmos em termos de poder-política, que obedece essencialmente às mesmas regras ao longo dos tempos, uma analogia bastante plausível se oferece. No início do século VIII, o mundo foi polarizado entre as duas superpotências que representam o cristianismo e o islamismo. Suas doutrinas ideológicas foram soldadas ao poder-política perseguida pelos métodos clássicos de propaganda, subversão e conquista militar. O Império Cazar representou uma Terceira Força, que provou ser igual a qualquer um deles, tanto como adversário quanto como aliado. Mas só poderia manter sua independência aceitando nem o cristianismo nem o islamismo — pois qualquer uma das escolhas teria automaticamente subordinado à autoridade do imperador romano ou do califa de Bagdá. Não faltaram esforços por parte de nenhum dos tribunais para converter os cazares ao cristianismo ou ao islamismo, mas tudo o que eles resultaram foi o intercâmbio de cortesias diplomáticas, casamentos dinásticos e a mudança de alianças militares baseadas em interesses próprios mútuos. Confiando em sua força militar, o reino cazar, com seu interior de tribos vassalas, estava determinado a preservar sua posição como a Terceira Força, líder das nações não comprometidas das estepes. Ao mesmo tempo, seus contatos íntimos com Bizâncio e o califado haviam ensinado aos cazares que seu xamanismo primitivo não era apenas bárbaro e ultrapassado em comparação com os grandes credos monoteístas, mas também incapaz de conferir aos líderes a autoridade espiritual e legal de que gozavam os governantes das duas potências mundiais teocráticas, o califa e o imperador. No entanto, a conversão a qualquer credo teria significado submissão, o fim da independência, e, portanto, teria derrotado o seu propósito. O que poderia ter sido mais lógico do que abraçar um terceiro credo, que não estava comprometido com nenhum dos dois, mas representava o fundamento venerável de ambos? A lógica aparente da decisão deve-se, naturalmente, à clareza enganosa da retrospectiva. Na realidade, a conversão ao judaísmo exigiu um ato de gênio. No entanto, tanto as fontes árabes e hebraicas sobre a história da conversão, no entanto variado em detalhes, apontam para uma linha de raciocínio, como indicado acima. Para citar Bury mais uma vez:

Não pode haver dúvida de que o governante foi acionado por motivos políticos na adoção do judaísmo. Abraçar o maometanismo teria feito dele o dependente espiritual dos califas, que tentaram pressionar sua fé sobre os cazares, e no cristianismo colocar o perigo de ele se tornar um vassalo eclesiástico do Império Romano. O judaísmo era uma religião respeitável com livros sagrados que tanto cristãos quanto maometanos respeitavam; elevava-o acima dos bárbaros pagãos e o protegia contra a interferência do califa ou imperador. Mas ele não adotou, juntamente com a circuncisão, a intolerância do culto judaico. Ele permitiu que a massa de seu povo permanecesse em sua pagandade e adorasse seus ídolos.⁴⁵

Embora a conversão da corte cazar fosse, sem dúvida, politicamente motivada, ainda seria absurdo imaginar que eles abraçassem da noite para o dia, cegamente, uma religião cujos princípios eram desconhecidos para eles. Na verdade, no entanto, eles tinham sido bem familiarizados com os judeus e suas observâncias religiosas por pelo menos um século antes da conversão, através do contínuo fluxo de refugiados de perseguição religiosa em Bizâncio, e em menor grau de países da Ásia Menor conquistado pelos árabes. Sabemos que Khazaria era um país relativamente civilizado entre os bárbaros do Norte, mas não comprometido com nenhum dos credos militantes, e por isso tornou-se um refúgio natural para o êxodo periódico de judeus sob o domínio bizantino, ameaçado pela conversão forçada e outras pressões. A perseguição em formas variadas tinha começado com Justiniano I (527-65), e assumiu formas particularmente cruéis sob Heráclio no século VII, Leão III no oitavo, Basílio e Leão IV no nono, Romano no décimo. Assim, Leão III, que governou durante as duas décadas imediatamente anteriores à conversão cazar ao judaísmo, "tentou acabar com a anomalia [do status tolerado dos judeus] de uma só vez, ordenando que todos os seus súditos judeus fossem batizados".⁴⁶ Embora a implementação da ordem parecia ter sido bastante ineficaz, levou à fuga de um número considerável de judeus de Bizâncio. Masudi relata:

Nesta cidade [Khazaran-Itil] são muçulmanos, cristãos, judeus e pagãos. Os judeus são o rei, seus servos e os cazares de sua espécie.¹ O rei dos cazares já havia se tornado judeu no Califado de Harun al-Rashid² e ele foi acompanhado por judeus de todas as terras do Islã e do país dos gregos [Bizâncio]. Na verdade, o rei dos gregos no momento presente, o Ano da Hegira 332 [AD 943-4] converteu os judeus em seu reino ao cristianismo por coerção.... Assim, muitos judeus fugiram do país dos gregos para a Cazária....^{3a}

¹ou seja, presumivelmente a tribo governante de "Cazares Brancos", veja acima, Capítulo I, 3.

²ou seja, entre 786 e 809 dC; mas é geralmente assumido que Masudi usou um marco histórico conveniente e que a conversão ocorreu por volta de 740 dC.

As duas últimas frases citadas referem-se a eventos duzentos anos após a conversão cazar, e mostram como persistentemente as ondas de perseguição se seguiram ao longo dos séculos. Mas os judeus eram igualmente persistentes. Muitos suportaram a tortura, e aqueles que não tinham força para resistir voltaram mais tarde à sua fé — “como cães ao seu vômito”, como um cronista cristão graciosamente disse.⁴⁷ Igualmente pitoresca é a descrição de um escritor hebraico⁴⁸ de um método de conversão forçada usado sob o imperador Basílio contra a comunidade judaica de Oria, no sul da Itália:

Como eles os forçaram? Qualquer um que se recusasse a aceitar sua crença errônea foi colocado em um moinho de azeitona sob uma prensa de madeira e espremido da maneira como as azeitonas são espremidas no moinho.

Outra fonte hebraica⁴⁹ comenta sobre a perseguição sob o imperador Romano (o "rei grego" a quem Masudi se refere): "E depois surgirá um rei que os perseguirá não por destruição, mas misericordiosamente expulsando-os do país". A única misericórdia demonstrada pela história àqueles que fugiram, ou foram levados a ela, foi a existência de Khazaria, antes e depois da conversão. Antes, era um refúgio de refugiados; depois, tornou-se uma espécie de Lar Nacional. Os refugiados eram produtos de uma cultura superior, e foram, sem dúvida, um fator importante na criação dessa perspectiva cosmopolita e tolerante que tanto impressionou os cronistas árabes citados antes. Sua influência — e, sem dúvida, seu zelo proselitista¹ — teria se sentido em primeiro lugar na corte e entre os principais notáveis. Eles podem ter combinado em seus esforços missionários argumentos teológicos e profecias messiânicas com uma avaliação perspicaz das vantagens políticas que os cazares derivariam da adoção de uma religião “neutra”. Os exilados também trouxeram consigo artes e ofícios bizantinos, métodos superiores na agricultura e no comércio, e o alfabeto hebraico quadrado. Não sabemos que tipo de roteiro os cazares usavam antes disso, mas o *Fihrist* de Ibn Nadim,⁵⁰ uma espécie de bibliografia universal escrita por volta de 987 d.C., nos informa que em seu tempo os cazares usavam o alfabeto hebraico. Serviu ao duplo propósito do discurso acadêmico em hebraico (análogo ao uso do latim medieval no Ocidente) e como um alfabeto escrito para as várias línguas faladas na Khazaria (análogo ao uso do alfabeto latino para os vários vernáculos na Europa Ocidental). De Khazaria a escrita hebraica pareceu ter espalhado em países vizinhos. Assim, Chwolson relata que “inscrições em uma língua não-semita (ou possivelmente em duas línguas não-semitas diferentes) usando caracteres hebraicos foram encontradas em duas lápides de Phanagoria e Parthenit na Crimeia; elas ainda não foram decifradas.”²⁵¹ (A Crimeia estava, como vimos, intermitentemente sob o domínio cazar; mas também tinha uma antiga comunidade judaica estabelecida, e as inscrições podem até ser anteriores à conversão.) Algumas letras hebraicas (*canela* e *tsadei*) também encontraram seu caminho para o alfabeto cirílico⁵² e, além disso, muitas moedas de prata polonesas foram encontradas, datando do século XII ou XIII, que trazem inscrições polonesas em letras hebraicas (por exemplo, *Leszek krol Polski* — Leszek King of Poland), lado a lado com moedas inscritas no alfabeto latino. Poliak comenta: “Estas moedas são a prova final para a propagação da escrita hebraica de Khazaria para os países eslavos vizinhos. O uso dessas moedas não estava relacionado a nenhuma questão de religião. Eles foram cunhados porque muitos do povo polonês estavam mais acostumados com esse tipo de escrita do que com a escrita romana, não considerando-a especificamente judaica.”⁵³ Assim, embora a conversão tenha sido sem dúvida inspirada por motivos oportunistas — concebidos como uma manobra política astuta —, trouxe consigo desenvolvimentos culturais que dificilmente poderiam ter sido previstos por aqueles que a iniciaram. O alfabeto hebraico foi o início; três séculos depois, o declínio do estado cazar é marcado por surtos repetidos de um sionismo messiânico, com pseudo-Messias como David El-Roi (herói de um romance de Disraeli) liderando cruzadas quixotescas para a reconquista de Jerusalém.³ Após a derrota dos árabes em 737, a adoção forçada do Islã por Kagan foi uma formalidade quase instantaneamente revogada, o que aparentemente não deixou nenhuma impressão em seu povo. Em contraste com isso, a conversão voluntária ao judaísmo deveria produzir efeitos profundos e duradouros.

As circunstâncias da conversão são obscurecidas pela lenda, mas os principais relatos árabes e hebraicos dela têm algumas características básicas em comum. O relato de Al-Masudi sobre o governo judaico na Cazária, citado anteriormente, termina com uma referência a uma obra anterior dele, na qual ele deu uma descrição dessas circunstâncias. Esse trabalho anterior de Masudi é perdido; mas existem dois relatos que são baseados em azulejos perdidos livro. O primeiro, de Dimaski (escrito em 1327), reitera que, na época de Harun al Rashid, o imperador bizantino forçou os judeus a emigrar; esses emigrantes vieram para o país cazar, onde encontraram “uma raça inteligente, mas sem educação, a quem ofereceram sua religião. Os nativos a acharam melhor do que a deles e a aceitaram.”⁵⁴ O segundo relato, muito mais detalhado, está no *Livro de Reinos e Estradas* de al-Bakri (século XI):

A razão para a conversão ao judaísmo do Rei dos Cazares, que anteriormente tinha sido um pagão,

¹Esta era uma idade em que converter incrédulos pela força ou persuasão era uma preocupação primordial. Que os judeus, também, se entregaram a ele é demonstrado pelo fato de que, desde o governo de Justiniano, a lei bizantina ameaçou punições severas para a tentativa de converter os cristãos ao judaísmo, enquanto que para os judeus “molestar” converter ao cristianismo a pena era a morte pelo fogo (Sharf, p.25).

²Estas inscrições são uma categoria além das falsificações de Firkovitch, notório entre os historiadores (ver Apêndice iii). — Poliak (4/3) citando Chwolson, DA (1865).

³Veja abaixo, Capítulo IV, II.

é a seguinte. Ele havia adotado o cristianismo.¹ Então ele reconheceu sua falsidade e discutiu este assunto, que muito o preocupava, com um de seus altos funcionários. Este último lhe disse: Ó rei, aqueles que possuem escrituras sagradas se dividem em três grupos. Convocá-los e pedir-lhes para declarar o seu caso, em seguida, siga aquele que está na posse da verdade. Então ele enviou aos cristãos para um bispo. Agora havia com o rei um judeu, hábil na discussão, que o envolveu na disputa. Ele perguntou ao Bispo: “O que você diz de Moisés, filho de Amran, e da Torá que lhe foi revelada?” O Bispo respondeu: “Moisés é um profeta e a Torá diz a verdade”. Então o judeu disse ao rei: “Ele já admitiu a verdade do meu credo. Pergunte a ele agora no que ele acredita.” Então, o rei perguntou-lhe e ele respondeu: “Eu digo que Jesus, o Messias, é o filho de Maria, ele é a Palavra, e ele revelou os mistérios em nome de Deus.” Então o judeu disse ao Rei dos Cazares: “Ele prega uma doutrina que eu não conheço, enquanto ele aceita minhas proposições.” Mas o bispo não foi forte em produzir provas. Então o rei pediu um muçulmano, e eles lhe enviaram um homem erudito e inteligente, que era bom em discussões. Mas o judeu contratou alguém que o envenenou na viagem, e ele morreu. E o judeu conseguiu conquistar o rei por sua fé, de modo que ele abraçou o judaísmo.⁵⁵

Os historiadores árabes certamente tinham o dom de adoçar a pílula. Se o estudioso muçulmano fosse capaz de participar do debate, ele teria caído na mesma armadilha que o Bispo, pois ambos aceitaram a verdade do Antigo Testamento, enquanto os defensores do Novo Testamento e do Alcorão foram votados dois a um. A aprovação desse raciocínio pelo Rei é simbólica: ele só está disposto a aceitar doutrinas que são compartilhadas por todos os três — seu denominador comum — e se recusa a se comprometer com qualquer uma das reivindicações rivais que vão além disso. É mais uma vez o princípio do mundo não comprometido, aplicado à teologia. A história também implica, como Bury⁵⁶ apontou, que a influência judaica na corte cazar já deve ter sido forte antes da conversão formal, pois o bispo e o estudioso muçulmano devem ser “enviados para”, enquanto o judeu é *already* “com ele” (o rei).

Passamos agora da principal fonte árabe sobre a conversão — Masudi e seus compiladores — para a principal fonte judaica. Esta é a chamada “Correspondência Cazar”: uma troca de cartas, em hebraico, entre Hasdai Ibn Shaprut, o ministro-chefe judeu do Califa de Córdoba, e José, Rei dos Cazares ou, melhor, entre seus respectivos escribas. A autenticidade da correspondência tem sido objeto de controvérsia, mas agora é geralmente aceito com a devida tolerância feita para os caprichos de copistas posteriores.² A troca de cartas aparentemente ocorreu depois de 954 e antes de 961, que é aproximadamente no momento em que Masudi escreveu. Para apreciar seu significado, uma palavra deve ser dita sobre a personalidade de Hasdai Ibn Shaprut — talvez a figura mais brilhante na “Era de Ouro” (900-1200) dos judeus na Espanha. Em 929, Abd-al-Rahman III, um membro da dinastia Omayad, conseguiu unificar as possessões mouriscas nas partes sul e central da península ibérica sob seu domínio, e fundou o Califado Ocidental. Sua capital, Córdoba, tornou-se a glória da Espanha árabe e um centro focal da cultura europeia com uma biblioteca de 400.000 volumes catalogados. Hasdai, nascido em 910 em Córdoba em uma distinta família judaica, primeiro atraiu a atenção do califa como um médico com algumas curas notáveis a seu crédito. Abd-al-Rahman nomeou-o seu médico da corte, e confiou em seu julgamento tão completamente que Hasdai foi chamado, primeiro, para colocar as finanças do Estado em ordem, em seguida, para atuar como Ministro das Relações Exteriores e solucionador de problemas diplomáticos nas complexas relações do novo califado com Bizâncio, o imperador alemão Otto, com Castela, Navarra, Arragon e outros reinos cristãos no norte da Espanha. Hasdai foi um verdadeiro *uomo universale* séculos antes do Renascimento, que, entre os assuntos de Estado, ainda encontrou tempo para traduzir livros de medicina para o árabe, para corresponder com os rabinos eruditos de Bagdá e para atuar como um Mecenas para gramáticos e poetas hebreus. Obviamente, ele era um judeu iluminado, mas devoto, que usava seus contatos diplomáticos para reunir informações sobre as comunidades judaicas dispersas em várias partes do mundo e para intervir em seu nome sempre que possível. Ele estava particularmente preocupado com a perseguição de judeus no Império Bizantino sob Romano (ver acima, seção I). Felizmente, exerceu considerável influência na corte bizantina, que estava vitalmente interessada em obter a benevolente neutralidade de Córdoba durante as campanhas bizantinas contra os muçulmanos do Oriente. Hasdai, que estava conduzindo as negociações, aproveitou esta oportunidade para interceder em nome dos judeus bizantinos, aparentemente com sucesso.⁵⁷ De acordo com seu próprio relato, Hasdai primeiro ouviu falar da existência de um reino judeu independente de alguns comerciantes de Khurasan na Pérsia; mas ele duvidava da verdade de sua história. Mais tarde, ele questionou os membros de uma missão diplomática bizantina a Córdoba, e eles confirmaram o relato dos comerciantes, contribuindo com uma quantidade considerável de detalhes factuais sobre o reino cazar, incluindo o nome — José — de seu atual rei. Então Hasdai decidiu enviar mensageiros com uma carta ao rei José. A carta (que será discutida mais detalhadamente mais adiante) contém uma lista de perguntas sobre o estado cazar, seu povo, método de governo, forças armadas e assim por diante — incluindo um inquérito a qual das doze tribos José pertencia. Isso parece indicar que Hasdai pensava que os judeus cazares eram originários da Palestina — como os judeus espanhóis — e talvez até representassem uma das Tribos Perdidas. José, não sendo de ascendência judaica, pertencia, é claro, a

¹Nenhuma outra fonte, pelo que sei, menciona isso. Pode ser uma substituição mais palatável para os leitores muçulmanos pela curta adoção do Islã pelos Kagan antes do judaísmo.

²Um resumo da controvérsia será encontrado no Apêndice III.

nenhuma das tribos; em sua Resposta a Hasdai, ele fornece, como veremos, uma genealogia de um tipo diferente, mas sua principal preocupação é dar a Hasdai um relato detalhado — se lendário — da conversão — que ocorreu dois séculos antes — e as circunstâncias que levaram a ela. A narrativa de José começa com um elogio do seu antepassado, o rei Bulão, um grande conquistador e um sábio que «expulsou da sua terra os feiticeiros e os ídólatras». Posteriormente, um anjo apareceu ao rei Bulão em seus sonhos, exortando-o a adorar o único Deus verdadeiro, e prometendo que, em troca, Ele iria "abençoar e multiplicar a descendência de Bulão, e entregar seus inimigos em suas mãos, e fazer o seu reino durar até o fim do mundo". Isso, é claro, é inspirado pela história da Aliança em Gênesis; e isso implica que os Cazares também reivindicaram o status de uma Raça Escolhida, que fez sua própria Aliança com o Senhor, mesmo que eles não fossem descendentes da semente de Abraão. Mas neste ponto a história de José toma um rumo inesperado. O Rei Bulan está disposto a servir o Todo-Poderoso, mas levanta uma dificuldade:

Tu sabes, meu Senhor, os pensamentos secretos do meu coração e tens pesquisado meus rins para confirmar que minha confiança está em ti; mas as pessoas sobre as quais eu governo têm uma mente pagã e eu não sei se eles vão acreditar em mim. Se eu encontrei graça e misericórdia em teus olhos, então eu te imploro para aparecer também ao seu Grande Príncipe, para fazê-lo me apoiar. O Eterno concedeu o pedido de Bulão, ele apareceu a este príncipe em um sonho, e quando ele se levantou na parte da manhã, ele veio ao Rei e fez saber a ele...

Não há nada em Gênesis, nem nos relatos árabes da conversão, sobre um grande príncipe cujo consentimento deve ser obtido. É uma referência inconfundível à dupla realeza cazar. O "Grande Príncipe", aparentemente, é o Bek; mas não é impossível que o "Rei" fosse o Bek e o "Príncipe" o Kagan. Além disso, de acordo com fontes árabes e armênias, o líder do exército cazar que invadiu a Transcaucásia em 731 (ou seja, alguns anos antes da data presumida da conversão) foi chamado de "Bulkhan".⁵⁸ A carta de José continua relatando como o anjo apareceu mais uma vez ao Rei sonhador e pediu-lhe que construísse um lugar de culto no qual o Senhor pudesse habitar, pois: "o céu e os céus acima do céu não são grandes o suficiente para me prender". O rei Bulan responde timidamente que não possui o ouro e a prata necessários para tal empreendimento, "embora seja meu dever e desejo realizá-lo". O anjo o tranquiliza: tudo o que Bulão precisa fazer é liderar seus exércitos para Dariela e Ardabil, na Armênia, onde um tesouro de prata e um tesouro de ouro o aguardam. Isso se encaixa com a incursão de Bulan ou Bulkhan antes da conversão; e também com fontes árabes segundo as quais os cazares controlavam uma vez as minas de prata e ouro no Cáucaso.⁵⁹ Bulan faz como o anjo lhe disse, retorna vitoriosamente com o saque, e constrói "um Tabernáculo Santo equipado com um cofre sagrado [a "Arca da Aliança"], um candelabro, um altar e instrumentos sagrados que foram preservados até hoje e ainda estão em minha posse [do Rei José]". A carta de José, escrita na segunda metade do século X, mais de duzentos anos depois dos eventos que pretende descrever, é obviamente uma mistura de fatos e lendas. Sua descrição do mobiliário escasso do lugar de culto, e da escassez das relíquias preservadas, está em contraste marcante com o relato que ele dá em outras partes da carta da prosperidade presente de seu país. Os dias de seu antepassado Bulão aparecem-lhe como remota antiguidade, quando o pobre, mas virtuoso Rei nem sequer tinha o dinheiro para construir o Santo Tabernáculo — que era, afinal, apenas uma tenda. No entanto, a carta de José até este ponto é apenas o prelúdio para o verdadeiro drama da conversão, que ele agora passa a relacionar. Aparentemente, a renúncia de Bulan à idolatria em favor do "único Deus verdadeiro" foi apenas o primeiro passo, que ainda deixou a escolha aberta entre os três credos monoteístas. Pelo menos, é isso que a continuação da carta de José parece implicar:

Após esses feitos de armas [a invasão da Armênia], a fama do rei Bulan se espalhou por todos os países. O rei de Edom [Bizâncio] e o rei dos ismaelins [os muçulmanos] ouviram a notícia e enviaram a ele enviados com presentes e dinheiro preciosos e homens instruídos para convertê-lo às suas crenças; mas o rei foi sábio e enviou um judeu com muito conhecimento e perspicácia e juntou todos os três para discutir suas doutrinas.

Portanto, temos outro Brains Trust, ou conferência de mesa redonda, assim como em Masudi, com a diferença de que o muçulmano não foi envenenado de antemão. Mas o padrão do argumento é o mesmo. Depois de longas e fúteis discussões, o rei adia a reunião por três dias, durante os quais os discutentes são deixados para esfriar os calcanhares em suas respectivas tendas; em seguida, ele retorna a um estratagema. Ele convoca os discutentes separadamente. Ele pergunta ao cristão qual das outras duas religiões está mais próxima da verdade, e o cristão responde, "os judeus". Ele confronta o muçulmano com a mesma pergunta e recebe a mesma resposta. O Neutralismo mais uma vez carregou o dia.

Lá se vai a conversão. O que mais aprendemos com a célebre "Correspondência Cazar"? Para tomar a carta de Hasdai primeiro: começa com um poema hebraico, da maneira então elegante do piyut, uma forma de verso rapsódica que contém alusões ou enigmas ocultos e frequentemente acrósticos. O poema exalta as vitórias militares do destinatário, o rei José; ao mesmo tempo, as letras iniciais das linhas formam um acróstico que soletra o nome completo de Hasdai bar Isaac bar Ezra bar Shaprut, seguido pelo nome de Menahem ben Sharuk. Agora este Menahem era um poeta hebraico célebre, lexicógrafo e gramático, um secretário e protegido de Hasdai. Obviamente, foi-lhe dada a tarefa de redigir a epístola ao rei José em seu estilo mais ornamentado, e ele aproveitou a oportunidade para se immortalizar, inserindo seu próprio nome no acróstico após o de seu patrono. Várias outras obras de Menahem ben-Sharuk são preservadas, e não

pode haver dúvida de que a carta de Hasdai é obra dele.¹ Depois do poema, dos elogios e das flores diplomáticas, a carta dá conta da prosperidade da Espanha mourisca e da feliz condição dos judeus sob seu califa Abd al Rahman, “algo que nunca foi conhecido... E assim as ovelhas abandonadas foram tomadas em cuidado, os braços de seus perseguidores foram paralisados, e o jugo foi descartado. O país em que vivemos é chamado de Sefarade hebraico, mas os ismaelitas que o habitam o chamam de *al-Andalus*.” Hasdai, em seguida, passa a explicar como ele ouviu pela primeira vez sobre a existência do reino judaico dos comerciantes de Khurasan, em seguida, em mais detalhes a partir dos enviados bizantinos, e ele relata o que esses enviados lhe disse:

Eu os questionei [os bizantinos] sobre isso e eles responderam que era verdade, e que o nome do reino é al-Khazar. Entre Constantinopla e este país há uma viagem de quinze dias por mar,² mas eles disseram, por terra há muitas outras pessoas entre nós e eles. O nome do rei governante é José. Navios vêm até nós de sua terra, trazendo peixes, peles e todos os tipos de mercadorias. Eles estão em aliança conosco, e honrados por nós. Trocamos embaixadas e presentes. Eles são poderosos e têm uma fortaleza para seus postos avançados e tropas que saem em incursões de tempos em tempos.³

Esta pequena informação oferecida por Hasdai ao Rei Cazar sobre o próprio país do Rei tem obviamente a intenção de obter uma resposta detalhada de José. Era uma boa psicologia: Hasdai devia saber que a crítica a afirmações errôneas flui mais facilmente da caneta do que uma exposição original. Em seguida, Hasdai relata seus esforços anteriores para entrar em contato com Joseph. Primeiro, ele enviou um mensageiro, um certo Isaac bar Nathan, com instruções para prosseguir para a corte cazar. Mas Isaque chegou apenas até Constantinopla, onde foi tratado com cortesia, mas impedido de continuar a viagem. (Compreensivelmente assim: dada a atitude ambivalente do Império em relação ao reino judeu, certamente não era do interesse de Constantino facilitar uma aliança entre Khazaria e o Califado de Córdoba com seu ministro-chefe judeu.) Então o mensageiro de Hasdai voltou para a Espanha, missão não cumprida. Mas logo outra oportunidade se ofereceu: a chegada em Córdoba de uma embaixada da Europa Oriental. Entre seus membros estavam dois judeus, Mar Saul e Mar José, que se ofereceram para entregar a carta de Hasdai ao rei José. (De acordo com a resposta de José a Hasdai, na verdade foi entregue por uma terceira pessoa, um Isaac ben-Eliezer.) Tendo assim descrito em detalhes como sua carta veio a ser escrita, e seus esforços para tê-la entregue, Hasdai prossegue a fazer uma série de perguntas diretas que refletem sua avidez para obter mais informações sobre todos os aspectos da terra cazar, desde sua geografia até seus ritos na observação do sábado. A passagem final da carta de Hasdai chama a atenção para uma nota bastante diferente da dos seus parágrafos iniciais:

Eu sinto o desejo de saber a verdade, se existe realmente um lugar nesta terra onde Israel assediado pode governar a si mesmo, onde não está sujeito a ninguém. Se eu soubesse que este é realmente o caso, eu não hesitaria em abandonar todas as honras, renunciar ao meu alto cargo, abandonar minha família e viajar por montanhas e planícies, por terra e água, até chegar ao lugar onde meu Senhor, o Rei [judeu], governa.... E também tenho mais um pedido: ser informado se você tem algum conhecimento [da possível data] do Milagre Final [da vinda do Messias] que, vagando de país para país, estamos aguardando. Desonrados e humilhados na nossa dispersão, devemos escutar em silêncio aqueles que dizem: «Cada nação tem a sua própria terra e só vós não possuis sequer a sombra de um país nesta terra».

O início da carta elogia o lote feliz dos judeus na Espanha; o fim respira a amargura do exílio, fervor sionista e esperança messiânica. Mas essas atitudes opostas sempre coexistiram no coração dividido dos judeus ao longo de sua história. A contradição na carta de Hasdai lhe dá um toque adicional de autenticidade. Até que ponto sua oferta implícita de entrar ao serviço do Rei Cazar deve ser levada a sério é outra questão que não podemos responder. Talvez ele também não pudesse.

A resposta do Rei José é menos realizada e comovente do que a carta de Hasdai. Não é de admirar — como observa Cassel: “a erudição e a cultura reinaram não entre os judeus do Volga, mas nos rios da Espanha”. O destaque da Resposta é a história da conversão, já citada. Sem dúvida, José também empregou um escriba para escrevê-lo, provavelmente um refugiado erudito de Bizâncio. No entanto, a Resposta soa como uma voz do Antigo Testamento em comparação com as cadências polidas do estadista moderno do século X. Ele começa com uma fanfarra de saudações, em seguida, reitera o conteúdo principal da carta de Hasdai, orgulhosamente enfatizando que o reino cazar dá a mentira para aqueles que dizem que “o Cetro de Judá caiu para sempre das mãos dos judeus” e “que não há lugar na terra para um reino próprio”. Segue-se uma observação um tanto enigmática de que “nossos pais já trocaram cartas amigáveis que

¹ APÊNDICE III.

² Isso provavelmente se refere à chamada “rota cazariana”: de Constantinopla através do Mar Negro e até o Don, depois através da portagem Don-Volga e descendo o Volga até Itil. (Uma rota alternativa e mais curta era de Constantinopla para a costa leste do Mar Negro.)

³ A fortaleza é evidentemente Sarkel no Don. “Eles são honrados por nós” se encaixa na passagem de Constantino Nascido no Púrpura sobre o selo de ouro especial usado nas cartas aos Kagan. Constantino era o imperador bizantino na época da embaixada na Espanha.

estão preservadas em nossos arquivos e são conhecidas por nossos anciãos”.¹ José então prossegue para fornecer uma genealogia de seu povo. Embora um nacionalista judeu feroz, orgulhoso de empunhar o ‘cetro de Judá’, ele não pode, e não, reivindicar para eles descendência semita; ele traça a sua ascendência não a Shem, mas ao terceiro filho de Noé, Japheth; ou mais precisamente ao neto de Japheth, Togarma, o ancestral de todas as tribos turcas. “Encontramos nos registros familiares de nossos pais”, Joseph afirma corajosamente, “que Togarma teve dez filhos, e os nomes de seus filhos são os seguintes: Uigur, Dursu, Avars, Huns, Basili, Tarniakh, Khazars, Zagora, Bulgars, Sabir. Somos os filhos de Cazar, o sétimo...” A identidade de algumas dessas tribos, com nomes grafados na escrita hebraica é bastante duvidosa, mas isso dificilmente importa; a característica característica neste exercício genealógico é a fusão de Gênesis com a tradição tribal turca.² Após a genealogia, José menciona brevemente algumas conquistas militares por seus antepassados que os levaram até o Danúbio; em seguida, segue em grande extensão a história da conversão de Bulan. “Deste dia em diante”, continua José, “o Senhor lhe deu força e o ajudou; ele e seus seguidores foram circuncidados e mandados buscar sábios judeus que lhe ensinaram a Lei e explicaram os Mandamentos.” Seguem-se mais vangloriações sobre vitórias militares, nações conquistadas, etc., e depois uma passagem significativa:

Após esses eventos, um de seus netos [de Bulão] tornou-se rei; seu nome era Obadiab, ele era um homem corajoso e venerado que reformou a Regra, fortificou a Lei de acordo com a tradição e o uso, construiu sinagogas e escolas, reuniu uma multidão de sábios de Israel, deu-lhes presentes luxuosos de ouro e prata e os fez interpretar os vinte e quatro livros [sagrados], os [Preceitos] Mishna e o Talmude, e a ordem em que as liturgias devem ser ditas.

Isto indica que, cerca de um par de gerações após Bulan, um renascimento religioso ou reforma teve lugar (possivelmente acompanhado por um *golpede Estado* nas linhas previstas por Artamonov). Parece de fato que a judaização dos cazares prosseguiu em várias etapas. Lembramos que o rei Bulão expulsou “os feiticeiros e idólatras” antes que o anjo aparecesse para ele; e que ele fez sua Aliança com o “Deus verdadeiro” antes de decidir se Ele era o Deus judeu, cristão ou muçulmano. Parece altamente provável que a conversão do rei Bulão e seus seguidores foi outro passo intermediário, que eles abraçaram uma forma primitiva ou rudimentar do judaísmo, com base apenas na Bíblia, excluindo o Talmud, toda a literatura rabínica, e as observâncias derivadas dele. A esse respeito, eles se assemelhavam aos karaítas, uma seita fundamentalista que se originou no século VIII na Pérsia e se espalhou entre os judeus em todo o mundo, particularmente em “Little Khazaria”, ou seja, a Crimeia. Dunlop e algumas outras autoridades supuseram que entre Bulan e Obadiab (ou seja, aproximadamente entre 740 e 800) alguma forma de Karaism prevaleceu no país, e que ortodoxa “Rabínico” Judaísmo só foi introduzido no decurso da reforma religiosa de Obadiab. O ponto é de alguma importância porque o Karaism aparentemente sobreviveu em Khazaria até o fim, e aldeias de turco-falando judeus karaítas, obviamente de origem cazar, ainda existia nos tempos modernos (ver abaixo, Capítulo V, 4). Assim, a judaização dos cazares foi um processo gradual que, desencadeado pela conveniência política, lentamente penetrou nas camadas mais profundas de suas mentes e, eventualmente, produziu o messianismo de seu período de declínio. Seu compromisso religioso sobreviveu ao colapso de seu estado, e persistiu, como veremos, nos assentamentos cazar-judaicos da Rússia e da Polônia.

Depois de mencionar as reformas religiosas de Obadias, José dá uma lista de seus sucessores:

Hisquias, seu filho, e seu filho Manassés, e Chanucá, irmão de Obadias, e Isaque, seu filho, e Manassés, seu filho, e Nissi, seu filho, e Menaém, seu filho, e Benjamim, seu filho, e Arão, seu filho, e eu sou José, filho de Arão, o bem-aventurado; éramos todos filhos de reis, e a nenhum estranho foi permitido ocupar o trono de nossos pais.

Em seguida, José tenta responder às perguntas de Hasdai sobre o tamanho e a topografia de seu país. Mas ele não parece ter uma pessoa competente em sua corte que pudesse igualar a habilidade dos geógrafos árabes, e suas referências obscuras a outros países e nações acrescentam pouco ao que sabemos de Ibn Hawkal, Masudi e outras fontes persas e árabes. Ele afirma coletar tributo de trinta e sete nações — o que parece uma proposição bastante alta; no entanto, Dunlop aponta que nove delas parecem ser tribos que vivem no coração de Cazar, e os vinte e oito restantes concordam muito bem com a menção de Ibn Fadlan de vinte e cinco esposas, cada uma filha de um rei vassalo (e também com os contos duvidosos de Eldad ha-Dani). Devemos ainda ter em mente a multidão de tribos eslavas ao longo dos limites superiores do Dnieper e até Moscou, que, como veremos, prestou homenagem aos cazares. Seja como for, não há nenhuma referência na carta de José a um harém real — apenas uma menção a uma única rainha e suas criadas e eunucos. Dizem que eles vivem em um dos três bairros da capital de José, Itil: “no segundo Israelitas vivos, Ismaelis, Cristãos e outras nações que falam outras línguas; o terceiro, que é uma ilha, eu habito, com os príncipes, servos e todos

¹Isso pode se referir a um viajante judeu do século IX, Eldad ha-Dani, cujos contos fantásticos, muito lidos na Idade Média, incluem menções a Khazaria, que, diz ele, é habitada por três das tribos perdidas de Israel, e recolhe tributos de vinte e oito reinos vizinhos. Eldad visitou a Espanha por volta de 880 e pode ou não ter visitado o país cazar. Hasdai o menciona brevemente em sua carta a José — como se perguntasse o que fazer com ele.

²Ele também lança uma luz lateral sobre a descrição freqüente do Khazars como o povo de Magog. Magog, de acordo com Gênesis X, 2-3 era o muito difamado tio de Togarma.

os servos que me pertencem....¹ Vivemos na cidade durante todo o inverno, mas no mês de Nisan [março-abril] partimos e todos vão trabalhar em seu campo e seu jardim; cada clã tem sua propriedade hereditária, para a qual eles se dirigem com alegria e júbilo; nenhuma voz de um intruso pode ser ouvida lá, nenhum inimigo deve ser visto. O país não tem muita chuva, mas há muitos rios com uma multidão de peixes grandes e muitas fontes, e é geralmente fértil e gordo em seus campos e vinhas, jardins e pomares que são irrigados pelos rios e dão frutos ricos... e com a ajuda de Deus eu vivo em paz.” A próxima passagem é dedicada à data da vinda do Messias:

Temos nossos olhos nos sábios de Jerusalém e Babilônia, e embora vivamos longe de Sião, temos, no entanto, ouvido que os cálculos são errôneos devido à grande profusão de pecados, e não sabemos nada, apenas o Eterno sabe como manter a contagem. Não temos nada para segurar apenas as profecias de Daniel, e que o Eterno acelere nossa Libertação....

O parágrafo final da carta de José é uma resposta à aparente oferta de Hasdai para entrar ao serviço do rei cazar:

Você mencionou em sua carta um desejo de ver meu rosto. Eu também desejo e desejo ver o teu rosto gracioso e o esplendor da tua magnificência, sabedoria e grandeza; desejo que as tuas palavras se tornem realidade, que eu conheça a felicidade de te abraçar e ver o teu rosto querido, amigável e agradável; tu serias para mim como pai, e eu para ti como filho; todo o meu povo beijaria os teus lábios; iríamos e viríamos de acordo com os teus desejos e o teu sábio conselho.

Há uma passagem na carta de José que trata da política atual, e é bastante obscura:

Com a ajuda do Todo-Poderoso, guardo a foz do rio [o Volga] e não permito que os Rus que vêm em seus navios invadem a terra dos árabes.... Eu luto guerras pesadas com eles [os Rus] para se eu permitisse que eles iriam devastar as terras de Ismael até mesmo para Bagdá.

Joseph aqui parece posar como o defensor do Califado de Bagdá contra os invasores normando-rus (ver Capítulo iii). Isso pode parecer um pouco sem tato, tendo em vista a amarga hostilidade entre o Califado Omayyad de Córdoba (que Hasdai está servindo) e os califas abássidas de Bagdá. Por outro lado, os caprichos da política bizantina em relação aos cazares tornaram conveniente que José aparecesse no papel de um defensor do Islã, independentemente do cisma entre os dois califados. Pelo menos ele poderia esperar que Hasdai, o diplomata experiente, entendesse a dica. A reunião entre os dois correspondentes — se é que alguma vez se pretendeu seriamente — nunca teve lugar. Nenhuma outra carta — se alguma foi trocada — foi preservada. O conteúdo factual da “Correspondência Cazar” é escasso e pouco acrescenta ao que já era conhecido de outras fontes. Seu fascínio reside nas visões bizarras e fragmentárias que transmite, como um holofote errático focado em regiões desarticuladas no denso nevoeiro que cobre o período.

Entre outras fontes hebraicas, há o “Documento de Cambridge” (assim chamado após sua localização atual na Biblioteca da Universidade de Cambridge). Foi descoberto no final do século passado, juntamente com outros documentos inestimáveis no “Cairo Geniza”, o depósito de uma antiga sinagoga, pelo estudioso de Cambridge, Solomon Schechter. O documento está em mau estado; é uma carta (ou cópia de uma carta) que consiste em cerca de cem linhas em hebraico; o início e o fim estão faltando, de modo que é impossível saber quem escreveu e a quem foi endereçada. O rei José é mencionado nele como um contemporâneo e referido como “meu Senhor”, Khazaria é chamado de “nossa terra”; assim, a inferência mais plausível é que a carta foi escrita por um judeu cazar da corte do rei José durante a vida de José, ou seja, que é aproximadamente contemporânea com a “Correspondência cazar”. Algumas autoridades sugeriram ainda que ele foi dirigido a Hasdai ibn Shaprut, e entregue em Constantinopla para Hasdai 's mal sucedido enviado, Isaac bar Nathan, que trouxe de volta para Córdoba (de onde ele encontrou o seu caminho para o Cairo quando os judeus foram expulsos da Espanha). De qualquer forma, evidências internas indicam que o documento se originou não mais tarde do que no século XI, e mais provavelmente na vida de José, no décimo. Contém outro relato lendário da conversão, mas seu principal significado é político. O escritor fala de um ataque à Cazária pelos Alanos, agindo sob instigação bizantina, sob o pai de José, Arão, o Abençoado. Nenhuma outra fonte grega ou árabe parece mencionar esta campanha. Mas há uma passagem significativa em *De Adminisdrando Imperio, de Constantino Porfirogênio*, escrita em 947-50, que dá alguma credibilidade às declarações do escritor de cartas desconhecido:

Sobre Khazaria, como a guerra deve ser feita sobre eles e por quem. Como os Ghuzz são capazes de fazer guerra contra os Khazars, estando perto deles, da mesma forma o governante da Alânia, porque os Nove Climax de Khazaria [a região fértil ao norte do Cáucaso] estão perto de Alania, e o Alan pode, se quiser, atacá-los e causar grandes danos e angústias aos Khazars daquele bairro.

Agora, de acordo com a Carta de José, o governante dos Alanos prestou homenagem a ele, e se de fato ele fez ou não, seus sentimentos em relação ao Kagan eram provavelmente os mesmos do Rei Búlgaro. A passagem em Constantino, revelando seus esforços para incitar os alanos à guerra contra os cazares, ironicamente lembra uma das missões de Ibn Fadlan com um propósito paralelo. Evidentemente, os dias da aproximação bizantino-cazar foram muito passados no tempo de José. Mas estou antecipando desenvolvimentos posteriores, a serem discutidos no Capítulo III.

Cerca de um século após a Correspondência Cazar e a presumível data do Documento de Cambridge, Jehuda Halevi

¹Esta divisão de Itil em três partes também é mencionada, como vimos, em algumas das fontes árabes.

escreveu seu outrora célebre livro, *Kuzari*, os Cazares. Halevi (1085-1141) é geralmente considerado o maior poeta hebraico da Espanha; o livro, no entanto, foi escrito em árabe e traduzido mais tarde para o hebraico; seu subtítulo é "O Livro de Prova e Argumento em Defesa da Fé Desprezada". Halevi foi um sionista que morreu em uma peregrinação a Jerusalém; o *Kuzari*, escrito um ano antes de sua morte, é um tratado filosófico que propõe a visão de que a nação judaica é o único mediador entre Deus e o resto da humanidade. No final da história, todas as outras nações serão convertidas ao judaísmo; e a conversão dos cazares aparece como um símbolo ou símbolo desse evento final. Apesar de seu título, o tratado tem pouco a dizer sobre o próprio país cazar, que serve principalmente como pano de fundo para mais um relato lendário da conversão — o Rei, o anjo, o estudioso judeu, etc. — e para os diálogos filosóficos e teológicos entre o Rei e os protagonistas das três religiões. No entanto, existem algumas referências factuais, que indicam que Halevi tinha lido a correspondência entre Hasdai e José ou tinha outras fontes de informação sobre o país cazar. Assim, somos informados de que, após o aparecimento do anjo, o Rei dos Cazares "revelou o segredo de seu sonho ao General de seu exército", e "o General" também aparece grande mais tarde — outra referência óbvia à dupla regra de Kagan e Bek. Halevi também menciona as "histórias" e os "livros dos cazares" — o que lembra um de José falando de "nossos arquivos", onde os documentos de Estado são mantidos. Por último, Halevi duas vezes, em diferentes lugares do livro, dá a data da conversão como tendo ocorrido "400 anos atrás" e "no ano 4500" (de acordo com o calendário judaico). Isso aponta para o AD 740, que é a data mais provável. Em suma, é uma colheita pobre no que diz respeito às declarações factuais, de um livro que gozava de imensa popularidade entre os judeus da Idade Média. Mas a mente medieval era menos atraída pelo fato do que pela fábula, e os judeus estavam mais interessados na data da vinda do Messias do que em dados geográficos. Os geógrafos e cronistas árabes tinham uma atitude igualmente cavalheiresca em relação às distâncias, datas e fronteiras entre fato e fantasia. Isso também se aplica ao famoso viajante judeu-alemão, o rabino Petachia de Ratisbona, que visitou a Europa Oriental e a Ásia Ocidental entre 1170 e 1185. Seu diário de viagem, *Sibub Ha'olam*, "Viagem ao redor do Mundo", foi aparentemente escrito por um aluno, com base em suas notas ou em ditado. Relata como o bom rabino ficou chocado com as observâncias primitivas dos judeus cazares ao norte da Crimeia, que ele atribuiu à sua adesão à heresia karaita:

E o rabino Petachia perguntou-lhes: "Por que você não acredita nas palavras dos sábios [isto é, os talmudistas]?" Eles responderam: "Porque nossos pais não nos ensinaram." Na véspera do sábado, cortaram todo o pão que comiam no sábado. Eles comem no escuro, e sentam o dia inteiro em um só lugar. Suas orações consistem apenas nos salmos.⁶⁰¹

O rabino ficou tão furioso que, quando atravessou o coração de Cazar, tudo o que tinha a dizer era que demorou oito dias, durante os quais «ouviu o lamento das mulheres e o latido dos cães».⁶¹ Ele menciona, no entanto, que enquanto ele estava em Bagdá, ele tinha visto enviados do reino cazar à procura de estudiosos judeus carentes da Mesopotâmia e até mesmo do Egito, "para ensinar seus filhos Torá e Talmud". Enquanto poucos viajantes judeus do Ocidente empreenderam a perigosa viagem para o Volga, eles registraram encontros com judeus cazares em todos os principais centros do mundo civilizado. O rabino Petachia encontrou-se com eles em Bagdá; Benjamin de Tudela, outro viajante famoso do século XII, visitou notáveis cazares em Constantinopla e Alexandria; Ibrahim ben Daud, contemporâneo de Judah Halevi, relata que ele tinha visto em Toledo "alguns de seus descendentes, alunos dos sábios".⁶² A tradição diz que estes eram príncipes cazares — é tentado pensar em príncipes indianos enviados para Cambridge para estudar. No entanto, há uma curiosa ambivalência na atitude em relação aos cazares dos líderes da judiaria ortodoxa no Oriente, centrada na Academia talmúdica em Bagdá. O *Gaon* (hebraico para "excelência") que estava à frente da Academia era o líder espiritual dos assentamentos judeus espalhados por todo o Oriente Próximo e Médio, enquanto o *Exilarch*, ou "Príncipe do Cativo", representava o poder secular sobre essas comunidades mais ou menos autônomas. Saadiah Gaon (882-942), mais famoso entre as excelências espirituais, que deixou volumosos escritos, refere-se repetidamente neles para o Khazars. Ele menciona um judeu da Mesopotâmia que foi para Khazaria para se estabelecer lá, como se isso fosse uma ocorrência diária. Ele fala obscuramente da corte cazar; em outro lugar, ele explica que, na expressão bíblica "Hirão de Tiro", Hirão não é um nome apropriado, mas um título real, "como o califa para o governante dos árabes e Kagan para o rei dos cazares". Assim, Khazaria estava muito "no mapa", no sentido literal e metafórico, para os líderes da hierarquia eclesiástica da judiaria oriental; mas, ao mesmo tempo, os Khazars eram vistos com certas dúvidas, tanto por motivos raciais quanto por causa de suas tendências suspeitas para a heresia karaita. Um autor hebreu do século XI, Japheth ibn-Ali, ele mesmo um karaite, explica a palavra *mamzer*, "bastardo", pelo exemplo dos Khazars que se tornaram judeus sem pertencer à raça. Seu contemporâneo, Jacob ben-Reuben, reflete o lado oposto dessa atitude ambivalente ao falar dos cazares como "uma única nação que não carrega o jugo do exílio, mas são grandes guerreiros que não prestam homenagem aos gentios". Resumindo as fontes hebraicas sobre os cazares que chegaram até nós, sentimos uma reação mista de entusiasmo, ceticismo e, acima de tudo, perplexidade. Uma nação guerreira de judeus turcos deve ter parecido aos rabinos tão estranha quanto um unicórnio circuncidado. Durante mil anos de Dispersão, os judeus esqueceram como era ter um rei e um país. O Messias era mais real para eles do que o Kagan. Como um pós-escrito para o árabe e hebraico fontes relativas à conversão, deve-se mencionar que a fonte aparentemente mais antiga cristã antecede ambos. Em alguma data anterior a 864, o monge da Vestefália, Christian Druthmar da Aquitânia, escreveu um tratado latino *Expositio in Evangelium Mattei*, no qual relata que "existem pessoas sob o céu em regiões

¹Passar o sábado no escuro era um costume karaita bem conhecido.

onde nenhum cristão pode ser encontrado, cujo nome é Gog e Magog, e que são hunos; entre eles está um, chamado Gazari, que são circuncidados e observam o judaísmo em sua totalidade”. Esta observação ocorre *à proposta* de Mateus 24.14,¹ que não tem aparente influência sobre ela, e não mais se ouve falar do assunto.

Na mesma época em que Druthmar escreveu o que sabia de boatos sobre o judeu Khazars, um famoso missionário cristão, enviado pelo imperador bizantino, tentou convertê-los ao cristianismo. Ele não era menos uma figura do que São Cirilo, “Apóstolo dos Eslavos”, suposto designer do alfabeto cirílico. Ele e seu irmão mais velho, São Metódio, foram encarregados desta e de outras missões de proselitismo pelo imperador Miguel III, sob o conselho do patriarca Fócio (aparentemente de descendência cazar, pois é relatado que o imperador uma vez o chamou com raiva “rosto cazar”). Os esforços de proselitismo de Cirilo parecem ter sido bem-sucedidos entre o povo eslavo na Europa Oriental, mas não entre os cazares. Ele viajou para o país deles via Cherson na Crimeia; em Cherson, dizem que ele passou seis meses aprendendo hebraico em preparação para sua missão; ele então tomou o “Caminho Cazar” — a portagem Don-Volga — para Itil, e de lá viajou ao longo do Cáspio para encontrar o Kagan (não se diz onde). As disputas teológicas habituais se seguiram, mas tiveram pouco impacto sobre os judeus cazares. Mesmo a adulatória *Vita Constantine* (nome original de Cirilo) diz apenas que Cirilo causou uma boa impressão no Kagan, que algumas pessoas foram batizadas e duzentos prisioneiros cristãos foram libertados pelo Kagan como um gesto de boa vontade. Era o mínimo que ele poderia fazer pelo enviado do Imperador que se deu a tanto trabalho. Há uma curiosa luz lateral lançada na história por estudantes de filologia eslava. Cyril é creditado pela tradição não só por ter concebido o cirílico, mas também o alfabeto glagolítico. Este último, segundo o Barão, foi “usado na Croácia até o século XVII. Seu endividamento ao alfabeto hebraico em pelo menos onze caracteres, representando em parte os sons eslavos, há muito é reconhecido”. (Os onze caracteres são A, B, V, G, E, K, P, R, S, Sch, T.) Isso parece confirmar o que foi dito anteriormente sobre a influência do alfabeto hebraico na disseminação da alfabetização entre os vizinhos dos cazares.

¹“E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações; e então virá o fim” (Mateus 24:14).

III

RECUSAR

“Foi”, escreveu D. Sinor,⁶³ “na segunda metade do século VIII que o império cazar alcançou o ápice de sua glória” ou seja, entre a conversão de Bulan e a reforma religiosa sob Obadias. Isto não significa que os cazares deviam a sua boa sorte à sua religião judaica. É antes o contrário: eles podiam se dar ao luxo de serem judeus porque eram economicamente e militarmente fortes. Um símbolo vivo de seu poder foi o Imperador Leão, o Cazar, que governou Bizâncio em 775-80 — assim chamado em homenagem a sua mãe, a Princesa Cazar “Flor” — aquele que criou uma nova moda na corte. Lembramos que seu casamento ocorreu logo após a grande vitória cazar sobre os muçulmanos na batalha de Ardabil, que é mencionado na carta de José e outras fontes. Os dois eventos, comenta Dunlop, “não estão relacionados”.⁶⁴ No entanto, em meio às intrigas do manto e da adaga do período, casamentos dinásticos e noivos poderiam ser perigosos. Eles repetidamente deram causa — ou pelo menos forneceram um pretexto — para iniciar uma guerra. O padrão foi aparentemente definido por Átila, o antigo senhor dos cazares. Em 450 Átila recebeu uma mensagem, acompanhada por um anel de noivado, de Honoria, irmã do imperador romano-ocidental Valentiniano III. Esta senhora romântica e ambiciosa implorou ao chefe húngaro para resgatá-la de um destino pior do que a morte — um casamento forçado com um velho senador — e enviou-lhe seu anel. Átila prontamente a reivindicou como sua noiva, juntamente com metade do Império como seu dote; e quando Valentiniano recusou, Átila invadiu a Gália. Várias variações sobre este tema quase arquetípico surgem ao longo da história de Khazar. Lembramos a fúria do rei búlgaro sobre o sequestro de sua filha, e como ele deu este incidente como a principal razão para sua exigência de que o califa deveria construir-lhe uma fortaleza contra os cazares. Se quisermos acreditar nas fontes árabes, incidentes semelhantes (embora com uma reviravolta diferente) levaram à última explosão das guerras cazar-muçulmanas no final do século VIII, após um longo período de paz. De acordo com al-Tabari, em 798,¹ o califa ordenou que o governador da Armênia tornasse a fronteira cazar ainda mais segura ao se casar com uma filha dos Kagan. Este governador era um membro da poderosa família dos Barmecides (que, aliás, lembra um dos príncipes daquela família homônima nas Noites Árabes que convidou o mendigo para uma festa composta de ricas tampas de pratos sem nada por baixo). O Barmecide concordou, ea Princesa Cazar com sua suíte e dote foi devidamente despachado para ele em uma cavalgada de luxo (ver I, 10). Mas ela morreu no leito da criança; o recém-nascido também morreu; e seus cortesãos, ao retornarem a Cazária, insinuaram ao Kagan que ela havia sido envenenada. Os Kagan invadiram prontamente a Armênia e fizeram (de acordo com duas fontes árabes)⁶⁵ 50000 prisioneiros. O califa foi forçado a libertar milhares de criminosos de suas prisões e armá-los para conter o avanço cazar. As fontes árabes relatam pelo menos mais um incidente do século VIII de um casamento dinástico mal disparado seguido por uma invasão cazar; e, em boa medida, a Crônica Georgiana tem uma particularmente horrível para adicionar à lista (na qual a Princesa real, em vez de ser envenenada, se mata para escapar da cama do Kagan). Os detalhes e datas exatas são, como de costume, duvidosos,⁶⁶ assim como a verdadeira motivação por trás dessas campanhas. Mas a menção recorrente nas crônicas de noivas trocadas e rainhas envenenadas deixa poucas dúvidas de que esse tema teve um impacto poderoso na imaginação das pessoas e, possivelmente, também em eventos políticos.

Não se ouve mais falar de lutas Cazar-Árabe após o final do século VIII. À medida que entramos no nono, os cazares pareciam desfrutar de várias décadas de paz, pelo menos, há pouca menção deles nas crônicas, e nenhuma notícia é uma boa notícia na história. As fronteiras meridionais de seu país haviam sido pacificadas; as relações com o califado haviam se estabelecido em um pacto tácito de não-agressão; as relações com Bizâncio continuaram a ser definitivamente amigáveis. No entanto, no meio deste período comparativamente idílico, há um episódio ameaçador que renunciou novos perigos. Em 833, ou por aí, o cazar Kagan e Bek enviaram uma embaixada ao imperador romano do leste Teófilo, pedindo que arquitetos e artesãos habilidosos construíssem uma fortaleza nos confins do Don. O Imperador respondeu com entusiasmo. Ele enviou uma frota através do Mar Negro e do Mar de Azov até a foz do Don para o ponto estratégico onde a fortaleza seria construída. Assim nasceu Sarkel, a famosa fortaleza e local arqueológico inestimável, praticamente a única que rendeu pistas à história cazar — até que foi submersa no reservatório de Tsimlyansk, contíguo ao canal Volga-Don. Constantino Porfirogênito, que relatou o episódio com algum detalhe, diz que como não havia pedras disponíveis na região, Sarkel foi construído de tijolos, queimados em fornos especialmente construídos. Ele não menciona o curioso fato (descoberto por arqueólogos soviéticos enquanto o local ainda estava acessível) de que os construtores também usaram colunas de mármore de origem bizantina, datando do século VI, e provavelmente recuperadas de alguma ruína bizantina; um bom exemplo de brechó imperial.⁶⁷ O inimigo potencial contra quem esta impressionante fortaleza foi construída pelo esforço conjunto de Roman-Khazar, eram aqueles recém-chegados formidáveis e ameaçadores na cena mundial, a quem o Ocidente chamou Vikings ou Norsemen, e o Oriente chamado Rhous ou Rhos ou Rus. Dois séculos antes, os árabes conquistadores avançaram no mundo civilizado em um movimento gigantesco de pinça, sua ponta esquerda alcançando os Pirenéus, sua ponta direita através do Cáucaso. Agora, durante a Era Viking, a história parecia criar uma espécie de imagem espelhada daquela fase anterior. A explosão inicial que desencadeou as guerras muçulmanas de conquista ocorreu na região mais ao sul do mundo

¹A data, no entanto, é incerta.

conhecido, o deserto árabe. As incursões e conquistas vikings originaram-se em sua região mais setentrional, a Escandinávia. Os árabes avançaram para o norte por terra, os nórdicos para o sul por mar e vias navegáveis. Os árabes estavam, pelo menos em teoria, conduzindo uma Guerra Santa, os vikings travaram guerras profanas de pirataria e pilhagem; mas os resultados, no que diz respeito às vítimas, eram muito semelhantes. Em nenhum dos casos os historiadores foram capazes de fornecer explicações convincentes das razões econômicas, ecológicas ou ideológicas que transformaram essas regiões aparentemente quietas da Arábia e da Escandinávia quase da noite para o dia em vulcões de vitalidade exuberante e empreendimento imprudente. Ambas as erupções gastaram suas forças dentro de alguns séculos, mas deixaram uma marca permanente no mundo. Ambos evoluíram neste período de tempo, da selvageria e destruição à esplêndida conquista cultural. Na época em que Sarkel foi construído por esforços conjuntos bizantino-cazar em antecipação ao ataque dos Vikings orientais, seu ramo ocidental já havia penetrado todas as principais vias navegáveis da Europa e conquistado metade da Irlanda. Nas décadas seguintes, colonizaram a Islândia, conquistaram a Normandia, saquearam repetidamente Paris, invadiram a Alemanha, o delta do Ródano, o golfo de Génova, circunavegaram a Península Ibérica e atacaram Constantinopla através do Mediterrâneo e dos Dardanelos — simultaneamente com um ataque Rus pelo Dnieper e através do Mar Negro. Como Toynbee escreveu:⁶⁸ "No nono século, que foi o século em que o Rhos colidiu com os cazares e com os romanos orientais, os escandinavos estavam invadindo e conquistando e colonizando em um imenso arco que eventualmente se estendia para o sudoeste... para a América do Norte e para o sudeste... para o Mar Cáspio." Não é de admirar que uma oração especial tenha sido inserida nas litânias do Ocidente: *A furore Normannorum libera nos Domine*. Não é de admirar que Constantinopla precisasse de seus aliados cazares como um escudo protetor contra os dragões esculpidos nos arcos dos navios vikings, pois precisava deles alguns séculos antes contra as bandeiras verdes do Profeta. E, como naquela ocasião anterior, os cazares deveriam novamente suportar o peso do ataque e, eventualmente, ver sua capital em ruínas. Não só Bizâncio tinha motivos para ser grato aos cazares por bloquear o avanço das frotas vikings pelos grandes cursos d'água do norte. Agora, compreendemos melhor a passagem enigmática da carta de José a Hasdai, escrita um século depois: "Com a ajuda do Todo-Poderoso, guardo a foz do rio e não permito que os russos que vêm em seus navios invadem a terra dos árabes... Eu luto guerras pesadas [com os Rus]."

A marca particular de Vikings que os bizantinos chamavam de "Rhos" foi chamada de "Varangians" pelos cronistas árabes. A derivação mais provável de "Rhos", de acordo com Toynbee, é "da palavra sueca 'rodher', que significa remadores".⁶⁹ Quanto ao "varangiano", ele foi usado pelos árabes e também na Crônica Primária Russa para designar nórdicos ou escandinavos; o Báltico foi realmente chamado por eles de "Mar Varangiano".⁷⁰ Embora este ramo dos vikings tenha se originado do leste da Suécia, distinto dos noruegueses e dinamarqueses que invadiram a Europa Ocidental, seu avanço seguiu o mesmo padrão. Era sazonal; baseava-se em ilhas estrategicamente localizadas que serviam como fortalezas, arsenais e bases de abastecimento para ataques no continente; e sua natureza evoluiu, onde as condições eram favoráveis, de incursões predatórias e comércio forçado a assentamentos mais ou menos permanentes e, finalmente, fusão com as populações nativas conquistadas. Assim, a penetração viking da Irlanda começou com a apreensão da ilha de Rechru (Lambay) na Baía de Dublin; a Inglaterra foi invadida da ilha de Thanet; a penetração do continente começou com a conquista das ilhas de Walcheren (ao largo da Holanda) e Noirmoutier (no estuário do Loire). No extremo leste da Europa, os nórdicos seguiam o mesmo plano de conquista. Depois de atravessar o Báltico e o Golfo da Finlândia, eles navegaram pelo rio Volkhov até o Lago Ilmen (ao sul de Leningrado), onde encontraram uma ilha conveniente — o Holmgard das Sagas islandesas. Sobre isso, eles construíram um assentamento que eventualmente cresceu na cidade de Novgorod.¹ Daqui eles foryed em southward nos cursos de água grandes: no Volga no Caspian, e no Dnieper no mar preto. A primeira rota levava através dos países dos búlgaros militantes e cazares; a segunda através dos territórios de várias tribos eslavas que habitavam a periferia noroeste do Império Cazar e prestavam homenagem ao Kagan: o poliano na região de Kiev; o Viatichi, ao sul de Moscou; o Radimishchy a leste do Dnieper; o Severyane no rio Derna, etc.² Esses eslavos pareciam ter desenvolvido métodos avançados de agricultura e, aparentemente, tinham uma disposição mais tímida do que seus vizinhos "turcos" no Volga, pois, como Bury disse, eles se tornaram a "presa natural" dos invasores escandinavos. Estes acabaram por preferir o Dnieper, apesar de sua catarata perigosa, para o Volga eo Don. Foi o Dnieper que se tornou a "Grande Via Aquática" — o "Austrvegr" das Sagas Nórdicas — do Báltico ao Mar Negro e, portanto, a Constantinopla. Eles até deram nomes escandinavos às sete principais cataratas, duplicando seus nomes eslavos; Constantino enumera conscientemente ambas as versões (por exemplo, *Baru-fors* em nórdico, *Volnyi* em eslavo, para "a cachoeira ondulante"). Estes Varangian-Rus parecem ter sido uma mistura única mesmo entre seus irmãos Vikings — combinando os traços de piratas, ladrões e comerciantes meretrícios, que negociavam em seus próprios termos, impostos por espada e machado de batalha. Eles trocaram peles, espadas e âmbar em troca de ouro, mas suas principais mercadorias eram escravos. Um cronista árabe contemporâneo escreveu:

Nesta ilha [Novgorod] há homens para o número de 100000, e estes homens saem constantemente para atacar os eslavos em barcos, e eles apreendem os eslavos e levá-los prisioneiro e eles vão para os cazares e búlgaros e vendê-los lá. [Lembramos do mercado de escravos em Itil, mencionado por

¹Não deve ser confundido com Nizhny Novgorod (agora renomeado Gorky).

²Constantino Porfirogênito e a Crônica Russa estão em um acordo justo concordando com os nomes e locais dessas tribos e sua sujeição aos cazares.

Masudi]. Eles não têm terras cultivadas, nem sementes, e [vivem por] pilhagem dos eslavos. Quando uma criança nasce para eles, eles colocam uma espada desembainhada na frente dele e seu pai diz: "Eu não tenho nem ouro, nem prata, nem riqueza que eu posso deixar para ti, esta é a tua herança, com ele garantir a prosperidade para ti mesmo."⁷¹

Um historiador moderno, McEvedy, resumiu bem:

A atividade viking-varangiana, desde a Islândia até as fronteiras do Turquestão, de Constantinopla até o círculo ártico, foi de incrível vitalidade e ousadia, e é triste que tanto esforço tenha sido desperdiçado na pilhagem. Os heróis do norte não se dignaram a negociar até que não conseguiram derrotar; eles preferiram ouro glorioso manchado de sangue a um lucro mercantil constante.⁷²

Assim os comboios de Rus que sailing southward na estação de verão eram ao mesmo tempo frotas comerciais e armadas militares; os dois papéis foram junto, e com cada frota era impossível prever em que momento os comerciantes se transformariam em guerreiros. O tamanho dessas frotas era formidável. Masudi fala de uma força russa que entra no Cáspio a partir do Volga (em 912-13) como compreendendo "cerca de 500 navios, cada um tripulado por 100 pessoas". Desses 50000 homens, ele diz, 35000 foram mortos em batalha.¹ Masudi pode ter exagerado, mas aparentemente não muito. Mesmo em um estágio inicial de suas façanhas (cerca de 860), os rus cruzaram o Mar Negro e cercaram Constantinopla com uma frota variadamente estimada entre 200 e 230 navios. Tendo em vista a imprevisibilidade e a proverbial traição desses formidáveis invasores, os bizantinos e os cazares tiveram que "tocar de ouvido", como diz o ditado. Durante um século e meio após a construção da fortaleza de Sarkel, os acordos comerciais e a troca de embaixadas com os rus alternaram com guerras selvagens. Somente lenta e gradualmente os nórdicos mudaram seu caráter construindo assentamentos permanentes, tornando-se eslavonizados misturando-se com seus súditos e vassallos e, finalmente, adotando a fé da Igreja bizantina. Naquela época, os anos finais do século X, a "Rus" havia se transformado em "russos". Os primeiros príncipes e nobres rus ainda carregavam nomes escandinavos que haviam sido eslavonizados: Rurik de Hrörekr, Oleg de Helgi, Igor de Ingvar, Olga de Helga e assim por diante. O tratado comercial que o príncipe Igor-Ingvar concluiu com os bizantinos em 945 contém uma lista de seus companheiros, apenas três dos quais têm nomes eslavos entre cinquenta nomes escandinavos.⁷³ Mas o filho de Ingvar e Helga assumiu o nome eslavo Svyatoslav, e a partir daí o processo de assimilação entrou em seu passo, os varangianos gradualmente perderam sua identidade como um povo separado, e a tradição nórdica desapareceu da história russa. É difícil formar uma imagem mental dessas pessoas bizarras cuja selvageria se destaca mesmo naquela era selvagem. As crônicas são tendenciosas, escritas por membros de nações que sofreram com os invasores do norte; seu próprio lado da história permanece incalculável, pois a ascensão da literatura escandinava veio muito depois da Era dos Vikings, quando suas façanhas floresceram em lenda. Mesmo assim, a literatura nórdica primitiva parece confirmar sua luxúria desenfreada pela batalha, e o tipo peculiar de frenesi que os agarrava nessas ocasiões; eles até tinham uma palavra especial para isso: *berserksgangr* — o caminho berserk. Os cronistas árabes estavam tão perplexos com eles que se contradiziam não apenas uns aos outros, mas também a si mesmos, através de uma distância de algumas linhas. Nosso velho amigo Ibn Fadlan está totalmente enojado com os hábitos sujos e obscenos da Rússia, que ele conheceu no Volga, na terra dos búlgaros. A seguinte passagem sobre o Rus ocorre pouco antes de seu relato dos cazares, citado anteriormente em:

São as criaturas mais imundas do Senhor. De manhã, uma criada traz uma bacia cheia de água para o dono da casa; ele enxágua o rosto e o cabelo nela, cospe e assopra o nariz na bacia, que a garota passa para a próxima pessoa, que faz o mesmo, até que todos os que estão na casa usaram essa bacia para assoar o nariz, cuspir e lavar o rosto e o cabelo nela.⁷⁴

Em contraste com isso, Ibn Rusta escreve sobre a mesma época: "Eles estão limpos em relação às suas roupas" — e deixa por isso mesmo.⁷⁵ Mais uma vez, Ibn Fadlan está indignado com a rus copulando e defecando em público, incluindo seu rei, enquanto Ibn Rusta e Gardezi não sabem nada sobre tais hábitos revoltantes. Mas seus próprios relatos são igualmente duvidosos e inconsistentes. Assim, Ibn Rusta: "Eles honram seus convidados e são gentis com estranhos que procuram abrigo com eles, e com todos os que estão em desgraça entre eles."⁷⁶ Eles não permitem que ninguém entre eles os tire, e quem entre eles faz mal ou é opressivo, eles descobrem tal um e expulsá-lo de entre eles." Mas alguns parágrafos mais abaixo ele pinta um quadro bastante diferente — ou melhor, vinheta, das condições na sociedade Rus:

Nenhum deles vai satisfazer uma necessidade natural sozinho, mas ele é acompanhado por três de seus companheiros que o guardam entre eles, e cada um deles tem sua espada por causa da falta de segurança e traição entre eles, pois se um homem tem até mesmo um pouco de riqueza, seu próprio irmão e seu amigo que está com ele cobiçá-lo e procurar matá-lo e despojá-lo.⁷⁷

Em relação às suas virtudes marciais, no entanto, as fontes são Unânicas:

Essas pessoas são vigorosas e corajosas e, quando descem em terreno aberto, ninguém pode escapar delas sem ser destruído e suas mulheres se apossarem e serem escravizadas.⁷⁸

¹Veja abaixo, Capítulo IV, 1.

Tais eram as perspectivas que agora enfrentavam os cazares. Sarkel foi construído bem a tempo; permitiu-lhes controlar os movimentos das flotilhas rus ao longo dos trechos mais baixos da portagem Don e Don-Volga (o “Caminho Cazariano”). De um modo geral, parece que durante o primeiro século de sua presença no local¹ os ataques de pilhagem da Rus foram principalmente dirigidos contra o Bizâncio (onde, obviamente, mais rica pilhagem estava a ser tido), enquanto que as suas relações com os cazares foram essencialmente em uma base comercial, embora não sem atrito e confrontos intermitentes. De qualquer forma, os cazares conseguiram controlar as rotas comerciais da Rússia e cobrar seu imposto de 10% sobre todas as cargas que passavam por seu país para Bizâncio e para as terras muçulmanas. Eles também exerceram alguma influência cultural sobre os nórdicos, que, por todos os seus caminhos violentos, tinham uma vontade ingênua de aprender com as pessoas com quem entraram em contato. A extensão dessa influência é indicada pela adoção do título "Kagan" pelos primeiros governantes rus de Novgorod. Isso é confirmado por fontes bizantinas e árabes; por exemplo, Ibn Rusta, depois de descrever a ilha em que Novgorod foi construído, afirma: "Eles têm um rei chamado Kagan Rus". Além disso, Ibn Fadlan relata que o Kagan Rus tem um general que lidera o exército e o representa para o povo. Zeki Validi salientou que tal delegação do comando do exército era desconhecida entre o povo germânico do Norte, onde o rei deve ser o principal guerreiro; Validi conclui que a Rússia obviamente imitou o sistema cazar de governo gêmeo. Isso não é improvável, tendo em vista o fato de que os cazares eram as pessoas mais prósperas e culturalmente avançadas com quem os rus nos estágios iniciais de suas conquistas fizeram contato territorial. E esse contato deve ter sido bastante intenso, já que havia uma colônia de comerciantes russos em Itil — e também uma comunidade de judeus cazares em Kiev. É triste informar, neste contexto, que mais de mil anos depois dos acontecimentos em discussão, o regime soviético fez o seu melhor para apagar a memória do papel histórico e das conquistas culturais dos cazares. Em 12 de janeiro de 1952, o *The Times* publicou a seguinte notícia:

CULTURA RUSSA PRIMITIVA MENOSPRESZADA
HISTORIADOR SOVIÉTICO REPREENDIDO

Outro historiador soviético foi criticado pelo *Pravda* por menosprezar a cultura primitiva e o desenvolvimento do povo russo. Ele é o professor Artamonov, que, em uma sessão recente do Departamento de História e Filosofia da Academia de Ciências da URSS, repetiu uma teoria que ele havia apresentado em um livro em 1937 que a antiga cidade de Kiev devia muito aos povos cazares. Ele os retrata no papel de um povo avançado que foi vítima das aspirações agressivas dos russos. “Todas essas coisas”, diz *Pravda*, “não têm nada em comum com os fatos históricos. O reino cazar, que representava a fusão primitiva de diferentes tribos, não desempenhou qualquer papel positivo na criação da condição de Estado dos eslavos orientais. Fontes antigas testemunham que as formações estatais surgiram entre os eslavos do leste muito antes de qualquer registro dos cazares. O reino cazar, longe de promover o desenvolvimento do antigo Estado russo, retardou o progresso das tribos eslavas orientais. Os materiais obtidos por nossos arqueólogos indicam o alto nível de cultura na Rússia antiga. Somente desprezando a verdade histórica e negligenciando os fatos pode-se falar da superioridade da cultura cazar. A idealização do reino cazar reflete uma sobrevivência manifesta das visões defeituosas dos historiadores burgueses que menosprezaram o desenvolvimento indígena do povo russo. O equívoco desse conceito é evidente. Tal concepção não pode ser aceita pela historiografia soviética.” Artamonov, a quem citei frequentemente, publicou (além de numerosos artigos em revistas científicas) seu primeiro livro, que tratava da história inicial dos cazares, em 1937. Sua magnum opus, *History of the Khazars*, estava aparentemente em preparação quando o *Pravda* atacou. Como resultado, o livro foi publicado apenas dez anos depois — 1962 — carregando uma retratação em sua seção final, que equivalia a uma negação de tudo o que aconteceu antes — e, de fato, da obra de vida do autor. Nas passagens relevantes lê-se:

O reino cazar se desintegrou e caiu em pedaços, dos quais a maioria se fundiu com outros povos relacionados, e a minoria, estabelecendo-se em Itil, perdeu sua nacionalidade e se transformou em uma classe parasita com uma coloração judaica. Os russos nunca evitaram as conquistas culturais do Oriente... Mas dos Itil Khazars os russos não levaram nada. Assim, também pelo caminho, o militante judaísmo cazar foi tratado por outros povos ligados a ele: os magiares, búlgaros, pechenegues, alanos e polovtsianos.... A necessidade de lutar com os exploradores de Itil estimulou a unificação do Ghuzz e dos eslavos em torno do trono de ouro de Kiev, e essa unidade, por sua vez, criou a possibilidade e a perspectiva de um crescimento violento não apenas do sistema estatal russo, mas também da antiga cultura russa. Essa cultura sempre foi original e nunca dependeu da influência cazar. Aqueles elementos orientais insignificantes na cultura rus que foram passados para baixo pelo Khazars e que se tem geralmente na mente ao tratar dos problemas dos laços da cultura entre o Rus e o Khazars, não penetraram no coração da cultura russian, mas permaneceram na superfície e eram da curta duração e do significado pequeno. Eles não oferecem nenhuma base para apontar um período “Cazar” na história da cultura russa.

Os ditames da linha do Partido completaram o processo de obliteração que começou com a inundação dos restos mortais de Sarkel.

O comércio intenso e os intercâmbios culturais não impediram que os rus gradualmente comessem seu caminho para

¹Muito grosseiramente, 830-930.

o Império Cazar, apropriando-se de seus súditos e vassallos eslavos. Segundo a Crônica Primária Russa, por volta de 859 — ou seja, cerca de vinte e cinco anos após a construção de Sarkel — o tributo dos povos eslavos foi “dividido entre os cazares e os varangianos de além do Mar Báltico”. Os varangianos cobravam tributo sobre “Chuds”, “Krivichians”, etc. — ou seja, o povo eslavo mais ao norte — enquanto os cazares continuavam a cobrar tributo sobre os Viatichi, os Seviane e, o mais importante de tudo, o Polyane na região central de Kiev. Mas não por muito tempo. Três anos depois, se pudermos confiar no namoro (na Crônica Russa), a principal cidade de Kiev no Dnieper, anteriormente sob suserania cazar, passou para as mãos de Rus. Isso era para provar um evento decisivo na história da Rússia, embora aparentemente tenha acontecido sem uma luta armada. De acordo com a Crônica, Novgorod era na época governado pelo (semilegendário) Príncipe Rurik (Hrörekr), que detinha sob seu domínio todos os assentamentos vikings, o eslavo do norte e alguns finlandeses. Dois dos homens de Rurik, Oskold e Dir, ao descer o Dnieper, viram um lugar fortificado em uma montanha, cuja visão eles gostaram; e foram informados de que esta era a cidade de Kiev e que ela “prestava homenagem aos cazares”. Os dois se estabeleceram na cidade com suas famílias, “reuniram muitos nórdicos e governaram os eslavos vizinhos, assim como Rurik governou Novgorod. Cerca de vinte anos depois, o filho de Rurik, Oleg [Helgi], desceu e matou Oskold e Dir e anexou Kiev ao seu domínio.” Kiev logo ofuscou Novgorod em importância: tornou-se a capital dos varangianos e “a mãe das cidades russas”; enquanto o principado que tomou seu nome se tornou o berço do primeiro estado russo. A carta de José, escrita cerca de um século após a ocupação rus de Kiev, não a menciona mais em sua lista de posses cazares. Mas as influentes comunidades cazar-judaicas sobreviveram tanto na cidade como na província de Kiev, e após a destruição final do seu país foram reforçadas por um grande número de emigrantes cazares. A Crônica Russa continua se referindo a heróis vindos de *Zemlya Zhidovskaya*, “o país dos judeus”; e o “Portão dos Cazares” em Kiev manteve viva a memória de seus antigos governantes até os tempos modernos.

Avançamos agora para a segunda metade do século IX e, antes de continuar com o conto da expansão russa, devemos voltar nossa atenção para alguns desenvolvimentos vitais entre o povo das estepes, particularmente os magiares. Estes eventos foram paralelos com a ascensão do poder Rus e tiveram um impacto direto sobre os cazares — e no mapa da Europa. Os magiares eram aliados dos cazares, e aparentemente vassallos dispostos, desde o início do Império Cazar. “O problema de sua origem e as primeiras andanças há muito confundem os estudiosos”, escreveu Macartney;⁷⁹ em outros lugares, ele o chama de “um dos enigmas históricos mais sombrios”.⁸⁰ Sobre a sua origem, tudo o que sabemos com certeza é que os magiares estavam relacionados com os finlandeses, e que a sua língua pertence à chamada família linguística fino-ugriana, juntamente com a dos povos Vogul e Ostyak que vivem nas regiões florestais dos Urais do norte. Assim, eles eram originalmente não relacionados com as nações eslavas e turcas das estepes em cujo meio eles vieram a viver — uma curiosidade étnica, que eles ainda são até hoje. A Hungria moderna, ao contrário de outras nações pequenas, não tem laços linguísticos com seus vizinhos; os magiares permaneceram um enclave étnico na Europa, com os finlandeses distantes como seus únicos primos. Em uma data desconhecida durante os primeiros séculos da era cristã, esta tribo nômade foi expulsa de seu antigo habitat nos Urais e migrou para o sul através das estepes, eventualmente estabelecendo-se na região entre os rios Don e Kuban. Tornaram-se assim vizinhos dos cazares, mesmo antes da ascensão deste último à proeminência. Por um tempo, eles fizeram parte de uma federação de povos seminômades, os Onogurs (“As Dez Flechas” ou dez tribos); acredita-se que o nome “húngaro” é uma versão eslava dessa palavra;⁸¹ enquanto “Magyar” é o nome pelo qual eles se chamam desde tempos imemoriais. De meados do século VII ao final do século IX foram, como já foi dito, súditos do Império Cazar. É um facto notável que, durante todo este período, enquanto outras tribos estiveram envolvidas num jogo assassino de cadeiras musicais, não temos registo de um único conflito armado entre Cazares e Magiares, enquanto cada uma das duas esteve envolvida, de uma vez ou de outra, em guerras com os seus vizinhos imediatos ou distantes: Volga Búlgaros, Danúbio Búlgaros, Ghuzz, Pechenegs, etc. — para além dos Árabes e da Rússia. Parafraseando a Crônica Russa e fontes árabes, Toynbee escreve que durante todo esse período os magiares “tomaram o tributo”, em nome dos cazares, dos povos eslavos e finlandeses na Zona da Terra Negra ao norte do próprio domínio dos magiares da Estepe, e na zona florestal ao norte disso. A evidência para o uso do nome Magyar até esta data é a sua sobrevivência em uma série de nomes de lugares nesta região do norte da Rússia. Esses nomes de lugares presumivelmente marcam os locais das antigas guarnições e postos avançados Magyar.⁸² Assim, os magiares dominaram seus vizinhos eslavos, e Toynbee conclui que, ao cobrar o tributo, “os cazares estavam usando os magiares como seus agentes, embora sem dúvida os magiares tornaram esta agência lucrativa para si também”.⁸³ A chegada da Rússia mudou radicalmente esse estado de coisas lucrativo. Na época em que Sarkel foi construído, houve um movimento conspícuo dos magiares através do Don para sua margem oeste. De cerca de 830 em diante, a maior parte da nação foi reassentada na região entre o Don e o Dnieper, mais tarde chamada Lebedia. A razão para esse movimento tem sido muito debatida entre os historiadores; a explicação de Toynbee é tanto a mais recente quanto a mais plausível:

Podemos ... inferir que os magiares estavam ocupando a estepe a oeste do Don com permissão de seus suzerains cazares.... Uma vez que o país das estepes pertencia anteriormente aos cazares e que os magiares eram aliados subordinados dos cazares, podemos concluir que os magiares não se estabeleceram neste território cazar contra a vontade dos cazares.... De fato, podemos concluir que os cazares não apenas permitiram que os magiares se estabelecessem a oeste do Don, mas realmente os plantaram lá para servir aos próprios propósitos dos cazares. A realocação de povos sujeitos por razões estratégicas era um dispositivo que havia sido praticado por construtores de

impérios nômades anteriores.... Neste novo local, os magiares poderiam ajudar os cazares a verificar o avanço sudeste e sul do azulejo Rhos. O plantio dos magiares a oeste do Don terá sido tudo uma peça com a construção da fortaleza de Sarkel na margem leste do telha Don.⁸⁴

Este arranjo funcionou bem o suficiente por quase meio século. Durante este período, a relação entre magiares e cazares tornou-se ainda mais próxima, culminando em dois eventos que deixaram marcas duradouras na nação húngara. Primeiro, os cazares lhes deram um rei, que fundou a primeira dinastia magiar; e, segundo, várias tribos cazares se juntaram aos magiares e transformaram profundamente seu caráter étnico. O primeiro episódio é descrito por Constantino em *De Administrando* (por volta de 950), e é confirmado pelo fato de que os nomes que ele menciona aparecem de forma independente na primeira Crônica Húngara (século XI). Constantino nos diz que antes de os cazares intervirem nos assuntos internos das tribos magiares, estes não tinham rei supremo, apenas chefes tribais; o mais proeminente deles foi chamado Lebeias (após o qual Lebedeia foi mais tarde nomeado):

E os magiares consistiam em sete hordas, mas naquela época eles não tinham governante, nativo ou estrangeiro, mas havia certos chefes entre eles, dos quais o principal chefe era o Lebeias acima mencionado.... E o governador de Cazária, Cagã, por causa do seu valor e da sua assistência militar, deu ao seu primeiro chefe, o homem chamado Lebedeu, mulher nobre de Cazar, por mulher, para que desse à luz filhos dela; mas Lebedeu, porventura, não teve família alguma daquela mulher cazar.

Outra aliança dinástica que havia falhado. Mas o Kagan estava determinado a fortalecer os laços que ligavam Lebedias e suas tribos ao reino cazar;

Depois de um pouco de tempo, o Kagan, o governante de Khazaria, disse aos magiares ... para enviar a ele seu primeiro chefe. Então Lebeias, vindo diante do Kagan de Cazária, perguntou-lhe a razão pela qual ele tinha enviado para ele. E o Kagan disse-lhe: Nós te enviamos por esta razão: que, desde que você é bem-nascido e sábio e corajoso e o primeiro dos Magiares, podemos promovê-lo para ser o governante de sua raça, e que você pode estar sujeito às nossas leis e ordens.

Mas Lebeias parece ter sido um homem orgulhoso; ele recusou, com expressões apropriadas de gratidão, a oferta de se tornar um rei fantoche, e propôs que a honra deveria ser concedida a um companheiro chefe chamado Almus, ou ao filho de Almus, Arpad. Assim, o Kagan, "satisfeito com este discurso", enviou Lebedias com uma escolta adequada de volta para o seu povo, e eles escolheram Arpad para ser seu rei. A cerimônia da instalação de Arpad ocorreu "após o costume e uso dos cazares, levantando-o em seus escudos. Mas antes deste Arpad os magiares nunca teve qualquer outro governante; por isso, o governante da Hungria é extraído de sua raça até hoje." "Este dia" em que Constantino escreveu foi por volta de 950, ou seja, um século após o evento. Arpad de fato liderou seus magiares na conquista da Hungria; sua dinastia reinou até 1301, e seu nome é um dos primeiros que os estudantes húngaros aprendem. Os Cazares tinham os dedos em muitas tortas históricas.

O segundo episódio parece ter tido uma influência ainda mais profunda no caráter nacional húngaro. Em alguma data não especificada, Constantino nos diz,⁸⁵ houve uma rebelião (*apostasia*) de parte da nação cazar contra seus governantes. Os insurgentes consistiam em três tribos, "que eram chamadas de Kavars [ou Kabars], e que eram da própria raça dos Cazares. O governo prevaleceu; alguns dos rebeldes foram massacrados e alguns fugiram do país e se estabeleceram com os magiares, e eles fizeram amizade uns com os outros. Eles também ensinaram a língua dos cazares aos magiares, e até hoje eles falam o mesmo dialeto, mas eles também falam a outra língua dos magiares. E porque eles se provaram mais eficientes nas guerras e a mais viril das oito tribos [isto é, as sete tribos magiares originais mais os Cabares], e líderes na guerra, eles foram eleitos para ser a primeira horda, e há um líder entre eles, que está nas [originalmente] três hordas dos Kavars, que existe até hoje." Para pontuar seus i 's, Constantino começa seu próximo capítulo com uma lista "das hordas de Kavars e Magiares. Primeiro é o que rompeu com os cazares, esta horda acima mencionada dos cavares.", etc.⁸⁶ A horda ou tribo que realmente se chama "Magyar" vem apenas em terceiro lugar. Parece que os magiares receberam — metaforicamente e talvez literalmente — uma transfusão de sangue dos cazares. Isso os afetou de várias maneiras. Em primeiro lugar, para nossa surpresa, aprendemos que, pelo menos até meados do século X, as línguas magiar e cazar foram faladas na Hungria. Várias autoridades modernas comentaram esse fato singular. Assim, Bury escreveu: "O resultado desta língua dupla é o caráter misto da língua húngara moderna, que forneceu argumento especulativo para as duas opiniões opostas quanto às afinidades étnicas dos magiares".⁸⁷ Toynbee⁸⁸ observa que, embora os húngaros deixaram de ser bilíngüe há muito tempo, eles estavam assim no início de seu estado, como testemunhado por algumas duzentas palavras de empréstimo do velho dialeto Chuvash do turco que os cazares falaram (ver acima, Capítulo I, 3). Os magiares, como os rus, também adotaram uma forma modificada da dupla monarquia cazar. Assim, Gardezi: "... Seu líder cavalga com 20000 cavaleiros; eles o chamam de Kanda [Húngaro:

Kende] e este é o título de seu rei maior, mas o título da pessoa que efetivamente os governa é Jula. E os magiares fazem o que seus comandos Jula mandam." Há razões para crer que os primeiros Julas da Hungria foram os Cabares.⁸⁹ Há também algumas evidências que indicam que entre as tribos dissidentes de Cabar, que *de fato* assumiram a liderança das tribos magiares, havia judeus ou adeptos de "uma religião judaizante".⁹⁰ Parece bem possível — como Artamonov e Bartha sugeriram⁹¹ — que a "*apostasia*" de Cabar estivesse de alguma forma conectada com, ou uma reação contra, as reformas religiosas iniciadas pelo rei Obadias. Lei rabínica, regras alimentares rigorosas, casuística talmúdica pode ter

ido muito contra o grão desses guerreiros de estepe em armadura brilhante. Se professavam “uma religião judaizante”, devia estar mais próxima da fé dos antigos hebreus do deserto do que da ortodoxia rabínica. Eles podem até ter sido seguidores da seita fundamentalista de karaítas, e, portanto, considerados hereges. Mas isso é pura especulação.

A estreita cooperação entre cazares e magiares chegou ao fim quando este último, AD 896, disse adeus às estepes da Eurásia, atravessou a cordilheira dos Cárpatos, e conquistou o território que se tornaria seu habitat duradouro. As circunstâncias dessa migração são novamente controversas, mas pode-se pelo menos entender seus contornos amplos. Durante as décadas finais do século IX, mais um jogador rude se juntou ao jogo nômade de cadeiras musicais: os pechenegues.¹ O pouco que sabemos sobre esta tribo turca é resumido na descrição de Constantino sobre eles como um lote insaciavelmente ganancioso de bárbaros que por bom dinheiro podem ser comprados para lutar contra outros bárbaros e os Rus. Eles viviam entre os rios Volga e Ural sob suserania cazar; de acordo com Ibn Rusta,² os cazares os “invadiam todos os anos” para coletar o tributo devido a eles. Perto do final do século IX uma catástrofe (de uma natureza não incomum) aconteceu aos pechenegues: eles foram despejados de seu país por seus vizinhos orientais. Esses vizinhos não eram outro senão o Ghuzz (ou Oguz) de quem Ibn Fadlan tanto não gostava — um dos inesgotáveis números de tribos turcas que, de tempos em tempos, se soltavam de suas amarras centro-asiáticas e se afastavam para o oeste. Os pechenegues deslocados tentaram se estabelecer em Cazária, mas os cazares os espancaram.² Os pechenegues continuaram sua caminhada para o oeste, atravessaram o Don e invadiram o território dos magiares. Os magiares, por sua vez, foram forçados a recuar mais a oeste na região entre os rios Dnieper e Sereth. Chamaram a esta região *Etel-Köz*, “a terra entre os rios”. Eles parecem ter se estabelecido lá em 889; mas em 896 os pechenegues atacaram novamente, aliados aos búlgaros do Danúbio, após o que os magiares se retiraram para a Hungria atual. Esta, em linhas gerais, é a história da saída dos magiares das estepes orientais, e o fim da conexão Magyar-Khazar. Os detalhes são contestados; alguns historiadores⁹³ sustentam, com uma certa paixão, que os magiares sofreram apenas uma derrota, não duas, nas mãos dos pechenegues, e que *Etel-Köz* era apenas mais um nome para Lebedia, mas podemos deixar essas disputas para os especialistas. Mais intrigante é a aparente contradição entre a imagem dos magiares como poderosos guerreiros e sua ingloria retirada de habitats sucessivos. Assim, aprendemos com a Crônica de Hinkmar de Rheims⁹⁴ que, em 862, eles invadiram o Império Franco Rápido — a primeira das incursões selvagens que aterrorizariam a Europa durante o século seguinte. Ouvimos também falar de um terrível encontro que São Cirilo, o Apóstolo dos Eslavos, teve com uma horda magiar em 860, a caminho de Cazária. Ele estava fazendo suas orações quando eles correram para ele *luporum mais* ululantes — “uivando à maneira de lobos”. Sua santidade, no entanto, o protegeu do mal.⁹⁵ Outra crônica⁹⁶ menciona que os magiares e os cabares entraram em conflito com os francos em 881; e Constantino nos diz que, cerca de dez anos depois, os magiares “guerream contra Simeão (governante dos búlgaros do Danúbio) e o derrotaram profundamente, e chegaram até Preslav, e o fecharam na fortaleza chamada Mundraga, e voltaram para casa.”⁹⁷ Como conciliar todos esses feitos valentes com a série de retiradas do Don para a Hungria, que ocorreram no mesmo período? Parece que a resposta é indicada na passagem em Constantino imediatamente após o que acabamos de dizer:

“... Mas depois que Simeão, o Búlgaro, novamente fez as pazes com o imperador dos gregos e obteve segurança, ele enviou aos patzinaques e fez um acordo com eles para fazer guerra e aniquilar os magiares. E quando os magiares partiram em uma campanha, os patzinaques com Simeão vieram contra os magiares e aniquilaram completamente suas famílias, e expulsaram miseravelmente os magiares para guardar suas terras. Mas os magiares voltando, e encontrando seu país assim desolado e arruinado, mudou-se para o país ocupado por eles hoje [ou seja, Hungria].

Assim, a maior parte do exército estava “fora em uma campanha” quando suas terras e famílias foram atacadas; e para julgar pelas crônicas mencionadas acima, eles estavam “fora” invadindo países distantes com bastante frequência, deixando suas casas com pouca proteção. Eles podiam se dar ao luxo de se entregar a esse hábito arriscado, desde que tivessem apenas seus senhores cazares e as tribos eslavas pacíficas como seus vizinhos imediatos. Mas com o advento dos pechenegues famintos de terra, a situação mudou. O desastre descrito por Constantino pode ter sido apenas o último de uma série de incidentes semelhantes. Mas pode ter decidido que eles procurassem uma casa nova e mais segura além das montanhas, em um país que eles já conheciam de pelo menos duas incursões anteriores. Há outra consideração que fala a favor desta hipótese. Os magiares parecem ter adquirido o hábito de ataque apenas na segunda metade do século IX — na época em que receberam aquela transfusão crítica de sangue dos cazares. Pode ter sido uma bênção mista. Os Cabres, que eram “mais eficientes na guerra e mais viril”, tornaram-se, como vimos, a tribo líder, e infundiram seus exércitos com o espírito de aventura, que logo os transformaria no flagelo da Europa, como os hunos haviam sido anteriormente. Eles também ensinaram aos magiares “aquelas táticas muito peculiares e características empregadas desde tempos imemoriais por todas as nações turcas — hunos, ávaros, turcos, pechenegues, kumanos — e por nenhuma outra ... cavalaria leve usando os velhos dispositivos de voo simulado, de tiro enquanto fugia, de acusações repentinas com uivos temerosos e semelhantes a lobos”.⁹⁸ Esses métodos provaram ser assassinaamente eficazes durante os séculos

¹Ou “Paccinaks”, ou em húngaro, “Bescnyök”.

²Esta parece ser a interpretação plausível da afirmação de Constantino de que “o Ghuzz e o Khazars fizeram guerra aos Pecheisegs”. Cf. Bury, p. 424.]

IX e X, quando os invasores húngaros invadiram a Alemanha, os Balcãs, a Itália e até a França — mas não cortaram muito gelo contra os pechenegues, que usavam as mesmas táticas, e podiam uivar com a mesma força. Assim, indiretamente, pela lógica desonesta da história, os cazares foram fundamentais para o estabelecimento do estado húngaro, enquanto os próprios cazares desapareceram na névoa. Macartney, seguindo uma linha de pensamento semelhante, foi ainda mais longe ao enfatizar o papel decisivo desempenhado pela transfusão de Kabar:

A maior parte da nação magiar, os verdadeiros fino-urianos, comparativamente (embora não muito) pacíficos e sedentários agricultores, fizeram suas casas no país ondulado... a oeste do Danúbio. A planície do Alföld foi ocupada pela raça nômade de Cabares, verdadeiros turcos, pastores, cavaleiros e lutadores, a força motriz e o exército da nação. Esta era a corrida que nos dias de Constantino ainda ocupava o lugar de "primeira das hordas dos magiares". Foi, creio eu, principalmente esta raça de Kabars que invadiu os eslavos e russos da estepe; liderou a campanha contra os búlgaros em 895; em grande parte e por mais de meio século depois, foi o terror de metade da Europa.⁹⁹

E, no entanto, os húngaros conseguiram preservar sua identidade étnica. “O peso de sessenta anos de guerra inquieta e implacável caiu sobre os Cabares, cujas fileiras devem ter sido reduzidas por ele em uma extensão extraordinária. Enquanto isso, os verdadeiros magiares, vivendo em paz comparativa, aumentaram seus números.”¹⁰⁰ Eles também conseguiram, após o período bilíngue, preservar sua língua fino-úgrica original no meio de seus vizinhos eslavos e alemães — em contraste com os búlgaros do Danúbio, que perderam sua língua turca original, e agora falam um dialeto eslavo. No entanto, a influência kabar continuou a fazer-se sentir na Hungria, e mesmo depois de se terem separado pelas montanhas dos Cárpatos, a ligação cazar-magiar não foi completamente cortada. De acordo com Vasiliev,¹⁰¹ no século X, o duque Taksony convidou um número desconhecido de cazares para se estabelecer em seus domínios. Não é improvável que esses imigrantes contivessem uma proporção justa de judeus cazarianos. Podemos também supor que tanto os Cabares e os imigrantes posteriores trouxe com eles alguns de seus famosos artesãos, que ensinou os húngaros suas artes (ver acima, Capítulo I, 13). No processo de tomada de posse de sua casa nova e permanente, os magiares tiveram que expulsar seus antigos ocupantes, os búlgaros da Morávia e do Danúbio, que se mudaram para as regiões onde ainda vivem. Seus outros vizinhos eslavos também — os sérvios e croatas — já estavam mais ou menos *in situ*. Assim, como resultado da reação em cadeia que começou nos distantes Urais — Ghuzz perseguindo pechenegues, perseguindo magiares, perseguindo búlgaros e morávios, o mapa da moderna Europa Central estava começando a tomar forma. O caleidoscópio móvel estava se estabelecendo em um quebra-cabeças mais ou menos estável.

Podemos agora retomar a história da ascensão do Rus ao poder onde o deixamos — a anexação sem sangue de Kiev pelos homens de Rurik por volta de 862 d.C. Esta é também a data aproximada em que os magiares foram empurrados para o oeste pelos pechenegues, privando assim os cazares de proteção em seu flanco ocidental. Isso pode explicar por que o Rus poderia ganhar o controle de Kiev tão facilmente. Mas o enfraquecimento do poder militar cazar também expôs os bizantinos ao ataque dos rus. Perto da data em que os Rus se estabeleceram em Kiev, seus navios, navegando pelo Dnieper, atravessaram o Mar Negro e atacaram Constantinopla. Bury descreveu o evento com muito entusiasmo:

No mês de junho de 860, o imperador [Miguel III], com todas as suas forças, estava marchando contra os sarracenos. Ele provavelmente tinha ido longe quando recebeu as notícias incríveis, que o chamaram com toda a velocidade para Constantinopla. Um anfitrião russo atravessou o Euxine [Mar Negro] em duzentos barcos, entrou no Bósforo, saqueou os mosteiros e subúrbios em suas margens e invadiu a Ilha dos Príncipes. Os habitantes da cidade foram totalmente desmoralizados pelo repentino horror do perigo e sua própria impotência. As tropas (Tagmata) que geralmente estavam estacionadas no bairro da cidade estavam longe com o imperador ... e a frota estava ausente. Tendo causado destroços e ruínas nos subúrbios, os bárbaros se prepararam para atacar a cidade. Nesta crise ... o sábio Patriarca Fócio chegou à ocasião; assumiu a tarefa de restaurar a coragem moral de seus concidadãos.... Ele expressou o sentimento geral quando se debruçou sobre a incongruência de que a cidade imperial, “rainha de quase todo o mundo”, deveria ser ridicularizada por um bando de escravos [*sic*] uma multidão média e bárbara. Mas a população ficou talvez mais impressionada e consolada quando ele recorreu à magia eclesiástica que havia sido usada de forma eficaz em cercos anteriores. A veste preciosa da Virgem Mãe foi levada em procissão ao redor dos muros da cidade; e acreditava-se que ela estava mergulhada nas águas do mar com o propósito de levantar uma tempestade de vento. Nenhuma tempestade surgiu, mas logo depois os russos começaram a recuar, e talvez não houvesse muitos entre os cidadãos alegres que não imputaram seu alívio à intervenção direta da rainha do céu.¹⁰²

Podemos acrescentar, por uma questão de piquantismo, que o “Patriarca erudito”, Fócio, cuja eloquência salvou a cidade imperial, não era outro senão o “rosto cazar” que havia enviado São Cirilo em sua missão de proselitismo. Quanto à retirada da Rússia, foi causada pelo retorno apressado do exército e da frota gregos; mas o “rosto cazar” salvou a moral entre a população durante o período agonizante de espera. Toynbee também tem comentários interessantes a fazer sobre este episódio. Em 860, escreve ele, os russos “talvez tenham chegado mais perto de capturar Constantinopla do que alguma vez chegaram desde então”.¹⁰³ E ele também compartilha a opinião expressa por vários

historiadores russos, de que o ataque da flotilha Dnieper dos nórdicos orientais através do Mar Negro foi coordenado com o ataque simultâneo de uma frota viking ocidental, aproximando-se de Constantinopla através do Mediterrâneo e das Dardanelas:

Vasiliev e Paszkiewicz e Vernadsky são inclinados acreditar que as duas expedições navais que convergiram assim no mar de Marmara eram não somente simultâneas mas foram concertadas, e fazem mesmo uma suposição na identidade da mente do mestre que, em sua opinião, trabalhou para fora este plano estratégico na escala grande. Eles sugerem que Rurik de Novgorod era a mesma pessoa que Rorik da Jutlândia.¹⁰⁴

Isso faz com que se aprecie a estatura do adversário com quem os cazares tiveram que lutar. Tampouco a diplomacia bizantina demorou a apreciá-la — e a jogar o duplo jogo que a situação parecia exigir, alternando entre a guerra, quando não podia ser evitada, e a apaziguamento na esperança piedosa de que os russos acabariam se convertendo ao cristianismo e trazidos para o rebanho do Patriarcado Oriental. Quanto aos Khazars, eles eram um ativo importante por enquanto, e seriam vendidos na primeira oportunidade decente — ou indecente — que se oferecia

Durante os próximos duzentos anos, as relações bizantino-russas alternaram entre conflitos armados e tratados de amizade. Guerras foram travadas em 860 (cerco de Constantinopla), 907, 941, 944, 969-71; e tratados concluídos em 838-9, 861, 911, 945, 957, 971. Sobre o conteúdo desses acordos mais ou menos secretos sabemos pouco, mas mesmo o que sabemos mostra a complexidade desconcertante do jogo. Poucos anos depois do cerco de Constantinopla, o patriarca Fócio (ainda o mesmo) relata que a Rússia enviou embaixadores a Constantinopla e — de acordo com a fórmula bizantina para a proselitismo pressurizado — “pediu ao imperador o batismo cristão”. Como comenta Bury: “Não podemos dizer quais, ou quantos, dos assentamentos russos foram representados por esta embaixada, mas o objetivo deve ter sido oferecer emendas para a recente incursão, talvez para obter a libertação dos prisioneiros. É certo que alguns dos russos concordaram em adotar o cristianismo ... mas a semente não caiu em terreno muito fértil. Por mais de cem anos, não ouvimos mais falar do cristianismo dos russos. O tratado, no entanto, que foi celebrado entre 860 e 866, provavelmente levou a outras consequências.”¹⁰⁵ Entre essas consequências estava o recrutamento de marinheiros escandinavos para a frota bizantina — em 902 havia setecentos deles. Outro acontecimento foi a famosa “Guarda Varangiana”, um corpo de elite de rus e outros mercenários nórdicos, incluindo até ingleses. Nos tratados de 945 e 971, os governantes russos do Principado de Kiev se comprometeram a fornecer ao imperador bizantino tropas a pedido.¹⁰⁶ Nos dias de Constantino potphyrogenitus, ou seja, meados do século X, as frotas rus no Bósforo eram uma visão habitual; eles não mais caíam para colocar cerco em Constantinopla, mas para vender seus produtos. O comércio foi meticulosamente bem regulamentado (exceto quando os confrontos armados intervieram): de acordo com a Crônica Russa, foi acordado nos tratados de 907 e 911 que os visitantes da Rus deveriam entrar em Constantinopla através de um portão da cidade apenas, e não mais magro cinquenta de cada vez, escoltado por funcionários; que eles deveriam receber durante sua estadia na cidade tanto grão quanto necessário e também até seis meses de fornecimento de outras provisões, em entregas mensais, incluindo pão, vinho, carne, peixe, frutas e instalações balneares (se necessário). Para garantir que todas as transações sejam agradáveis e adequadas, as transações no mercado negro em moeda foram punidas com a amputação de uma mão. Nem os esforços de proselitismo foram negligenciados, como o meio final para alcançar a coexistência pacífica com os russos cada vez mais poderosos. Mas foi difícil. De acordo com a Crônica Russa, quando Oleg, regente de Kiev, concluiu o tratado de 911 com os bizantinos, “os imperadores Leão e Alexandre [governantes conjuntos], depois de concordarem com o tributo e se ligarem mutuamente por juramento, beijaram a cruz e convidaram Oleg e seus homens a fazerem um juramento da mesma forma. De acordo com a religião dos rus, este último jurou por suas armas e por seu deus Perun, bem como por Volos, o deus do gado, e assim confirmou o tratado.”¹⁰⁷ Quase meio século e várias batalhas e tratados mais tarde, a vitória para a Santa Igreja parecia à vista: em 957, a princesa Olga de Kiev (viúva do príncipe Igor) foi batizada por ocasião de sua visita de estado a Constantinopla (a menos que ela já tivesse sido batizada uma vez antes de sua partida — o que novamente é controverso). Os vários banquetes e festividades em honra de Olga são descritos em detalhes em *De Caerimonus*, embora não nos seja dito como a senhora reagiu à Disneylândia de brinquedos mecânicos exibidos na sala do trono imperial — por exemplo, aos leões de pelúcia que emitiram um rugido mecânico temível. (Outro convidado ilustre, Bispo Liutprand, registrou que ele foi capaz de manter seu sang-froid apenas porque ele foi avisado das surpresas reservadas para os visitantes.) A ocasião deve ter sido uma grande dor de cabeça para o mestre de cerimônias (que era o próprio Constantino), porque não apenas Olga era uma soberana, mas seu séquito também era feminino; os diplomatas e conselheiros do sexo masculino, oitenta e dois deles, “marcharam com autoesforço na retaguarda da delegação russa”.¹⁰⁸¹ Pouco antes do banquete houve um pequeno incidente, simbólico da natureza delicada das relações russo-bizantinas. Quando as damas da corte bizantina entraram, elas caíram de frente para a família imperial, conforme o protocolo exigido. Olga permaneceu de pé “mas percebeu-se, com satisfação, que ela inclinou ligeiramente, se perceptivelmente, a cabeça. Ela foi colocada em seu lugar por estar sentada, como os convidados do estado muçulmano, em uma mesa separada.”¹⁰⁹ A Crônica Russa tem uma versão diferente e ricamente bordada desta visita de estado. Quando o delicado assunto do batismo foi levantado, Olga disse a Constantino “que se ele quisesse batizá-la, ele mesmo deveria desempenhar essa função; caso contrário, ela não

¹Nove parentes de Olga, vinte diplomatas, quarenta e três conselheiros comerciais, um padre, dois intérpretes, seis servos dos diplomatas e o intérprete especial de Olga.

estava disposta a aceitar o batismo”. O imperador concordou, e pediu ao patriarca para instruí-la na fé.

O Patriarca instruiu-a na oração e no jejum, na esmola e na manutenção da castidade. Ela inclinou a cabeça e, como uma esponja absorvendo água, ela ansiosamente bebeu em seus ensinamentos.... Após seu batismo, o imperador convocou Olga e fez saber a ela que ele desejava que ela se tornasse sua esposa. Mas ela respondeu: “Como você pode se casar comigo, depois de me batizar e me chamar de sua filha? Pois entre os cristãos isso é ilegal, como você mesmo deve saber.” Então o Imperador disse: "Olga, você me enganou."¹¹⁰

Quando ela voltou para Kiev, Constantino "enviou uma mensagem para ela, dizendo: ‘Enquanto eu concedia muitas gifis a você, você me prometeu que, ao retornar a Ros, você me enviaria muitos presentes de escravos, cera e peles e despachos de soldados para me ajudar.’ Olga respondeu aos enviados que, se o imperador passasse tanto tempo com ela no Pochayna quanto ela havia permanecido no Bósforo, ela atenderia ao seu pedido. Com essas palavras, ela dispensou os enviados.”¹¹¹ Esta Olga-Helga deve ter sido uma formidável Amazônia escandinava. Ela era, como já mencionado, a viúva do príncipe Igor, supostamente o filho de Rurik, a quem a Crônica Russa descreve como um governante ganancioso, tolo e sádico. Em 941, ele atacou os bizantinos com uma grande frota, e “das pessoas que eles capturaram, alguns eles massacraram, outros eles estabeleceram como alvos e atiraram, alguns eles agarraram, e depois de amarrar as mãos atrás das costas, eles enfiaram pregos de ferro em suas cabeças. Muitas igrejas sagradas deram às chamas.”¹¹² No final, eles foram derrotados pela frota bizantina, jorrando fogo grego através de tubos montados nas protuberâncias de seus navios. "Ao ver as chamas, os russos se lançaram na água do mar, mas os sobreviventes voltaram para casa [onde] relataram que os gregos tinham em sua posse o relâmpago do céu e os incendiaram derramando-o, para que os russos não pudessem conquistá-los."¹ Este episódio foi seguido por outro tratado de amizade quatro anos depois. Como uma nação predominantemente marítima, os Rus ficaram ainda mais impressionados com o fogo grego do que outros que atacaram Bizâncio, e o "relâmpago do céu" foi um forte argumento a favor da Igreja grega. No entanto, eles ainda não estavam prontos para a conversão. Quando Igor foi morto em 945 pelos Derevlianos, um povo eslavo sobre o qual ele havia imposto um tributo exorbitante, a viúva Olga tornou-se regente de Kiev. Ela começou seu reinado se vingando dos Derevlianos: primeiro, uma missão de paz de Derevliano foi enterrada viva; depois uma delegação de notáveis foi trancada em uma casa de banho e queimada viva; isto foi seguido por outro massacre, e por último, a cidade principal dos Derevlianos foi incendiada. A sede de sangue de Olga parecia verdadeiramente insaciável até seu batismo. Daquele dia em diante, nos informa a Crônica, ela se tornou “a precursora da Rússia cristã, assim como o amanhecer precede o sol, e como o amanhecer precede o dia. Pois ela brilhava como a lua à noite, e estava radiante entre os infiéis como uma pérola na lama.” No devido tempo, ela foi canonizada como a primeira santa russa da Igreja Ortodoxa.

No entanto, apesar da grande pendência sobre o batismo de Olga e sua visita de estado a Constantino, esta não foi a última palavra no diálogo tempestuoso entre a Igreja grega e os russos. Pois o filho de Olga, Svyatoslav, revertido ao paganismo, recusou-se a ouvir as súplicas de sua mãe, “reuniu um exército numeroso e valente e, pisando luz como um leopardo, empreendeu muitas campanhas”¹¹³ entre elas uma guerra contra os cazares e outra contra os bizantinos. Foi somente em 988, no reinado de seu filho, São Vladimir, que a dinastia dominante dos russos definitivamente adotou a fé da Igreja Ortodoxa Grega — aproximadamente ao mesmo tempo em que os húngaros, poloneses e escandinavos, incluindo os islandeses distantes, se converteram à Igreja latina de Roma. As linhas gerais das divisões religiosas duradouras do mundo estavam começando a tomar forma; e neste processo os Khazars judaicos estavam se tornando um anacronismo. A crescente aproximação entre Constantinopla e Kiev, apesar de seus altos e baixos, fez com que a importância de Itil diminuísse gradualmente; e a presença dos cazares contra as rotas comerciais rus-bizantinas, cobrando seu imposto de 10% sobre o fluxo crescente de mercadorias, tornou-se irritante tanto para o tesouro bizantino quanto para os mercadores guerreiros russos. Sintomática da mudança de atitude bizantina para com seus antigos aliados foi a rendição de Cherson aos russos. Durante vários séculos, os bizantinos e os cazares estavam brigando e, ocasionalmente, brigando por posse daquele importante porto da Crimeia; mas quando Vladimir ocupou Cherson em 987, os bizantinos nem protestaram; pois, como disse Bury, “o sacrifício não era um preço muito caro para a paz e a amizade perpétuas com o estado russo, tornando-se então uma grande potência”.¹¹⁴ O sacrifício de Cherson pode ter sido justificado; mas o sacrifício da aliança cazar acabou por ser, a longo prazo, uma política míope.

¹Toynbee não hesita em chamar esta famosa arma secreta dos gregos "napalm". Era um produto químico de composição desconhecida, talvez uma fração de petróleo destilada, que se inflamava espontaneamente em contato com a água e não podia ser eliminada pela água.

IV CAIR

Ao discutir as relações russo-bizantinas nos séculos IX e X, pude citar longamente duas fontes detalhadas: *De Administrando* de Constantino e a Crônica Russa Primária. Mas sobre o confronto russo-cazar durante o mesmo período — para o qual agora nos voltamos — não temos material de origem comparável; os arquivos de Itil, se alguma vez existiram, foram com o vento e, para a história dos últimos cem anos do Império Cazar, devemos recuar novamente nas dicas desarticuladas e casuais encontradas em várias crônicas e geografias árabes. O período em questão se estende de cerca de 862 — a ocupação russa de Kiev — a *cerca de* 965 — a destruição de Itil por Svyatoslav. Após a perda de Kiev e a retirada dos magiares para a Hungria, as antigas dependências ocidentais do Império Cazar (exceto partes da Crimeia) não estavam mais sob o controle dos Kagan; e o príncipe de Kiev poderia, sem impedimentos, dirigir-se às tribos eslavas na bacia de Dnieper com o grito: "Não pague nada aos cazares!"¹¹⁵ Os cazares podem estar dispostos a concordar com a perda de sua hegemonia no oeste, mas, ao mesmo tempo, houve também uma crescente invasão pelos rus no leste, no baixo do Volga e nas regiões ao redor do Cáspio. Essas terras muçulmanas que faziam fronteira com a metade sul do "Mar Cazar" — Azerbaijão, Jilan, Shirwan, Tabaristão, Jurjan — eram alvos tentadores para as frotas vikings, tanto como objetos de pilhagem quanto como postos comerciais para o comércio com o Califado Muçulmano. Mas as aproximações para o Cáspio, passando por Itil através do delta do Volga, eram controladas pelos cazares — como as aproximações para o Mar Negro tinham sido enquanto eles ainda estavam segurando Kiev. E "controle" significava que a Rus tinha que solicitar permissão para cada flotilha passar, e pagar os 10 por cento alfândega devido — um duplo insulto ao orgulho e bolso. Por algum tempo houve um *modus vivendi* precário. As flotilhas rus pagaram o que lhes era devido, navegaram para o Mar Cazar e negociaram com as pessoas ao seu redor. Mas o comércio, como vimos, frequentemente se tornou um sinônimo de saque. Entre 864 e 884,¹¹⁶ uma expedição russa atacou o porto de Abaskun, no Tabaristão. Eles foram derrotados, mas em 910 eles retornaram, saquearam a cidade e o campo e levaram um número de prisioneiros muçulmanos para serem vendidos como escravos. Para os cazares, isto deve ter sido um grave embaraço, devido às suas relações amigáveis com o Califado, e também devido ao regimento de crack dos mercenários muçulmanos no seu exército permanente. Três anos mais tarde — AD 913 — assuntos vieram a uma cabeça em um confronto armado que terminou em um banho de sangue. Este grande incidente — já mencionado brevemente (Capítulo III, 3) foi descrito em detalhes por Masudi, enquanto a Crônica Russa passa em silêncio. Masudi nos diz que "algum tempo depois do ano da Hegira 300 [AD 912-913] uma frota russa de 500 navios, cada um tripulado por 100 pessoas" estava se aproximando do território cazar:

Quando os navios do Rus vieram aos Khazars afixados na boca do strait ... emitiram uma letra ao rei de Khazar, pedindo para ser permitido passar através de seu país e descer seu rio, e assim entrar no mar dos Khazars ... na condição que lhe dessem a metade do que puderam fazer exame no saque dos povos da marinha costeira. Ele concedeu-lhes permissão e eles ... desceram o rio para a cidade de Itil e passando, saiu no estuário do rio, onde se junta ao Mar Cazar. Do estuário até a cidade de Itil o rio é muito grande e suas águas abundantes. Os navios da Rus se espalharam pelo mar. Os seus grupos de ataque foram dirigidos contra Jilan, Jurjan, Tabaristão, Abaskun na costa de Jurjan, o país nafta [Baku] e a região do Azerbaijão.... O Rus derramou sangue, destruiu as mulheres e crianças, tomou espólio e invadiu e queimou em todas as direções....^{2a}

Eles até saquearam a cidade de Ardabil — em três dias de viagem para o interior. Quando as pessoas se recuperaram do choque e pegaram em armas, os Rus, de acordo com a sua estratégia clássica, retiraram-se da costa para as ilhas perto de Baku. Os nativos, usando pequenos barcos e navios mercantes, tentaram desalojá-los.

Mas os Rus se voltaram contra eles e milhares de muçulmanos foram mortos ou afogados. O Rus continuou muitos meses neste mar.... Depois de terem recolhido espólio suficiente e cansado do que eram, eles começaram a ir para a foz do rio Cazar, informando o rei dos cazares, e transmitindo-lhe espólio rico, de acordo com as condições que ele tinha fixado com eles.... A Arsiyah [os mercenários muçulmanos no exército cazar] e outros muçulmanos que viviam em Cazária souberam da situação da Rússia e disseram ao rei dos cazares: deixem-nos lidar com essas pessoas. Eles invadiram as terras dos muçulmanos, nossos irmãos, e derramaram sangue e escravizaram mulheres e crianças. E ele não podia ganhá-los. Então ele mandou chamar os Rus, informando-os da determinação dos muçulmanos em combatê-los. Os muçulmanos [de Khazaria] se reuniram e saíram para encontrar a Rus, procedendo a jusante [em terra, de Itil ao estuário do Volga]. Quando os dois exércitos se aproximaram um do outro, os rus desembarcaram e se prepararam em ordem de batalha contra os muçulmanos, com os quais havia um número de cristãos vivendo em Itil, de modo que eram cerca de 15.000 homens, com cavalos e equipamentos. A luta continuou por três dias. Deus ajudou os muçulmanos contra eles. Os Rus foram mortos. Alguns foram mortos e outros foram afogados. dos mortos pelos muçulmanos nas margens do rio Cazar lá foram contados cerca de 3000....^{2b}

Cinco mil dos Rus escaparam, mas estes também foram mortos, pelos Burtas e pelos Búlgaros. Este é o relato de Masudi desta desastrosa incursão russa no Cáspio em 912-13. É, naturalmente, tendencioso. O governante cazar sai dele como um patife traidor que age, primeiro como cúmplice passivo dos saqueadores rus, depois autoriza o ataque contra eles, mas simultaneamente os informa da emboscada preparada pelos “muçulmanos” sob seu próprio comando. Mesmo dos búlgaros, Masudi diz que “eles são muçulmanos” — embora Ibn Fadlan, visitando os búlgaros dez anos depois, os descreva como ainda longe de serem convertidos. Mas, embora colorido pelo preconceito religioso, o relato de Masudi fornece um vislumbre do dilema ou de vários dilemas — confrontando a liderança cazar. Eles podem não ter ficado indevidamente preocupados com os infortúnios sofridos pelas pessoas nas margens do Mar Cáspio; não era uma idade sentimental. Mas e se o predador Rus, depois de ganhar o controle de Kiev e do Dnieper, fosse estabelecer uma posição no Volga? Além disso, outro ataque Rus ao Cáspio poderia derrubar a ira do Califado — não sobre os próprios Rus, que estavam fora de seu alcance, mas sobre os inocentes — bem, quase inocentes — Cazares. As relações com o Califado eram pacíficas, mas ainda assim precárias, como indica um incidente relatado por Ibn Fadlan. O ataque Rus descrito por Masudi ocorreu em 912-13; a missão de Ibn Fadlan ao Búlgaro em 921-2. Seu relato do incidente em questão é o seguinte:¹¹⁷

Os muçulmanos nesta cidade [Itil] têm uma mesquita catedral onde rezam e frequentam às sextas-feiras. Ele tem um alto minarete e vários muezzins [clamores que pedem oração do minarete]. Quando o rei dos cazares foi informado em 310 d.C. [922 d.C.] que os muçulmanos haviam destruído a sinagoga que estava em Dar al-Babunaj [lugar não identificado em território muçulmano], ele deu ordens para destruir o minarete e matou os muezzins. E ele disse: “Se eu não tivesse temido que não deixasse uma sinagoga nas terras do Islã, mas fosse destruída, eu também teria destruído a mesquita”.

O episódio testemunha um sentimento agradável para a estratégia de dissuasão mútua e os perigos da escalada. Também mostra mais uma vez que os governantes cazares se sentiram emocionalmente comprometidos com o destino dos judeus em outras partes do mundo.

O relato de Masudi sobre a incursão da Rus 912-13 no Cáspio termina com as palavras: “Não houve repetição por parte da Rus do que descrevemos desde aquele ano”. Como coincidências, Masudi escreveu isso no mesmo ano — 943 — em que os rus repetiram sua incursão no Cáspio com uma frota ainda maior; mas Masudi não poderia ter sabido disso. Por trinta anos, após o desastre de 913, eles haviam repousado naquela parte do mundo; agora eles se sentiam evidentemente fortes o suficiente para tentar novamente; e talvez seja significativo que sua tentativa tenha coincidido, dentro de um ano ou dois, com sua expedição contra os bizantinos, sob o domínio de Igor, que pereceu sob o fogo grego. No curso desta nova invasão, os rus ganharam uma posição na região do Cáspio, na cidade de Bardha, e foram capazes de mantê-la por um ano inteiro. No final, a peste eclodiu entre os Rus, e os azeri foram capazes de colocar os sobreviventes para fugir. Desta vez, as fontes árabes não mencionam qualquer participação cazar na pilhagem — nem nos combates. Mas José o faz em sua carta a Hasdai, escrita alguns anos depois: “Guardo a foz do rio e não permito que os rus que vêm em seus navios invadem a terra dos árabes ... Eu luto guerras pesadas com eles.”¹ Quer o exército cazar tenha participado ou não dos combates nesta ocasião particular, o fato é que alguns anos depois eles decidiram negar aos russos o acesso ao “Mar Cazar” e que a partir de 943 não mais ouvimos falar de incursões rus no Cáspio. Esta importante decisão, provavelmente motivada por pressões internas da comunidade muçulmana em seu meio, envolveu os cazares em “guerras pesadas” com os rus. Destes, no entanto, não temos registros além da declaração na carta de José. Eles podem ter sido mais na natureza de escaramuças, exceto para a grande campanha de 965 dC, mencionado na antiga crônica russa, que levou ao rompimento do Império Cazar.

O líder da campanha foi o príncipe Svyatoslav de Kiev, filho de Igor e Olga. Já ouvimos que ele estava “pisando a luz como um leopardo” e que ele “empreendeu muitas campanhas” — na verdade, ele passou a maior parte de sua campanha reinado. Apesar das constantes súplicas de sua mãe, ele se recusou a ser batizado, “porque isso o tornaria motivo de chacota de seus súditos”. A Crônica Russa também nos diz que “em suas expedições ele não carregava carroças nem utensílios de cozinha, e não fervia carne, mas cortava pequenas tiras de carne de cavalo, caça ou carne bovina, e a comia depois de assá-la nas brasas. Ele também não tinha uma tenda, mas estendeu um cobertor de cavalo sob ele, e colocou sua sela sob a cabeça; e toda a sua comitiva fez o mesmo.”¹¹⁸ Quando ele atacou o inimigo, ele desprezou fazê-lo por furtividade, mas em vez disso enviou mensageiros à frente anunciando: “Estou vindo sobre você.” Para a campanha contra os cazares, o cronista dedica apenas algumas linhas, no tom lacônico que ele costuma adotar ao relatar sobre conflitos armados:

Svyatoslav foi para o Oka e o Volga, e ao entrar em contato com os vyaticianos [uma tribo eslava que habita a região ao sul da moderna Moscou], ele perguntou a eles a quem prestavam homenagem. Responderam que pagavam uma peça de prata por arado aos cazares. Quando eles

¹Na chamada “versão longa” da mesma carta (ver Apêndice iii), há outra frase que pode ou não ter sido adicionada por um copista: “Se eu os permitisse por uma hora, eles destruiriam todo o país dos árabes até Bagdá...” Desde que o Rus se sentou no Caspian não por uma hora, mas por um ano, o boast soa rather oco — embora um pouco menos assim se o tomarmos para não se referir ao passado mas ao futuro.

[os Cazares] ouviram falar de sua abordagem, eles saíram para encontrá-lo com seu Príncipe, o Kagan, e os exércitos vieram a golpes. Quando a batalha ocorreu, Svyatoslav derrotou os cazares e tomou sua cidade de Biela Viezha. ||UNTRANSLATED_CONTENT_START||^{4a}
||UNTRANSLATED_CONTENT_END||

Agora Biela Viezha - o Castelo Branco — era o nome eslavo para Sarkel, a famosa fortaleza cazar no Don; mas deve-se notar que a destruição de Itil, a capital, não é mencionada em lugar algum na Crônica Russa — um ponto ao qual retornaremos. A Crônica continua relatando que Svyatoslav “também conquistou os Yasianos e os Karugianos” [Ossécios e Quirkassianos], derrotou os Búlgaros do Danúbio, foi derrotado pelos Bizantinos e, em seu caminho de volta a Kiev, foi assassinado por uma horda de Pechenegues. “E cortaram-lhe a cabeça, e fizeram um cálice da sua cabeça, e o cobriram de ouro, e dele beberam.”¹¹⁹ Vários historiadores consideraram a vitória de Svyatoslav como o fim da Khazaria — o que, como se verá, é manifestamente errado. A destruição de Sarkel em 965 sinalizou o fim do Império Cazar, não do Estado Cazar — como 1918 sinalizou o fim do Império Austro-Húngaro, mas não da Áustria como nação. O controle cazar das longínquas tribos eslavas — que, como vimos, se estendia até as proximidades de Moscou — havia chegado a um fim definitivo; mas o coração cazar entre o Cáucaso, Don e Volga permaneceu intacto. As aproximações ao Mar Cáspio permaneceram fechadas ao Rus, e nós ouvimos de nenhuma tentativa mais adicional de sua parte forçar sua maneira a ela. Como Toynbee observa: “O Rhus conseguiu destruir o Império da Estepe Cazar, mas o único território cazar que eles adquiriram foi Tmutorakan na península da Taniana [enfrentando a Crimeia], e esse ganho foi efêmero.... Não foi até a metade do século XVI que os moscovitas fizeram uma conquista permanente, para a Rússia, do rio Volga ... para a débouchure do rio no Mar Cáspio.”¹²⁰

Após a morte de Svyatoslav, eclodiu uma guerra civil entre seus filhos, da qual o mais novo, Vladimir, saiu vitorioso. Ele também começou a vida como um pagão, como seu pai, e ele também, como sua avó Olga, acabou como um pecador arrependido, aceitou o batismo e acabou sendo canonizado. No entanto, na sua juventude, Santo Vladimir parecia ter seguido o lema de Santo Agostinho: Senhor, dá-me castidade, mas ainda não. A Crônica Russa é bastante severa sobre isso:

Agora Vladimir era dominado pela luxúria pelas mulheres. Tinha trezentas concubinas em Vyshgorod, trezentas em Belgorod e duzentas em Berestovo. Ele era insaciável no vício. Ele até seduziu mulheres casadas e violou meninas jovens, pois ele era um libertino como Salomão. Pois diz-se que Salomão tinha setecentas mulheres e trezentas concubinas. Ele era sábio, mas no final ele chegou à ruína. Mas Vladimir, embora a princípio iludido, acabou encontrando a salvação. Grande é o Senhor, e grande é o seu poder e da sua sabedoria não há fim.¹²¹

O batismo de Olga, por volta de 957, não cortou muito gelo, mesmo com o próprio filho. O batismo de Vladimir, AD 989, foi um evento importante que teve uma influência duradoura sobre a história do mundo. Foi precedido por uma série de manobras diplomáticas e discussões teológicas com representantes das quatro principais religiões — que fornecem uma espécie de imagem espelho para os debates antes da conversão cazar ao judaísmo. De fato, o relato da Velha Crônica Russa sobre essas disputas teológicas constantemente lembra um dos relatos hebraicos e árabes do antigo Brains Trust do rei Bulan — apenas o resultado é diferente. Desta vez, havia quatro em vez de três concorrentes — como o cisma entre as igrejas grega e latina já era um fato consumado no século X (embora se tornou oficial apenas no décimo primeiro). O relato da Crônica Russa sobre a conversão de Vladimir primeiro menciona uma vitória que ele alcançou contra os búlgaros do Volga, seguido por um tratado de amizade. “Os búlgaros declararam: ‘Que a paz prevaleça entre nós até que a pedra flutue e a palha afunde.’” Vladimir retornou a Kiev, e os búlgaros enviaram uma missão religiosa muçulmana para convertê-lo. Descreveram-lhe as alegrias do Paraíso, onde cada homem receberá setenta mulheres formosas. Vladimir os ouviu “com aprovação”, mas quando se tratava de abstinência de carne de porco e vinho, ele traçou a linha. “‘Beber’, disse ele, ‘é a alegria dos russos. Não podemos existir sem esse prazer.’”¹²² Em seguida, veio uma delegação alemã de católicos romanos, adeptos do rito latino. Eles não se saíram melhor quando educaram, como uma das principais exigências de sua fé, jejuando de acordo com a força de alguém. “... Então Vladimir respondeu: ‘Saia daqui; nossos pais não aceitaram tal princípio.’”¹²³ A terceira missão consistia de judeus cazares. Eles saíram piores. Vladimir perguntou-lhes por que eles não mais governavam Jerusalém. “Responderam eles: Deus se indignou contra nossos antepassados, e nos espalhou entre os gentios por causa dos nossos pecados.” O Príncipe então exigiu: ‘Como você pode esperar ensinar os outros enquanto vocês mesmos são expulsos e espalhados pela mão de Deus? Você espera que aceitemos esse destino também?’” O quarto e último missionário é um estudioso enviado pelos gregos de Bizâncio. Ele começa com uma explosão contra os muçulmanos, que são “amaldiçoados acima de todos os homens, como Sodoma e Gomorra, sobre os quais o Senhor deixou cair pedras ardentes, e que ele enterrou e submergiu.... Pois eles umedecem seus excrementos, e derramam a água em suas bocas, e irritam suas barbas com ela, lembrando-se de Maomé.... Vladimir, ao ouvir essas declarações, cuspiu sobre a terra, dizendo: ‘Isso é uma coisa vil.’”¹²⁴ O estudioso bizantino então acusa os judeus de terem crucificado a Deus, e os católicos romanos — em termos muito mais brandos — de terem “modificado os Ritos”. Após essas preliminares, ele se lança em uma longa exposição do Antigo e do Novo Testamento, começando com a criação do mundo. No final, no entanto, Vladimir parece apenas meio convencido, pois quando pressionado para ser batizado, ele responde: “Vou esperar ainda um pouco mais”. Em seguida, ele envia seus próprios enviados, “dez homens bons e sábios”, a vários países para observar suas práticas religiosas. No devido tempo, esta comissão de inquérito relata-lhe que o serviço bizantino é “mais justo do que as

cerimônias de outras nações, e não sabíamos se estávamos no céu ou na terra". Mas Vladimir ainda hesita, e a Crônica continua com um *non-sequitur*: "Depois de um ano se passou, em 988, Vladimir procedeu com uma força armada contra Cherson, uma cidade grega..."¹²⁵ (Lembramos que o controle deste importante porto da Crimeia havia sido contestado por muito tempo entre bizantinos e cazares.) O valente Chersonense se recusou a se render. As tropas de Vladimir construíram obras de terraplenagem direcionadas para as muralhas da cidade, mas os chersonenses "cavaram um túnel sob a muralha da cidade, roubaram a terra amontoada e a levaram para a cidade, onde a empilharam". Então um traidor atirou uma flecha no acampamento Rus com uma mensagem: "Há nascentes atrás de você para o leste, das quais a água flui em canos. Cave e corte-os" Quando Vladimir recebeu essa informação, ele ergueu os olhos para o céu e jurou que, se essa esperança fosse realizada, ele seria batizado.¹²⁶ Ele conseguiu cortar o abastecimento de água da cidade, e Cherson se rendeu. Então, Vladimir, aparentemente esquecendo seu voto, "enviou mensagens aos imperadores Basílio e Constantino [governantes conjuntos na época], dizendo: 'Eis que eu capturei sua gloriosa cidade. Também ouvi dizer que você tem uma irmã solteira. A menos que você a dê para mim como esposa, lidarei com sua própria cidade como fiz com Cherson. Os Imperadores responderam: "Se você for batizado, você a terá como esposa, herdará o Reino de Deus e será nosso companheiro na fé." |||UNTRANSLATED_CONTENT_START||| And so it came to pass. |||UNTRANSLATED_CONTENT_END||| Vladimir finalmente aceitou o batismo e casou-se com a princesa bizantina Ana. Alguns anos depois, o cristianismo grego tornou-se a religião oficial não apenas dos governantes, mas do povo russo, e a partir de 1037 a Igreja Russa foi governada pelo Patriarca de Constantinopla.

Foi um triunfo importante da diplomacia bizantina. Vernadsky a chama de "uma daquelas voltas abruptas que tornam o estudo da história tão fascinante ... e é interessante especular sobre o possível curso da história se os príncipes russos... tivessem adotado qualquer uma dessas crenças [judaísmo ou islamismo] em vez do cristianismo.... A aceitação de uma ou outra dessas religiões deve necessariamente ter determinado o futuro desenvolvimento cultural e político da Rússia. A aceitação do Islã teria atraído a Rússia para o círculo da cultura árabe — isto é, uma cultura asiático-egípcia. A aceitação do cristianismo romano pelos alemães teria feito da Rússia um país de cultura latina ou europeia. A aceitação do judaísmo ou do cristianismo ortodoxo assegurou à Rússia a independência cultural da Europa e da Ásia."¹²⁷ Mas os russos precisavam de aliados mais do que precisavam de independência, e o Império Romano do Leste, por mais corrupto que fosse, ainda era um aliado mais desejável em termos de poder, cultura e comércio, do que o império em ruínas dos cazares. Também não se deve subestimar o papel desempenhado pelo estadismo bizantino na tomada da decisão pela qual havia trabalhado por mais de um século. O relato ingênuo da Crônica Russa sobre o jogo de procrastinação de Vladimir não nos dá nenhuma visão sobre as manobras diplomáticas e as duras negociações que devem ter acontecido antes de ele aceitar o batismo — e, assim, de fato, a tutela bizantina para ele e seu povo. Cherson era obviamente parte do preço, assim como o casamento dinástico com a princesa Anna. Mas a parte mais importante do acordo foi o fim da aliança bizantino-cazar contra a Rússia, e sua substituição por uma aliança bizantino-russa contra os cazares. Alguns anos depois, em 1016, um exército combinado bizantino-russo invadiu a Cazária, derrotou seu governante e "subjugou o país" (ver abaixo, IV, 8). No entanto, o resfriamento em direção aos cazares já havia começado, como vimos, nos dias de Constantino Porfirogênito, cinquenta anos antes da conversão de Vladimir. Recordamos as reflexões de Constantino sobre "como a guerra deve ser feita em Khazaria e por quem". A passagem citada anteriormente em (II, 7) continua:

Se o governante de Alânia não mantiver a paz com os cazares, mas considerar que a amizade do imperador dos romanos é de maior valor para ele, então, se os cazares não optarem por manter a amizade e a paz com o imperador, o Alan pode fazer-lhes grande mal. Ele pode emboscar suas estradas e atacá-las quando estiverem fora de guarda em sua rota para Sarkel e para "as nove regiões" e para Cherson ... A Bulgária negra [os búlgaros do Volga] também está em posição de fazer guerra contra os cazares.¹²⁸

Toynbee, depois de citar esta passagem, faz o seguinte comentário, bastante comovente:

Se esta passagem no manual de Constantino Porfirogênito para a condução das relações exteriores do Governo Imperial Romano do Leste tivesse caído nas mãos do czar Khaqan e de seus ministros, eles teriam ficado indignados. Eles teriam apontado que hoje em dia Khazaria era um dos estados mais pacíficos do mundo, e que, se ela tivesse sido mais guerreira em seus dias anteriores, seus braços nunca tinham sido dirigidos contra o Império Romano do Leste. Os dois poderes, na verdade, nunca estiveram em guerra um com o outro, enquanto, por outro lado, Khazaria frequentemente esteve em guerra com os inimigos do Império Romano do Leste, e isso para a vantagem do sinal do Império. De fato, o Império pode ter devido aos cazares que ela sobreviveu aos sucessivos ataques do imperador persa sassânida Khusraw II Parviz e dos árabes muçulmanos.... E depois disso, a pressão sobre o ataque do Império dos Árabes foi aliviada pelo vigor da resistência ofensiva-defensiva dos Cazares ao avanço dos árabes em direção ao Cáucaso. A amizade entre Khazaria e o Império havia sido simbolizada e selada em duas alianças matrimoniais entre suas respectivas famílias imperiais. O que, então, estava na mente de Constantino quando ele estava pensando em maneiras de atormentar Khazaria, induzindo seus vizinhos a cair sobre ela?¹²⁹

A resposta à pergunta retórica de Toynbee é obviamente que os bizantinos foram inspirados pela *Realpolitik* — e que, como já foi dito, a deles não era uma idade sentimental. Nem a nossa.

No entanto, acabou por ser uma política míope. Para citar Bury mais uma vez:

O primeiro princípio da política imperial neste quarto do mundo foi a manutenção da paz com os cazares. Esta foi a consequência imediata da posição geográfica do Império Cazar, situada entre o Dnieper e o Cáucaso. A partir do século VII, quando Heráclio tinha procurado a ajuda dos cazares contra a Pérsia, para o décimo, em que o poder de Itil declinou, esta era a política constante dos imperadores. Era vantajoso para o Império que o Chagan exercesse um controle efetivo sobre seus vizinhos bárbaros.¹³⁰

Esse "controle efetivo" agora deveria ser transferido do Cazar Kagan para o Rus Kagan, o Príncipe de Kiev. Mas não funcionou. Os cazares eram uma tribo turca das estepes, que tinha sido capaz de lidar com onda após onda de invasores turcos e árabes; eles tinham resistido e subjugado os búlgaros, burtas, pechenegues, ghuzz, e assim por diante. Os russos e seus súditos eslavos não eram páreo para os guerreiros nômades das estepes, sua estratégia móvel e táticas de guerrilha.¹ Como resultado da constante pressão nômade, os centros do poder russo foram gradualmente transferidos das estepes do sul para o norte arborizado, para os principados da Galícia, Novgorod e Moscou. Os bizantinos calcularam que Kiev assumiria o papel de Itil como guardião da Europa Oriental e centro de comércio; em vez disso, Kiev entrou em rápido declínio. Foi o fim do primeiro capítulo da história russa, seguido por um período de caos, com uma dúzia de principados independentes travando guerras intermináveis uns contra os outros. Isso criou um vácuo de poder, no qual derramou uma nova onda de nômades conquistadores — ou melhor, um novo desdobramento de nossos velhos amigos, o Ghuzz, a quem Ibn Fadlan havia encontrado ainda mais abominável do que as outras tribos bárbaras que ele foi obrigado a visitar. Esses “inimigos pagãos e ímpios”, como a Crônica os descreve, eram chamados de Polovtsi pelos russos, Kumanos pelos bizantinos, Kun pelos húngaros, Kipchaks pelos seus companheiros turcos. Eles governaram as estepes até a Hungria do final do século XI ao século XIII (quando eles, por sua vez, foram inundados pela invasão mongol).² Eles também lutaram várias guerras contra os bizantinos. Outro ramo do Ghuzz, os seljúcidas (nome de sua dinastia governante) destruiu um enorme exército bizantino na batalha histórica de Manziquerta (1071) e capturou o imperador romano IV Diógenes. Doravante, os bizantinos foram incapazes de impedir que os turcos ganhassem o controle da maioria das províncias da Ásia Menor — a atual Turquia — que anteriormente era o coração do Império Romano do Leste. Pode-se apenas especular se a história teria tomado um rumo diferente se Bizâncio não tivesse abandonado sua política tradicional, mantida ao longo dos três séculos anteriores, de confiar na fortaleza cazar contra os invasores muçulmanos, turcos e vikings. Seja como for, a *Realpolitik* Imperial acabou por não ser muito realista.

Durante os dois séculos do governo de Kuman, seguidos pela invasão mongol, as estepes orientais foram mais uma vez mergulhadas na Idade das Trevas, e a história posterior dos cazares está envolta em uma obscuridade ainda mais profunda do que sua origem. As referências ao estado cazar em seu último período de declínio são encontradas principalmente em fontes muçulmanas; mas elas são, como veremos, tão ambíguas que quase todos os nomes, datas e indicações geográficas estão abertos a várias interpretações. Os historiadores, famintos por fatos, não têm nada além de alguns ossos descoloridos para roer, como cães de caça famintos, na esperança desamparada de encontrar algum pedaço escondido para sustentá-los. À luz do que foi dito antes, parece que o evento decisivo que precipitou o declínio do poder cazar não foi a vitória de Svyatoslav, mas a conversão de Vladimir. Quão importante foi, de fato, essa vitória, que historiadores do século XIX³ habitualmente igualavam ao fim do estado cazar? Lembramos que a Crônica Russa menciona apenas a destruição de Sarkel, a fortaleza, mas não a destruição de Itil, a capital. Que Itil foi de fato demitido e devastado, sabemos de várias fontes árabes, que são muito insistentes para serem ignoradas; mas quando e por quem foi demitido não é de forma alguma claro. Ibn Hawkal, a principal fonte, diz que foi feito pelos Rus que “destruíram totalmente Khazaran, Samandar e Itil” — aparentemente acreditando que Khazaran e Itil eram cidades diferentes, enquanto sabemos que eram uma cidade gêmea; e sua datação do evento difere da datação da Crônica Russa da queda de Sarkel que Ibn Hawkal não menciona, assim como a Crônica não menciona a destruição de Itil. Consequentemente, Marquart sugeriu que Itil foi demitido não pelo Rus de Svyatoslav, que só chegou até Sarkel, mas por alguma nova onda de Vikings. Para complicar um pouco mais as coisas, a segunda fonte árabe, ibn Miskawayh, diz que foi um corpo de “turcos” que desceu sobre Khazaria no ano crítico de 965. Por “turcos”, ele pode ter se referido ao Rus, como Barthold sustentou. Mas também poderia ter sido uma horda saqueadora de pechenegues, por exemplo. Parece que nunca saberemos quem destruiu Itil, por mais que mastiguemos os ossos. E quão seriamente foi destruído? A principal fonte, Ibn Hawkal, fala primeiro da “destruição total” de Itil, mas depois ele também diz, escrevendo alguns anos depois, que “Khazaran ainda é o centro sobre o qual o comércio Rus converge”. Assim, a frase “destruição total” pode

¹O poema épico russo mais notável do período, “O Leigo do Anfitrião de Igor”, descreve uma das campanhas desastrosas dos russos contra o Ghuzz.

²Um ramo substancial dos Kumans, fugindo dos mongóis, recebeu asilo na Hungria em 1241, e se fundiu com a população nativa. “Kun” ainda é um sobrenome frequente na Hungria.

³Seguindo uma tradição estabelecida por Fraehn em 1822, nas *Memórias da Academia Russa*.

ter sido um exagero. Isso é mais provável porque ele também fala da “destruição total” da cidade de Bulghar, capital dos búlgaros do Volga. No entanto, o dano que o Rus causou em Bulghar não poderia ter sido muito importante, pois temos moedas que foram cunhadas lá no ano 976-7 — apenas cerca de dez anos após o ataque de Svyatoslav; e no século XIII Buighar ainda era uma cidade importante. Como Dunlop disse:

A fonte final de todas as declarações de que os russos destruíram Khazaria no século X é, sem dúvida, IbnHawkal ... Ibn Hawkal, no entanto, fala como positivo da destruição de Bulghar no Volga médio. É bastante certo que, na época dos ataques mongóis no século XIII Bulghar era um florescente community. A ruína de Khazaria também foi temporária?¹³¹

Obviamente era. Khazaran-Itil, e as outras cidades dos cazares, consistiam principalmente de tendas, casas de madeira e "casas redondas" construídas de lama, que foram facilmente destruídas e facilmente reconstruídas; apenas os edifícios reais e públicos eram de tijolo. Os danos causados devem, no entanto, ter sido graves, pois vários cronistas árabes falam de um êxodo temporário da população para a costa ou ilhas Cáspias. Assim, Ibn Hawkal diz que os cazares de Itil fugiram do Rus para uma das ilhas da “costa nafta” [Baku], mas mais tarde retornaram a Itil e Cazaran com a ajuda do Xá Muçulmano de Shirwan. Isso parece plausível, já que o povo de Shirwan não tinha amor pelos Rus que haviam saqueado suas costas anteriormente. Outros cronistas árabes, Ibn Miskawayh e Muqaddasi (escrevendo mais tarde do que Ibn Hawkal), também falam de um êxodo de cazares e seu retorno com ajuda muçulmana. De acordo com Ibn Miskawayh, como um preço para esta ajuda "todos eles adotaram o Islã, com exceção de seu rei". Muqadassi tem uma versão diferente, que não se refere à invasão rus; ele só diz que os habitantes da cidade cazar desceu para o mar e voltou convertido ao Islã. O grau de sua confiabilidade é indicado pelo fato de que ele descreve Bulghar como sendo mais próximo do Cáspio do que Itil, o que equivale a colocar Glasgow ao sul de Londres.¹ Apesar da natureza confusa e tendenciosa desses relatos, que parece muito óbvia, provavelmente há alguma verdade neles. O choque psicológico da invasão, o vôo para o mar, ea necessidade de comprar ajuda muçulmana pode ter levado a algum acordo que deu a comunidade muçulmana em Khazaria uma maior voz nos assuntos de Estado; lembramo-nos de um acordo semelhante com Marwan dois séculos antes (I, 7), que envolveu o próprio Kagan, mas não deixou marca na história cazar. De acordo com outra fonte árabe — Biruni, que morreu em 1048 — Itil, em seu tempo, estava em ruínas — ou melhor, mais uma vez em ruínas.¹³² Ele foi reconstruído novamente, mas a partir de agora passou a ter o nome de Saksin.² Ela aparece repetidamente nas crônicas bem no século XII como "uma grande cidade no Volga, superada por nenhuma no Turquestão"¹³³ e, eventualmente, de acordo com uma fonte, tornou-se vítima de inundações. Outro século depois, o governante mongol Batu construiu sua capital em seu local.¹³⁴ Resumindo o que a Crônica Russa e as fontes árabes nos dizem sobre a catástrofe de 965, podemos dizer que Itil foi devastado de forma desconhecida pela Rússia ou por alguns outros invasores, mas reconstruído mais de uma vez; e que o estado cazar emergiu da provação consideravelmente enfraquecido. Mas pode haver pouca dúvida de que dentro de suas fronteiras encolhidas sobreviveu por pelo menos mais duzentos anos, ou seja, até meados do século XII, e talvez — embora mais duvidosamente — até meados do décimo terceiro.

A primeira menção não árabe de Khazaria após o ano fatal de 965 parece ocorrer em um relatório de viagem de Ibrahim Ibn Jakub, o embaixador espanhol-judeu de Otto, o Grande, que, escrevendo provavelmente em 973, descreve os cazares como ainda florescendo em seu tempo.¹³⁵ Em seguida, em ordem cronológica é o relato na Crônica Russa de judeus de Khazaria chegando em Kiev AD 986, em sua tentativa falhada de converter Vladimir à sua fé. Ao entrarmos no século XI, lemos primeiro a já mencionada campanha conjunta Bizantino-Rus de 1016 contra Cazária, na qual o país foi mais uma vez derrotado. O evento é relatado por uma fonte bastante confiável, o cronista bizantino do século XII Cedrenus.¹³⁶ Uma força considerável era aparentemente necessária, pois Cedrenus fala de uma frota bizantina, apoiada por um exército de russos. Os cazares evidentemente tinham as qualidades de um Jack-in-the-Box, derivado de sua origem turca, ou fé mosaica, ou ambos. Cedrenus também diz que o nome do líder cazar derrotado era Georgius Tzul. Georgius é um nome cristão; sabemos de um relatório anterior que havia cristãos e muçulmanos no exército de Kagan. A próxima menção aos cazares é uma entrada lacônica na Crônica Russa para o ano de 1023, segundo a qual “[o príncipe] Mstislav marchou contra seu irmão [o príncipe] Iaroslav com uma força de cazares e cassogianos”.³ Agora Mstislav era o governante do principado de curta duração de Tmutorakan, centrado na cidade cazar de Tamatarkha (agora Taman) no lado oriental das retas de Kerch. Este, como já foi dito, foi o único território cazar que os rus ocuparam após a vitória de 965. Os cazares no exército de Mstislav foram assim provavelmente cobrados da população local pelo príncipe russo. Sete anos depois (1030 d.C.), um exército cazar teria derrotado uma força invasora curda, matado 10000 de seus homens e capturado seu equipamento. Isso seria uma evidência adicional de que os cazares ainda estavam muito vivos e chutando, se alguém pudesse levar o relatório a sério. Mas vem de uma única fonte árabe do século XII, ibn-al-Athir, não considerada muito confiável. Seguindo em nossa cronologia, ansiosos para pegar o que restou de evidência, nos deparamos com uma curiosa história sobre um obscuro santo cristão, Eustrácio. Por volta de

¹No entanto, uma autoridade moderna, Barthold, o chamou de "um dos maiores geógrafos de todos os tempos". [Citado por Dunlop (1954), p. 245].

²“A probabilidade é que Saksin fosse idêntico a, ou pelo menos a nenhuma grande distância de Khazaran-Itil, e o nome pode ser o Sarisshin mais antigo revivido” (Dunlop, P.248, citando Minorski).

³Os kasogianos ou kashaks eram uma tribo caucasiana sob o domínio cazar e podem ou não ter sido os ancestrais dos cossacos.

1100 dC, ele era aparentemente um prisioneiro em Cherson, na Crimeia, e foi maltratado por seu "mestre judeu", que forçou a comida ritual da Páscoa sobre ele.¹³⁷ Não é preciso confiar muito na autenticidade da história (diz-se que Santo Eustrácio sobreviveu quinze dias na cruz); a questão é que é preciso ter uma forte influência judaica na cidade como garantida — em Cherson de todos os lugares, uma cidade nominalmente sob domínio cristão, que os bizantinos tentaram negar aos cazares, que foi conquistada por Vladimir, mas revertida mais tarde (por *volta* de 990) para Bizâncio. Eles ainda eram igualmente poderosos em Tmutorakan. Para o ano de 1079, a Crônica Russa tem uma entrada obscura: “Os cazares [de Tmutorakan] pegaram Oleg prisioneiro e o enviaram para o exterior em Tsargrad [Constantinopla].” Isso é tudo. Obviamente, os bizantinos estavam envolvidos em uma de suas intrigas de camuflagem, favorecendo um príncipe russo contra seus concorrentes. Mas novamente descobrimos que os cazares devem ter exercido um poder considerável nesta cidade russa, se eles foram capazes de capturar e despachar um príncipe russo. Quatro anos depois, Oleg, tendo chegado a um acordo com os bizantinos, foi autorizado a retornar a Tmutorakan, onde “ele matou os cazares que aconselharam a morte de seu irmão e conspiraram contra si mesmo”. O irmão de Oleg, Roman, tinha sido morto pelos Kipchak-Kumans no mesmo ano em que os Khazars capturaram Oleg. Também planejavam o assassinato do irmão pelos Kumans? Ou eles foram vítimas do jogo macchiavelliano dos bizantinos de jogar Khazars e Rus um contra o outro? De qualquer forma, estamos nos aproximando do final do século XI, e eles ainda estão muito em cena. Alguns anos depois, *sub anno* 1106, a Crônica Russa tem outra entrada lacônica, segundo a qual os Polovtsi, ou seja, os Kumans, invadiram as proximidades de Zaretsk (oeste de Kiev), e o príncipe russo enviou uma força para persegui-los, sob o comando dos três generais Yan, Putyata e “Ivan, o Cazar”. Esta é a última menção dos cazares na Velha Crônica Russa, que termina dez anos depois, em 1116. Mas na segunda metade do século XII, dois poetas persas, Khakani (*cerca de 1106-90*) e o mais conhecido Nizami (*cerca de 1141-1203*) mencionam em seus épicos uma invasão conjunta Khazar-Rus de Shirwan durante sua vida. Embora se entregassem à escrita da poesia, eles merecem ser levados a sério, pois passaram a maior parte de suas vidas como funcionários públicos no Cáucaso e tinham um conhecimento íntimo das tribos caucasianas. Khakani fala de “Derwent Khazars” — Darband sendo o profano ou “torniquete” entre o Cáucaso e o Mar Negro, através do qual os Khazars costumavam invadir a Geórgia nos bons dias do século VII, antes de desenvolverem um estilo de vida mais tranquilo. Será que eles voltaram, no final, aos hábitos instáveis de guerreiros nômades de sua juventude? Depois — ou possivelmente antes — estes testemunhos persas, temos as observações tentadoramente curto e mal-humorado de que o famoso viajante judeu, Rabino Petachia de Regensburg, citado anteriormente em (II, 8). Lembramos que ele estava tão ofendido com a falta de aprendizado talmúdico entre os judeus cazares da região da Crimeia que, quando ele atravessou Khazaria propriamente dita, ele só ouviu “o lamento das mulheres e o latido dos cães”. Isso foi apenas uma hipérbole para expressar seu descontentamento, ou ele estava atravessando uma região devastada por um recente ataque Kumans? A data é entre 1170 e 1185; o século XII estava chegando ao seu fim, e os Kumans eram agora os governantes onipresentes das estepes. À medida que entramos no século XIII, a escuridão engrossa, e até mesmo nossas escassas fontes secam. Mas há pelo menos uma referência que vem de um excelente testemunho. É a última menção dos cazares como uma nação, e é datada entre 1245-7. Naquela época, os mongóis já haviam varrido os kumanos da Eurásia e estabelecido o maior império nômade que o mundo já vira, estendendo-se da Hungria à China. Em 1245, o Papa Inocêncio IV enviou uma missão a Batu Khan, neto de Jinghiz Khan, governante da parte ocidental do Império Mongol, para explorar as possibilidades de um entendimento com essa nova potência mundial — e também, sem dúvida, para obter informações sobre sua força militar. O chefe desta missão era o frade franciscano de sessenta anos, Joannes de Plano Carpini. Ele era contemporâneo e discípulo de São Francisco de Assis, mas também um viajante experiente e diplomata da Igreja que ocupava altos cargos na hierarquia. A missão partiu no dia de Páscoa de 1245 de Colônia, atravessou a Alemanha, cruzou o Dnieper e o Don, e chegou um ano depois na capital de Batu Khan e sua Horda Dourada no estuário do Volga: a cidade de Sarai Batu, vulgo Saksin, vulgo Itil. Após seu retorno ao oeste, Carpini escreveu sua célebre *Historica Mongolorum*. Contém, em meio a uma riqueza de dados históricos, etnográficos e militares, também uma lista das pessoas que vivem nas regiões visitadas por ele. Nesta lista, enumerando o povo do norte do Cáucaso, ele menciona, juntamente com os Alanos e Circassianos, os “Khazars observando a religião judaica”. É, como já foi dito, a última menção conhecida deles antes da cortina cair. Mas demorou muito tempo até que sua memória fosse apagada. Mercadores genoveses e venezianos continuavam se referindo à Crimeia como “Gazaria” e esse nome ocorre em documentos italianos já no século XVI. Esta era, no entanto, naquela época apenas uma designação geográfica, comemorando uma nação desaparecida.

No entanto, mesmo depois que seu poder político foi quebrado, eles deixaram marcas de influência judaico-cazar em lugares inesperados e em uma variedade de pessoas. Entre eles estavam os seljúcidas, que podem ser considerados como os verdadeiros fundadores da Turquia muçulmana. No final do século X, esta outra ramificação do Ghuzz havia se movido para o sul nas proximidades de Bokhara, de onde mais tarde iriam entrar em erupção na Ásia Menor bizantina e colonizá-la. Eles não entram diretamente em nossa história, mas o fazem através de uma porta dos fundos, por assim dizer, pois a grande dinastia seljúcida parece ter sido intimamente ligada aos cazares. Esta ligação cazar é relatado por Bar Hebraeus (1226-86), um dos maiores entre os escritores síriacos e estudiosos, como o nome indica, ele era de origem judaica, mas convertido ao cristianismo, e ordenou um bispo com a idade de vinte anos. Bar Hebraeus relata que o pai de Seljuk, Tukak, foi um comandante do exército do Cazar Kagan, e que após sua morte, o próprio Seljuk, fundador da dinastia, foi criado na corte de Kagan. Mas ele era um jovem impetuoso e tomou liberdades com o Kagan, ao que o Katoun — a rainha — se opôs; como resultado Seljuk teve que sair, ou foi banido da corte.¹³⁸

Outra fonte contemporânea, *História de Alepo*, de ibn-al-Adim, também fala do pai de Seljuk como "um dos

notáveis dos turcos cazares";¹³⁹ enquanto um terceiro, Ibn Hassul,¹⁴⁰ relata que Seljuk "golpeou o rei dos cazares com sua espada e bateu nele com uma maça que ele tinha na mão...." Também nos lembramos da forte atitude ambivalente dos Ghuzz em relação aos Khazars, no diário de viagem de Ibn Fadlan. Assim, parece ter havido uma relação íntima entre os cazares e os fundadores da dinastia seljúcida, seguido de uma ruptura. Isto foi provavelmente devido à conversão dos seljúcidas ao Islã (enquanto as outras tribos Ghuzz, como os Kumanos, permaneceram pagãos). No entanto, a influência cazar-judaica prevaleceu por algum tempo, mesmo após o intervalo. Entre os quatro filhos de Seljuk, um foi dado o nome exclusivamente judaico de Israel, e um neto foi chamado Daud (David). Dunlop, geralmente um autor muito cauteloso, comenta:

Em vista do que já foi dito, a sugestão é que esses nomes são devidos à influência religiosa entre as principais famílias do Ghuzz dos cazares dominantes. A "casa de culto" entre os Ghuzz mencionados por Qazwini poderia muito bem ter sido uma sinagoga.¹⁴¹

Podemos acrescentar aqui que — de acordo com Artamonov — nomes especificamente judaicos também ocorreram entre esse outro ramo do Ghuzz, os Kumans. Os filhos do príncipe Kuman Kobiak foram chamados Isaac e Daniel.

Onde os recursos dos historiadores dão, a lenda e o folclore fornecem dicas úteis. A Crônica Russa Primária foi compilada por monges; está saturada de pensamento religioso e longas excursões bíblicas. Mas, paralelamente aos escritos eclesiásticos em que se baseia, o período de Kiev também produziu uma literatura secular — os chamados *bylina*, épicos heróicos ou canções folclóricas, principalmente preocupados com os feitos de grandes guerreiros e príncipes semi-legendários. O "Lay of Igor 's Host", já mencionado, sobre a derrota daquele líder pelos Kumanos, é o mais conhecido entre eles. Os *bylina* foram transmitidos por tradição oral e — de acordo com Vernadsky "ainda eram entoados por camponeses em aldeias remotas do norte da Rússia no início do século XX".¹⁴² Em contraste com a Crônica Russa, esses épicos não mencionam pelo nome os cazares ou seu país; em vez disso, eles falam do "país dos judeus" (*Zemlya Jidovskaya*) e de seus habitantes como "heróis judeus" (*Jidovin bogatir*) que governaram as estepes e lutaram contra os exércitos dos príncipes russos. Um desses heróis, os épicos nos dizem, era um judeu gigante, que veio "da *Zemlya Jidovskaya* para as estepes de Tsetsar sob o Monte Sorochin, e apenas a bravura do general de Vladimir, Ilya Murometz, salvou o exército de Vladimir dos judeus".¹⁴³ Existem várias versões desse conto, e a busca pelo paradeiro de Tsetsar e do Monte Sorochin forneceu aos historiadores outro jogo animado. Mas, como Poliakov apontou, "o ponto a reter é que, aos olhos do povo russo, a vizinha Khazaria em seu período final era simplesmente 'o estado judeu', e seu exército era um exército de judeus".¹⁴⁴ Essa visão popular russa difere consideravelmente da tendência entre os cronistas árabes de enfatizar a importância dos mercenários muçulmanos nas forças cazares e o número de mesquitas em Itil (esquecendo de contar as sinagogas). As lendas que circularam entre os judeus ocidentais na Idade Média fornecem um curioso paralelo ao *bylina russo*. Para citar Poliakov novamente: "A lenda popular judaica não se lembra de um reino 'Cazar', mas de um reino dos 'judeus vermelhos'." E Baron comenta:

Os judeus de outras terras foram lisonjeados pela existência de um estado judeu independente. A imaginação popular encontrou aqui um campo particularmente fértil. Assim como os épicos eslavos de mente bíblica falam de "judeus" em vez de cazares, os judeus ocidentais também muito depois de contarem histórias românticas em torno desses "judeus vermelhos", talvez por causa da leve pigmentação mongol de muitos cazares.¹⁴⁵

Outro pouco de folclore semi-legendário e semi-histórico ligado aos cazares sobreviveu aos tempos modernos, e tão fascinado Benjamin Disraeli que o usou como material para um romance histórico: *O Conto Maravilhoso de Alroy*. No século XII surgiu em Khazaria um movimento messiânico, uma tentativa rudimentar de uma cruzada judaica, visando a conquista da Palestina pela força das armas. O iniciador do movimento foi um judeu cazar, um Solomon ben Duji (ou Ruhi ou Roy), auxiliado por seu filho Menahem e um escriba palestino. "Eles escreveram cartas a todos os judeus, de perto e de longe, em todas as terras ao redor deles.... Eles disseram que chegou a hora em que Deus reuniria Israel, Seu povo de todas as terras para Jerusalém, a cidade santa, e que Salomão Ben Duji era Elias, e seu filho, o Messias."¹ Estes apelos foram aparentemente dirigidos às comunidades judaicas no Oriente Médio, e parecia ter tido pouco efeito, para o próximo episódio ocorre apenas cerca de vinte anos mais tarde, quando o jovem Menahem assumiu o nome de David al-Roy, eo título de Messias. Embora o movimento tenha se originado na Cazária, seu centro logo mudou para o Curdistão. Aqui David reuniu uma força armada substancial — possivelmente de judeus locais, reforçada por Khazars — e sucedeu em fazer exame da possessão do fortress estratégico de Amadie, nordeste de Mosul. A partir daqui, ele pode ter esperado liderar seu exército para Edessa, e lutar seu caminho através da Síria para a Terra Santa. Toda a empresa pode ter sido um pouco menos quixotesca do que parece agora, tendo em vista as constantes rixas entre os vários exércitos muçulmanos, e a desintegração gradual das fortalezas cruzadas. Além disso, alguns comandantes muçulmanos locais poderiam ter acolhido a perspectiva de uma cruzada judaica contra os cruzados cristãos. Entre os judeus do Oriente Médio, Davi certamente despertou fervorosas esperanças messiânicas. Um de seus mensageiros veio

¹As principais fontes para este movimento são um relatório do viajante judeu Benjamin de Tudela (ver acima, II, 8); um relato hostil pelo escritor árabe Yahya al-Maghribi, e dois manuscritos hebraicos encontrados no Cairo Geniza (ver acima, II, 7). Eles somam-se a um mosaico confuso; Eu tenho seguido Baron 's interpretação cuidadosa (Vol. III, p.204; Vol. IV, p.202-4, e notas).

a Bagdá e — provavelmente com excessivo zelo — instruiu seus cidadãos judeus a se reunirem em uma certa noite em seus telhados planos, de onde seriam voados nas nuvens para o acampamento do Messias. Um bom número de judeus passou aquela noite em seus telhados aguardando o voo milagroso. Mas a hierarquia rabínica em Bagdá, temendo represálias por parte das autoridades, tomou uma atitude hostil para com o pseudo-Messias e ameaçou-o com uma proibição. Não surpreendentemente, David al-Roy foi assassinado — aparentemente em seu sono, supostamente por seu próprio sogro, a quem alguma parte interessada havia subornado para fazer o ato. Sua memória foi venerada, e quando Benjamin de Tudela viajou pela Pérsia vinte anos depois do evento, “eles ainda falavam carinhosamente de seu líder”. Mas o culto não parou por aí. De acordo com uma teoria, o “escudo de Davi” de seis pontas que adornava a bandeira israelense moderna, começou a se tornar um símbolo nacional com a cruzada de David al-Roy. “Desde então”, escreve o Barão, “tem sido sugerido, o” escudo de Davi “de seis cantos, até então principalmente um motivo decorativo ou um emblema mágico, começou sua carreira para se tornar o principal símbolo nacional-religioso do judaísmo. Muito usado de forma intercambiável com o pentagrama ou o “selo de Salomão”, foi atribuído a David em escritos místicos e éticos alemães do século XIII em diante, e apareceu na bandeira judaica em Praga em 1527.”¹⁴⁶ Baron acrescenta uma nota de qualificação a esta passagem, apontando que a conexão entre al-Roy e a estrela de seis pontas “ainda aguarda mais esclarecimentos e provas”. Seja como for, podemos certamente concordar com o ditado do Barão, que conclui seu capítulo sobre Khazaria:

Durante o meio milênio de sua existência e suas consequências nas comunidades da Europa Oriental, este experimento notável no ofício estatutário judaico, sem dúvida, exerceu uma influência maior na história judaica do que ainda somos capazes de imaginar.

PARTE DOIS

A Herança

V

Êxodo

AS evidências citadas nas páginas anteriores indicam que — ao contrário da visão tradicional defendida pelos historiadores do século XIX — os cazares, após a derrota dos russos em 965, perderam seu império, mas mantiveram sua independência dentro de fronteiras mais estreitas, e sua fé judaica, bem no século XIII. Eles até parecem ter revertido até certo ponto para seus hábitos predatórios de outrora. Comentários do Barão:

Em geral, o reino cazar reduzido perseverou. Ele travou uma defesa mais ou menos eficaz contra todos os inimigos até meados do século XIII, quando foi vítima da grande invasão mongol iniciada por Jenghiz Khan. Mesmo assim, resistiu obstinadamente até a rendição de todos os seus vizinhos. Sua população foi amplamente absorvida pela Horda Dourada, que havia estabelecido o centro de seu império no território cazar. Mas antes e depois da revolta mongol, os cazares enviaram muitos desdobramentos para as terras eslavas sem subjugação, ajudando, em última análise, a construir os grandes centros judeus da Europa Oriental.¹⁴⁷

Aqui, então, temos o berço da parte numericamente mais forte e culturalmente dominante da judiaria moderna. Os “desdobramentos” a que o Barão se refere estavam de fato se ramificando muito antes da destruição do estado caz pelos mongóis — como a antiga nação hebraica havia começado a se ramificar na Diáspora muito antes da destruição de Jerusalém. Etnicamente, as tribos semitas nas águas do Jordão e as tribos Turko-Khazar no Volga estavam, é claro, “a quilômetros de distância”, mas tinham pelo menos dois fatores formativos importantes em comum. Cada um vivia em uma junção focal onde as grandes rotas comerciais conectando leste e oeste, norte e sul se cruzam; uma circunstância que os predisponha a se tornarem nações de comerciantes, de viajantes empreendedores ou “cosmopolitas sem raízes” — como a propaganda hostil os rotulou sem carinho. Mas, ao mesmo tempo, sua religião exclusiva fomentou uma tendência a manter-se e permanecer juntos, a estabelecer suas próprias comunidades com seus próprios lugares de culto, escolas, alojamentos residenciais e guetos (originalmente auto-impostos) em qualquer cidade ou país que eles se estabeleceram. Essa rara combinação de *desejo de viajar* e mentalidade de gueto, reforçada por esperanças messiânicas e orgulho de raça escolhida, tanto os antigos israelitas quanto os cazares medievais compartilhavam — mesmo que estes últimos traçassem sua descida não para Sem, mas para Jafete.

Este desenvolvimento é bem ilustrado pelo que se poderia chamar de Diáspora Cazar na Hungria. Lembramos que muito antes da destruição de seu estado, várias tribos cazares, conhecidas como os Cabares, se juntaram aos magiares e migraram para a Hungria. Além disso, no século X, o duque húngaro Taksony convidou uma segunda onda de emigrantes cazares para se estabelecer em seus domínios (ver acima, III, 9). Dois séculos depois, João Cinnamus, o

cronista bizantino, menciona tropas observando a lei judaica, lutando com o exército húngaro na Dalmácia, AD 1154.¹⁴⁸ Pode ter havido um pequeno número de "verdadeiros judeus" vivendo na Hungria desde os dias romanos, mas não pode haver dúvida de que a maioria desta importante porção do judaísmo moderno se originou nas ondas migratórias de Kabar-Khazars que desempenham um papel tão dominante no início da história húngara. Não só o país, como nos diz Constantino, era bilíngue em seu início, mas também tinha uma forma de dupla realeza, uma variação do sistema cazar: o rei compartilhando o poder com seu general no comando, que tinha o título de Jula ou Gyula (ainda um popular primeiro nome húngaro). O sistema durou até o final do século X, quando Santo Estêvão abraçou a fé católica romana e derrotou um Gyula rebelde — que, como se poderia esperar, era um Cazar, “vaído na fé e recusando-se a se tornar cristão”.¹⁴⁹ Este episódio pôs fim à dupla realeza, mas não à influência da comunidade judaico-cazar na Hungria. Um reflexo dessa influência pode ser encontrado no “Touro Dourado” — o equivalente húngaro da Magna Carta — emitido em 1222 pelo rei Endre (André) II, no qual os judeus eram proibidos de atuar como mestres da casa da moeda, coletores de impostos e controladores do monopólio real do sal — indicando que antes do edital numerosos judeus deveriam ter ocupado esses cargos importantes. Mas eles ocuparam posições ainda mais exaltadas. O guardião do rei Endre das Receitas da Câmara Real era o conde Teka, um judeu de origem cazar, um rico proprietário de terras e aparentemente um gênio financeiro e diplomático. Sua assinatura aparece em vários tratados de paz e acordos financeiros, entre eles um que garante o pagamento de 2000 marcos pelo governante austríaco Leopoldo II ao rei da Hungria. É irresistivelmente lembrado de um papel semelhante desempenhado pelo judeu espanhol Hasdai ibn Shaprut na corte do Califa de Córdoba. Comparando episódios semelhantes da diáspora palestina no oeste e da diáspora cazar no leste da Europa, faz com que a analogia entre eles pareça talvez menos tênue. Também vale a pena mencionar que quando o rei Endre foi compelido por seus nobres rebeldes a emitir, relutantemente, o Touro Dourado, ele manteve Teka no cargo contra as disposições expressas do Touro. O Camareiro Real manteve seu posto feliz por mais onze anos, até que a pressão papal sobre o Rei tornou aconselhável que Teka se demitisse e fosse para a Áustria, onde foi recebido de braços abertos. No entanto, o filho do rei Endre, Bela IV, obteve permissão papal para chamá-lo de volta. Teka retornou e morreu durante a invasão mongol.¹¹⁵⁰

A origem cazar do elemento numericamente e socialmente dominante na população judaica da Hungria durante a Idade Média é, portanto, relativamente bem documentada. Pode parecer que a Hungria constitui um caso especial, tendo em vista a conexão Magyar-Khazar; mas, na verdade, o influxo cazar para a Hungria era apenas uma parte da migração em massa geral das estepes da Eurásia para o Ocidente, ou seja, para a Europa Central e Oriental. Os cazares não foram a única nação que enviou ramificações para a Hungria. Assim, um grande número dos mesmos pechenegues que haviam perseguido os magiares do Don através dos Cárpatos, foram forçados a pedir permissão para se estabelecer em território húngaro quando eles, por sua vez, foram perseguidos pelos Kumanos; e os Kumanos compartilharam o mesmo destino quando, um século depois, eles fugiram dos mongóis, e cerca de 40000 deles "com seus escravos" receberam asilo do rei húngaro Bela.¹⁵¹ Em tempos relativamente tranquilos, esse movimento geral para o oeste das populações eurásianas não era mais do que uma deriva; em outros momentos, tornou-se uma debandada; mas as consequências da invasão mongol devem se classificar nessa escala metafórica como um terremoto seguido de um deslizamento de terra. Os guerreiros do Chefe Tejumin, chamado “Jinghiz Khan”, Senhor da Terra, massacraram a população de cidades inteiras como um aviso a outros para não resistir; usaram prisioneiros como telas vivas na frente de suas linhas de avanço; destruíram a rede de irrigação do delta do Volga, que forneceu às terras cazares arroz e outros alimentos básicos; e transformaram as estepes férteis nos “campos selvagens” — *pólo dikoyeh* — como os russos mais tarde os chamariam: um espaço ilimitado sem fazendeiros ou pastores, através do qual apenas os cavaleiros mercenários passam a serviço deste ou daquele governante rival — ou pessoas escapando de tal regra”.¹⁵² A Peste Negra de 1347-8 acelerou o despovoamento progressivo do antigo coração cazar entre Cáucaso, Don e Volga, onde a cultura de estepes havia atingido seu nível mais alto — e a recaída na barbárie foi, por outro lado, mais drástica do que nas regiões adjacentes. Como escreveu o Barão: “A destruição ou partida de fazendeiros, artesãos e comerciantes judeus industriais deixou para trás um vazio que naquelas regiões só recentemente começou a ser preenchido.”¹⁵³ Não só Khazaria foi destruída, mas também o país búlgaro Volga, juntamente com as últimas fortalezas caucasianas dos Alanos e Kumans, e os principados do sul da Rússia, incluindo Kiev. Durante o período de desintegração da Horda Dourada, a partir do século XIV, a anarquia tornou-se, se possível, ainda pior. “Na maioria das estepes europeias, a emigração era o único caminho que restava aberto para as populações que queriam garantir suas vidas e meios de subsistência”.¹⁵⁴ A migração para pastagens mais seguras foi um processo prolongado e intermitente que durou vários séculos. O êxodo cazar fazia parte do quadro geral. Ela havia sido precedida, como já mencionado, pela fundação de colônias e assentamentos cazares em vários lugares na Ucrânia e no sul da Rússia. Havia uma comunidade judaica florescente em Kiev muito antes e depois que os Rus tomaram a cidade dos Khazars. Colônias semelhantes existiam em Perislaiv e Chernigov. Um rabino Mosheh de Kiev estudou na França por volta de 1160, e um rabino Abraham de Chernigov estudou em 1181 na Talmud School de Londres. O “Lay of Igor 's Host” menciona um famoso poeta russo contemporâneo chamado Kogan — possivelmente uma combinação de Cohen (sacerdote) e Kagan.¹⁵⁵ Algum tempo depois que Sarkel, que os russos chamavam de *Biela Veza*, foi destruído, os cazares construíram uma cidade com o mesmo nome perto de Chernigov.¹⁵⁶ Há uma abundância de nomes de lugares antigos na Ucrânia e na Polônia, que derivam de “Khazar” ou “Zhid” (judeu):

¹Estou grato à senhora deputada St. G. Saunders por me ter chamado a atenção para o episódio de Teka, que parece ter sido esquecido na literatura sobre os Cazares.

Zydowo, Kozarzewek, Kozara, Kozarzow, Zhydowska Vola, Zydaticze, e assim por diante. Eles podem ter sido aldeias, ou apenas acampamentos temporários de comunidades judaicas-cazares em sua longa caminhada para o oeste.¹⁵⁷ Nomes semelhantes também podem ser encontrados nas montanhas Cárpatos e Tatra, e nas províncias orientais da Áustria. Mesmo os antigos cemitérios judaicos de Cracóvia e Sandomierz, ambos chamados de "Kaviory", são considerados de origem cazar-kabar. Enquanto a principal rota do êxodo cazar levava ao oeste, alguns grupos de pessoas foram deixados para trás, principalmente na Crimeia e no Cáucaso, onde formaram enclaves judeus sobrevivendo nos tempos modernos. Na antiga fortaleza cazar de Tamatarkha (Taman), de frente para a Crimeia através do estreito de Kerch, ouvimos falar de uma dinastia de príncipes judeus que governaram no século XV sob a tutela da República Genovese, e mais tarde dos tártaros da Crimeia. O último deles, o príncipe Zakharia, conduziu negociações com o príncipe de Moscovo, que convidou Zakharia para vir à Rússia e deixar-se batizar em troca de receber os privilégios de um nobre russo. Zakharia recusou, mas Poliak sugeriu que em outros casos "a introdução de elementos Khazar-Judeus em posições elevadas no estado moscovita pode ter sido um dos fatores que levaram ao aparecimento da 'heresia judaica' (Zhidovst-buyushtchik) entre os sacerdotes e nobres russos no século XVI, e da seita de observadores do sábado (Subbotniki) que ainda está generalizada entre cossacos e camponeses".¹⁵⁸ Outro vestígio da nação cazar são os "judeus da montanha" no nordeste do Cáucaso, que aparentemente ficaram para trás em seu habitat original quando os outros saíram. Eles deveriam ser cerca de oito mil e viver nas proximidades de outros remanescentes tribais dos tempos antigos: Kipchaks e Oghuz. Eles se chamam *Dagh Chufuty* (judeus das Terras Altas) na língua Tat que adotaram de outra tribo caucasiana; mas pouco mais se sabe sobre eles.¹ Outros enclaves cazares sobreviveram na Crimeia, e sem dúvida em outros lugares também em localidades que outrora pertenciam ao seu império. Mas estes não são mais do que interesses históricos em comparação com o mainstream da migração cazar para as regiões polonesas-lituanas — e os problemas formidáveis que ela coloca aos historiadores e antropólogos.

As regiões da Europa Central oriental, nas quais os emigrantes judeus de Khazaria encontraram um novo lar e aparente segurança, apenas começaram a assumir importância política no final do primeiro milênio. Por volta de 962, várias tribos eslavas formaram uma aliança sob a liderança dos mais fortes entre eles, os poloneses, que se tornaram o núcleo do estado polonês. Assim, a ascensão polonesa à eminência começou ao mesmo tempo que o declínio cazar (Sarkel foi destruído em 965). É significativo que os judeus desempenhem um papel importante em uma das primeiras lendas polonesas relativas à fundação do reino polonês. Dizem-nos que quando as tribos aliadas decidiram eleger um rei para governar a todos, escolheram um judeu, chamado Abraham Prokownik.¹⁵⁹ Ele pode ter sido um rico e educado comerciante cazar, a partir de cuja experiência os eslavos sertanejos esperava beneficiar — ou apenas uma figura lendária; mas, se assim for, a lenda indica que os judeus de seu tipo foram realizadas em alta estima. De qualquer forma, assim a história continua, Abraão, com modéstia involuntária, renunciou à coroa em favor de um camponês nativo chamado Piast, que assim se tornou o fundador da histórica dinastia Piast, que governou a Polônia de cerca de 962 a 1370. Se Abraham Prochownik existiu ou não, há uma abundância de indicações de que os imigrantes judeus de Khazaria foram bem-vindos como um bem valioso para a economia do país e administração do governo. Os poloneses sob a dinastia Piast, e seus vizinhos bálticos, os lituanos,² expandiram rapidamente suas fronteiras, e estavam em extrema necessidade de imigrantes para colonizar seus territórios, e para criar uma civilização urbana. Eles encorajaram, primeiro, a imigração de camponeses alemães, burgueses e artesãos, e mais tarde de migrantes dos territórios ocupados pela Horda Dourada,³ incluindo armênios, eslavos do sul e cazares. Nem todas essas migrações foram voluntárias. Eles incluíam um grande número de prisioneiros de guerra, como os tártaros da Crimeia, que foram colocados para cultivar as propriedades dos proprietários lituanos e poloneses nas províncias conquistadas do sul (no final do século XIV, o principado lituano se estendia do Báltico ao Mar Negro). Mas, no século XV, os turcos otomanos, conquistadores de Bizâncio, avançaram para o norte, e os proprietários transferiram o povo de suas propriedades nas áreas de fronteira mais para o interior.¹⁶⁰ Entre as populações assim transferidas à força estava um forte contingente de karaítas — a seita judaica fundamentalista que rejeitou a aprendizagem rabínica. De acordo com uma tradição que sobreviveu entre os karaítas nos tempos modernos, seus ancestrais foram trazidos para a Polónia pelo grande príncipe guerreiro lituano Vytautas (Vitold) no final do século XIV como prisioneiros de guerra de Sulkhath na Crimeia.¹⁶¹ Em favor desta tradição fala o fato de que Vitold em 1388 concedeu uma carta de direitos aos judeus de Troki, e o viajante francês, de Lanoi, encontrou lá "um grande número de judeus" falando uma língua diferente dos

¹Os dados acima aparecem no artigo de A. H. Kniper "Caucasus, People of" na impressão de 1973 do *Enc. Brit.*, baseado em recentes fontes soviéticas. Um livro de George Sava, *Vale do Povo Esquecido* (Londres, 1946) contém uma descrição de uma suposta visita aos judeus da montanha, rico em melodrama, mas infelizmente desprovido de informações factuais.

²As duas nações se uniram em uma série de tratados, a partir de 1386, no Reino da Polónia. Por uma questão de brevidade, usarei o termo "judeus poloneses" para me referir a ambos os países — independentemente do fato de que, no final do século XVIII, a Polónia foi dividida entre Rússia, Prússia e Áustria, e seus habitantes se tornaram oficialmente cidadãos desses três países. Na verdade, o chamado Pale of Settlement dentro da Rússia Imperial, ao qual os judeus foram confinados a partir de 1792, coincidiu com as áreas anexadas da Polónia mais partes da Ucrânia. Apenas certas categorias privilegiadas de judeus foram autorizados a viver fora do Pale; estes, na época do censo de 1897, totalizavam apenas 200000, em comparação com quase cinco milhões dentro do Pale — ou seja, dentro do antigo território polonês.

³A Polónia e a Hungria também foram brevemente invadidas pelos mongóis em 1241-42, mas não foram ocupadas — o que fez toda a diferença para sua história futura.

alemães e nativos.¹⁶² Essa língua era — e ainda é — um dialeto turco, na verdade a mais próxima entre as línguas vivas da *lingua* cumanica, que era falada nos antigos territórios cazares na época da Horda Dourada. De acordo com Zajaczkowski,¹⁶³ essa linguagem ainda é usada na fala e na oração nas comunidades karaítas sobreviventes em Troki, Vilna, Ponyeviez, Lutzk e Halitch. Os karaítas também afirmam que antes da Grande Peste de 1710 eles tinham cerca de trinta e duas ou trinta e sete comunidades na Polônia e na Lituânia. Eles chamam seu antigo dialeto de “a linguagem de Kedar” — assim como o rabino Petachia no século XII chamou seu habitat ao norte do Mar Negro de “a terra de Kedar”; e o que ele tem a dizer sobre eles — sentado no escuro durante o sábado, ignorância da aprendizagem rabínica — se encaixa em sua atitude sectária. Assim, Zajaczkowski, o eminente turcologista contemporâneo, considera os karaítas do ponto de vista linguístico como os mais puros representantes atuais dos antigos cazares.¹⁶⁴ Sobre as razões pelas quais esta seita preservou sua língua por cerca de meio milênio, enquanto o corpo principal dos judeus cazares a derramou em favor da *língua franca* iídiche, mais terá que ser dito mais tarde.

O reino polonês adotou desde seus primórdios sob a dinastia Piast uma orientação resolutamente ocidental, juntamente com o catolicismo romano. Mas, em comparação com seus vizinhos ocidentais, era cultural e economicamente um país subdesenvolvido. Daí a política de atrair imigrantes — alemães do oeste, armênios e judeus cazares do leste — e dar-lhes todo o incentivo possível para sua empresa, incluindo Cartas Reais detalhando seus deveres e privilégios especiais. Na Carta emitida por Boleslav, o Piedoso, em 1264, e confirmada por Casimiro, o Grande, em 1334, foi concedido aos judeus o direito de manter suas próprias sinagogas, escolas e tribunais; para manter a propriedade fundiária, e se envolver em qualquer comércio ou ocupação que eles escolheram. Sob o governo do rei Stephen Báthory (1575-86) aos judeus foi concedido um parlamento próprio que se reunia duas vezes por ano e tinha o poder de cobrar impostos sobre seus co-religiosos. Após a destruição do seu país, Khazar judaica tinha entrado em um novo capítulo em sua história. Uma ilustração marcante para a sua condição privilegiada é dada em um breve papal, emitido na segunda metade do século XIII, provavelmente pelo Papa Clemente IV, e dirigida a um príncipe polonês sem nome. Neste documento, o Papa faz saber que as autoridades romanas estão bem cientes da existência de um número considerável de sinagogas em várias cidades polacas — na verdade, nada menos do que cinco sinagogas apenas em uma cidade.¹ Ele deplora o fato de que essas sinagogas são relatadas como sendo mais altas do que as igrejas, mais imponentes e ornamentais, e cobertas com placas coloridas de chumbo, fazendo com que as igrejas católicas adjacentes pareçam pobres em comparação. (É lembrado da alegre observação de Masudi de que o minarete da mesquita principal era o edifício mais alto de Itil.) As queixas no breve são ainda autenticadas por uma decisão do legado papal, Cardeal Guido, datada de 1267, estipulando que os judeus não devem ser autorizados a mais de uma sinagoga para uma cidade. Nós recolhemos destes documentos, que são aproximadamente contemporâneos com a conquista mongol de Khazaria, que já naquele tempo deve ter havido um número considerável de Khazars presentes na Polônia se eles tinham em várias cidades mais de uma sinagoga; e que eles devem ter sido bastante próspero para construí-los tão “imponente e ornamental”. Isso nos leva à questão da dimensão aproximada e composição da imigração cazar para a Polônia. Com relação aos números envolvidos, não temos informações confiáveis para nos orientar. Lembramos que as fontes árabes falam de exércitos cazares que totalizam trezentos mil homens envolvidos nas guerras muçulmano-cazares (Capítulo I, 7); e mesmo que seja permitido exageros bastante selvagens, isso indicaria uma população cazar total de pelo menos meio milhão de almas. Ibn Fadlan deu o número de tendas dos búlgaros do Volga como 50000, o que significaria uma população de 300000-400000, ou seja, aproximadamente a mesma ordem de magnitude que a dos cazares. Por outro lado, o número de judeus no rei lituano-polonês no século XVII também é estimado por historiadores modernos em 500.000 (5% da população total).¹⁶⁵ Esses números não se encaixam muito mal com os fatos conhecidos sobre uma migração cazar prolongada através da Ucrânia para a Polônia-Lituânia, começando com a destruição de Sarkel e a ascensão da dinastia Piast no final do primeiro milênio, acelerando durante a conquista mongol e sendo mais ou menos concluída nos séculos XV e XVI — quando a estepe foi esvaziada e os cazares aparentemente foram varridos da face da terra.² Ao todo, essa transferência de população foi espalhada por cinco ou seis séculos de gotejamento e fluxo. Se levarmos em conta o influxo considerável de refugiados judeus de Bizâncio e do mundo muçulmano para a Cazária, e um pequeno aumento populacional entre os próprios cazares, parece plausível que os números provisórios para a população cazar em seu auge no século VIII sejam comparáveis aos dos judeus na Polônia no século XVII, pelo menos por ordem de magnitude — mais ou menos algumas centenas de milhares como um símbolo de nossa ignorância. Há ironia escondida nesses números. De acordo com o artigo “estatísticas” na *Enciclopédia Judaica*, no século XVI a população judaica total do mundo totalizava cerca de um milhão. Isso parece indicar, como Poliak, Kutschera¹⁶⁶ e outros apontaram, que durante a Idade Média a maioria dos que professavam a fé judaica eram cazares. Uma parte substancial dessa maioria foi para a Polônia, Lituânia, Hungria e Balcãs, onde fundaram aquela comunidade judaica oriental que, por sua vez, se tornou a maioria dominante dos judeus mundiais. Mesmo que o núcleo original dessa comunidade tenha sido diluído e aumentado por imigrantes de outras regiões (veja abaixo), sua derivação predominantemente cazar-turca parece ser apoiada por fortes evidências e deve pelo menos ser considerada como uma teoria que vale a pena discutir seriamente. Razões adicionais para atribuir o papel de liderança no crescimento e desenvolvimento da comunidade judaica na Polônia e no resto da Europa Oriental, principalmente ao elemento cazar, e não aos imigrantes do Ocidente, serão

¹Provavelmente Wrocław ou Cracóvia.

²O último dos antigos vilarejos cazares no Dnieper foram destruídos na revolta cossaca sob Chmelnycky no século XVII, e os sobreviventes deram um novo impulso poderoso ao número de judeus nas áreas de assentamento já existentes da Polônia-Lituânia.

discutidas nos capítulos a seguir. Mas pode ser apropriado neste ponto para citar o historiador polonês, Adam Vetulani (meus itálicos):

Os estudiosos poloneses concordam que esses assentamentos mais antigos foram fundados por emigrantes judeus do estado cazar e da Rússia, enquanto os judeus do sul e oeste da Europa começaram a chegar e se estabelecer apenas mais tarde ... e que uma certa proporção pelo menos da *população judaica (em tempos anteriores, o principal volume)* se originou do leste, do país cazar e, mais tarde, da Rússia kieviana.¹⁶⁷

Lá se vai o tamanho. Mas o que sabemos sobre a estrutura social e a composição da comunidade de imigrantes cazar? A primeira impressão que se ganha é uma semelhança impressionante entre certas posições privilegiadas detidas por judeus cazares na Hungria e na Polônia naqueles primeiros dias. Tanto as fontes húngaras quanto as polonesas se referem a judeus empregados como mestres das minas, administradores da receita real, controladores do monopólio do sal, cobradores de impostos e “credores de dinheiro” — ou seja, banqueiros. Este paralelo sugere uma origem comum dessas duas comunidades de imigrantes; e como podemos traçar as origens da maior parte da judiaria húngara para o Magyar-Khazar nexos, a conclusão parece auto-evidente. Os primeiros registros refletem o papel desempenhado pelos judeus imigrantes na vida econômica dos dois países. Não é surpreendente que tenha sido uma parte importante, uma vez que o comércio externo e a cobrança de direitos aduaneiros tinham sido a principal fonte de rendimento dos cazares no passado. Eles tinham a experiência que faltava a seus novos anfitriões, e era lógico que eles fossem chamados para aconselhar e participar da gestão das finanças da corte e da nobreza. As moedas cunhadas nos séculos XII e XIII com inscrições polonesas em letras hebraicas (ver Capítulo II, 1) são relíquias um tanto bizarras dessas atividades. O propósito exato que serviram ainda é um mistério. Alguns levam o nome de um rei (por exemplo, Leszek, Mieszko), outros estão inscritos “Da Casa de Abraão ben Joseph, o Príncipe” (possivelmente o próprio banqueiro), ou mostram apenas uma palavra de bênção: “Sorte” ou “Bênção”. Significativamente, fontes húngaras contemporâneas também falam da prática de cunhar moedas de prata fornecidas por proprietários judeus.¹⁶⁸ No entanto — em contraste com a Europa Ocidental — finanças e comércio estavam longe de ser os únicos campos de atividade judaica. Alguns ricos emigrantes se tornaram proprietários de terras na Polônia como o conde Teka estava na Hungria; propriedades de terras judaicas compreendendo toda uma aldeia de fazendeiros judeus são registradas, por exemplo, nas proximidades de Breslau antes de 1203;¹⁶⁹ e nos primeiros dias deve ter havido camponeses cazares em números consideráveis, como os antigos nomes de lugares cazares parecem indicar. Um vislumbre tentador de como algumas dessas aldeias podem ter surgido é fornecido pelos registros karaitas mencionados anteriormente; eles relatam como o príncipe Vitold estabeleceu um grupo de prisioneiros de guerra karaitas em “Krasna”, fornecendo-lhes casas, pomares e terras a uma distância de uma milha e meia. (“Krasna” foi provisoriamente identificado com a pequena cidade judaica Krasnoia em Podolia.)¹⁷⁰ Mas a agricultura não sustentou um futuro para a comunidade judaica. Existem várias causas para isso. A ascensão do feudalismo no século XIV transformou gradualmente os camponeses da Polônia em servos, proibidos de deixar suas aldeias, privados da liberdade de movimento. Ao mesmo tempo, sob a pressão conjunta da hierarquia eclesiástica e dos proprietários feudais, o Parlamento polonês em 1496 proibiu a aquisição de terras agrícolas por judeus. Mas o processo de alienação do solo deve ter começado muito antes disso. Além das causas específicas que acabamos de mencionar — a discriminação religiosa, combinada com a degradação dos camponeses livres em servos — a transformação da nação predominantemente agrícola de Khazars em uma comunidade predominantemente urbana refletiu um fenômeno comum na história das migrações. Diante de diferentes condições climáticas e métodos agrícolas, por um lado, e, por outro, com oportunidades inesperadas para uma vida mais fácil oferecidas pela civilização urbana, as populações imigrantes estão aptas a mudar sua estrutura ocupacional dentro de algumas gerações. A prole dos camponeses Abruzzi no Novo Mundo tornou-se garçons e restauradores, os netos dos agricultores poloneses podem se tornar engenheiros ou psicanalistas.¹ No entanto, a transformação da judiaria cazar em judaica polonesa não implicou qualquer ruptura brutal com o passado, ou perda de identidade. Foi um processo gradual e orgânico de mudança, que — como Poliak mostrou de forma convincente — preservou algumas tradições vitais da vida comunitária cazar em seu novo país. Isto foi conseguido principalmente através do surgimento de uma estrutura social, ou modo de vida, encontrado em nenhum outro lugar no mundo Diáspora: a pequena cidade judaica, em *ayarah hebraico*, em *shtetl* iídiche, em *miastecko polonês*. Todas as três designações são diminutivas, que, no entanto, não se referem necessariamente à pequenez (algumas eram cidades pequenas bastante grandes), mas aos direitos limitados do autogoverno municipal de que desfrutavam. O *shtetl* não deve ser confundido com o gueto. Este último consistia em uma rua ou bairro em que os judeus eram obrigados a viver dentro dos limites de uma cidade gentia. Foi, a partir da segunda metade do século XVI em diante, o habitat universal dos judeus em todos os lugares no mundo cristão, ea maioria dos muçulmanos. O gueto estava cercado por muros, com portões trancados à noite. Ele deu origem à claustrofobia e endogamia mental, mas também a uma sensação de relativa segurança em tempos de dificuldade. Como não podia se expandir em tamanho, as casas eram altas e de peito estreito, e a superlotação permanente criou condições sanitárias deploráveis. Foi necessária grande força espiritual para que as pessoas que viviam em tais circunstâncias mantivessem seu respeito próprio. “Mas nem todos. O *shtetl*, por outro lado, era uma proposição completamente

¹O processo oposto de colonos que se estabelecem em solo virgem aplica-se a migrantes de regiões mais altamente desenvolvidas para regiões subdesenvolvidas.

diferente — um tipo de assentamento que, como já foi dito, existia apenas na Polônia-Lituânia e em nenhum outro lugar do mundo. Era uma cidade rural independente com uma população exclusivamente ou predominantemente judaica. As origens do *shtetl* provavelmente remontam ao século XIII, e podem representar o elo perdido, por assim dizer, entre as cidades mercantis de Khazaria e os assentamentos judeus na Polônia. A função econômica e social dessas aglomerações semi-rurais e semi-urbanas parece ter sido semelhante em ambos os países. Em Khazaria, como mais tarde na Polônia, eles forneceram uma rede de postos comerciais ou cidades de mercado que mediavam entre as necessidades das grandes cidades e do campo. Eles tinham feiras regulares em que ovelhas e gado, juntamente com os bens fabricados nas cidades e os produtos das indústrias rurais cottage foram vendidos ou trocados; ao mesmo tempo, eles eram os centros onde os artesãos plied seu artesanato, de ferreiros a ferreiros, ourives, alfaiates, açougueiros Kosher, moleiros, padeiros e castiçais. Havia também escritores de cartas para os analfabetos, sinagogas para os fiéis, pousadas para viajantes e um *heder* — hebraico para “quarto”, que servia como escola. Havia contadores de histórias itinerantes e bardos folclóricos (alguns de seus nomes, como Velvel Zbarzher, foram preservados)¹⁷¹ viajando de *shtetl* para *shtetl* na Polônia — e sem dúvida mais cedo em Khazaria, se quisermos julgar pela sobrevivência de contadores de histórias entre os povos orientais até nossos dias. Alguns comércios particulares tornaram-se virtualmente um monopólio judeu na Polônia. Uma era a madeira — o que lembra que a madeira era o principal material de construção e uma exportação importante na Cazária; outra era o transporte. “A densa rede de *shtetls*”, escreve Poliak,¹⁷² “tornou possível distribuir produtos manufaturados por todo o país por meio do soberbo tipo de carroça de cavalo judaica. A preponderância desse tipo de transporte, especialmente no leste do país, era tão acentuada que equivalia a um monopólio virtual — que a palavra hebraica para carter, *ba'al agalah*,¹ foi incorporada à língua russa como *balagula*. Somente o desenvolvimento da ferrovia na segunda metade do século XIX levou a um declínio desse comércio.” Agora, esta especialização na construção de ônibus e cartering certamente não poderia ter se desenvolvido nos guetos fechados da judiaria ocidental; ela aponta inequivocamente para uma origem cazar. As pessoas dos guetos eram sedentárias; enquanto os cazares, como outras pessoas semi-nômades, usavam carros puxados por cavalos ou bois para transportar suas tendas, mercadorias e bens móveis — incluindo tendas reais do tamanho de um circo, adequadas para acomodar várias centenas de pessoas. Eles certamente tinham o know-how para negociar as pistas mais difíceis em seu novo país. Outras ocupações especificamente judaicas eram a manutenção de pousadas, o funcionamento de moinhos de farinha e o comércio de peles — nenhuma delas encontrada nos guetos da Europa Ocidental. Tal, em linhas gerais, foi a estrutura do judeu *shtetl* na Polônia. Algumas de suas características poderiam ser encontradas em cidades velhas do mercado em qualquer país; outros mostram uma afinidade mais específica com o que nós sabemos — embora pouco seja — sobre os townships de Khazaria, que eram provavelmente os protótipos do *shtetl* polonês. A estas características específicas deve ser adicionado o “pagode-estilo” das sinagogas *shtetl* de madeira sobreviventes mais antigas que datam dos séculos XV e XVI, que é totalmente diferente tanto do estilo nativo da arquitetura e do estilo de construção adotado pelos judeus ocidentais e replicado mais tarde nos guetos da Polônia. A decoração interior das sinagogas *shtetl* mais antigas também é bastante diferente do estilo do gueto ocidental; as paredes da sinagoga *shtetl* foram cobertas com arabescos mouros e com figuras animais características da influência persa encontrada em artefatos Magyar-Khazar (I, 13) e no estilo decorativo trazido para a Polônia por imigrantes armênios.¹⁷³ O traje tradicional da judiaria polonesa também é de origem inequivocamente oriental. O kaftan longo típico da seda pode ter sido uma imitação do revestimento desgastado pelo nobility polonês, que ele mesmo copiou da roupa dos mongóis no Horde dourado — as modas viajam através das divisões políticas; mas nós sabemos que os kaftans foram desgastados muito antes que pelos nomads das estepes. A touca de *crânio* (*yarmolka*) é usada até hoje por judeus ortodoxos — e pelos usbeques e outro povo turco na União Soviética. Em cima do crânio, os homens usavam o *streimel*, um elaborado chapéu redondo com pele de raposa, que os cazares copiavam dos Khasaks — ou vice-versa. Como já mencionado, o comércio de peles de raposa e zibelina, que florescera na Cazária, tornou-se outro monopólio judeu virtual na Polónia. Quanto às mulheres, elas usavam, até meados do século XIX, um turbante branco alto, que era uma cópia exata do Jauluk usado pelas mulheres Khasak e Turkmen.¹⁷⁴ (Hoje em dia, as judias ortodoxas têm que usar, em vez de um turbante, uma peruca feita de seu próprio cabelo, que é raspada quando se casam.) Pode-se também mencionar neste contexto — embora um pouco duvidosamente — a estranha paixão dos judeus poloneses por *gefillte* (recheado) *fisch*, um prato nacional que os gentios poloneses adotaram. “Sem peixe”, dizia o ditado, “não há sábado”. Foi derivado de memórias distantes da vida no Cáspio, onde o peixe era a dieta básica? A vida no *shtetl* é celebrada com muita nostalgia romântica na literatura e no folclore judaico. Assim, lemos em um levantamento moderno de seus costumes¹⁷⁵ sobre a maneira alegre como seus habitantes celebraram o sábado:

Onde quer que alguém esteja, ele tentará chegar em casa a tempo de saudar o sábado com sua própria família. O vendedor que viaja de aldeia em aldeia, o alfaiate itinerante, sapateiro, sapateiro, o comerciante fora em uma viagem, tudo vai planejar, empurrar, pressa, tentando chegar em casa antes do pôr do sol na sexta-feira à noite. Enquanto eles pressionam para casa, os *shammes* chamam pelas ruas do *shtetl*: “Judeus para a casa de banho!” Funcionário da sinagoga, o *shammes* é uma combinação de sexton e beadle. Ele fala com uma autoridade mais do que a sua própria, pois quando ele chama “judeus para a casa de banho” ele está convocando-os a um mandamento.

¹Literalmente “mestre do carrinho”.

A evocação mais vívida da vida no *shtetl* é o amálgama surrealista de fato e fantasia nas pinturas e litografias de Marc Chagall, onde símbolos bíblicos aparecem lado a lado com o carter barbudo empunhando seu chicote e rabinos melancólicos em kaftan e *yarmolka*. Era uma comunidade estranha, refletindo suas origens estranhas. Algumas das primeiras pequenas cidades provavelmente foram fundadas por prisioneiros de guerra — como os karaitas de Troki — a quem os nobres poloneses e lituanos estavam ansiosos para se estabelecer em suas terras vazias. Mas a maioria desses assentamentos eram produtos da migração geral para longe dos "campos selvagens" que estavam se transformando em desertos. "Depois da conquista mongol", escreveu Poliak, "quando as aldeias eslavas vagaram para o oeste, os *shtetls* cazares foram com eles."¹⁷⁶ Os pioneiros dos novos assentamentos eram provavelmente ricos comerciantes cazares que viajavam constantemente pela Polônia nas rotas comerciais muito frequentadas para a Hungria. "A migração de Magyar e Kabar para a Hungria abriu caminho para os crescentes assentamentos cazares na Polônia: transformou a Polônia em uma área de trânsito entre os dois países com comunidades judaicas."¹⁷⁷ Assim, os comerciantes itinerantes estavam familiarizados com as condições nas áreas potenciais de reassentamento e tiveram a oportunidade de entrar em contato com os proprietários de terras em busca de inquilinos. "O senhorio entraria em um acordo com judeus tão ricos e respeitados" (lembramo-nos de Abraham Prokownik) "como se estabeleceria em sua propriedade e traria outros colonos. Eles, em regra, escolheriam pessoas do lugar onde moravam."¹⁷⁸ Esses colonos seriam um lote variado de agricultores, artesãos e artesãos, formando uma comunidade mais ou menos autossustentável. Assim, o *shtetl* czar seria transplantado e se tornaria um *shtetl* polonês. A agricultura deixaria gradualmente de funcionar, mas nessa altura já estaria concluída a adaptação às novas condições. O núcleo da judiaria moderna seguia assim a velha receita: procurar novos horizontes, mas manter-se unido.

VI

De onde?

Dois fatos básicos emergem de nossa pesquisa: o desaparecimento da nação cazar de seu habitat histórico e o aparecimento simultâneo em regiões adjacentes ao noroeste da maior concentração de judeus desde os primórdios da diáspora. Como os dois estão obviamente conectados, os historiadores concordam que a imigração de Khazaria deve ter contribuído para o crescimento dos judeus poloneses — uma conclusão apoiada pelas evidências citadas nos capítulos anteriores. Mas eles têm menos certeza sobre a *extensão* dessa contribuição — o tamanho da imigração cazar em comparação com o influxo de judeus ocidentais, e sua respectiva participação na composição genética da comunidade judaica moderna. Em outras palavras, o fato de que os cazares emigraram em números substanciais para a Polônia é estabelecido sem disputa; a questão é se eles forneceram a maior parte do novo assentamento, ou apenas seu núcleo duro, por assim dizer. Para encontrar uma resposta para esta pergunta, devemos ter alguma idéia do tamanho da imigração de "verdadeiros judeus" do Ocidente.

No final do primeiro milênio, os assentamentos mais importantes de judeus da Europa Ocidental estavam na França e na Renânia.¹ Algumas dessas comunidades provavelmente haviam sido fundadas nos dias romanos, pois, entre a destruição de Jerusalém e o declínio do Império Romano, os judeus se estabeleceram em muitas das grandes cidades sob seu domínio, e mais tarde foram reforçados por imigrantes da Itália e do norte da África. Assim, temos registros do século IX em diante de comunidades judaicas em lugares por toda a França, da Normandia até a Provença e o Mediterrâneo. Um grupo chegou a atravessar o Canal da Mancha para a Inglaterra após a invasão normanda, aparentemente convidado por Guilherme, o Conquistador,¹⁷⁹ porque ele precisava de seu capital e empreendimento. A história deles foi resumida pelo Barão:

Eles foram posteriormente convertidos em uma classe de "usurários reais", cuja principal função era fornecer créditos para empreendimentos políticos e econômicos. Depois de acumular grande riqueza através da alta taxa de juros, esses agiotes foram forçados a desembolsá-la de uma forma ou de outra para o benefício do tesouro real. O bem-estar prolongado de muitas famílias judaicas, o esplendor de sua residência e traje, e sua influência sobre os assuntos públicos cegou até mesmo observadores experientes para os perigos profundos à espreita do crescente ressentimento dos devedores de todas as classes, e da dependência exclusiva dos judeus sobre a proteção de seus mestres reais.... Rumores de descontentamento, culminando em violentos surtos em 1189-90, pressagiaram a tragédia final: a expulsão de 1290. A ascensão meteórica, e ainda mais rápido declínio da judiaria inglesa no breve período de dois séculos e um quarto (1066-1290) trouxe em relevo acentuado os fatores fundamentais que moldam os destinos de todos os judeus ocidentais na primeira metade crucial do segundo milênio.¹⁸⁰

O exemplo inglês é instrutivo, porque é excepcionalmente bem documentado em comparação com a história inicial das comunidades judaicas no continente. A principal lição que tiramos dela é que a influência socioeconômica dos judeus estava completamente desproporcionada com o seu pequeno número. Não havia, aparentemente, mais de 2500 judeus na Inglaterra em qualquer momento antes de sua expulsão em 1290.² Esta pequena comunidade judaica na Inglaterra medieval desempenhou um papel de liderança no Estabelecimento econômico do país — muito mais do que seu número oposto na Polônia; mas, em contraste com a Polônia, não podia contar com uma rede de pequenas cidades judaicas para fornecer-lhe uma base em massa de artesãos humildes, de artesãos e trabalhadores de classe média baixa, carteiros e estalajadeiros; não tinha raízes no povo. Sobre esta questão vital, a Inglaterra de Angevin sintetizou desenvolvimentos no Continente Ocidental. Os judeus da França e da Alemanha enfrentavam a mesma situação: sua estratificação ocupacional era desequilibrada e muito pesada. Isso levou a toda parte à mesma trágica sequência de eventos. O conto triste sempre começa com uma lua de mel, e termina em divórcio e derramamento de sangue. No início, os judeus são mimados com cartas especiais, privilégios, favores. São *personae gratae* como os alquimistas da corte, porque só eles têm o segredo de como manter as rodas da economia girando. "Na 'idade das trevas'", escreveu Cecil Roth, "o comércio da Europa Ocidental estava em grande parte nas mãos dos judeus, não excluindo o comércio de escravos, e nos cartuchos carolíngios judeu e comerciante são usados como termos quase intercambiáveis."¹⁸¹ Mas com o crescimento de uma classe mercantil nativa, eles se tornaram gradualmente excluídos não apenas da maioria das ocupações produtivas, mas também das formas tradicionais de comércio, e praticamente o único campo deixado aberto a eles era o empréstimo de capital com juros. "...A riqueza flutuante do país foi absorvida pelos judeus, que eram periodicamente obrigados a desembarcar no tesouro..."¹⁸² O arquétipo de Shylock foi estabelecido muito antes do tempo de Shakespeare. Nos dias de lua de mel, Carlos Magno enviou uma embaixada histórica em 797 a Harun al-Rashid, em

¹Sem contar os judeus da Espanha, que formaram uma categoria à parte e não participaram dos movimentos migratórios com os quais estamos preocupados.

²De acordo com a pesquisa clássica de Joseph Jacobs, *Os judeus de Angevin Inglaterra*, com base em nomes de família judaicos registrados e outros documentos. [Citado por Baron, Vol. IV, p. 77.]

Bagdá, para negociar um tratado de amizade; a embaixada era composta pelo judeu Isaac e dois nobres cristãos. O fim amargo veio quando, em 1306, Philip le Bel expulsou os judeus do reino da França. Embora mais tarde alguns pudessem retornar, eles sofreram mais perseguições, e no final do século a comunidade francesa de judeus estava praticamente extinta.¹

Se nos voltarmos para a história dos judeus alemães, o primeiro fato a notar é que “notavelmente, não possuímos uma história acadêmica abrangente dos judeus alemães.... A *Germanica Judaica* é apenas uma boa obra de referência para fontes históricas que lançam luz sobre comunidades individuais até 1238.”¹⁸³ É uma luz fraca, mas pelo menos ilumina a distribuição territorial das comunidades judaico-ocidentais na Alemanha durante o período crítico em que a imigração judaica-cazar para a Polônia estava se aproximando de seu pico. Um dos primeiros registros de tal comunidade na Alemanha menciona um certo Kalonymous, que, em 906, emigrou com seus parentes de Lucca, na Itália, para Mavence. Mais ou menos ao mesmo tempo ouvimos falar de judeus em Spire e Worms, e um pouco mais tarde em outros lugares — Trêves, Metz, Estrasburgo, Colônia — todos eles situados em uma faixa estreita na Alsácia e ao longo do vale do Reno. O viajante judeu Benjamim de Tudela (veja acima, II, 8) visitou a região em meados do século XII e escreveu: “Nessas cidades há muitos israelitas, sábios e ricos”.¹⁸⁴ Mas quantos são “muitos”? Na verdade, muito poucos, como será visto. Anteriormente, vivia em Mayence um certo rabino Gershom ben Yehuda (*por volta* de 960-1030), cujo grande aprendizado lhe rendeu o título de “Luz da Diáspora” e a posição de chefe espiritual da comunidade francesa e renana-alemã. Em alguma data por volta de 1020 Gershom convocou um Conselho Rabínico em Worms, que emitiu vários decretos, incluindo um que colocou um fim legal à poligamia (que, de qualquer forma, estava em suspenso por um longo tempo). A estes éditos foi acrescentado um codicilo, que previa que, em caso de urgência, qualquer regulamento poderia ser revogado “por uma assembleia de cem delegados dos países da Borgonha, Normandia, França e das cidades de Mayence, Spire e Worms”. Em outros documentos rabínicos também, que datam do mesmo período, apenas estas três cidades são nomeadas, e só podemos concluir que as outras comunidades judaicas na Renânia eram no início do século XI ainda insignificante demais para ser mencionado.¹⁸⁵ No final do mesmo século, as comunidades judaicas da Alemanha escaparam por pouco do extermínio completo nas explosões da histeria mafiosa que acompanhavam a Primeira Cruzada, em 1096. F. Barker transmitiu a mentalidade do cruzado com uma força dramática raramente encontrada nas colunas da *Enciclopédia Britânica*:¹⁸⁶

Ele pode massacrar todos, até que ele waded tornozelo com sangue, e, em seguida, ao anoitecer ajoelhar-se, soluçando de muita alegria, no altar do Sepulcro — para ele não era vermelho do lagar do Senhor?

Os judeus da Renânia foram pegos naquele lagar, que quase os espremeu até a morte. Além disso, eles próprios se tornaram afetados por um tipo diferente de histeria em massa: um anseio mórbido pelo martírio. De acordo com o cronista hebraico Salomão Bar Simão, considerado como geralmente confiável,¹⁸⁷ os judeus de Mayence, confrontados com a alternativa entre o batismo ou a morte nas mãos da multidão, deu o exemplo a outras comunidades, decidindo sobre o suicídio coletivo.¹⁸⁸

Imitando em grande escala a prontidão de Abraão para sacrificar Isaque, os pais massacraram seus filhos e os maridos suas esposas. Esses atos de horror e heroísmo indescritíveis foram realizados na forma ritualística de abate com facas sacrificiais afiadas de acordo com a lei judaica. Às vezes, os principais sábios da comunidade, supervisionando a imolação em massa, foram os últimos a se separar da vida por suas próprias mãos.... Na histeria em massa, santificada pelo brilho do martírio religioso e compensada pela expectativa confiante das recompensas celestiais, nada parecia importar senão acabar com a vida antes que alguém caísse nas mãos dos inimigos implacáveis e tivesse que enfrentar a alternativa inevitável da morte nas mãos do inimigo ou da conversão ao cristianismo.

Passando das estatísticas de sangue para as sóbrias, temos uma ideia aproximada do tamanho das comunidades judaicas na Alemanha. As fontes hebraicas concordam com 800 vítimas (por abate ou suicídio) em Worms, e variam entre 900 e 1300 para Mayence. É claro que deve ter havido muitos que preferiram o batismo à morte, e as fontes não indicam o número de sobreviventes; nem podemos ter certeza de que eles não exageram o número de mártires. De qualquer forma, o Barão conclui de seus cálculos que “a população judaica total de qualquer comunidade dificilmente excedeu os números aqui dados apenas para os mortos”.¹⁸⁹ Então os sobreviventes em Worms ou em Mayence só poderiam ter somado algumas centenas em cada caso. No entanto, estas duas cidades (com Spire como um terceiro) foram os únicos importantes o suficiente para ser incluído no decreto do rabino Gershom mais cedo. Assim, somos levados a perceber que a comunidade judaica na Renânia Alemã era numericamente pequena, mesmo antes da Primeira Cruzada, e havia encolhido para proporções ainda menores depois de ter passado pelo lagar do Senhor. No entanto, o elenco do Reno, no centro e norte da Alemanha, ainda não havia comunidades judaicas em tudo, e nenhum por muito tempo para vir. A concepção tradicional de historiadores judeus de que a Cruzada de 1096 varreu como uma vassoura uma migração em massa de judeus alemães para a Polônia é simplesmente uma lenda — ou melhor, uma hipótese *ad hoc* inventada

¹A comunidade moderna de judeus na França e na Inglaterra foi fundada por refugiados da Inquisição Espanhola nos séculos XVI e XVII.

porque, como pouco sabiam da história cazar, não podiam ver outra maneira de explicar o surgimento, do nada, dessa concentração sem precedentes de judeus na Europa Oriental. No entanto, não há uma única menção nas fontes contemporâneas de qualquer migração, grande ou pequena, da Renânia mais ao leste para a Alemanha, para não mencionar a distante Polônia. Assim, Simon Dubnov, um dos historiadores da escola mais antiga: "A primeira cruzada que colocou as massas cristãs em movimento em direção ao leste asiático, dirigiu ao mesmo tempo as massas judaicas em direção ao elenco da Europa".¹⁹⁰ No entanto, algumas linhas mais abaixo, ele tem que admitir: "Sobre as circunstâncias deste movimento de emigração que era tão importante para a história judaica, não possuímos nenhuma informação próxima."¹⁹¹ No entanto, possuímos informações abundantes sobre o que essas comunidades judaicas maltratadas fizeram durante a primeira e as cruzadas subsequentes. Alguns morreram por suas próprias mãos; outros tentaram oferecer resistência e foram linchados; enquanto aqueles que sobreviveram deviam sua boa sorte ao fato de terem recebido abrigo durante a emergência no castelo fortificado do Bispo ou Burgrave, que, pelo menos teoricamente, era responsável por sua proteção legal. Frequentemente, essa medida não era suficiente para evitar um massacre; mas os sobreviventes, uma vez que as hordas cruzadas haviam passado, invariavelmente retornavam às suas casas saqueadas e sinagogas para começar de novo. Encontramos esse padrão repetidamente em crônicas: em Treves, em Metz e em muitos outros lugares. No momento da segunda e mais tarde cruzadas, tornou-se quase uma rotina: "No início da agitação para uma nova cruzada muitos judeus de Mayence, Worms, Spire, Estrasburgo, Würzburg e outras cidades, escapou para os castelos vizinhos, deixando seus livros e bens preciosos sob a custódia de burgueses amigáveis."¹⁹² Uma das principais fontes é o *Livro da Memória* de Efraim bar Jacó, que, com a idade de treze anos, tinha sido um dos refugiados de Colônia no castelo de Wolkenburg.¹⁹³ Solomon Bar Simon relata que durante a segunda cruzada os sobreviventes dos judeus de Mayence encontraram proteção em Spire, depois retornaram à sua cidade natal e construíram uma nova sinagoga.¹⁹⁴ Este é o *lema* das Crônicas; para repeti-lo mais uma vez, não há uma palavra sobre as comunidades judaicas emigrando para a Alemanha Oriental, que, nas palavras de Mieses, ainda¹⁹⁵ era *Judenrein* — limpo de judeus — e era para permanecer assim por vários séculos.

O século XIII foi um período de recuperação parcial. Ouvimos pela primeira vez de judeus em regiões adjacentes à Renânia: o Palatinado (AD 1225); Freiburg (1230), Ulm (1243), Heidelberg (1255), etc.¹⁹⁶ Mas era para ser apenas uma breve pausa, para o século XIV trouxe novos desastres para os judeus franco-alemães. A primeira catástrofe foi a expulsão de todos os judeus dos domínios reais de Filipe le Bel. A França estava sofrendo de uma crise econômica, para os habituais acompanhamentos de moeda degradada e agitação social. Filipe tentou remediá-lo pelo método habitual de embeber os judeus. Ele exigiu deles pagamentos de 100000 *livres* em 1292, 215000 *livres* em 1295, 1299, 1302 e 1305, então decidiu sobre um remédio radical para suas finanças doentes. Em 21 de junho de 1306, ele assinou uma ordem secreta para prender todos os judeus em seu reino em um determinado dia, confiscar suas propriedades e expulsá-los do país. As prisões foram realizadas em 22 de julho e a expulsão algumas semanas depois. Os refugiados emigraram para regiões da França fora do domínio do rei: Provença, Borgonha, Aquitânia e alguns outros feudos feudais. Mas, segundo Mieses, "não há registros históricos que indiquem que o judaísmo alemão aumentou seu número através dos sofrimentos da comunidade judaica na França no período decisivo de sua destruição".¹⁹⁷ E nenhum historiador jamais sugeriu que os judeus franceses viajaram através da Alemanha para a Polônia, naquela ocasião ou em qualquer outro momento. Sob os sucessores de Filipe houve algumas retiradas parciais de judeus (em 1315 e 1350), mas eles não poderiam desfazer o dano, nem evitar novas explosões de perseguição da máfia. No final do século XIV, a França, como a Inglaterra, era virtualmente *Judenrein*.

A segunda catástrofe desse século desastroso foi a Peste Negra, que, entre 1348 e 1350, matou um terço da população europeia, e em algumas regiões até dois terços. Veio do leste da Ásia via Turquestão, e a maneira como foi solto na Europa, e o que fez lá, é simbólico da loucura do homem. Um líder tártaro chamado Janibeg em 1347 estava sitiando a cidade de Kaffa (agora Feodosia) na Crimeia, então um porto comercial genovês. A praga era desenfreada no exército de Janibeg, então ele catapultou os cadáveres de vítimas infectadas para a cidade, cuja população ficou infectada por sua vez. Os navios genoveses carregavam os ratos e suas pulgas mortais para o oeste para os portos mediterrâneos, de onde se espalhavam para o interior. Os bacilos de *Pasteurella pestis* não deveriam fazer uma distinção entre as várias denominações, mas os judeus foram, no entanto, selecionados para tratamento especial. Depois de serem acusados anteriormente do massacre ritual de crianças cristãs, eles agora eram acusados de envenenar os poços para espalhar a Peste Negra. A lenda viajou mais rápido até do que os ratos, e a consequência foi a queima de judeus *em massa* por toda a Europa. Mais uma vez, o suicídio por autoimolação mútua tornou-se um expediente comum, para evitar ser queimado vivo. A população dizimada da Europa Ocidental não atingiu novamente o seu nível anterior à praga até o século XVI. Quanto aos seus judeus, que haviam sido expostos ao duplo ataque de ratos e homens, apenas uma fração sobreviveu. Como Kutschera escreveu:

A população vingou os cruéis golpes do destino e atacou aqueles a quem a praga havia poupado com fogo e espada. Quando as epidemias recuaram, a Alemanha, segundo historiadores contemporâneos, ficou praticamente sem judeus. Somos levados a concluir que na própria Alemanha os judeus não podiam prosperar, e nunca foram capazes de estabelecer grandes e populosas comunidades. Como, então, nestas circunstâncias, eles deveriam ter sido capazes de lançar as bases na Polônia de uma população de massa tão densa que atualmente [AD 1909] supera os judeus da Alemanha à taxa de dez para um? Na verdade, é difícil entender como a idéia já

ganhou terreno que os judeus orientais representam imigrantes do Ocidente, e especialmente da Alemanha.¹⁹⁸

No entanto, ao lado da primeira cruzada, a Peste Negra é mais frequentemente invocada pelos historiadores como o *deus ex machina* que criou a judiaria oriental. E, assim como no caso das cruzadas, não há um pingão de evidência para esse êxodo imaginário. Pelo contrário, as indicações são de que a única esperança de sobrevivência dos judeus nisso, como naquela ocasião anterior, era ficar juntos e procurar abrigo em algum lugar fortificado ou ambiente menos hostil nas proximidades. Há apenas um caso de emigração no período da Peste Negra mencionado por Mieses: os judeus de Spires se refugiaram da perseguição em Heidelberg — a cerca de dez milhas de distância. Após o extermínio virtual das antigas comunidades judaicas na França e na Alemanha após a Peste Negra, a Europa Ocidental *permaneceu* no Judenrein por alguns séculos, com apenas alguns enclaves vegetando — exceto na Espanha. Era uma linhagem totalmente diferente de judeus que fundaram as comunidades modernas da Inglaterra, França e Holanda nos séculos XVI e XVII — os sefarditas (judeus espanhóis), forçados a fugir da Espanha, onde residiam há mais de um milênio. Sua história — e a história dos judeus europeus modernos — está fora do escopo deste livro. Podemos concluir com segurança que a ideia tradicional de um êxodo em massa de judeus ocidentais da Renânia para a Polônia em toda a Alemanha — um glaci hostil e sem judeus — é historicamente insustentável. É incompatível com o pequeno tamanho das Comunidades Renanas, sua relutância em se ramificar do vale do Reno para o leste, seu comportamento estereotipado na adversidade e a ausência de referências a movimentos migratórios nas crônicas contemporâneas. Outras evidências para essa visão são fornecidas pela linguística, a ser discutida no Capítulo VII.

VII

CORRENTES CRUZADAS

Sobre as evidências citadas em capítulos anteriores, pode-se facilmente entender por que os historiadores poloneses — que são, afinal, mais próximos das fontes — estão de acordo que "em tempos anteriores, a maior parte da população judaica se originou do país cazar".¹⁹⁹ Pode-se até ser tentado a exagerar o caso, alegando — como Kutschera faz — que o judaísmo oriental era cem por cento da origem cazar. Tal afirmação poderia ser sustentável se a malfadada comunidade franco-renana fosse a única rival na busca da paternidade. Mas no final da Idade Média as coisas se tornam mais complicadas pela ascensão e queda de assentamentos judeus em todos os territórios da antiga monarquia austro-húngara e nos Balcãs. Assim, não só Viena e Praga tinham uma população judaica considerável, mas não há menos de cinco lugares chamados Judendorf, "aldeia judaica", nos Alpes Caríntios, e mais Judenburgs e Judenstadts nas montanhas da Estíria. No final do século XV, os judeus foram expulsos de ambas as províncias, e foram para a Itália, Polônia e Hungria; mas de onde eles vieram originalmente? Certamente não do Ocidente. Como Mieses colocou em sua pesquisa sobre essas comunidades dispersas:

Durante a alta Idade Média, encontramos no leste uma cadeia de assentamentos que se estendem da Baviera à Pérsia, o Causcasus, Ásia Menor e Bizâncio. [Mas] a oeste da Baviera, há uma lacuna em toda a Alemanha... Não sabemos como surgiu esta imigração de judeus para as regiões alpinas, mas sem dúvida os três grandes reservatórios de judeus da antiguidade tardia desempenharam o seu papel: Itália, Bizâncio e Pérsia.²⁰⁰

O elo perdido nesta enumeração é, mais uma vez, Khazaria, que, como vimos anteriormente, serviu como um receptáculo e estação de trânsito para os judeus que emigram de Bizâncio e do Califado. Mieses adquiriu grande mérito em refutar a lenda da origem renana da judiaria oriental, mas ele, também, sabia pouco da história cazar, e não estava ciente de sua importância demográfica. No entanto, ele pode ter razão em sugerir uma componente italiana entre os imigrantes para a Áustria. A Itália não estava apenas quase saturada de judeus desde os tempos romanos, mas, como a Cazária, também recebeu sua parte de imigrantes de Bizâncio. Portanto, aqui podemos ter um fio de judeus "genuínos" de origem semita na Europa Oriental; no entanto, não poderia ter sido mais do que um fio, pois não há vestígio nos registros de qualquer imigração substancial de judeus italianos para a Áustria, enquanto há muitas evidências de uma migração reversa de judeus para a Itália após a sua expulsão das províncias alpinas no final do século XV. Detalhes como este tendem a confundir a imagem, e fazer um desejo que os judeus tinham ido para a Polônia a bordo do *Mayflower*, com todos os registros mantidos ordenadamente. No entanto, as grandes linhas do processo migratório são discerníveis. Os assentamentos alpinos foram, com toda a probabilidade, ramificações ocidentais da migração geral Cazar para a Polónia, que foi espalhada ao longo de vários séculos e seguiu várias rotas diferentes — através da Ucrânia, as regiões eslavas ao norte da Hungria, talvez também através dos Balcãs. Uma lenda romena fala de uma invasão — a data desconhecida — de judeus armados naquele país.²⁰¹

Há outra lenda muito curiosa relacionada com a história dos judeus austríacos. Foi lançado por cronistas cristãos na Idade Média, mas foi repetido com toda a seriedade por historiadores já no início do século XVIII. Nos dias pré-cristãos, segundo a lenda, as províncias austríacas eram governadas por uma sucessão de príncipes judeus. A Crônica Austríaca, compilada por um escriba vienense no reinado de Alberto III(1350-95) contém uma lista de nada menos que vinte e dois desses príncipes judeus, que dizem ter sucedido uns aos outros. A lista dá não apenas seus supostos nomes, alguns dos quais têm um anel distintamente ural-altaiano, mas também o comprimento de seu governo e o lugar onde estão enterrados; assim: "Sennan, governou 45 anos, enterrado no Stubentor em Viena; Zippan, 43 anos, enterrado em Tulln"; e assim por diante, incluindo nomes como Lapton, Ma'alón, Raptan, Rabon, Effra, Sameck, etc. Depois desses judeus vieram cinco príncipes pagãos, seguidos por governantes cristãos. A lenda é repetida, com algumas variações, nas histórias latinas da Áustria por Henricus Gundelfingus, 1474, e por vários outros, o último sendo *Flores Chronicorum Austriae* de Anselmus Schram, 1702 (que ainda parece ter acreditado em sua autenticidade).²⁰² Como esse conto fantástico poderia ter se originado? Ouçamos novamente Mieses: "O próprio fato de que tal lenda pudesse se desenvolver e se manter obstinadamente ao longo de vários séculos, indica que, no fundo da consciência nacional da antiga Áustria, as memórias obscuras persistiam de uma presença judaica nas terras do alto Danúbio em tempos passados. Quem sabe se as ondas de maré que emanam dos domínios cazares na Europa Oriental já varreram o sopé dos Alpes — o que explicaria o sabor turaniano dos nomes desses príncipes. As confabulações dos cronistas medievais só poderiam evocar um eco popular se fossem apoiadas por lembranças coletivas, por mais vagas que fossem."²⁰³ Como já mencionado, Mieses é bastante inclinado a subestimar a contribuição cazar para a história judaica, mas mesmo assim ele bateu na única hipótese plausível que poderia explicar a origem da lenda persistente. Pode-se até ousar ser um pouco mais específico. Durante mais de meio século — até 955 d.C. — a Áustria, a oeste do rio Enns, esteve sob domínio húngaro. Os magiares haviam chegado ao seu novo país em 896, juntamente com as tribos Cabar-Cazar que eram influentes na nação. Os húngaros na época ainda não estavam convertidos ao cristianismo (que aconteceu apenas um século depois, 1000 dC) e a única religião monoteísta familiar para eles era o judaísmo cazar. Pode ter havido um ou mais chefes tribais entre eles que praticaram uma espécie de judaísmo — lembramo-nos do cronista bizantino, John

Cinnamus, mencionando tropas judaicas lutando no exército húngaro.¹ Assim, pode ter havido alguma substância para a lenda — particularmente se lembrarmos que os húngaros ainda estavam em seu período de ataques selvagens, o flagelo da Europa. Estar sob seu domínio foi certamente uma experiência traumática que os austríacos provavelmente não esqueceriam. Tudo se encaixa muito bem.

Outra evidência contra a origem supostamente franco-renlandesa do iídiche é fornecida pela estrutura do iídiche, a língua popular das massas judaicas, falada por milhões antes do holocausto, e ainda sobrevivendo entre as minorias tradicionalistas na União Soviética e nos Estados Unidos. O iídiche é um curioso amálgama de hebraico, alemão medieval, eslavo e outros elementos, escritos em caracteres hebraicos. Agora que está morrendo, tornou-se um assunto de muita pesquisa acadêmica nos Estados Unidos e Israel, mas até bem no século XX foi considerado pelos linguistas ocidentais como apenas um jargão estranho, dificilmente vale a pena um estudo sério. Como H. Smith observou: “Pouca atenção foi dada ao iídiche por estudiosos. Além de alguns artigos em periódicos, o primeiro estudo realmente científico da língua foi a *Gramática Histórica* de Mieses, publicada em 1924. É significativo que a última edição da gramática histórica padrão do alemão, que trata o alemão do ponto de vista de seus dialetos, dispense o iídiche em doze linhas.”²⁰⁴ À primeira vista, a prevalência de palavras emprestadas alemãs em iídiche parece contradizer nossa tese principal sobre as origens do judaísmo oriental; veremos agora que o oposto é verdadeiro, mas o argumento envolve vários passos. A primeira é perguntar que tipo particular de dialeto alemão regional entrou no vocabulário iídiche. Ninguém antes de Mieses parece ter prestado muita atenção a esta questão; é ao seu mérito duradouro ter feito isso, e ter chegado a uma resposta conclusiva. Com base no estudo do vocabulário, fonética e sintaxe do iídiche em comparação com os principais dialetos alemães na Idade Média, ele conclui:

nenhum componente linguístico derivado das partes da Alemanha que fazem fronteira com a França é encontrado na língua iídiche. Nem uma única palavra de toda a lista de origem especificamente Moselle-Franconian compilado por J. A. Ballas (*Beiträge zur Kenntnis der Trierischen Volkssprache*, 1903, 28 e ss.) encontrou o seu caminho para o vocabulário iídiche. Mesmo as regiões mais centrais da Alemanha Ocidental, em torno de Frankfurt, não contribuíram para a língua iídiche...²⁰⁵ No que diz respeito às origens do iídiche, a Alemanha Ocidental pode ser anulada...²⁰⁶ Poderia ser que o ponto de vista geralmente aceito, segundo o qual os judeus alemães uma vez que uma vez imigrou da França através do Reno, é mal interpretado? A história dos judeus alemães, dos² judeus asquenazis, deve ser revista. Os erros da história são frequentemente corrigidos pela pesquisa linguística. A visão convencional da antiga imigração de judeus asquenazitas da França pertence à categoria de erros históricos que estão aguardando correção.²⁰⁷

Ele então cita, entre outros exemplos de falácias históricas, o caso dos ciganos, que foram considerados como uma ramificação do Egito, “até que a linguística mostrou que eles vêm da Índia”.²⁰⁸ Tendo descartado a suposta origem ocidental do elemento germânico em iídiche, Mieses passou a mostrar que a influência dominante nele são os chamados dialetos “Oriente-Médio Alemão” que foram falados nas regiões alpinas da Áustria e da Baviera aproximadamente até o século XV. Em outras palavras, o componente alemão que entrou na língua judaica híbrida originou-se nas regiões orientais da Alemanha, adjacente ao cinturão eslavo da Europa Oriental. Assim, a evidência da linguística suporta o registro histórico em refutar o equívoco das origens franco-renlandesas da judiaria oriental. Mas essa evidência negativa não responde à questão de como um dialeto alemão médio-oriental combinado com elementos hebraicos e eslavos se tornou a língua comum daquele judeu oriental, a maioria dos quais presumimos ter sido de origem cazar. Na tentativa de responder a essa pergunta, vários fatores devem ser levados em consideração. Primeiro, a evolução do iídiche foi um processo longo e complexo, que presumivelmente começou no século XV ou mesmo antes; no entanto, permaneceu por um longo tempo uma língua falada, uma espécie de *língua franca*, e aparece em impressão apenas no século XIX. Antes disso, não tinha gramática estabelecida, e “foi deixado ao indivíduo introduzir palavras estrangeiras como ele deseja. Não há nenhuma forma estabelecida de pronúncia ou ortografia... O caos na ortografia pode ser ilustrado pelas regras estabelecidas pelo *Jüdische Volks-Bibliothek*: (1) Escreva enquanto fala, (2) escreva para que os judeus poloneses e lituanos possam entendê-lo, e (3) soletre palavras diferentes do mesmo som que tenham um significado diferente.”²⁰⁹ Assim, o iídiche cresceu, ao longo dos séculos, por uma espécie de proliferação desenfreada, absorvendo avidamente de seus ambientes sociais palavras, frases, expressões idiomáticas que melhor serviam ao seu propósito como *língua franca*. Mas o elemento cultural e socialmente dominante no ambiente da Polônia medieval eram os alemães. Somente eles, entre as populações imigrantes, eram econômica e intelectualmente mais influentes do que os judeus. Vimos que desde os primeiros dias da dinastia Piast, e particularmente sob Casimiro, o Grande, tudo foi feito para atrair imigrantes para colonizar a terra e construir cidades “modernas”. Diz-se que Casimir “encontrou um país de madeira e deixou um país de pedra”. Mas essas novas cidades de pedra, como Cracóvia ou Lemberg, foram construídas e governadas por imigrantes alemães, vivendo sob a chamada lei de Magdeburgo, ou seja, desfrutando de um alto grau de autogoverno municipal. No total, não menos de quatro milhões de alemães imigraram para a Polónia,²¹⁰ fornecendo-lhe uma classe média urbana que não possuía antes. Como disse Poliak, comparando a imigração alemã com a khazar na Polónia: “os

¹Veja acima, V, 2.

²Para “Ashkenazi” ver abaixo, VIII, I.

governantes do país importaram essas massas de estrangeiros empreendedores tão necessários e facilitaram seu assentamento de acordo com o modo de vida a que estavam acostumados em seus países de origem: a cidade alemã e o *shtetl* judeu”. (No entanto, esta separação arrumada tornou-se turva quando as chegadas judaicas posteriores do Ocidente também se estabeleceram nas cidades e formaram guetos urbanos.) Não só a *burguesia* instruída, mas também o clero, era predominantemente alemão — uma consequência natural da Polônia optando pelo catolicismo romano e voltando-se para a civilização ocidental, assim como o clero russo após a conversão de Vladimir à ortodoxia grega era predominantemente bizantino. A cultura secular seguiu as mesmas linhas, seguindo os passos do vizinho ocidental mais velho. A primeira universidade polonesa foi fundada em 1364 em Cracóvia, então uma cidade predominantemente alemã.¹ Como Kutschera, o austríaco, disse, bastante presunçoso:

Os colonos alemães foram inicialmente vistos pelo povo com desconfiança e desconfiança; no entanto, eles conseguiram ganhar uma posição cada vez mais firme, e até mesmo na introdução do sistema educacional alemão. Os poloneses aprenderam a apreciar as vantagens da cultura superior introduzida pelos alemães e a imitar seus caminhos estrangeiros. A aristocracia polonesa, também, cresceu afeiçoado aos costumes alemães e encontrou beleza e prazer em tudo o que veio da Alemanha.²¹¹

Não exatamente modesto, mas essencialmente verdadeiro. Lembra-se da alta estima pelo *Kultur* alemão entre os intelectuais russos do século XIX. É fácil ver por que os imigrantes cazares que entravam na Polônia medieval tinham que aprender alemão se quisessem continuar. Aqueles que tinham relações estreitas com a população nativa, sem dúvida, também tiveram que aprender algum polonês pidgin (ou lituano, ou ucraniano ou esloveno); Alemão, no entanto, era uma necessidade principal em qualquer contato com as cidades. Mas havia também a sinagoga e o estudo da Torá hebraica. Pode-se visualizar um artesão *shtetl*, um sapateiro talvez, ou um comerciante de madeira, falando alemão quebrado para seus clientes, polonês quebrado para os servos na propriedade ao lado; e em casa misturando os pedaços mais expressivos de ambos com o hebraico em uma espécie de linguagem privada íntima. Como esse hotchpotch se tornou comunalizado e padronizado na medida em que o fez, é um palpite de qualquer linguista; mas pelo menos um pode discernir alguns fatores adicionais que facilitaram o processo. Entre os imigrantes posteriores para a Polônia havia também, como vimos, um certo número de “verdadeiros” judeus dos países alpinos, Boêmia e Alemanha Oriental. Mesmo que seu número fosse relativamente pequeno, esses judeus de língua alemã eram superiores em cultura e aprendizado aos cazares, assim como os gentios alemães eram culturalmente superiores aos poloneses. E assim como o clero católico era alemão, assim os rabinos judeus do Ocidente foram um poderoso fator na germanização dos cazares, cujo judaísmo era fervoroso, mas primitivo. Para citar Poliak novamente:

Os judeus alemães que chegaram ao reino da Polônia-Lituânia tiveram uma enorme influência sobre seus irmãos do leste. A razão pela qual os judeus [cazar] eram tão fortemente atraídos por eles era que eles admiravam sua aprendizagem religiosa e sua eficiência em fazer negócios com as cidades predominantemente alemãs.... A língua falada no *Heder*, a escola para o ensino religioso, e na casa do *Ghevir* [homem notável, rico] influenciaria a língua de toda a comunidade.²¹²

Um tratado rabínico da Polônia do século XVII contém o desejo piedoso: "Que Deus queira que o país seja cheio de sabedoria e que todos os judeus falem alemão".²¹³ Caracteristicamente, o único setor entre os judeus cazarianos na Polónia que resistiu às tentações espirituais e mundanas oferecidas pela língua alemã foram os karaítas, que rejeitaram a aprendizagem rabínica e o enriquecimento material. Assim, eles nunca levaram para o iídiche. De acordo com o primeiro censo russo em 1897, havia 12894 judeus karaítas vivendo no Império Czarista (que, é claro, incluía a Polónia). Destes 9666 deu turco como sua língua materna (ou seja, presumivelmente seu dialeto original cazar), 2632 falavam russo, e apenas 383 falavam iídiche. A seita karaíta, no entanto, representa a exceção e não a regra. Em geral, as populações de imigrantes que se estabelecem em um novo país tendem a perder sua língua original dentro de duas ou três gerações e adotar a língua de seu novo país.² Os netos americanos de imigrantes da Europa Oriental nunca aprendem a falar polonês ou ucraniano, e acham a tagarelice de seus avós bastante cômica. É difícil ver como os historiadores poderiam ignorar as evidências da migração cazar para a Polónia com o argumento de que mais de meio milênio depois eles falam uma língua diferente. Aliás, os descendentes das tribos bíblicas são o exemplo clássico de adaptabilidade linguística. Primeiro falavam hebraico; no exílio babilônico, caldeu; no tempo de Jesus, aramaico; em Alexandria, grego; na Espanha, árabe, mas depois ladino — uma mistura hispano-hebraica, escrita em caracteres hebraicos, o equivalente sefardita do iídiche; e assim por diante. Eles preservaram sua identidade religiosa, mas mudaram de idioma de acordo com sua conveniência. Os cazares não eram descendentes das tribos, mas, como vimos, compartilhavam um certo cosmopolitismo e outras características sociais com seus correligionários.

Poliak propôs uma hipótese adicional sobre as origens primitivas do iídiche, que merece ser mencionada, embora seja bastante problemática. Ele acha que a “forma do iídiche primitivo emergiu nas regiões góticas da Crimeia Cazar. Nessas regiões, as condições de vida foram obrigados a trazer uma combinação de elementos germânicos e hebraicos centenas

¹Um de seus estudantes no século seguinte foi Nicolau Copérnico ou Mikolaj Koppernigk, que ambos os patriotas poloneses e alemães mais tarde reivindicaram como seu nacional.

²Isso não se aplica, é claro, aos conquistadores e colonizadores, que impõem sua própria língua aos nativos.

de anos antes da fundação dos assentamentos nos reinos da Polônia e da Lituânia.”²¹⁴ Poliak cita como evidência indireta um certo Joseph Barbaro de Veneza, que viveu em Tana (uma colônia mercantil italiana no estuário de Don) de 1436 a 1452, e que escreveu que seu servo alemão poderia conversar com um gótico da Crimeia, assim como um florentino poderia entender a língua de um italiano de Gênova. De fato, a língua gótica sobreviveu na Crimeia (e aparentemente em nenhum outro lugar) pelo menos até meados do século XVI. Naquela época, o embaixador dos Habsburgos em Constantinopla, Ghiselin de Busbeck, encontrou pessoas da Crimeia e fez uma lista de palavras do gótico que falavam. (Este Busbeck deve ter sido um homem notável, pois foi ele quem primeiro introduziu o lilás e a tulipa do Levante para a Europa.) Poliak considera esse vocabulário próximo aos elementos do Alto Alemão Médio encontrados em iídiche. Ele acha que os godos da Crimeia mantiveram contato com outras tribos germânicas e que sua linguagem foi influenciada por elas. O que quer que se possa pensar disso, é uma hipótese que merece a atenção do linguista.

"Em certo sentido", escreveu Cecil Roth, "pode-se dizer que a idade das trevas judaicas começa com o Renascimento."²¹⁵ Anteriormente, houve massacres e outras formas de perseguição durante as cruzadas, a Peste Negra e sob outros pretextos; mas estes foram surtos de violência de massa sem lei, ativamente opostos ou passivamente tolerados pelas autoridades. Desde os primórdios da Contra-Reforma, no entanto, os judeus foram legalmente degradados a um status não humano, em muitos aspectos comparável aos Intocáveis no sistema de castas hindu. "As poucas comunidades que sofreram para permanecer na Europa Ocidental — ou seja, na Itália, Alemanha, e as possessões papais no sul da França — foram submetidos, finalmente, a todas as restrições que as idades anteriores tinham geralmente permitido que permanecesse um ideal"²¹⁶ — ou seja, que tinha existido em decretos eclesiásticos e outros, mas tinha permanecido no papel (como, por exemplo, na Hungria, ver acima, V, 2). Agora, no entanto, essas ordenanças "ideais" eram impiedosamente aplicadas: segregação residencial, apartheid sexual, exclusão de todas as posições e ocupações respeitadas; uso de roupas distintas: distintivo amarelo e chapéus cônicos. Em 1555, o Papa Paulo IV em seu toiro *cum nimis absurdum* insistiu na aplicação rigorosa e consistente dos decretos anteriores, confinando os judeus a guetos fechados. Um ano depois, os judeus de Roma foram transferidos à força. Todos os países católicos, onde os judeus ainda gozavam de relativa liberdade de movimento, tiveram que seguir o exemplo. Na Polônia, o período de lua-de-mel inaugurado por Casimiro, o Grande, durou mais tempo do que em outros lugares, mas no final do século XVI já havia percorrido seu curso. As comunidades judaicas, agora confinadas a *shtetl* e gueto, tornaram-se superlotadas, e os refugiados dos massacres cossacos nas aldeias ucranianas sob Chmelnicki (ver acima, V, 5) levou a uma rápida deterioração da situação habitacional e condições econômicas. O resultado foi uma nova onda de emigração maciça para a Hungria, Boêmia, Romênia e Alemanha, onde os judeus que tinham quase desaparecido com a Peste Negra ainda estavam pouco espalhados. Assim, a grande caminhada para o Ocidente foi retomada. Era para continuar por quase três séculos até a Segunda Guerra Mundial, e se tornou a principal fonte das comunidades judaicas existentes na Europa, Estados Unidos e Israel. Quando sua taxa de fluxo afrouxou, os pogroms do século XIX deram um novo impulso. "O segundo movimento ocidental", escreve Roth (datando o primeiro da destruição de Jerusalém), "que continuou até o século XX, pode ser dito que começou com os massacres mortais de Chmelnicki de 1648-49 na Polônia."²¹⁷

As evidências citadas nos capítulos anteriores somam-se a um forte caso a favor daqueles historiadores modernos — sejam austríacos, israelenses ou poloneses que, independentemente uns dos outros, argumentaram que a maior parte dos judeus modernos não é de origem palestina, mas caucasiana. O mainstream das migrações judaicas não fluiu do Mediterrâneo através da França e Alemanha para o leste e, em seguida, de volta. O córrego moveu-se em uma direção ocidental consistente, do Cáucaso através da Ucrânia para a Polônia e daí para a Europa Central. Quando esse assentamento em massa sem precedentes na Polônia entrou em beng, simplesmente não havia judeus suficientes no oeste para explicar isso; enquanto no leste uma nação inteira estava em movimento para novas fronteiras. Seria, naturalmente, tolice negar que os judeus de origem diferente também contribuíram para a comunidade mundial judaica existente. A proporção numérica do Cazar para o Semita e outras contribuições é impossível de estabelecer. Mas a evidência cumulativa faz com que se concorde com o consenso dos historiadores poloneses de que "em tempos anteriores, a maior parte se originou do país cazar"; e que, conseqüentemente, a contribuição cazar para a composição genética dos judeus deve ser substancial e, com toda a probabilidade, dominante.

VIII

RAÇA E MITO

OS judeus do nosso tempo se dividem em duas divisões principais: Sefardim e Asquenazim. Os sefarditas são descendentes dos judeus que, desde a antiguidade, viveram na Espanha (em hebraico *Sefarad*) até que foram expulsos no final do século XV e se estabeleceram nos países limítrofes do Mediterrâneo, nos Balcãs e, em menor escala, na Europa Ocidental. Eles falavam um dialeto hispano-hebraico, Ladino (ver VII, 3), e preservavam suas próprias tradições e ritos religiosos. Na década de 1960, o número de sefarditas foi estimado em 500.000. Os Ashkenazim, no mesmo período, somavam cerca de onze milhões. Assim, na linguagem comum, o judeu é praticamente sinônimo de judeu asquenazista. Mas o termo é enganoso, pois a palavra hebraica *Ashkenaz* foi, na literatura rabínica medieval, aplicada à Alemanha — contribuindo assim para a lenda de que a judiaria moderna se originou no Reno. Não há, no entanto, nenhum outro termo para se referir à maioria não-sefardita da judiaria contemporânea. Por uma questão de simplicidade, deve-se mencionar que o *Ashkenaz* da Bíblia se refere a um povo que vive em algum lugar nas proximidades do Monte Ararat e da Armênia. O nome ocorre em Gênesis 10, 3 e 1 Crônicas 1, 6, como um dos filhos de Gômer, que era um filho de Jafete. Asquenaz é também um irmão de Togarmah (e um sobrinho de Magog), que os cazares, de acordo com o rei José, alegou como seu antepassado (ver acima II, 5) Mas o pior estava por vir. Pois Asquenaz também é nomeado em Jeremias 51, 27, onde o profeta chama seu povo e seus aliados para se levantarem e destruírem a Babilônia: “Invoca os reinos de Ararat, Minni e Asquenaz”. Esta passagem foi interpretada pelo famoso Saadiah Gaon, líder espiritual da judiaria oriental no século X, como uma profecia relativa aos seus próprios tempos: Babilônia simbolizava o Califado de Bagdá, e os Asquenaz que iriam atacá-lo eram os próprios cazares ou alguma tribo aliada. Consequentemente, diz Poliak,²¹⁸ alguns judeus cazares aprendidos, que ouviram falar dos argumentos engenhosos do Gaon, chamaram-se Ashkenazim quando emigraram para a Polônia. Não prova nada, mas aumenta a confusão.

Resumindo uma controvérsia muito antiga e amarga em um parágrafo lacônico, Raphael Patai escreveu:²¹⁹

As descobertas da antropologia física mostram que, ao contrário da visão popular, não há raça judaica. As medidas antropométricas de grupos judaicos em muitas partes do mundo indicam que eles diferem muito uns dos outros em relação a todas as características físicas importantes — estatura, peso, cor da pele, índice cefálico, índice facial, grupos sanguíneos, etc.

Esta é, de fato, a visão aceita hoje entre antropólogos e historiadores. Além disso, há um consenso geral de que as comparações de índices cranianos, tipos sanguíneos, etc., mostram uma maior semelhança entre os judeus e sua nação anfitriã gentia do que entre os judeus que vivem em diferentes países. No entanto, paradoxalmente, a crença popular de que os judeus, ou pelo menos certos tipos de judeus, podem ser instantaneamente reconhecidos como tal, não deve ser descartada fora de mão — pela simples razão de que tem uma base factual na existência cotidiana. As evidências dos antropólogos parecem estar em desacordo com a observação comum. No entanto, antes de tentar enfrentar a aparente contradição, será útil olhar para algumas amostras dos dados em que a negação dos antropólogos de uma raça judaica se baseia. Para começar, aqui está uma citação da excelente série de cartilhas sobre “A Questão Racial na Ciência Moderna”, publicada pela UNESCO. O autor, Professor Juan Comas, tira a seguinte conclusão do material estatístico (itálico):

Assim, apesar da visão geralmente defendida, o povo judeu é racialmente heterogêneo; suas constantes migrações e suas relações — voluntárias ou não — com a mais ampla variedade de nações e povos provocaram tal grau de cruzamento que *o chamado povo de Israel pode produzir exemplos de traços típicos de cada povo*. Para a prova que será suficiente para comparar o rubicund, resistente, fortemente construído Rotterdã judeu com o seu correligionário, digamos, em Salonika com olhos brilhantes em um rosto doente e magro, física de alta tensão. Assim, tanto quanto o nosso conhecimento vai, podemos afirmar que os judeus como um todo exibem tão grande grau de disparidade morfológica entre si como poderia ser encontrado entre os membros de duas ou mais raças diferentes.²²⁰

Em seguida, devemos examinar algumas das características físicas que os antropólogos usam como critérios e nas quais as conclusões do Comas se baseiam. Um dos critérios mais simples — e, como se viu, mais ingênuos — era a estatura corporal. Em *The Races of Europe*, uma obra monumental publicada em 1900, William Ripley escreveu: “Os judeus europeus são todos subdimensionados; não só isso, eles são mais frequentemente absolutamente atrofiados.”²²¹ Ele estava até certo ponto na época, e ele produziu estatísticas amplas para provar isso. Mas ele foi astuto o suficiente para supor que essa deficiência de altura poderia de alguma forma ser influenciada por fatores ambientais.²²² Onze anos depois, Maurice Fishberg publicou *The Jews — A Study of Race and Environment*, o primeiro levantamento antropológico desse tipo em inglês. Revelou o surpreendente fato de que os filhos de imigrantes judeus do Leste Europeu para os EUA cresceram a uma altura média de 167,9 cm. em comparação com o 164,2 cm. média por seus pais — um ganho de quase uma polegada e meia em uma única geração.²²³ Desde então, tornou-se um lugar comum que os

descendentes de populações imigrantes — sejam judeus, italianos ou japoneses — são consideravelmente mais altos do que seus pais, sem dúvida devido à sua dieta melhorada e outros fatores ambientais. Fishberg então coletou estatísticas comparando a altura média de judeus e gentios na Polônia, Áustria, Romênia, Hungria e assim por diante. O resultado novamente foi uma surpresa. Em geral, verificou-se que a estatura dos judeus variou com a estatura da população não judaica entre os quais eles viviam. Eles eram relativamente altos onde a população indígena é alta, e vice-versa. Além disso, dentro da mesma nação, e até mesmo dentro da mesma cidade (Varsóvia) a altura corporal de judeus e gentios foi encontrada para variar de acordo com o grau de prosperidade do distrito.²²⁴ Tudo isso não significa que a hereditariedade não tenha influência na altura; mas é sobreposta e modificada por influências ambientais e é imprópria como critério de raça. Podemos agora nos voltar para as medidas cranianas — que já foram a grande moda entre os antropólogos, mas agora são consideradas bastante desatualizadas. Aqui nos encontramos novamente com o mesmo tipo de conclusão derivada dos dados: “Uma comparação dos índices cefálicos das populações judaicas e não judaicas em vários países revela uma semelhança marcante entre os índices judaicos e não judaicos em muitos países, enquanto mostra variações muito amplas quando os índices cefálicos das populações judaicas que habitam diferentes países são comparados. Assim, é levado à conclusão de que essa característica, sua plasticidade, não obstante, aponta para uma diversidade racial dos judeus.”²²⁵ Essa diversidade, note-se, é mais pronunciada entre os judeus sefarditas e asquenazitas. Em geral, os sefarditas são dolicocefálicos (de cabeça longa), os braquicefálicos Ashkenazim (de cabeça larga). Kutschera viu nesta diferença uma prova adicional da origem racial separada de Khazar-Ashkenazi e judeus semitas-sefarditas. Mas acabamos de ver que os índices de cabeça curta ou longa são co-variantes com os índices das nações anfitriãs — o que, em certa medida, invalida o argumento. As estatísticas relativas a outras características físicas também falam contra a unidade racial. Geralmente, os judeus são de cabelos escuros e escuros. Mas quão geral é “geralmente”, quando, de acordo com o Comas, 49% dos judeus poloneses eram de cabelos claros²²⁶ e 54% das crianças judias em idade escolar na Áustria tinham olhos azuis?²²⁷ É verdade que Virchov²²⁸ encontrou “apenas” 32% das crianças loiras judias em idade escolar na Alemanha, enquanto a proporção de gentios loiros era maior; mas isso apenas mostra que a covariância não é absoluta — como seria de se esperar. A evidência mais difícil até agora vem da classificação por grupos sanguíneos. Recentemente, foi feito um grande trabalho neste domínio, mas bastará citar um único exemplo com um indicador particularmente sensível. Nas palavras de Patai:

No que se refere ao tipo sanguíneo, os grupos judaicos apresentam diferenças consideráveis entre si e acentuadas semelhanças com o ambiente gentio. O “índice bioquímico” de Hirszfeld

$$\frac{a}{b} \frac{ab}{ab}$$

pode ser usado mais convenientemente para expressar isso. Alguns exemplos típicos são: judeus alemães 2,74, gentios alemães 2,63; judeus romenos 1,54, gentios romenos 1,55; judeus poloneses 1,94, gentios poloneses 1,55; judeus marroquinos 1,63, gentios marroquinos 1,63; judeus iraquianos 1,22, gentios iraquianos 1,37; judeus do Turquistão 0,97, gentios do Turquistão 0,99.²²⁹

Pode-se resumir essa situação em duas fórmulas matemáticas:

$$G_a - J_a < J_a - J_b$$

e:

$$G_a - G_b \cong \vartheta_a - J_b$$

Isso quer dizer que, em termos gerais, a diferença em relação aos critérios antropológicos entre os gentios (G a) e os judeus (J a) em um determinado país (a) é menor do que a diferença entre os judeus em diferentes países (a e b); e a diferença entre os gentios nos países a e b é semelhante à diferença entre os judeus em a e b. Parece apropriado encerrar esta seção com outra citação da contribuição de Harry Shapiro para a série da UNESCO — “O Povo Judeu: Uma História Biológica”:²³⁰

A ampla variação entre as populações judaicas em suas características físicas e a diversidade das frequências gênicas de seus grupos sanguíneos tornam qualquer classificação racial unificada uma contradição em termos. Pois embora a teoria racial moderna admita algum grau de polimorfismo ou variação dentro de um grupo racial, ela não permite que grupos distintamente diferentes, medidos por seus próprios critérios de raça, sejam identificados como um. Fazer isso tornaria os propósitos biológicos da classificação racial fúteis e todo o procedimento arbitrário e sem sentido. Infelizmente, este assunto raramente é totalmente divorciado de considerações não-biológicas, e apesar dos esforços de evidência continuam a ser feitos para de alguma forma segregar os judeus como uma entidade racial distinta.

Como surgiu esse fenômeno gêmeo — diversidade em características somáticas e conformidade com a nação anfitriã? A resposta óbvia dos geneticistas é: através da miscigenação combinada com pressões seletivas. “Este”, escreve Fishberg, “é de fato o ponto crucial na antropologia dos judeus: eles são de raça pura, modificados mais ou menos por influências ambientais, ou são uma seita religiosa composta de elementos raciais adquiridos pelo proselitismo e pelo matrimônio durante sua migração em várias partes do mundo?” E ele não deixa seus leitores em dúvida sobre a

resposta:²³¹

Começando com evidências e tradições bíblicas, parece que, mesmo no início da formação da tribo de Israel, eles já eram compostos de vários elementos raciais.... Encontramos na Ásia Menor, na Síria e na Palestina, naquela época, muitas raças — os amorreus, que eram loiros, dolicocefálicos e altos; os hititas, uma raça de tez escura, provavelmente do tipo mongolóide; os cuxitas, uma raça negróide; e muitos outros. Com tudo isso, os antigos hebreus se casaram, como pode ser visto em muitas passagens da Bíblia.

Os profetas podem tropejar contra "casar com filhas de um deus estranho", mas os israelitas promíscuos não foram dissuadidos, e seus líderes foram os primeiros a dar um mau exemplo. Mesmo o primeiro patriarca, Abraão, coabitou com Agar, um egípcio; José se casou com Asenate, que não era apenas egípcio, mas a filha de um sacerdote; Moisés se casou com um midianita, Zípora; Sansão, o herói judeu, era filisteu; a mãe do rei Davi era moabita, e ele se casou com uma princesa de Gesur; quanto ao rei Salomão (cuja mãe era hitita), "amava muitas mulheres estranhas, incluindo a filha de Faraó, mulheres dos moabitas, animonitas, edomitas, sidonianas e hititas..."²³² E assim a *crônica scandaleuse* continua. A Bíblia também deixa claro que o exemplo real foi imitado por muitos, altos e baixos. Além disso, a proibição bíblica de se casar com gentios isentou mulheres cativas em tempos de guerra — e não havia escassez delas. O exílio babilônico não melhorou a pureza racial; até mesmo membros de famílias sacerdotais se casaram com mulheres gentias. Em suma, no início da diáspora, os israelitas já eram uma raça completamente hibridizada. Assim, é claro, eram as nações mais históricas, e o ponto não precisaria ser enfatizado se não fosse pelo mito persistente da Tribo Bíblica ter preservado sua pureza racial ao longo dos tempos. Outra importante fonte de cruzamento foram os vastos números de pessoas das mais variadas raças convertidas ao judaísmo. Testemunha do zelo proselitista dos judeus de tempos anteriores são o Falasha de pele negra da Abissínia, os judeus chineses de Kai-Feng que se parecem com chineses, os judeus iemenitas com sua pele escura de oliveira, as tribos berberes judias do Saara que se parecem com tuaregues, e assim por diante, até o nosso principal exemplo, os cazares. Mais perto de casa, o proselitismo judaico atingiu seu pico no Império Romano entre a queda do estado judaico e a ascensão do cristianismo. Muitas famílias patrícias na Itália foram convertidas, mas também a família real que governava a província de Adiabene. Filo fala de numerosos convertidos na Grécia; Flávio Josefo relata que uma grande proporção da população de Antioquia foi judaizada; São Paulo se encontrou com prosélitos em suas viagens mais ou menos em toda parte, de Atenas à Ásia Menor. "O fervor do proselitismo", o historiador judeu Th. Reinach escreveu²³³: "foi de fato um dos traços mais distintivos do judaísmo durante a época greco-romana — um traço que nunca possuía no mesmo grau antes ou depois.... Não se pode duvidar que o judaísmo desta forma fez numerosos convertidos durante dois ou três séculos.... O enorme crescimento da nação judaica no Egito, Chipre e Cirene não pode ser explicado sem supor uma abundante infusão de sangue gentio. O proselitismo influenciou igualmente as classes alta e baixa da sociedade." A ascensão do cristianismo desacelerou a taxa de miscigenação, e o gueto colocou um fim temporário a ela; mas antes que as regras do gueto fossem estritamente aplicadas no século XVI, o processo ainda continuou. Isso é mostrado pelas reedições eclesíásticas sempre repetidas de casamentos mistos — por exemplo, pelo Concílio de Toledo, 589; o Concílio de Roma, 743; o primeiro e segundo Concílios Lateranenses 1123 e 1139; ou o édito do rei Ladislau II da Hungria em 1092. Que todas essas proibições foram apenas parcialmente eficazes é mostrado, por exemplo, pelo relatório do arcebispo húngaro Robert von Grain ao Papa AD 1229, reclamando que muitas mulheres cristãs são casadas com judeus, e que dentro de alguns anos "muitos milhares de cristãos" foram perdidos desta forma para a Igreja.²³⁴ O único bar eficaz eram as paredes do gueto. Quando estes se desmoronaram, os casamentos recomeçaram. Sua taxa acelerou a tal ponto que na Alemanha, entre 1921 e 1925, de cada 100 casamentos envolvendo judeus, 42 foram misturados.²³⁵ Quanto aos sefarditas, ou "verdadeiros" judeus, sua permanência na Espanha por mais de um milênio deixou sua marca indelével tanto em si mesmos quanto em seus anfitriões. Como Arnold Toynbee escreveu:

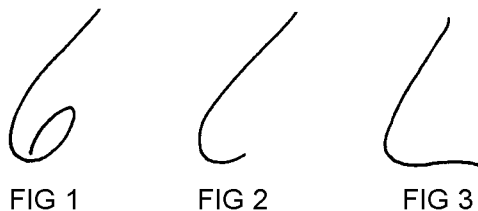
Há todas as razões para crer que em Espanha e Portugal existe hoje uma forte tintura do sangue destes judeus convertidos em veias ibéricas, especialmente nas classes alta e média. No entanto, o psicanalista mais agudo acharia difícil, se amostras de espanhóis e portugueses de classe média e alta fossem apresentadas a ele, detectar quem tinha ancestrais judeus.²³⁶

O processo funcionou em ambos os sentidos. Após os massacres de 1391 e 1411, que varreu a Península, mais de 100000 judeus com uma estimativa moderada — aceitou o batismo. Mas uma proporção considerável deles continuou a praticar o judaísmo em segredo. Esses cripto-judeus, os marranos, prosperaram, subiram a altos cargos na corte e na hierarquia eclesíastica e se casaram com a aristocracia. Após a expulsão de todos os judeus impenitentes da Espanha (1492) e Portugal (1497), os marranos foram considerados com crescente suspeita; muitos foram queimados pela Inquisição, a maioria emigrou no século XVI para os países ao redor do Mediterrâneo, para a Holanda, Inglaterra e França. Uma vez em segurança, eles voltaram abertamente à sua fé e, juntamente com os 1492-7 expelidos, fundaram as novas comunidades sefarditas nesses países. Assim, a observação de Toynbee sobre a ancestralidade híbrida dos estratos superiores da sociedade na Espanha também se aplica, *mutatis mutandis*, às comunidades sefarditas da Europa Ocidental. Os pais de Spinoza eram marranos portugueses, que emigraram para Amsterdã. As antigas famílias judaicas da Inglaterra (que chegaram aqui muito antes do influxo do século XIX do leste), os Montefiores, Lousadas, Montagues, Avigdors, Sutros, Sassoons, etc., todos saíram da tigela de mistura ibérica e não podem reivindicar origem racial mais pura do que os Ashkenazis — ou os judeus chamados Davis, Harris, Phillips ou Hart. Um tipo

angustiantemente recorrente de evento foi a miscigenação por estupro. Isso também tem uma longa história começando na Palestina. Dizem-nos, por exemplo, que um certo Juda ben Ezekial se opôs ao casamento de seu filho com uma mulher que não era “da semente de Abraão”, sobre o que seu amigo Ulla observou: “Como podemos ter certeza de que nós mesmos não descendemos dos pagãos que violaram as donzelas de Sião no cerco de Jerusalém?”²³⁷ O estupro e o saque (a quantidade deste último muitas vezes fixada antecipadamente) eram considerados um direito natural de um exército conquistador. Há uma tradição antiga, registrada por Graetz, que atribui a origem dos primeiros assentamentos judeus na Alemanha a um episódio que lembra o estupro das mulheres sabinas. De acordo com esta tradição, uma unidade alemã, os Vangioni que lutaram com as legiões romanas na Palestina, “tinha escolhido entre a vasta horda de prisioneiros judeus as mulheres mais bonitas, tinha-as trazido de volta às suas estações nas margens do Reno e do Principal, e tinha-os obrigado a ministrar para a satisfação dos seus desejos. Os filhos assim gerados de pais judeus e alemães foram criados por suas mães na fé judaica, seus pais não se preocupavam com eles. São essas crianças que dizem ter sido os fundadores das primeiras comunidades judaicas entre Worms e Mayence.”²³⁸ Na Europa Oriental, o estupro era ainda mais comum. Para citar Fishberg novamente:

Essa infusão violenta de sangue gentio nas veias do rebanho de Israel tem sido especialmente frequente nos países eslavos. Um dos métodos favoritos dos cossacos para arrancar dinheiro dos judeus era levar um grande número de prisioneiros, sabendo bem que os judeus iriam resgatá-los. Que as mulheres assim resgatadas foram violadas por essas tribos semi-selvagens escusado será dizer. Com efeito, o «Concílio das Quatro Terras», na sua sessão de Inverno de 1650, teve de tomar consciência das pobres mulheres e crianças que lhes nasceram dos maridos cossacos durante o cativo e, assim, restabelecer a ordem na vida familiar e social dos judeus. Indignações semelhantes foram ... novamente perpetradas contra mulheres judias na Rússia durante os massacres em 1903-5.²³⁹

E ainda — para voltar ao paradoxo — muitas pessoas, que não são nem racialistas nem anti-semitas, estão convencidas de que são capazes de reconhecer um judeu em um único olhar. Como isso é possível se os judeus são um lote tão híbrido como a história e a antropologia mostram que são? Parte da resposta, eu acho, foi dada por Ernest Renan em 1883: “*Il n’y a pas un type juif il y a des types juifs.*”²⁴⁰ O tipo de judeu que pode ser reconhecido “de relance” é um tipo particular entre muitos outros. Mas apenas uma pequena fração de catorze milhões de judeus pertencem a esse tipo particular, e aqueles que parecem pertencer a ele não são de forma alguma sempre judeus. Uma das características mais proeminentes — literalmente e metaforicamente — que se diz caracterizar esse tipo particular é o nariz, variadamente descrito como semítico, aquilino, viciado ou semelhante ao bico de uma águia (*bec d'aigle*). Mas, surpreendentemente, entre os 2836 judeus na cidade de Nova York, Fishberg descobriu que apenas 14% — ou seja, uma pessoa em cada sete — tinha um nariz viciado; enquanto 57% eram narizes retos, 20% eram narizes franzidos e 6,5% tinham “narizes achatados e largos”.²⁴¹ Outros antropólogos chegaram a resultados sorridentes sobre narizes semitas na Polônia e na Ucrânia.²⁴² Além disso, entre os verdadeiros semitas, como bedumas de raça pura, essa forma de nariz *parece não ocorrer de forma alguma*.²⁴³ Por outro lado, é “muito freqüentemente encontrado entre as várias tribos caucasianas, e também na Ásia Menor. Entre as raças indígenas desta região, como os armênios, georgianos, ossets, lésgicas, aissors, e também os sírios, narizes aquilinos são a regra. Entre as pessoas que vivem em países mediterrânicos da Europa, como os gregos, italianos, franceses, espanhóis e portugueses, o nariz aquilino também é mais freqüentemente encontrado do que entre os judeus da Europa Oriental. Os índios norte-americanos também costumam ter narizes ‘judeus’.”²⁴⁴ Assim, o nariz por si só não é um guia muito seguro para a identificação. Apenas uma minoria — um tipo particular de judeu — parece ter um nariz convexo, e muitos outros grupos étnicos também o têm. No entanto, a intuição diz que as estatísticas dos antropólogos devem estar de alguma forma erradas. Uma maneira engenhosa de sair desse enigma foi sugerida por Beddoc e Jacobs, que sustentaram que o “nariz judeu” não precisa ser realmente convexo no perfil, e ainda pode dar a impressão de estar “viciado”, devido a um peculiar “dobrar-se das asas”, um infolding das narinas.



Para provar seu argumento de que é essa “narizesidade” que fornece a ilusão de bico, Jacobs convida seus leitores “a escrever uma figura 6 com uma longa cauda (Fig. 1); agora remova a volta da torção, como na Fig. 2, e grande parte do judaísmo desaparece; e desaparece inteiramente quando desenhamos a continuação inferior horizontalmente, como na Fig. 3”. Ripley, citando Jacobs, comenta: “Eis a transformação! O judeu transformou Roman sem dúvida. O que provamos então? Que existe, na realidade, um fenômeno como um nariz judeu, mesmo que seja constituído de forma diferente de nossa primeira suposição [o critério de convexidade].”²⁴⁵ Mas existe? A Figura 1 ainda pode representar um nariz italiano, grego, espanhol, armênio ou índio vermelho, incluindo a “narina”. Que é um judeu, e não um índio vermelho, armênio, etc., nariz que deduzimos — de relance — do contexto de outras características, incluindo

expressão, comportamento, vestido. Não se trata de um processo de análise lógica, mas sim da natureza da percepção gestáltica do psicólogo, do apego a uma configuração como um todo. Considerações semelhantes se aplicam a cada uma das características faciais consideradas tipicamente judaicas — "lábios sensuais"; cabelos escuros, ondulados ou enrugados; melancolia ou astúcia, olhos mongóis salientes ou cortados e assim por diante. Tomados separadamente, eles são propriedade comum das nações mais variadas; juntos, como um identikit, eles combinam em um protótipo de — para dizê-lo mais uma vez — *um tipo particular* de judeu, de origem do Leste Europeu, o tipo com o qual estamos familiarizados. Mas nosso identi-kit *não* se encaixaria nos vários outros tipos de judeus, como os sefarditas (incluindo seus descendentes muito anglicizados na Grã-Bretanha); nem o tipo eslavo da Europa Central, nem o teutônico loiro, o mongolóide de olhos fendidos ou os tipos de judeus negros de cabelos enrugados. Também não podemos ter certeza de reconhecer com certeza mesmo este protótipo limitado. A coleção de retratos publicada por Fishberg, ou Ripley, pode ser usada para um jogo "acredite ou não", se você cobrir a legenda indicando se a pessoa retratada é judia ou gentia. O mesmo jogo pode ser jogado em um terraço de café em qualquer lugar perto das margens do Mediterrâneo. Isso, é claro, permanecerá inconclusivo porque você não pode caminhar até o sujeito experimental e perguntar sobre sua religião; mas se você jogar o jogo em companhia, a quantidade de desacordo entre os veredictos dos observadores será uma surpresa. A sugestibilidade também desempenha um papel. "Você sabia que Harold é judeu?" "Não, mas agora que você mencionou, é claro que posso ver." "Você sabia que (isso ou aquilo) a família real tem sangue judeu?" "Não, mas agora que você mencionou..." *As Raças da Humanidade* de Hutchinson têm uma imagem de três Geishas com a legenda: Japonês com fisionomia judaica. Depois de ler a legenda, você sente: "Mas é claro. Como eu poderia ter perdido isso?" E quando você tem jogado este jogo por algum tempo, você começa a ver características judaicas — ou características cazares — em todos os lugares.

Outra fonte de confusão é a extrema dificuldade de separar as características hereditárias daquelas moldadas pela origem social e outros fatores no ambiente. Encontramos esse problema ao discutir a estatura corporal como um suposto critério racial; mas a influência dos fatores sociais na fisionomia, conduta, discurso, gesto e traje funciona de maneiras mais sutis e complexas na montagem do identikit judaico. Vestuário (mais penteado) é o mais óbvio desses fatores. Encaixe qualquer pessoa com longas mechas laterais de saca-rolhas, touca de caveira, chapéu preto de aro largo e longo kaftan preto, e você reconhece rapidamente o tipo judeu ortodoxo; qualquer que seja sua narina, ele parecerá judeu. Há outros indicadores menos drásticos entre as preferências sartoriais de certos tipos de judeus de certas classes sociais, combinados com acentos e maneirismos de discurso, gesto e comportamento social. Pode ser uma distração bem-vinda para se afastar por um momento dos judeus e ouvir um escritor francês descrevendo como seus compatriotas podem dizer a um inglês "de relance". Michel Leiris, além de eminente escritor, é Diretor de Pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique* e Membro da Equipe do *Musée de l'Homme*:

É ... absurdo falar sobre uma "raça" inglesa ou mesmo considerar os ingleses como sendo da raça "nórdica". Na verdade, a história ensina que, como todos os povos da Europa, o povo inglês se tornou o que é através de sucessivas contribuições de diferentes povos. A Inglaterra é um país celta, parcialmente colonizado por sucessivas ondas de saxões, dinamarqueses e normandos da França, com alguma adição de estoque romano a partir da idade de Júlio César. Além disso, embora um inglês possa ser identificado por sua maneira de se vestir, ou mesmo por seu comportamento, é impossível dizer que ele é um inglês apenas por sua aparência física. Entre os ingleses, como entre outros europeus, há pessoas justas e homens escuros, altos e curtos, dolicocefálicos e braquicefálicos. Pode-se afirmar que um inglês pode ser facilmente identificado a partir de certas características externas que lhe dão um "olhar" próprio: restrição no gesto (ao contrário do sulista gesticulante convencional), marcha e expressão facial, todas expressando o que geralmente está incluído sob o termo bastante vago de "catarro". No entanto, qualquer um que fizesse essa afirmação provavelmente seria considerado culpado em muitos casos, pois de forma alguma todos os ingleses têm essas características e, mesmo que sejam as características do "inglês típico", o fato ainda permaneceria que essas características externas não são "físicas" no verdadeiro sentido: atitudes e movimentos corporais e expressões do rosto estão sob o título de comportamento; e sendo hábitos determinados pela origem social do sujeito, são culturais, não "naturais". Além disso, embora vagamente descritos como "traços", eles não tipificam uma nação inteira, mas um grupo social particular dentro dela e, portanto, não podem ser incluídos entre as marcas distintivas da raça.²⁴⁶

No entanto, quando Leiris diz que as expressões faciais não são "físicas", mas "vêm sob o título de comportamento", ele parece ignorar o fato de que o comportamento pode modificar as características dos indivíduos e, assim, deixar seu selo em seu "físico". Basta pensar em certos traços típicos nas fisionomias de presuntos-atores envelhecidos, de sacerdotes vivendo no celibato, de soldados de carreira, condenados cumprindo longas sentenças, marinheiros, fazendeiros e assim por diante. Seu modo de vida afeta não apenas sua expressão facial, mas também suas características físicas, dando assim a impressão equivocada de que esses traços são de origem hereditária ou "racial".¹ Se me permitem acrescentar

¹Emenon escreveu em seu ensaio "English Traits": "Every religious sect has its physiognomy. Os Metodistas adquiriram um rosto, os Quakers um rosto, as freiras um rosto. Um inglês vai apontar um dissidente por suas maneiras. Comércio e profissões esculpam suas

uma observação pessoal, encontrei-me frequentemente em visitas aos Estados Unidos, amigos da Europa Central da minha juventude que emigraram antes da Segunda Guerra Mundial e que eu não via há cerca de trinta ou quarenta anos. Cada vez fiquei surpreso ao descobrir que eles não só se vestiam, falavam, comiam e se comportavam como americanos, mas adquiriram uma fisionomia americana. Sou incapaz de descrever a mudança, exceto que ela tem algo a ver com um alargamento da mandíbula e um certo olhar dentro e ao redor dos olhos. (Um amigo antropólogo atribuiu o primeiro ao aumento do uso da musculatura da mandíbula na enunciação americana e ao olhar como reflexo da raçarato e da propensão resultante para úlceras duodenais.) Fiquei satisfeito ao descobrir que isso não era devido à minha imaginação pregando peças — para Fishberg, escrevendo em 1910, fez uma observação semelhante: “... O elenco do semblante muda muito facilmente sob uma mudança de ambiente social. Eu observei uma mudança tão rápida entre os imigrantes para os Estados Unidos... A nova fisionomia é melhor notada quando alguns desses imigrantes retornam às suas casas nativas... Esse fato oferece uma excelente prova de que os elementos sociais nos quais um homem se move exercem uma profunda influência em suas características físicas.”²⁴⁷ O vaso de fusão proverbial parece estar produzindo uma fisionomia americana — um fenótipo mais ou menos padronizado emergindo de uma ampla variedade de genótipos. Mesmo os chineses e japoneses de raça pura dos Estados parecem ser afetados pelo processo em certa medida. De qualquer forma, muitas vezes pode-se reconhecer um rosto americano “de relance”, independentemente do vestido e da fala, e independentemente da ascendência italiana, polonesa ou alemã de seu proprietário.

Em qualquer discussão sobre a herança biológica e social dos judeus, a sombra do gueto deve aparecer grande. Os judeus da Europa e da América, e até mesmo do Norte da África, são filhos do gueto, a não mais do que quatro ou cinco gerações de distância. Seja qual for sua origem geográfica, dentro dos muros do gueto eles viviam em todos os lugares, mais ou menos no mesmo *meio*, sujeitos por vários séculos às mesmas influências formativas ou deformativas. Do ponto de vista do geneticista, podemos distinguir três dessas principais influências: endogamia, deriva genética, seleção. A *endogamia* pode ter desempenhado, em um período diferente, um papel tão grande na história racial judaica quanto seu oposto, a hibridação. Desde os tempos bíblicos até a era da segregação forçada, e novamente nos tempos modernos, a miscigenação era a tendência dominante. No meio, houve três a cinco séculos (de acordo com o país) de isolamento e consanguinidade — tanto no sentido estrito de casamentos consanguíneos quanto no sentido mais amplo de endogamia dentro de um grupo pequeno e segregado. A endogamia carrega o perigo de unir genes recessivos deletérios e permitir que eles entrem em vigor. A alta incidência de idiotice congênita entre os judeus é conhecida há muito tempo,²⁴⁸ e era provavelmente um resultado de endogamia prolongada — e não, como alguns antropólogos afirmaram, uma peculiaridade racial semita. Malformações mentais e físicas são visivelmente frequentes em aldeias alpinas remotas, onde a maioria das lápides no cemitério mostra um de meia dúzia de nomes de família. Não há Cohens ou Levys entre eles. Mas a endogamia também pode produzir cavalos de corrida campeões através de combinações favoráveis de genes. Talvez tenha contribuído para a produção de cretinos e gênios entre as crianças do gueto. Ele lembra um dos ditames de Chaim Weizmann: “Os judeus são como as outras pessoas, só que mais.” Mas a genética tem pouca informação para oferecer neste campo. Outro processo que pode ter afetado profundamente as pessoas no gueto é a “*deriva genética*” (também conhecida como efeito Sewall Wright). Refere-se à perda de traços hereditários em populações pequenas e isoladas, seja porque nenhum de seus membros fundadores possuía os genes correspondentes, seja porque apenas alguns os possuíam, mas não os transmitiam para a próxima geração. A deriva genética pode, assim, produzir transformações consideráveis nas características hereditárias de pequenas comunidades. As *pressões seletivas* ativas dentro das paredes do gueto devem ter sido de uma intensidade raramente encontrada na história. Por um lado, desde que os judeus foram excluídos da agricultura, eles se tornaram completamente urbanizados, concentrados em cidades ou *shtetls*, que se tornaram cada vez mais superlotados. Como resultado, para citar Shapiro, “as epidemias devastadoras que varreram cidades e vilas medievais, teriam sido, a longo prazo, mais seletivas para as populações judaicas do que para quaisquer outras, deixando-as com imunidade progressivamente maior com o passar do tempo... e seus descendentes modernos, portanto, representariam os sobreviventes de um processo seletivo rigoroso e específico.”²⁴⁹ Isso, ele acha, pode explicar a raridade da tuberculose entre os judeus e sua relativa longevidade (amplamente ilustrada por estatísticas coletadas por Fishberg). As pressões hostis em torno do gueto variavam de desprezo frio a atos esporádicos de violência a pogroms organizados. Vários séculos de vida em tais condições devem ter favorecido a sobrevivência do mais glibbest, o mais flexível e mentalmente resiliente; em uma palavra, o tipo de gueto. Se tais traços psicológicos se baseiam em disposições hereditárias sobre as quais opera o processo seletivo, ou são transmitidos pela herança social por meio do condicionamento infantil, é uma questão ainda muito disputada entre os antropólogos. Nem sabemos até que ponto um QI alto é atribuível à hereditariedade e até que ponto o *meio*. Tomemos, por exemplo, a abstinência uma vez proverbial dos judeus que algumas autoridades sobre o alcoolismo consideravam como um traço racial.²⁵⁰ Mas pode-se muito bem interpretá-lo como outra herança do gueto, o resíduo inconsciente de viver durante séculos sob condições precárias que tornavam perigoso baixar a guarda; o judeu com a estrela amarela nas costas teve que permanecer cauteloso e sóbrio, enquanto observava com desprezo divertido as palhaçadas do “goy bêbado”. A repulsa contra o álcool e outras formas de deboche foi incutida de pai para filho em gerações sucessivas — até que as memórias do gueto se desvaneceram e, com a assimilação progressiva, particularmente nos países anglo-saxões, a ingestão de álcool aumentou progressivamente. Assim, a abstinência, como tantas outras características judaicas, acabou por ser, afinal, uma questão de herança social e não biológica. Por fim, há

ainda outro processo evolutivo — a seleção sexual — que pode ter contribuído para produzir os traços que passamos a considerar como tipicamente judeus. Ripley parece ter sido o primeiro a sugerir isso (seus itálicos): “O judeu está radicalmente misturado na linha de *descendência racial*; ele é, por outro lado, o herdeiro legítimo de todo o judaísmo por uma questão de *escolha*.... Afetou todos os detalhes da vida deles. Por que ela também não deveria reagir ao seu ideal de beleza física? e por que não influenciar suas preferências sexuais, bem como determinar sua escolha no casamento? Seus resultados, assim, se acentuaram através da hereditariedade.”²⁵¹ Ripley não investigou o “ideal de beleza física” do gueto. Mas Fishberg fez, e veio com uma sugestão atraente: “Para o judeu estritamente ortodoxo na Europa Oriental, uma pessoa forte e musculosa é um Esaú. O ideal de um filho de Jacó era, durante os séculos anteriores à metade do século XIX, ‘um jovem sedoso’.”²⁵² Este era um jovem delicado, anêmico e volúvel com uma expressão melancólica, todo cérebro e sem músculos. Mas, continua ele, “na Europa Ocidental e na América existe atualmente uma forte tendência na direção oposta. Muitos judeus estão orgulhosos do fato de que eles não se parecem com judeus. Considerando isso, deve-se reconhecer que dificilmente há um futuro brilhante para o chamado elenco de semblante “judeu”.²⁵³ Muito menos, podemos acrescentar, entre os jovens israelenses.

Sumário

Na Parte Um deste livro, tentei traçar a história do Império Cazar com base nas escassas fontes existentes. Na Parte Dois, Capítulos V-VII, eu tenho compilado a evidência histórica que indica que a maior parte da judiaria oriental — e, portanto, da judiaria mundial — é de origem cazar-turca, em vez de semita. Neste último capítulo, tentei mostrar que as evidências da antropologia concordam com a história em refutar a crença popular em uma raça judaica descendente da tribo bíblica. Do ponto de vista do antropólogo, dois grupos de fatos militam contra essa crença: a grande *diversidade* de judeus em relação às características físicas e sua *semelhança* com a população gentia em meio a quem vivem. Ambos são refletidos nas estatísticas sobre altura corporal, índice craniano, grupos sanguíneos, cor do cabelo e dos olhos, etc. Qualquer um desses critérios antropológicos é tomado como um indicador, que mostra uma maior semelhança entre os judeus e seus gentios host-nação do que entre os judeus que vivem em diferentes países. Para resumir essa situação, sugeri as fórmulas: $G \text{ a } -J \text{ a } < J \text{ a } -J_b$; e $G \text{ a } -G_b \cong \mathfrak{G}_a - J_b$. A explicação biológica óbvia para ambos os fenômenos é a miscigenação, que assumiu diferentes formas em diferentes situações históricas: intercasamento, proselitismo em larga escala, estupro como um acompanhamento constante (legalizado ou tolerado) da guerra e pogrom. A crença de que, não obstante os dados estatísticos, existe um tipo judaico reconhecível é baseada em grande parte, mas não inteiramente em vários equívocos. Ele ignora o fato de que características consideradas tipicamente judaicas em comparação com pessoas nórdicas deixam de aparecer assim em um ambiente mediterrâneo; não está ciente do impacto do ambiente social no físico e no semblante; e confunde biológico com herança social. No entanto, existem certos traços hereditários que caracterizam um certo tipo de judeu contemporâneo. À luz da moderna população-genética, estes podem, em grande medida, ser atribuídos a processos que operaram durante vários séculos nas condições segregadas do gueto: endogamia, deriva genética, pressão seletiva. O último operou de várias maneiras: seleção natural (por exemplo, através de epidemias), seleção sexual e, mais duvidosamente, a seleção de características de caráter que favorecem a sobrevivência dentro das paredes do gueto. Além dessas, a hereditariedade social, por meio do condicionamento infantil, atuou como um poderoso fator formativo e deformativo. Cada um desses processos contribuiu para o surgimento do tipo gueto. No período pós-ghetto tornou-se progressivamente diluído. Quanto à composição genética e aparência física do estoque pré-ghetto, sabemos quase nada. Na visão apresentada neste livro, este “estoque original” era predominantemente turco misturado a uma extensão desconhecida com elementos palestinos antigos e outros. Também não é possível dizer qual das características ditas típicas, como o “nariz judeu”, é um produto da seleção sexual no gueto, ou a manifestação de um gene tribal particularmente “persistente”. Uma vez que a “nasalidade” é frequente entre os povos caucasianos, e infrequente entre os beduínos semitas, temos mais um indicador para o papel dominante desempenhado pela “décima terceira tribo” na história biológica dos judeus.

Apêndices

APÊNDICE I

UMA NOTA SOBRE ORTOGRAFIA

A ortografia neste livro é consistentemente inconsistente. É consistente na medida em que, onde citei outros autores, preservei sua própria ortografia de nomes próprios (o que mais você pode fazer?); isso levou à aparente inconsistência de que a mesma pessoa, cidade ou tribo é frequentemente escrita de forma diferente em diferentes passagens. Daí Kazar, Khazar, Chazar, Chozar, Chozr, etc; mas também Ibn Fadlan e ibn-Fadlan; Al Masudi e al-Masudi. Quanto ao meu próprio texto, adotei aquela grafia particular que me pareceu a menos desconcertante para os leitores de língua inglesa que não são orientalistas profissionais. T. E. Lawrence era um orientalista brilhante, mas era tão implacável em sua ortografia quanto em saques a guarnições turcas. Seu irmão, A. W. Lawrence, explicou em seu prefácio a *Sete Pilares da Sabedoria*:

A ortografia dos nomes árabes varia muito em todas as edições, e eu não fiz alterações. Deve-se explicar que apenas três vogais são reconhecidas em árabe, e que algumas das consoantes não têm equivalentes em inglês. A prática geral dos orientalistas nos últimos anos tem sido a de adotar um dos vários conjuntos de sinais convencionais para as letras e marcas de vogais do alfabeto árabe, transliterando Mohamed como Muhammad, muezzin como mu 'edhdhin, e Alcorão como Alcorão ou Kur' an. Este método é útil para aqueles que sabem o que significa, mas este livro segue a velha moda de escrever as melhores aproximações fonéticas de acordo com a ortografia inglesa comum.

Em seguida, ele imprime uma lista de consultas da editora sobre ortografia e as respostas de T. F. Lawrence; por exemplo: *Consulta*: “Deslizamento [folha de cozinha] 20. Nuri, Emir da Ruwalla, pertence à “família principal da Rualla”. No Slip 23 ‘Rualla cavalo’, e Slip 38, ‘matou um Rueli’. Em todos os slips posteriores ‘Rualla’.” *Resposta*: “também deveria ter usado Ruwala e Ruala.” *Pergunta*: “Slip 47. Jedha, a camela, era Jedhah no Deslizamento 40.” *Resposta*: “ela era uma besta esplêndida.” *Pergunta*: “Slip 78. O xerife Abd el Mayin do Deslizamento 68 se torna el Main, el Mayein, el Muein, el Mayin e el Muyein.” *Resposta*: “Bom ovo. Eu chamo isso de realmente engenhoso.” Se tais são as dificuldades de transcrever o árabe moderno, a confusão torna-se ainda mais confusa quando os orientalistas se voltam para textos medievais, que representam problemas adicionais devido a mutilações por copistas descuidados. A primeira tradução em inglês de “Ebn Haukal” (ou ibn-Hawkal) foi publicada em 1800 por Sir William Ouseley, Knt. LLD¹ Em seu prefácio, Sir William, um eminente orientalista, proferiu este comovente *cri de cœur*:

Das dificuldades decorrentes de uma combinação irregular de letras, da confusão de uma palavra com outra, e da omissão total, em algumas linhas, dos pontos diacríticos, eu não deveria reclamar, porque o hábito e a atenção perseverante me permitiram superá-los em passagens de descrição geral, ou frases de construção comum; mas em nome de pessoas ou de lugares nunca antes vistos ou ouvidos, e dos quais o contexto não poderia ajudar na decifração, quando os pontos diacríticos eram omitidos, a conjectura sozinha poderia fornecê-los, ou o agrupamento com um manuscrito mais perfeito.... Não obstante o que acabei de dizer, e embora os escritores mais instruídos em hebraico, árabe e literatura persa, tenham feito observações sobre o mesmo assunto, talvez seja necessário demonstrar, por um exemplo particular, a influência extraordinária desses pontos diacríticos [frequentemente omitidos por copistas]. Um exemplo será suficiente — Suponhamos que as três letras que formam o nome Tibbet sejam despojadas de seus pontos diacríticos. O primeiro caractere pode ser renderizado, pela aplicação de um ponto acima, um N; de dois pontos a T, de três pontos a TH ou S; se um ponto for colocado abaixo, torna-se um B — se dois pontos, um Y e se três pontos, um P. Da mesma forma, o segundo caractere pode ser afetado, e o terceiro caractere pode ser, de acordo com a adição de pontos, renderizado a B, P, T e TH ou S.²

¹Ibn Hawkal escreveu seu livro em árabe, mas Ouseley o traduziu de uma tradução persa.

²O original desta citação é animado por cartas em escrita persa, que eu omiti em bondade para com os editores.

APÊNDICE II

Uma nota sobre as fontes

(A) FONTES ANTIGAS

NOSSO conhecimento da história cazar é derivado principalmente de fontes árabes, bizantinas, russas e hebraicas, com evidências corroborativas de origem persa, siríaca, armênia, georgiana e turca. Vou comentar apenas algumas das principais fontes.

1. *Árabe*

Os primeiros historiadores árabes diferem de todos os outros na forma única de suas composições. Cada evento está relacionado nas palavras de testemunhas oculares ou contemporâneas, transmitidas ao narrador final através de uma cadeia de repórteres intermediários, cada um dos quais passou o relatório original ao seu sucessor. Muitas vezes, o mesmo relato é dado em duas ou mais formas ligeiramente divergentes, que desceram através de diferentes cadeias de repórteres. Muitas vezes, também, um evento ou um detalhe importante é contado de várias maneiras com base em várias declarações contemporâneas transmitidas ao narrador final através de linhas distintas de tradição.... O princípio continua a ser que aquilo que já foi dito uma vez não precisa de ser dito de novo, por outras palavras. O escritor, portanto, mantém o mais próximo possível da letra de suas fontes, de modo que um escritor bastante atrasado muitas vezes reproduz as próprias palavras do primeiro narrador....

Assim, as duas autoridades clássicas no campo, H. A. R. Gibb e M. J. de Goeje, em seu artigo conjunto sobre historiografia árabe em edições anteriores da *Enciclopédia Britânica*.²⁵⁴ Explica as dificuldades excruciantes em traçar uma fonte original que tantas vezes quanto não se perde — através das versões sucessivas de historiadores, compiladores e plagiadores posteriores. Isso torna frequentemente impossível colocar uma data em um episódio ou uma descrição do estado de coisas em um determinado país; e a incerteza da datação pode variar ao longo de um século inteiro em passagens onde o autor dá conta no tempo presente sem uma indicação clara de que ele está citando alguma fonte no passado distante. Acrescente a isso as dificuldades de identificar pessoas, tribos e lugares, devido à confusão sobre a ortografia, além dos caprichos dos copistas, e o resultado é um quebra-cabeça com metade das peças faltando, outras de origem estranha lançadas, e apenas os contornos nus da imagem discernível. Os principais relatos árabes de Khazaria, mais frequentemente citados nestas páginas, são de Ibn Fadlan, al-Istakhri, Ibn Hawkal e al-Masudi. Mas apenas algumas delas podem ser chamadas de fontes “primárias”, como Ibn Fadlan, que fala por experiência própria. O relato de Ibn Hawkal, por exemplo, escrito por volta de 977, é baseado quase inteiramente no de Istakhri, escrito por volta de 932; que, por sua vez, deve ser baseado em uma obra perdida do geógrafo el-Balkhi, que escreveu por volta de 921. Sobre a vida desses estudiosos e a qualidade de sua bolsa, sabemos muito pouco. Ibn Fadlan, o diplomata e observador astuto, é o que mais se destaca. No entanto, à medida que nos movemos ao longo da cadeia ao longo do século X, podemos observar etapas sucessivas na evolução da ciência jovem da historiografia. El-Balkhi, o primeiro da cadeia, marca o início da escola clássica de Geografia Árabe, na qual a ênfase principal está nos mapas, enquanto o texto descritivo é de importância secundária. Istakhri mostra uma melhoria acentuada com uma mudança de ênfase de mapas para texto. (Sobre sua vida nada se sabe; e o que sobrevive de seus escritos é aparentemente apenas uma sinopse de uma obra maior.) Com Ibn Hawkal (sobre o qual sabemos apenas que ele era um comerciante viajante e missionário), um avanço decisivo é alcançado: o texto não é mais um comentário sobre os mapas (como em Balkhi, e ainda parcialmente em Istakhri), mas se torna uma narrativa por si só. Por fim, com Yakut (1179-1229) chegamos, dois séculos depois, à era dos compiladores e enciclopedistas. Sobre ele sabemos pelo menos que ele nasceu na Grécia, e vendeu como um menino no mercado de escravos em Bagdá para um comerciante que o tratou gentilmente e o usou como uma espécie de viajante comercial. Depois de sua alforria, tornou-se um livreiro itinerante e, eventualmente, estabeleceu-se em Mossul, onde escreveu sua grande enciclopédia de geografia e história. Este importante trabalho inclui o relato de Istakhri e Ibn Fadlan sobre os cazares. Mas, infelizmente, Yakut atribui erroneamente a narrativa de Istakhri também a Ibn Fadlan. Como as duas narrativas diferem em pontos importantes, sua atribuição ao mesmo autor produziu vários absurdos, com o resultado de que Ibn Fadlan tornou-se um pouco desacreditado aos olhos dos historiadores modernos. Mas os eventos tomaram um rumo diferente com a descoberta do texto completo do relatório de Ibn Fadlan sobre um manuscrito antigo em Meshhed, Pérsia. A descoberta, que criou uma sensação entre os orientistas, foi feita em 1923 pelo Dr. Zeki Validi Togan (sobre quem mais abaixo). Ele não só confirmou a autenticidade das seções do relatório de Ibn Fadlan sobre os cazares citados por Yakut, mas também continha passagens omitidas por Yakut que eram, portanto, anteriormente desconhecidas. Além disso, após a confusão criada por Yakut, Ibn Fadlan e Istakhri/Ibn Hawkal foram agora reconhecidos como fontes independentes que se corroboraram mutuamente. O mesmo valor corroborativo atribui aos relatórios de Ibn Rusta, al-Bekri ou Gardezi, que tive pouca oportunidade de citar precisamente porque seus conteúdos são essencialmente semelhantes às principais fontes. Outra fonte aparentemente independente foi al-Masudi (falecido por volta de 956), conhecido como “o Heródoto Árabe”. Ele era um viajante inquieto, de curiosidade insaciável, mas os historiadores árabes modernos parecem ter uma visão

bastante icônica dele. Assim, a Enciclopédia do Islã diz que suas viagens foram motivadas “por um forte desejo de conhecimento. Mas isso era superficial e não profundo. Ele nunca entrou em fontes originais, mas contentou-se com investigações superficiais e aceitou contos e lendas sem críticas.” Mas isso poderia ser dito de outros historiadores medievais, cristãos ou árabes.

2. Bizantino

Entre as fontes bizantinas, de longe, a mais valiosa é *De Admistrando Imperio*, de Constantino VII Porfirogênito, escrito por volta de 950. É importante não só por causa da informação que contém sobre os próprios Cazares (e particularmente sobre a sua relação com os Magiares), mas por causa dos dados que fornece sobre a Rus e o povo das estepes do norte.

Constantino (904-59) o erudito-imperador era um personagem fascinante — não é de admirar que Arnold Toynbee confessou ter “perdido o coração” para ele²⁵⁵ — um caso de amor com o passado que começou em seus tempos de graduação. O resultado final foi o monumental *Constantino Porfirogênito de Toynbee e seu Mundo*, publicado em 1973, quando o autor tinha oitenta e quatro anos. Como o título indica, a ênfase está tanto na personalidade e no trabalho de Constantino quanto nas condições do mundo em que ele — e os cazares — viveram. No entanto, a admiração de Toynbee por Constantino não o fez ignorar as limitações do Imperador como estudioso: “As informações reunidas no *De Administrando Imperio* foram coletadas em datas diferentes de fontes diferentes, e o produto não é um livro no qual os materiais foram digeridos e coordenados por um autor; é uma coleção de arquivos que foram editados apenas de forma superficial.”²⁵⁶ E mais tarde: “*De Administrando Imperio* e *De Caeromoniis*, no estado em que Constantino os deixou para a posteridade, parecerá que a maioria dos leitores está em lamentável confusão”.²⁵⁷ (O próprio Constantino estava emocionalmente convencido de que *De Caeromoniis* era uma “obra-prima técnica”, além de ser “um monumento de erudição exata e um trabalho de amor”²⁵⁸.) Críticas semelhantes haviam sido expressas anteriormente por Bury²⁵⁹ e Macartney, tentando resolver as declarações contraditórias de Constantino sobre as migrações magiares: “...Faremos bem em lembrar a composição do *De Administrando Imperio* — uma série de notas das mais diversas fontes, muitas vezes duplicando umas às outras, muitas vezes contradizendo umas às outras, e coladas com a edição mais áspera.”²⁶⁰ Mas devemos ter cuidado com o banhismo — jogando o bebê fora com a água, como os críticos acadêmicos às vezes estão aptos a fazer. Constantino teve o privilégio, como nenhum outro historiador, de explorar os arquivos imperiais e receber relatórios em primeira mão de seus funcionários e enviados que retornavam de missões no exterior. Quando tratado com cautela, e em conjunto com outras fontes, *De Administrando* lança muita luz valiosa sobre esse período escuro.

3. Russo

Além do folclore transmitido oralmente, lendas e canções (como o “Lay of Igor 's Host”), a fonte mais antiga escrita em russo é o *Povezt Vremennikh Let*, literalmente “Tale of Bygone Years”, várias vezes referido por diferentes autores como *The Russian Primary Chronicle*, *The Old Russian Chronicle*, *The Russian Chronicle*, Pseudo-Nestor ou *The Book of Annals*. É uma compilação, feita na primeira metade do século XII, das versões editadas de crônicas anteriores que remontam ao início do décimo primeiro, mas incorporando tradições e registros ainda mais antigos. Pode, portanto, como²⁶¹ diz Vernadsky, “conter fragmentos de informação autêntica mesmo no que diz respeito ao período do século VII ao X” — um período vital para a história czar. O principal compilador e editor da obra foi provavelmente o erudito monge Nestor (n. 1056) no Mosteiro da Cripta em Kiev, embora esta seja uma questão de controvérsia entre os especialistas (daí “Pseudo-Nestor”). Questões de autoria à parte, o *Povezt* é um guia inestimável (embora não infalível) para o período que cobre. Infelizmente, ele termina com o ano de 1112, apenas no início do misterioso ato de desaparecimento dos cazares. As fontes hebraicas medievais sobre Khazaria serão discutidas no Apêndice III.

(B) LITERATURA MODERNA

Seria presunçoso comentar sobre os historiadores modernos de reputação citados nestas páginas, como Toynbee ou Bury, Vernadsky, Barão, Macartney, etc. — que escreveram sobre algum aspecto da história czar. As observações a seguir são confundidas com aqueles autores cujos escritos são de importância central para o problema, mas que são conhecidos apenas por uma parte especialmente interessada do público. Entre eles estão o falecido professor Paul F. Kahle, e seu ex-aluno, Douglas Morton Dunlop, na época em que escreveu Professor de História do Oriente Médio na Universidade de Columbia. Paul Eric Kahle (1875-1965) foi um dos principais orientistas e estudiosos massorísticos da Europa. Nasceu na Prússia Oriental, foi ordenado ministro luterano e passou seis anos como pastor no Cairo. Posteriormente lecionou em várias universidades alemãs e em 1923 tornou-se Diretor do famoso Seminário Oriental na Universidade de Bonn, um centro internacional de estudos que atraiu orientistas de todo o mundo. “Não pode haver dúvida”, escreveu Kahle,²⁶² “que o caráter internacional do Seminário, sua equipe, seus alunos e visitantes, foi a melhor proteção contra a influência nazista e nos permitiu continuar com nosso trabalho sem perturbações durante quase seis anos de regime nazista na Alemanha.... Fui durante anos o único professor na Alemanha que tinha um judeu, um rabino polonês, como assistente.” Não é de admirar que, apesar de sua impecável descendência ariana, Kahle foi finalmente forçado a emigrar em 1938. Ele se estabeleceu em Oxford, onde recebeu dois doutores adicionais (em filosofia e teologia). Em 1963 retornou a sua amada Bonn, onde morreu em 1965. O catálogo do Museu Britânico tem vinte e sete

títulos a seu crédito, entre eles *O Cairo Geniza* e *Estudos dos Pergaminhos do Mar Morto*. Entre os alunos de Kahle antes da guerra em Bonn estava o jovem orientalista D. M. Dunlop. Kahle estava profundamente interessado na história de Khazar. Quando o historiador belga Professor Henri Grégoire publicou um artigo em 1937 questionando a autenticidade da “Correspondência Cazar”,²⁶³ Kahle o levou à tarefa: “Eu indiquei a Grégoire uma série de pontos em que ele não poderia estar certo, e tive a chance de discutir todos os problemas com ele quando ele me visitou em Bonn em dezembro de 1937. Decidimos fazer uma grande publicação conjunta — mas os desenvolvimentos políticos tornaram o plano impraticável. Então eu propus a um ex-aluno de Bonn, D. M. Dunlop, que ele assumisse o trabalho. Ele era um estudioso capaz de lidar com fontes hebraicas e árabes, conhecia muitas outras línguas e tinha o treinamento crítico para uma tarefa tão difícil.”²⁶⁴ O resultado dessa transação acadêmica foi *A História dos Cazares Judeus*, de Dunlop, publicado em 1954 pela Princeton University Press. Além de ser um inestimável livro de fontes sobre a história cazar, fornece novas evidências para a autenticidade da Correspondência (ver Apêndice iii), que Kahle endossou totalmente.²⁶⁵ Aliás, o professor Dunlop, nascido em 1909, é filho de um divino escocês, e seus hobbies estão listados em *Quem é Quem* como “caminhada nas colinas e história escocesa”. Assim, os dois principais apologistas do judaísmo cazar em nossos tempos eram bons protestantes com um fundo eclesialístico, nórdico. Outro aluno de Kahle com uma formação totalmente diferente, foi Ahmed Zeki Validi Togan, o descobridor do manuscrito Meshhed da jornada de Ibn Fadlan em torno de Khazaria. Para fazer justiça a este personagem pitoresco, não posso fazer nada melhor do que citar as memórias de Kahle:²⁶⁶

Vários orientais muito proeminentes pertenciam à equipe do [Bona] Seminário. Entre eles, posso mencionar o Dr. Zeki Validi, um protegido especial de Sir Aurel Stein, um Bashkir que havia feito seus estudos na Universidade de Kazan, e já antes da primeira guerra havia se envolvido em trabalhos de pesquisa na Academia de Petersburgo. Durante a guerra e depois que ele tinha sido ativo como líder do *Bashkir-Armeé* [aliado aos bolcheviques], que tinha sido em grande parte criado por ele. Ele tinha sido um membro da Duma russa, e tinha pertencido por algum tempo ao Comitê dos Seis, entre os quais havia Lenin, Stalin e Trotski. Mais tarde, ele entrou em conflito com os bolcheviques e escapou para a Pérsia. Como especialista em turco — sendo o baskiriano uma língua turca — tornou-se em 1924 conselheiro do Ministério da Educação de Mustafa Kemal em Ancara, e mais tarde professor de turco na Universidade de Stambul. Depois de sete anos, quando perguntado, com os outros professores em Stambul, para ensinar que toda a civilização do mundo vem dos turcos, ele se demitiu, foi para Viena e estudou História Medieval com o professor Dopsch. Depois de dois anos, ele obteve seu doutorado com uma excelente tese sobre a jornada de Ibn Fadlan para os búlgaros do norte, turcos e cazares, cujo texto árabe ele havia descoberto em um MS. em Meshhed. Mais tarde, publiquei seu livro no “*Abhandlungen für die Kunde des Morgenlandes*”. De Viena, contratei-o como professor e, mais tarde, *professor honorário* de Bonn. Ele era um verdadeiro estudioso, um homem de amplo conhecimento, sempre pronto para aprender, e a colaboração com ele foi muito frutífera. Em 1938, ele voltou para a Turquia e novamente se tornou professor de turco na Universidade de Stambul.

Outra figura impressionante, de maneira diferente, foi Hugo Freiherr von Kutschera (1847-1910), um dos primeiros defensores da teoria da origem cazar da judiaria oriental. Filho de um alto funcionário público austríaco, ele estava destinado a uma carreira diplomática, e estudou na Academia Oriental em Viena, onde se tornou um linguista especialista, dominando línguas turcas, árabes, persas e outras línguas orientais. Depois de servir como adido na Embaixada Austro-Húngara em Constantinopla, tornou-se em 1882 Diretor de Administração em Sarajevo das províncias da Bósnia-Herzegovina, recentemente ocupada pela Austro-Hungria. Sua familiaridade com os modos de vida orientais fez dele uma figura popular entre os muçulmanos da Bósnia e contribuiu para a pacificação (relativa) da província. Ele foi recompensado com o título de Freiherr (Barão) e várias outras honras. Após sua aposentadoria, em 1909, ele dedicou seus dias ao seu hobby vitalício, a conexão entre a judiaria europeia e os cazares. Já quando jovem, ele tinha ficado impressionado com o contraste entre judeus sefarditas e asquenazistas na Turquia e nos Balcãs; seu estudo das fontes antigas sobre a história dos cazares levou a uma crescente convicção de que eles forneceram pelo menos uma resposta parcial para o problema. Ele era um historiador amador (embora um linguista quase-profissional), mas sua erudição foi notável; dificilmente há uma fonte árabe, conhecida antes de 1910, ausente de seu livro. Infelizmente, ele morreu antes de ter tempo para fornecer a bibliografia e referências a ela; *Die Chasaren — Historische Studie* foi publicado postumamente em 1910. Embora logo tenha entrado em uma segunda edição, raramente é mencionado por historiadores. Abraham N. Poliak nasceu em 1910 em Kiev; ele veio com sua família para a Palestina em 1923. Ele ocupou a Cátedra de História Judaica Medieval na Universidade de Tel Aviv e é autor de numerosos livros em hebraico, entre eles uma *História dos Árabes; Feudalismo no Egito 1250-1900; Geopolítica de Israel e do Oriente Médio*, etc. Seu ensaio sobre “A Conversão Cazar para o Judaísmo” apareceu em 1941 no periódico hebraico *Sião* e levou a controvérsias vivas; seu livro *Khazaria* ainda mais. Foi publicado em 1944 em Tel Aviv (em hebraico) e foi recebido com — talvez compreensível — hostilidade, como uma tentativa de minar a tradição sagrada relativa à descendência dos judeus modernos da Tribo Bíblica. Sua teoria não é mencionada na *Enciclopédia Judaica* 1971-2. Mathias Mieses, no entanto, cujas opiniões sobre a origem da judiaria oriental e da língua iídiche eu citei, é realizada em alta estima acadêmica. Nascido em 1885 na Galiza, estudou linguística e tornou-se um pioneiro da filologia iídiche (embora tenha escrito principalmente em alemão, polonês e hebraico). Ele foi uma figura notável na Primeira

Conferência sobre a Língua Ídiche, Czernovitz, 1908, e seus dois livros: *Die Entstehungsursache der jüdischen Dialekte* (1924) e *Die Jiddische Sprache* (1924) são considerados clássicos em seu campo. Miseses passou seus últimos anos em Cracóvia, foi deportado em 1944 com destino Auschwitz, e morreu na viagem.

ANEXO III

A “CORRESPONDÊNCIA CAZAR”

A troca de cartas entre o estadista espanhol Hasdai ibn Shaprut e o rei José de Khazaria há muito tempo fascina os historiadores. É verdade que, como escreveu Dunlop, “a importância da Correspondência Cazar pode ser exagerada. A essa altura, é possível reconstruir a história cazar em algum detalhe sem recorrer às cartas de Hasdai e Joseph.”²⁶⁷ No entanto, o leitor pode estar interessado em um breve esboço do que é conhecido da história desses documentos. A Carta de Hasdai foi aparentemente escrita entre 954 e 961, para a embaixada da Europa Oriental que ele menciona (Capítulo III, 3-4), acredita-se ter visitado Córdoba em 954, e o califa Abd-al-Rahman, a quem ele menciona como seu soberano, governou até 961. Que a Carta foi realmente escrita pelo secretário de Hasdai, Menahem ben-Sharuk — cujo nome aparece no acróstico depois de Hasdai — foi estabelecido por Landau,²⁶⁸ através da comparação com outros trabalhos sobreviventes de Menahem. Assim, a autenticidade da Carta de Hasdai não está mais em disputa, enquanto as evidências relativas à Resposta de José são necessariamente mais indiretas e complexas. As primeiras menções conhecidas da Correspondência datam dos séculos XI e XII. Por volta do ano de 1100, o rabino Jehudah ben Barzillai de Barcelona escreveu em hebraico seu “Livro dos Festivais” — *Sefer ha-Ittim* — que contém uma longa referência, incluindo citações diretas, à Resposta de José a Hasdai. A passagem em questão na obra de Barzillai começa da seguinte forma:

Vimos entre alguns outros manuscritos a cópia de uma carta que o rei José, filho de Arão, o sacerdote cazar escreveu a R. Hasdai bar Isaac.¹ Não sabemos se a carta é genuína ou não, e se é um fato que os cazares, que são turcos, se tornaram prosélitos. Não está definido se tudo o que está escrito na carta é fato e verdade ou não. Pode haver falsidades escritas nele, ou as pessoas podem ter acrescentado a ele, ou pode haver erro por parte do escriba.... A razão pela qual precisamos escrever neste nosso livro coisas que parecem ser exageradas é que descobrimos na carta deste rei José a R. Hasdai que R. Hasdai lhe havia perguntado de que família ele era, a condição do rei, como seus pais haviam sido reunidos sob as asas da Presença [isto é, se converteram ao judaísmo] e quão grande era seu reino e domínio. Ele respondeu a ele em todas as cabeças, escrevendo todos os detalhes da carta.²⁶⁹

Barzillai continua a citar ou parafrasear outras passagens da Resposta de José, assim, não deixando dúvidas de que a Resposta já existia em 1100 d.C. Um toque particularmente convincente é adicionado pelo ceticismo acadêmico do rabino. Vivendo em Barcelona provincial, ele evidentemente sabia pouco ou nada sobre os cazares. Sobre a época em que o rabino Barzillai escreveu, o cronista árabe, Ibn Hawkal, também ouviu alguns rumores sobre o envolvimento de Hasdai com os cazares. Lá sobrevive uma nota enigmática, que Ibn Hawkal anotou em um mapa manuscrito, datado de AH 479 — AD 1086. Ele diz:

Hasdai ibn-Ishaq² pensa que esta grande montanha longa [o Cáucaso] está conectada com as montanhas da Armênia e atravessa o país dos gregos, estendendo-se a Cazar e as montanhas da Armênia. Ele estava bem informado sobre essas partes, porque ele os visitou e conheceu seus principais reis e líderes.²⁷⁰

Parece muito improvável que Hasdai realmente visitou Khazaria; mas lembramos que ele se ofereceu para fazê-lo em sua Carta, e que Joseph entusiasticamente acolheu a perspectiva na Resposta; talvez o Hawkal industrioso ouviu algumas fofocas sobre a Correspondência e extrapolado de lá, uma prática não desconhecida entre os cronistas da época. Cerca de cinquenta anos depois (1140 d.C.) Jehudah Halevi escreveu seu tratado filosófico “Os Cazares” (*Kuzri*). Como já foi dito, contém pouca informação factual, mas o seu relato da conversão cazar ao judaísmo concorda em linhas gerais com o que foi dado por José na Resposta. Halevi não se refere explicitamente à Correspondência, mas seu livro se preocupa principalmente com a teologia, desconsiderando quaisquer referências históricas ou factuais. Ele provavelmente tinha lido uma transcrição da Correspondência como o menos erudito Barzillai tinha antes dele, mas a evidência é inconclusiva. É inteiramente conclusivo, no entanto, no caso de Abraham ben Daud (cf. acima, II, 8), cujo popular *Sefer ha-Kabbalah*, escrito em 1161, contém a seguinte passagem:

Você vai encontrar congregações de Israel espalhados a partir da cidade de Sala, na extremidade do Maghrib, tanto quanto Tahart no seu início, a extremidade da África [Ifriqiyah, Túnis], em toda a África, Egito, o país dos sabeus, Arábia, Babilônia, Elam, Pérsia, Dedan, o país dos gurgashitas que é chamado Jurjan, Tabaristão, tanto quanto Daylam eo rio Itil onde vivem os povos cazares que se tornaram prosélitos. Seu rei José enviou uma carta a R. Hasdai, o príncipe bar Isaac ben-Shaprut e informou-lhe que ele e todo o seu povo seguiu a fé rabbanita. Vimos em Toledo alguns de seus descendentes, alunos dos sábios, e eles nos disseram que o restante deles seguiu a fé

¹O nome de Hasdai em hebraico era bar Isaac bar Shaprut. O R (para Rabino) é um título de cortesia.

²Versão árabe do nome de Hasdai.

rabbanita.²⁷¹

A primeira versão impressa da Correspondência Cazar está contida em um panfleto hebraico, *Kol Mebasser*, “Voz do Mensageiro da Boa Nova”.¹ Foi publicado em Constantinopla por volta de 1577 por Isaac Abraham Akrish. Em seu prefácio Akrish relata que durante suas viagens ao Egito quinze anos antes, ele tinha ouvido rumores de um reino judeu independente (esses rumores provavelmente se referiam às Falashas da Abissínia); e que, posteriormente, ele obteve “uma carta que foi enviada ao rei dos cazares, e resposta do rei”. Ele então decidiu publicar esta correspondência, a fim de elevar os espíritos de seus companheiros judeus. Se ele pensou ou não que Khazaria ainda existia não é claro. De qualquer forma, o prefácio é seguido pelo texto das duas letras, sem mais comentários. Mas a Correspondência não permaneceu enterrada no pequeno panfleto obscuro de Akrish. Cerca de sessenta anos após sua publicação, uma cópia foi enviada por um amigo a Johannes Buxtorf, o Jovem, um estudioso calvinista de grande erudição. Buxtorf foi um especialista em Hebraíst, que publicou uma grande quantidade de estudos em exegese bíblica e literatura rabínica. Quando ele leu o panfleto de Akrish, ele estava no início tão cético em relação à autenticidade da Correspondência como o rabino Barzillai tinha sido quinhentos anos antes dele. Mas em 1660 Buxtorf finalmente imprimiu o texto de ambas as cartas em hebraico e em uma tradução latina como um adendo ao livro de Jehudah Halevi sobre os cazares. Talvez fosse uma ideia óbvia, mas não feliz, pois a inclusão, dentro das mesmas capas, do lendário conto de Halevi dificilmente predisponha os historiadores a levar a Correspondência a sério. Foi só no século XIX que a sua atitude mudou, quando mais se tornou conhecido, a partir de fontes independentes, sobre os cazares.

A única versão manuscrita que contém a Carta de Hasdai e a Resposta de José, está na biblioteca da Igreja de Cristo em Oxford. Segundo Dunlop e o especialista russo Kokovtsov,²⁷² o manuscrito “apresenta uma semelhança notavelmente próxima com o texto impresso” e “serviu direta ou indiretamente como fonte do texto impresso”.²⁷³ Provavelmente data do século XVI e acredita-se ter estado na posse do Decano da Igreja de Cristo, John Fell (a quem Thomas Brown imortalizou com o seu “Eu não te amo, Dr. Fell...”). Outro manuscrito contendo a Resposta de José, mas não a Carta de Hasdai, é preservado na Biblioteca Pública de Leningrado. É consideravelmente mais longo do que o texto impresso do manuscrito Akrish e da Igreja de Cristo; por conseguinte, é geralmente conhecido como a versão longa, como distinto da Igreja Akrish-Cristo “Versão Curta”, que parece ser uma abreviatura do mesmo. A versão longa também é consideravelmente mais antiga; provavelmente data do século XIII, a versão curta do século XVI. O historiador soviético Ribakov²⁷⁴ sugeriu plausivelmente que a Versão Longa — ou um texto ainda mais antigo — tinha sido editada e comprimida por copistas espanhóis medievais para produzir a Versão Curta da Resposta de José. Neste ponto, encontramos um arenque vermelho através da trilha antiga. A Versão Longa faz parte da chamada “Coleção Firkowich” de manuscritos e epitáfios hebraicos na Biblioteca Pública de Leningrado. Provavelmente veio do Cairo Geniza, onde uma grande parte dos manuscritos da Coleção se originou. Abraham Firkowich era um estudioso colorido do século XIX que mereceria um Apêndice só para si. Ele era uma grande autoridade em seu campo, mas também era um fanático karaita que desejava provar ao governo czarista que os karaitas eram diferentes dos judeus ortodoxos e não deveriam ser discriminados pelos cristãos. Com esse propósito louvável em mente, ele adulterou alguns de seus manuscritos e epitáfios antigos autênticos, interpolando ou adicionando algumas palavras para dar-lhes uma inclinação karaita. Assim, a versão longa, tendo passado pelas mãos de Firkowich, foi recebido com uma certa desconfiança quando foi encontrado, após a sua morte, em um pacote de outros manuscritos em sua coleção pelo historiador russo Harkavy. Harkavy não tinha ilusões sobre a confiabilidade de Firkowich, pois ele próprio já havia denunciado algumas das interpolações espúrias de Firkowich.²⁷⁵ No entanto, Harkavy não tinha dúvidas sobre a antiguidade do manuscrito; ele o publicou no hebraico original em 1879 e também na tradução russa e alemã,²⁷⁶ aceitando-o como uma versão inicial da carta de José, da qual a versão curta foi derivada. O colega de Harkavy (e rival) Chwolson concordou que todo o documento foi escrito pela mesma mão e que não continha adições de qualquer tipo.²⁷⁷ Finalmente, em 1932, a Academia Russa publicou o livro autoritário de Paul Kokovtsov, *The Hebrew-Khazar Correspondence in the Denth Century*²⁷⁸ including facsimiles of the Long Version of the Reply in the Leningrad Library, the Short Version in Christ Church and in Akrish 's pamphlet. Após uma análise crítica dos três textos, ele chegou à conclusão de que tanto a versão longa quanto a versão curta são baseadas no mesmo texto original, que é em geral, embora nem sempre, mais fielmente preservado na versão longa.

A pesquisa crítica de Kokovtsov, e particularmente sua publicação dos fac-símiles do manuscrito, praticamente resolveu a controvérsia — que, de qualquer forma, afetou apenas a versão longa, mas não a carta de Hasdai e a versão curta da resposta. No entanto, uma voz de discordância foi levantada de um bairro inesperado. Em 1941, Poliakov avançou a teoria de que a Correspondência Cazar não era exatamente uma falsificação, mas uma obra fictícia escrita no século X com o objetivo de espalhar informações sobre, ou fazer propaganda para, o reino judeu.²⁷⁹ (Não poderia ter sido escrito depois do século XI, pois, como vimos, o rabino Barzillai leu a Correspondência por volta de 1100, e Ibn Daud citou-a em 1161). Mas esta teoria, plausível à primeira vista, foi efetivamente demolida por Landau e Dunlop. Landau foi capaz de provar que a Carta de Hasdai foi realmente escrita por seu secretário Menahem ben-Sharuk. E Dunlop apontou que na Carta Hasdai faz uma série de perguntas sobre Khazaria que Joseph não responde — o que certamente não é a maneira de escrever um panfleto informativo:

¹Duas cópias do panfleto pertencentes a duas edições diferentes são preservadas na Biblioteca Bodleiana.

Não há resposta por parte de José para perguntas quanto ao seu método de procissão para o seu lugar de culto, e quanto a se a guerra anula o sábado.... Há uma ausência acentuada de correspondência entre as perguntas da Carta e as respostas dadas na Resposta. Isso provavelmente deve ser considerado como uma indicação de que os documentos são o que pretendem ser e não uma invenção literária.²⁸⁰

Dunlop continua fazendo uma pergunta pertinente:

Por que a Carta de Hasdai, que, embora consideravelmente mais longa do que a Resposta de José, tem muito pouco de fato sobre os cazares, se o propósito de escrevê-la e a Resposta era, como Poliak supõe, simplesmente dar um relato popular de Cazária? Se a Carta é uma introdução à informação sobre os Cazares na Resposta, é certamente muito curiosa — cheia de fatos sobre a Espanha e os Omíadas que não têm nada a ver com a Cazária.²⁸¹

Dunlop então conclui o argumento por um teste linguístico que prova conclusivamente que a Carta e a Resposta foram escritas por pessoas diferentes. A prova diz respeito a uma das características marcantes da gramática hebraica, o uso do chamado “waw-conversivo”, para definir o tempo. Não tentarei explicar essa intrincada peculiaridade gramatical¹ e, em vez disso, simplesmente citarei a tabulação de Dunlop dos diferentes métodos usados na Carta e na Versão Longa para designar ações passadas:²⁸²

	<i>Conversivo Waw com Imperfeito</i>	<i>Waw simples com Perfet</i>
Carta de Hasdai	48	14
Responder (Versão Longa)	1	95

Na versão curta da resposta, o primeiro método (Hasdai) é usado trinta e sete vezes, o segundo cinquenta vezes. Mas a versão curta usa o primeiro método principalmente em passagens onde o texto difere da versão longa. Dunlop sugere que isso se deve a editores espanhóis posteriores parafraseando a versão longa. Ele também ressalta que a Carta de Hasdai, escrita na Espanha mourisca, contém muitos árabes (por exemplo, al-Khazar para os cazares), enquanto a Resposta não tem nenhum. Por fim, a respeito do teor geral da Correspondência, ele diz:

...Nada decisivo parece ter sido alegado contra o conteúdo factual da Resposta de José em sua forma mais original, a Versão Longa. A diferença estilística sustenta sua autenticidade. É o que se poderia esperar em documentos que emanam de partes amplamente separadas do mundo judaico, onde também o nível de cultura não era de forma alguma o mesmo. Talvez seja permitido aqui registrar a impressão, pelo que vale a pena, de que, em geral, a linguagem da Resposta é menos artificial, mais ingênua, do que a da Carta.²⁸³

Em suma, é difícil entender por que historiadores do passado estavam tão relutantes em acreditar que o czar Kagan era capaz de ditar uma carta, embora se soubesse que ele correspondia com o imperador bizantino (lembramos os selos de três solidi); ou que judeus piedosos na Espanha e no Egito deveriam ter copiado e preservado diligentemente uma mensagem do único rei judeu desde os tempos bíblicos.

¹O leitor interessado pode consultar Weingreen, J., *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, 2nd ed, (Oxford, 1959).

APÊNDICE IV

ALGUMAS IMPLICAÇÕES - ISRAEL E A DIÁSPORA

EMBORA este livro lide com a história passada, ele inevitavelmente carrega certas implicações para o presente e o futuro. Em primeiro lugar, estou ciente do perigo de ser mal interpretado como uma negação do direito do Estado de Israel à existência. Mas esse direito não se baseia nas origens hipotéticas do povo judeu, nem na aliança mitológica de Abraão com Deus; baseia-se no direito internacional — ou seja, na decisão das Nações Unidas, em 1947, de dividir a Palestina, outrora uma província turca, então um Território Mandatado Britânico, em um Estado árabe e judeu. Quaisquer que sejam as origens raciais dos cidadãos israelenses e quaisquer ilusões que eles tenham sobre eles, seu Estado existe *de jure* e *de fato*, e não pode ser desfeito, exceto por genocídio. Sem entrar em questões controversas, pode-se acrescentar, por uma questão de fato histórico, que a partição da Palestina foi o resultado de um século de imigração judaica pacífica e esforço pioneiro, que fornecem a justificativa ética para a existência legal do Estado. Se os cromossomos do seu povo contêm genes de origem cazar ou semita, romana ou espanhola, é irrelevante, e não pode afetar o direito de Israel de existir — nem a obrigação moral de qualquer pessoa civilizada, gentio ou judeu, para defender esse direito. Mesmo a origem geográfica dos pais ou avós dos nativos israelenses tende a ser esquecida no borbulhante caldeirão racial. O problema da infusão cazar há mil anos, por mais fascinante que seja, é irrelevante para o Israel moderno. Os judeus que a habitam, independentemente de suas origens verificadas, possuem os requisitos essenciais de uma nação: um país próprio, uma língua comum, governo e exército. Os judeus da diáspora não têm nenhuma dessas exigências de nacionalidade. O que os diferencia como uma categoria especial dos gentios em meio a quem vivem é sua religião declarada, quer a pratiquem ou não. Aqui reside a diferença básica entre israelenses e judeus da diáspora. Os primeiros adquiriram uma identidade nacional; os últimos são rotulados como judeus apenas pela sua religião — não pela sua nacionalidade, não pela sua raça. Isso, no entanto, cria um trágico paradoxo, porque a religião judaica — ao contrário do cristianismo, do budismo ou do islamismo — implica a adesão a uma nação histórica, uma raça escolhida. Todos os festivais judaicos comemoram eventos na história nacional: o êxodo do Egito, a revolta de Macabeu, a morte do opressor Hamã, a destruição do Templo. O Antigo Testamento é, antes de tudo, a narrativa da história de uma nação; deu monoteísmo ao mundo, mas seu credo é mais tribal do que universal. Toda oração e observância ritual proclama a pertença a uma raça antiga, que separa automaticamente o judeu do passado racial e histórico do povo em cujo meio ele vive. A fé judaica, como mostrado por 2000 anos de história trágica, é nacional e socialmente auto-segregante. Ele separa o judeu e convida-o a ser separado. Ele cria automaticamente guetos físicos e culturais. Transformou os judeus da diáspora em uma pseudo-nação *sem* nenhum dos atributos e privilégios da nacionalidade, mantidos juntos por um sistema de crenças tradicionais baseadas em premissas raciais e históricas que acabam por ser ilusórias. Os judeus ortodoxos são uma minoria em extinção. Sua fortaleza era a Europa Oriental, onde a fúria nazista atingiu seu pico e os limpou quase completamente da face da terra. Seus sobreviventes dispersos no mundo ocidental não têm mais muita influência, enquanto a maior parte das comunidades ortodoxas do norte da África, do Iêmen, da Síria e do Iraque emigraram para Israel. Assim, o judaísmo ortodoxo na diáspora está morrendo, e é a grande maioria dos judeus iluminados ou agnósticos que perpetuam o paradoxo, apegando-se lealmente ao seu status pseudo-nacional na crença de que é seu dever preservar a tradição judaica. No entanto, não é fácil definir o que o termo “tradição judaica” significa aos olhos dessa maioria esclarecida, que rejeita a doutrina da ortodoxia da Raça Escolhida. Essa doutrina à parte, as mensagens universais do Antigo Testamento — a entronização do Deus único e invisível, os Dez Mandamentos, o ethos dos profetas hebreus, os Provérbios e Salmos — entraram na corrente principal da tradição judaico-helênico-cristã e tornaram-se propriedade comum de judeus e gentios. Após a destruição de Jerusalém, os judeus deixaram de ter uma língua e cultura secular própria. O hebraico como vernáculo cedeu ao aramaico antes do início da era cristã; os estudiosos e poetas judeus na Espanha escreveram em árabe, outros mais tarde em alemão, polonês, russo, inglês e francês. Certas comunidades judaicas desenvolveram dialetos próprios, como o iídiche e o ladino, mas nenhum deles produziu obras comparáveis à impressionante contribuição judaica para a literatura alemã, austro-húngara ou americana. A principal atividade literária da diáspora, *especificamente* judaica, era teológica. No entanto, o Talmud, Kabbala e os volumosos tomos da exegese bíblica são praticamente desconhecidos para o público judeu contemporâneo, embora sejam, para repeti-lo mais uma vez, as únicas relíquias de uma tradição especificamente judaica — se esse termo é para ter um significado concreto — durante os últimos dois milênios. Em outras palavras, o que quer que tenha saído da diáspora não é especificamente judeu, ou não faz parte de uma tradição viva. As realizações filosóficas, científicas e artísticas de judeus individuais consistem em contribuições para a cultura de suas nações anfitriãs; eles não representam uma herança cultural comum ou corpo autônomo de tradições. Em suma, os judeus de nossos dias não têm tradição cultural em comum, apenas certos hábitos e padrões de comportamento, derivados da herança social da experiência traumática do gueto e de uma religião na qual a maioria não pratica ou acredita, mas que, no entanto, lhes confere um status pseudo-nacional. Obviamente — como já argumentei em outros lugares²⁸⁴ — a solução de longo prazo do paradoxo só pode ser a emigração para Israel ou a assimilação gradual para suas nações anfitriãs. Antes do holocausto, esse processo estava em pleno andamento; e em 1975 a *revista Time* relatou²⁸⁵ que os judeus americanos “tendem a se casar fora de sua fé a uma taxa alta; quase um terço de todos os casamentos são mistos”. No entanto, a influência persistente da mensagem racial e histórica do judaísmo, embora baseada na ilusão, age

como uma quebra emocional poderosa, apelando à lealdade tribal. É neste contexto que o papel desempenhado pela décima terceira tribo na história ancestral torna-se relevante para os judeus da Diáspora. No entanto, como já foi dito, é irrelevante para o Israel moderno, que adquiriu uma verdadeira identidade nacional. Talvez seja simbólico que Abraham Poliak, um professor de história na Universidade de Tel Aviv e, sem dúvida, um patriota israelense, tenha feito uma grande contribuição para o nosso conhecimento da ascendência cazar dos judeus, minando a lenda da Raça Escolhida. Também pode ser significativo que o “Sabra” israelense nativo represente, física e mentalmente, o oposto completo do “judeu típico”, criado no gueto.

Bibliografia Seleccionada

- Alföldi, “La Royauté Double des Turcs”, *2me Congrès Turc d'Histoire* (Istambul, 1937)
- Allen, W. E. D., *A History of the Georgian People* (Londres, 1932).
- Annals of Admont*, Klebel, E., “Eme neu aufgefundenene Salzburger Geschichtsquelle”, *Mitteilungen der Gesellschaft für Salzburger Landeskunde*, 1921.
- Arne, T. J., “La Suède et l’Orient”, *Archives d' Études Orientales*, 8°. v.8, Upsala, 1914.
- Artamonov, M. I., *Studies in Ancient Khazar History* (em russo) (Leningrado, 1936).
- Artamonov, M. I., *Khazar History* (em russo) (Leningrado, 1962).
- Bader, O. H., *Studies of the Kama Archaeological Expedition* (in Russian) (Kharkhov, 1953).
- Al-Bakri, *Livro dos Reinos e Estradas*, francês tr. por Défreméry, *J. Asiatique*, 1849.
- Ballas, J. A., *Beiträge zur Kenntnis der Trierischen Volkssprache* (1903).
- Bar Hebraeus, *Chronography* (Oxford, 1932).
- Barker, F., “Crusades” em *Enc. Britannica*, 1973 impressão.
- Baron, S. W., *A Social and Religious History of the Jews*, Vols. III e IV (Nova York, 1957).
- Bartha, A., *A IX-X Századi Magyar Társadalom* (Sociedade Húngara nos séculos IX-10) (Budapeste, 1968).
- Barthold, V., ver Gardezi e *Hudud al Alam*.
- Beddoe, J., “On the Physical Characters of the Jews”, *Trans. Ethn. Soc.*, Vol.1 pp. 222-37, Londres, 1861.
- Ben Barzillay, Jehudah, *Sefer ha-Ittim* (“Livro dos Festivais”) (cerca de 1100).
- Ben-Daud, Ibrahim, *Sefer ha-Kabbalah*, em Crônicas Judaicas Medievais, ed. Neubauer, I, 79.
- Benjamin of Tudela, *The Itinerary of Rabbi Benjamin of Tudela*, Asher, A., tr. and ed., 2 vols. (Londres e Berlim, 1841).
- Blake, R. P., e Frye, R. N., “Notes on the Risala of Ibn Fadlan” in *Byzantina Metabyzantina*, Vol. Eu, Parte 11, 1949.
- Brutskus, J., “Chasaren” em *Enc. Judaica* (Nova York, 1901-6).
- Bury, J. B., *A History of the Eastern Roman Empire* (Londres, 1912).
- Bury, J. B., *Byzantinische Zeitschrift* XIV, pp.511-70.
- Buxtorf, J., fil., ed., Jehuda Halevi, *Liber Cosri* (Basileia 1660).
- Carpini, *Os Textos e Versões de João de Plano Carpini*, ed. Hakluyt, Works, Extra Series v.13 (Hakluyt Soc., 1903).
- Cassel, Paulus (Selig), *Magyarische Alterthümer* (Berlim, 1847).
- Cassel, Paulus (Selig), *Der Chasarische Königsbrief aus DEM 10. Jahrhundert* (Berlim, 1876).
- Cedrenus, Georgius, ed. Bekker (Bonn, 1839).
- Chwolson, D. A., *Dezoito Hebraico Grave Inscricões da Crimeia* (em alemão: São Petersburgo, 1865) (em russo: Moscou, 1869).
- Chwolson, D. A., *Corpus of Hebrew Inscriptions*, ed. (São Petersburgo, 1882).
- Comas, J., “*The Race Question in Modern Science*” (UNESCO, Paris, 1958).
- Constantine Porphyrogenitus, *De Administrando Imperio*, revista 2ª ed. do texto de Moravcsik e Jenkins (Washington DC, 1967).
- Constantine Porphyrogenitus, *De Cerimoniis*, ed., com comentário, A. Vogt (Paris, 1935-40).
- Dimaski, Muhammad, *Manuel de la Cosmographie du Moyen Age* (Copenhague, 1874).
- Disraeli, B., *The Wondrous Tale of Alroy* (Londres, 1833).
- Druthmar of Aquitania, Christian, *Expositio in Evangelium Mattei*, in Migne, *Patrologia Latina* (Paris 1844-55).
- Dubnow, S., *Weltgeschichte des jüdischen Volkes*, Banda IV (Berlim, 1926).
- Dunlop, D. M., *The History of the Jewish Khazars* (Princeton, 1954).
- Dunlop, DM, “The Khazars” em *The World History of the Jewish People*, ver Roth, ed.

Dunlop, DM, “Khazars” em *Enc. Judaica*, 1971-2 impressão.

Eldad ha-Dani, *Relations d'Eldad le Danite, Voyageur du IXe Siècle* (Paris, 1838).

Fishberg, M., *The Jews — A Study of Race and Environment* (Londres e Felling-on-Tyne, 1911).

Fraehn, *Khazars*, Memórias da Academia Russa (1822).

Frazer, Sir James, “The Killing of the Khazar Kings” in *Folklore*, XXVIII, 1917.

Frye, R. N., ver Blake, R. P.

Fuhrmann, *Alt- und Neuösterreich* (Viena, 1737).

Gardezi, tr russo. Barthold, Académie Impériale des Sciences, série VIII, Vol. I, No.4 (São Petersburgo, 1897).

Gibb, H. A. R., e de Goeje, M. J., artigo em “Arab Historiography” em *Enc. Britannica*, 1955 impressão.

Gibbon, B., *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, Vol. V (2ª ed., Londres, 1901).

Goeje, de, ed., *Bibliotheca Geographorum Arabicorum* (Bona).

Goeje, de, ver Gibb, H.A.R.

Graetz, H. H., *History of the Jews* (Philadelphia, 1891-98).

Gregoire, H., “Le ‘Glozel’ Khazare”, *Byzantion*, 1937, p.225-66.

Halevi, Jehuda, *Kitab em Khazari*, tr. Hirschfeld, nova ed. revista. (Londres, 1931); ver também Buxtorf, J., fil.

Harkary, A. B., “Ein Briefwechsel zwischen Cordova und Astrachan zur Zeit Swjatoslaws (um 960), als Beitrag zur alten Geschichte Süd-Russlands” in *Russische Revue*, Vol. VI, 1875, pp. 69-97.

Harkavy, A. B., *Altjüdische Denkmäler aus der Krim*, Memórias da Academia Russa (1876).

Herzog, E., ver Zborowski, M.

Hudud al Alam (“Regiões do Mundo”), Barthold V., ed. (Leningrado, 1930), tradução e explicação, Minorsky, V. (Londres, 1937).

Hussey, J. M., *Cambridge Mediaeval History*, Vol. III c (1966).

Ibn Fadlan, ver Zeki Validi Togan; também Blake R. P., e Frye, R. N.

Ibn Hawkal, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum*; 2 ed. Kramers (1939). Veja também Ouseley, Sir W.

Ibn Jakub, Ibrahim, Spuler, B., in *Jahrbücher für die Geschichte Osteuropas*, III, 1-10.

Ibn Nadim, *Kitab al Fihrist* (“Enciclopédia Bibliográfica”), ed. Flügel.

Ibn Rusta, ed. de Goeje, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum* VII.

Ibn-Said al-Maghribi. Bodleian MS citado por Dunlop (1954), p.11.

Istakhri, ed. de Goeje, *Bibliotheca Geographorum Arabicorum*, pars. 1

Jacobs, J., “On the Racial Characteristics of Modern Jews”, *J. Anthropol. Inst.*, Vol. XV, pp. 23-62, 1886.

Kahle, P. E., *Bonn University in pre-Nazi and Nazi Times: 1923-1939. Experiências de um professor alemão*, publicadas em Londres (1945).

Kahle, P. B., *The Cairo Geniza* (Oxford, 1959).

Karpovich, M., ver Vernadsky, G.

Kerr, N., *Inebriety* (Londres, 1889).

Kniper, A. H., “Caucasus, People of” em *Enc. Britannica*, 1973 impressão.

Koestler, A., “Judah at the Crossroads” em *The Trail of the Dinosaur* (Londres e Nova York, 1955; Danube ed., 1970).

Kokovtsov, P., *The Hebrew-Khazar Correspondence in the Tenth Century* (em russo) (Leningrado, 1932).

Kutschera, Hugo Freiherr von, *Die Chasaren* (Viena, 1910).

Landau, “The Present Position of the Khazar Problem”, (em hebraico), *Sião*, Jerusalém, 1942.

Lázló, G., *A Arte do Período Migratório* (Londres, 1974).

Lawrence, T. E., *Seven Pillars of Wisdom* (Londres, 1906 ed.).

Leiris, M., “Raça e Cultura” (UNESCO, Paris, 1958).

Luschan, F. von, “Die anthropologische Stellung der Juden”, *Correspondenzblatt der deutschen Gesellschaft für*

- Anthropologie*, etc., Vol. XXIII, p.94-102, 1891.
- Macartney, C. A., *The Magyars in the Ninth Century* (Cambridge, 1930).
- McEvedy, C., *O Atlas Pinguim da História Medieval* (1961).
- Marquart, J., *Osteuropäische und ostasiatische Streifzüge* (Hildesheim, 1903).
- al-Masudi, *Muruj udh-Dhahab wa Maadin ul-Jawahir* ("Meadows of Gold Mines and Precious Stones"), French tr., 9 vol. (Paris, 1861-77).
- Mieses, M., *Die Entstehungsuhrsache der jüdischen Dialekte* (Berlim-Wien, 1915).
- Mieses, M., *Die Jiddische Sprache* (Berlim-Wien, 1924).
- Minorsky, V., ver *Hudud al Alam*.
- Muquadas, *Descriptio Imperii Moslemici, Bibliotheca Geographorum Arabica* III, 3 (Bonn).
- Nestor e pseudo-Nestor, ver *Crônica Primária Russa*.
- Obolensky, D., *The Byzantine Commonwealth — Eastern Europe 500-1453* (Londres, 1971).
- Ouseley, Sir W., *A Geografia Oriental de Ebn Haukal* (Londres, 1800).
- Paszkievicz, H., *A Origem da Rússia* (Londres, 1954).
- Patai, R., artigo "Judeus" em *Enc. Britannica*, Vol. XII, 1054, 1973 impressão.
- Petachia of Ratisbon, *Sibub Ha'olam*, ed. Benisch (Londres, 1856).
- Photius, *Homilies*, tradução em inglês com introdução e comentário por C. Mango (Cambridge, Mass., 1958).
- Poliak, A. N. "The Khazar Conversion to Judaism" (em hebraico), *Sião*, Jerusalém, 1941.
- Poliak, A. N., *Khazaria — A História de um Reino Judaico na Europa* (em hebraico) (*Mossad Bialik*, Tel Aviv, 1951).
- Povezt Vremennikh Deixe*, veja *Crônica primária russa*.
- Priscus, *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae* (Bonn).
- Reid, G. A., *Alcoholism* (London, 1902).
- Reinach, Th., "Judaei" em *Dictionnaire des Antiquités*.
- Reinach, Th., artigo "Diáspora" em *Enc. judaica*
- Renan, Ernest, *Le Judaïsme comme Race et Religion* (Paris, 1883).
- Ripley, W., *The Races of Europe* (Londres, "900).
- Russian Primary Chronicle*, Laurentian Text, tr. e ed. Cross, S. H., e Sherbowitz-Wetzor, C. P. (Cambridge, Mass., 1953).
- Roth, C., ed. *A História Mundial do Povo Judeu*, Vol. II: *A Idade das Trevas* (Londres, 1966).
- Roth, C., "Judeus" em *Enc. Britannica*, 1973 impressão.
- Sava, G., *Vale do Povo Esquecido* (Londres, 1946).
- Schram, Anselmus, *Flores Chronicorum Austriae* (1702).
- Schultze — Das Martyrium des heiligen Abo von Tiflis, *Texte und Untersuchungen für Geschichte der altchristlichen Literatur, XIII* (1905).
- Shapiro, H., "The Jewish People: A Biological History" (UNESCO, Paris, 1953).
- Sharf A., *Judeu bizantino — De Justiniano à Quarta Cruzada* (Londres, 1971).
- Sinor, D., "Khazars" em *Enc. Britannica*, 1973 impressão.
- Smith, H., em *Proc. Glasgow University Oriental Society*, V, pp. 65-66.
- al-Tabari, *Geschichte der Perser und Araber zur Zeit der Sasaniden* (Leyden, 1879-1901).
- Togan, veja Zeki Validi.
- Toynbee, A., *A Study of History*, abridgement of Vols. I-VI de D. C. Somervell (Oxford, 1947).
- Toynbee, A., *Constantine Porphyrogenitus and his World* (Londres, Nova York e Toronto, 1973).
- Vasiliev, A. A., *The Goths in the Crimea* (Cambridge, Mass., 1936).
- Vernadsky, G. *Ancient Russia* in Vernadsky and Karpovich, *A History of Russia*, Vol. I (New Haven, 1943).

- Vernadsky, G., *Kievan Russia*, na mesma série, Vol. II (New Haven, 1948).
- Vetulani, A., “Os Judeus na Polônia Medieval”, *Judeu J. da Sociologia*, dezembro de 1962.
- Virchow, R., “Gesamtbericht... über die Farbe der Haut, der Haare und der Augen der Schulkinder in Deutschland”, *Archiv für Anthropologie*, Vol. XVI, pp. 275-475, 1886.
- Weingreen, J., *A Practical Grammar for Classical Hebrew*, 2ª ed., Oxford, 1959
- William de Malmesbury, *De gestis regum Anglorum*.
- Yakubi, *Buldan*, *Bibliotheca Geographorum Arabica* VII (Bona).
- Yakut, *Mujam al-Buldan*, ed. Wüstenfeld (Leipzig, 1866-1870).
- Zajaczkowski, A *Cultura Cazar e seus Herdeiros* (em polonês) (Breslau, 1946).
- Zajaczkowski, “The Problem of the Language of the Khazars”, *Proc. Breslau Soc. de Ciências*, 1946.
- Zborowski, M., e Herzog, E., *Life Is With People — The Jewish Little-Town of Eastern Europe* (New York, 19s2).
- Zeki Validi Togan, A., “Ibn Fadlans Reisebericht” in *Abhandlungen für die Kunde des Morgenlandes*, Band 24, Nr. 3 (Leipzig, 1939).
- Zeki Validi Togan, A., “Völkerschaften des Chasarenreiches im neunten Jahrhundert”, *Körösi Csoma-Archivum*, 1940.

REFERÊNCIAS

Chapter 1

- ¹ Constantine Porphyrogenitus, *De Caeromoniis* I, p. 690.
- ² Bury, J. B. (1912), p. 402.
- ³ Dunlop, DM (1954), pp. ix-x.
- ⁴ Bartha, A. (1968), p. 35.
- ⁵ Poliak, A. N. (1951).
- ⁶ Cassel, P. (1876).
- ⁷ Bartha, p. 24.
- ⁸ Bartha, p. 24 e notas.
- ⁹ Bartha, p. 24, n. 147-9.
- ¹⁰ *Istoria Khazar*, 1962.
- ¹¹ Ibn-Said al-Maghribi, citado por Dunlop, p. II.
- ¹² Schultze (1905), p. 23.
- ¹³ Marquart, p. 44, n. 4.
- ¹⁴ Citado por Dunlop (1954), p. 96.
- ¹⁵ Ibn-al-Balkhi, *Fars Namah*.
- ¹⁶ Gibbon, Vol. V, pp. 87-8.
- ¹⁷ Moisés de Kalankatuk, citado por Dunlop, p. 29.
- ¹⁸ Artamonov, M. I. (1962).
- ¹⁹ Obolensky, D. (1971), p. 172.
- ²⁰ Gibbon, p. 79.
- ²¹ Gibbon, p. 180.
- ²² Gibbon, p. 182.
- ²³ Op. cit., p. 176.
- ²⁴ Zeki Validi, Exk. 36a.
- ²⁵ Ibidem, p. 50.
- ²⁶— Ibidem, p. 61.
- ²⁷ Istakhri.
- ²⁸ Al-Masudi.
- ²⁹ Ibn Hawkal; também Istakhri (que era apenas 4000 jardins).
- ³⁰ Muqaddasi, p. 355, citado por Barão III, p. 197.
- ³¹ Toynbee, A. (1973), p. 549.
- ³² Zeki Validi, p. 120.
- ³³ Citado por Bartha, p. 184.
- ³⁴ Bartha, p. 139.
- ³⁵ Citado por Dunlop (1954), p. 231.
- ³⁶ Bartha, pp. 143-5.
- ³⁷ László, G. (1974), pp. 66f.

³⁸ *Hudud el Alam*, No. 50.

³⁹ Op. cit., p. 405.

⁴⁰ St Julien, *Documents sur les Tou Kioue*, citado por Zeki Validi, p. 269.

⁴¹ Cassel, op. cit., p. 52.

⁴² Ibn Hawkal, pp. 189-90.

⁴³ Op. cit., p. 405.

⁴⁴Capítulo 2

Bury, op. cit., p. 401.

⁴⁵ Ibidem, p. 406.

⁴⁶ Sharf, A. (1971), p. 61.

^{47a} Citado por Dunlop (1954), p. 89.

⁴⁷ Ibidem, p. 84.

⁴⁸ Citado por Sharf, p. 88.

⁴⁹ *A Visão de Daniel*, uma crônica disfarçada de profecia antiga. Citado por Sharf, p. 201.

⁵⁰ Citado por Poliak, 4/3; Dunlop, p. 119.

⁵¹ Poliak, (4/3); citando Chwolson, D. A. (1865).

⁵² Poliak, 4/3; Barão III, p. 210 e n. 47.

⁵³ Poliak, loc. cit.

⁵⁴ Citado por Marquart (1903), p. 6.

⁵⁵ Citado por Dunlop (1954), p. 90.

⁵⁶Op. cit., p. 408

⁵⁷ Sharf, p. 100n.

⁵⁸ Bury, p. 406n.

⁵⁹ Dunlop (1954), p. 227.

⁶⁰ Baron, S. W. (1957), Vol. III, p. 201f.

⁶¹ Dunlop, p. 220.

⁶² Baron, Vol. III, p. 203.

⁶³Capítulo III

Em seu artigo “Khazars” no *Enc. Brit.*, Edição de 1973.

⁶⁴ Op. cit., p. 177.

⁶⁵ Bar Hebraeus e al-Manbijji, citado por Dunlop, p. 181.

⁶⁶ Marquart (pp. 5, 416), Dunlop (p. 42n.) e Bury (p. 408) todos dão datas ligeiramente diferentes.

⁶⁷ Bartha, p.27f.

⁶⁸ Op. cit. p. 547.

⁶⁹ Op. cit. p. 446n.

-
- ⁷⁰ Toynbee, p. 446; Bury, p. 422n.
- ⁷¹ Gardezi (*por volta* de 1050), parafrazeando um relatório anterior de *Ibn Rusta* (*por volta* de 905), citado por Macartney, C. A. (1930), p. 213.
- ⁷² *O Atlas Pinguim da História Medieval*, 1961, p. 58.
- ⁷³ Toynbee, p. 446.
- ⁷⁴ Zeki Validi, p. 85f.
- ⁷⁵ Ibn Rusta, citado por Macartney, p. 214.
- ⁷⁶ Loc. cit.
- ⁷⁷ Ibn Rusta, citado por Macartney, p. 215.
- ⁷⁸ *Ibid.*, pp. 214-15.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. I.
- ⁸⁰ *Ibid.*, p. V.
- ⁸¹ Toynbee, p. 419; Macartney, p. 176.
- ⁸² Toynbee, p. 418.
- ⁸³ *Ibidem*, p. 454.
- ⁸⁴ Loc. cit.
- ⁸⁵ *De Administrando*, cap. 39-40
- ⁸⁶ Toynbee, p.426.
- ⁸⁷ *Op. cit.*, p. 426.
- ⁸⁸ *Op. cit.*, p. 427.
- ⁸⁹ Macartney, pp. 127ff.
- ⁹⁰ Baron, Vol. III, pp. 211f., 332.
- ⁹¹ Bartha, pp. 99, 113.
- ⁹² Citado por Dunlop (1954), p. 105.
- ⁹³ Macartney, Guillemain.
- ⁹⁴ Citado por Macartney, p. 71.
- ⁹⁵ Loc. cit.
- ⁹⁶ Os Anais de Admont, citado por Macartney, p. 76.
- ⁹⁷ *De Administrando*, cap. 40.
- ⁹⁸ Macartney, p. 123.
- ⁹⁹ *Ibidem*, p. 122.
- ¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 123.
- ¹⁰¹ Citado por Dunlop (1954), p. 262.
- ¹⁰² Bury, p. 419f.
- ¹⁰³ *Op. cit.*, p. 448.
- ¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 447.
- ¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 422.
- ¹⁰⁶ Toynbee, p. 448.
- ¹⁰⁷ Russian Chronicle, p. 65.
- ¹⁰⁸ Toynbee, p. 504.
- ¹⁰⁹ Loc. cit.
- ¹¹⁰ Russian Chronicle, p. 82.

-
- ¹¹¹ *Ibid.* p. 83.
- ¹¹² *Ibidem*, p. 72.
- ¹¹³ *Ibidem*, p. 84.
- ¹¹⁴ Bury, p. 418.
- 115**Capítulo IV
- Russian Chronicle, p. 84.
- ¹¹⁶ Dunlop (1954). P. 238.
- ¹¹⁷ ^a Citado por Dunlop (1954), p. 210.
- ¹¹⁷ ^b Citado por Dunlop (1954), pp. 211-12.
- ¹¹⁷ Citado por Zeki Validi.
- ¹¹⁸ Russian Chronicle, p. 84.
- ¹¹⁹ ^a *Ibid.*, p. 84.
- ¹¹⁹ *Ibid.*, p. 90.
- ¹²⁰ Toynbee, *op. cit.*, p. 451.
- ¹²¹ Russian Chronicle, p. 94.
- ¹²² *Ibidem*, p. 97.
- ¹²³ *Ibidem*, p. 97.
- ¹²⁴ *Ibidem*, p. 98.
- ¹²⁵ *Ibidem*, p. 111.
- ¹²⁶ *Ibidem*, p. 112.
- ¹²⁷ Vernadsky, g. (1948), pp. 29, 33.
- ¹²⁸ *De Administrando*, caps. 10-12.
- ¹²⁹ Toynbee, p. 508.
- ¹³⁰ Bury, *op. cit.*, p. 414.
- ¹³¹ *Op. cit.*, p. 250.
- ¹³² Zeki Validi, p. 206.
- ¹³³ Ahmad Tusi (século XII), citado por Zeki Validi, p. 205.
- ¹³⁴ Dunlop (1954), p. 249.
- ¹³⁵ Baron, Vol. IV, p. 174.
- ¹³⁶ Citado por Dunlop (1954), p. 251.
- ¹³⁷ *Kievo Pechershii Paterik*, citado por Baron, Vol. IV, p. 192.
- ¹³⁸ Citado por Dunlop (1954), p. 260.
- ¹³⁹ Citado por Zeki Validi, p. 143.
- ¹⁴⁰ *Ibidem*, p. XXVII.
- ¹⁴¹ Dunlop (1954), p. 261.
- ¹⁴² Vernadsky, p. 44.
- ¹⁴³ Poliak, cap. VII.
- ¹⁴⁴ Loc. cit.
- ¹⁴⁵ Baron, Vol. III, p. 204.
- ¹⁴⁶ Barão, loc. cit.

147Capítulo V

Baron, Vol. III, p. 206.

¹⁴⁸Ibidem, p. 212.

¹⁴⁹ *Anonimi Gesta Hungarorum*, citado por Macartney, p. 188f.

¹⁵⁰ A *Enciclopédia Judaica Universal*, artigo “Teká”.

¹⁵¹ Dunlop (1954), p. 262.

¹⁵² Poliak, cap. IX.

¹⁵³ Baron, Vol. III, p. 206.

¹⁵⁴ Poliak, cap. IX.

¹⁵⁵ Poliak, cap. VII; Baron, Vol. III, p. 218 e nota.

¹⁵⁶ Brutzkus, *Enc. judaica* Artigo “Chasaren”.

¹⁵⁷ Schiper, citado por Poliak.

¹⁵⁸ Poliak, cap. IX.

¹⁵⁹ Baron, Vol. III, p. 217 e nota.

¹⁶⁰ Poliak, cap. IX.

¹⁶¹Ibid.

¹⁶²Ibid.

¹⁶³ Citado por Poliak, cap. IX.

¹⁶⁴ Zajaczkowski, citado por Dunlop, p. 222.

¹⁶⁵ Veltulani, A. (1962)., p. 278.

¹⁶⁶ Poliak, op. cit.; Kutschera, H. (1910).

¹⁶⁷ Vetulani, p. 274.

¹⁶⁸ Vetulani, pp. 276-7; Baron, Vol. III, p. 218 e notas; Poliak, op. cit.

¹⁶⁹ Baron, Vol. III, p. 219.

¹⁷⁰ Poliak, cap. VII.

¹⁷¹|||UNTRANSLATED_CONTENT_START|||
Enc. |||UNTRANSLATED_CONTENT_END|||*Brit.*,
1973 impressão, “Ídiche literacia”.

¹⁷² Op. cit., cap. III.

¹⁷³Ibid.

¹⁷⁴Ibid.

¹⁷⁵ Zborowski, M., e Herzog, E. (1952), p. 41.

¹⁷⁶ Poliak, cap. III.

¹⁷⁷ Ibid., cap. VII.

¹⁷⁸ Ibid., cap. III.

179Capítulo VI

De acordo com *De gestis regum Anglorum de William of Malmesbury*, citado por Baron, Vol. IV, p. 277.

180 Baron, Vol. IV, pp. 75-76.

181 Roth, C. (1973).

182 Roth, loc. cit.

183 Baron, Vol. IV, p. 271.

184 Ibidem, p. 73.

185 Kutschera, p. 233.

186 14ª ed., VI, p. 772, artigo “Cruzadas”.

187 Baron, Vol. IV, p. 97.

188 Ibidem, p. 104.

189 Ibid., pp. 105, 292n.

190 Dubnov, S. (1926), p. 427.

191 Ibidem, p. 428.

192 Baron, Vol. IV, p. 129.

193 Ibidem, p. 119.

194 Ibidem, p. 116.

195 Mieses, M. (1924), p. 275.

196 Ibid., pp. 274-5.

197 Ibidem, p. 273.

198 Kutschera, pp. 235-6, 241.

199Capítulo VII

Vetulani, loc. cit.

²⁰⁰ Mieses, pp. 291-2.

²⁰¹*Enc. Judaica*, Vol. X, p. 512.

²⁰² Fuhrmann (1737), citado por Mieses, p. 279.

²⁰³ Mieses, loc. cit.

²⁰⁴ Smith, H. Proc. V, pp. 65f.

²⁰⁵ Mieses, p. 211.

²⁰⁶Ibid P. 269.

²⁰⁷ Ibidem, p. 272.

²⁰⁸ Ibidem, p. 272.

²⁰⁹ Smith, op. cit., p. 66.

²¹⁰ Kutschera, p. 244.

²¹¹ Kutschera, p. 243.

²¹² Poliak, cap. IX.

²¹³ Citado por Poliak, loc. cit.

²¹⁴ Poliak, loc. cit.

²¹⁵ Roth, loc. cit.

²¹⁶ Roth, loc. cit.

²¹⁷Ibid.

218Capítulo VIII

Poliak, op. cit., Apêndice III.

²¹⁹|||UNTRANSLATED_CONTENT_START|||
Enc. |||UNTRANSLATED_CONTENT_END|||Brit.,
(1973), Vol. XII, p. 1054.

²²⁰ Comas, J. (1958), pp. 31-2.

²²¹ Ripley, W. (1900), p. 377.

²²² Ibid., pp. 378ff.

²²³ Fishberg, M. (1911), p. 37.

²²⁴ Fishberg, cap. II.

²²⁵ Patai, op. cit.

²²⁶ Comas, p. 30.

²²⁷ Fishberg, p. 63.

²²⁸ Citado por Fishberg, p. 63.

²²⁹ Patai, op. cit., p. 1054.

²³⁰ Shapiro, H. (1953), pp. 74-5.

²³¹ Fishberg, p. 181.

²³² I Reis, XI, 1.

²³³ Citado por Fishberg, pp. 186-7.

²³⁴ Fishberg, p. 189, n. 2.

²³⁵ Comas, p. 31.

²³⁶ Toynbee, 1947, p. 138.

²³⁷ Graetz, op. cit., Vol. II, p. 213.

²³⁸ Ibid., Vol. III, pp. 40-1.

²³⁹ Fishberg, p. 191.

²⁴⁰ Renan (1883), p. 24.

²⁴¹ Fishberg, p. 79.

²⁴² Ripley, p. 394f.

²⁴³ Fishberg, p. 83, citando Luschan.

²⁴⁴ Fishberg, p. 83.

²⁴⁵ Ripley, p. 395.

²⁴⁶ Leiris, M. (1958), pp. 11 e 12.

²⁴⁷ Fishberg, p. 513.

²⁴⁸ Fishberg, pp. 332 e ss.

²⁴⁹ Shapiro H. (1953), p. 80.

²⁵⁰ Por exemplo, Kerr e Reid, citados por
Fushberg, pp. 274-5.

²⁵¹ Ripley, p. 398.

²⁵² Fishberg, p. 178.

²⁵³ Loc. cit.

254Apêndice II

Vol. II p. 195, na impressão de 1955.

²⁵⁵ Toynbee (1973), p. 24.

²⁵⁶ Ibidem, p. 465.

²⁵⁷ Ibidem, p. 602.

²⁵⁸ Loc. cit.

²⁵⁹ *Byzantinische Zeitschrift* XIV, pp. 511-70.

²⁶⁰ Macartney, op. cit., p. 98.

²⁶¹ Vernadsky (1943), p. 178.

²⁶² Kahle, PE (1945).

²⁶³ Grégoire, H. (1937), pp. 225-66.

²⁶⁴ Kahle (1959), p. 33.

²⁶⁵ Ibid.

²⁶⁶ Kahle (1945), p. 28.

267Apêndice III

Dunlop (1954), p. 125.

²⁶⁸ Landau (1942).

²⁶⁹ Seguindo o teste de Kokovtsov, citado por
Dunlop (1954), p. 132.

²⁷⁰ Citado por Dunlop (1954), p. 154.

²⁷¹ Citado por Dunlop, p. 127.

²⁷² Kokovtsov, P. (1932).

²⁷³ Dunlop (1954), p. 230.

²⁷⁴ Citado em *Enc. Judaica*, artigo sobre “A
Correspondência Cazar”.

²⁷⁵ Harkavy, A. E. (1877).

²⁷⁶ Harkavy (1875).

²⁷⁷ Chwolson, D. A. (1882).

²⁷⁸ Kokovtsov, op. cit.

²⁷⁹ Poliak (1941).

²⁸⁰ Dunlop (1954), p. 143.

²⁸¹ Ibid., pp. 137-8.

²⁸² Ibidem, p. 152.

²⁸³ Ibid P. 153.

284Anexo IV

Koestler (1955).

²⁸⁵10 de março de 1975.